MEMORANDUM

ANDERS DE LA MOTTE

Todo mundo mente.
Não confie em ninguém.

RECORD

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ANDERS DE LA MOTTE

MEMORANDOM

Tradução
Sonia Lindblom

1ª edição

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M876m

Motte, Anders de la, 1971-
Memorandom [recurso eletrônico] / Anders de la Motte ; tradução Sonia Lindblom. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.
recurso digital
Tradução de: Memorandom
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-09055-3 (recurso eletrônico)
1. Ficção sueca. 2. Livros eletrônicos. I. Lindblom, Sonia. II. Título.

16-33460

CDD: 839.73
CDU: 821.113.6-3

Título original:
MemoRandom

Copyright © Anders de la Motte, 2014
Publicado mediante acordo com Salomonsson Agency

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu’s System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09055-3

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre
nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL
EDITORA AFILIADA

Sumário

Sábado, 23 de novembro
Sexta-feira, 18 de outubro
Sábado, 23 de novembro
Sexta-feira, 18 de outubro
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete

Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Trinta e seis
Trinta e sete
Trinta e oito
Trinta e nove
Quarenta
Quarenta e um
Quarenta e dois
Quarenta e três
Quarenta e quatro
Quarenta e cinco
Quarenta e seis
Quarenta e sete

Quarenta e oito
Quarenta e nove
Cinquenta
Cinquenta e um
Cinquenta e dois
Cinquenta e três
Cinquenta e quatro
Cinquenta e cinco
Cinquenta e seis
Cinquenta e sete
Cinquenta e oito
Cinquenta e nove
Sessenta
Epílogo
Agradecimentos
Colofon
Memorandom

Sábado, 23 de novembro

LUZES AZULADAS... É o primeiro pensamento claro que tem ao abrir os olhos.

Não deve ter passado mais que alguns segundos inconsciente, não mais que uma pequena pausa. Ainda assim, o mundo parece tão estranho, tão desconhecido. Como se ainda não tivesse acordado direito.

Reflexos azulados dançam em volta dele. No retrovisor, quicam da parede de concreto para o teto, da pista molhada para os detalhes de plástico cromado no painel do carro.

Um carro. Está no banco do motorista de um carro, atravessando um túnel longo.

A dor o alcança. Ele se lembra vagamente de a ter sentido antes do desmaio. Faíscas brilhantes, uma tocha para solda penetrando fundo o lado esquerdo da cabeça, transformando seu raciocínio numa massa viscosa.

Pode até sentir o cheiro.

Metal, plástico, eletricidade.

Alguma coisa está acontecendo com seu corpo, alguma coisa séria, que ameaça toda a sua existência. Mas o estranho é que não se sente exatamente assustado. Ele aperta os dedos em volta do volante e sente o couro macio na palma das mãos. Uma sensação confortável, calmante até. Por um instante, quase cede e se deixa levar, relaxando e seguindo cada molécula de volta àquele estado de inconsciência.

Mas, em vez disso, ele se agarra ainda mais forte ao volante. Tenta fazer com

que sua cabeça latejante explique o que está acontecendo.

— David Sarac. Você se chama David Sarac e...

E o quê?

O carro continua a atravessar o túnel, e um dos vários medidores minúsculos e incompreensíveis no painel certamente indica que está indo muito rápido, rápido demais.

Tenta tirar o pé do acelerador, mas suas pernas se recusam a obedecer. A verdade é que ele nem sente mais as pernas. A dor está cada vez mais intensa, porém, ao mesmo tempo, por mais estranho que pareça, mais distante. Ele se dá conta de que o seu corpo está prestes a apagar, a interromper qualquer processo que não seja essencial para sua sobrevivência até que o colapso na sua cabeça esteja sob controle.

— Você se chama David Sarac — murmura para si mesmo. — David Sarac.

Uma profusão de sons vem dos alto-falantes: música, toques de discagem, vozes agitadas falando, todas ao mesmo tempo, entre as interferências do rádio.

Ele olha para o retrovisor. Por um segundo, tem a impressão de ver um movimento de relance, uma silhueta escura. Será que tem alguém no banco de trás, alguém que possa ajudá-lo?

Ele tenta abrir a boca e vê a silhueta no espelho fazer o mesmo. Percebe a barba por fazer, uma expressão perturbada e bastante familiar. Ele se dá conta do que aquilo significa. Não tem ninguém mais lá, está totalmente sozinho.

O clarão que reflete do retrovisor faz seus olhos lacrimejarem. As vozes do rádio continuam a falar, ainda mais agitadas, ainda mais alto.

O deslizamento do seu corpo se aproxima. Vai se espalhando pelas pernas e segue até o peito.

— Polícia! — grita uma voz no rádio. A palavra se infiltra e rapidamente preenche a sua consciência.

Polícia.

Polícia.

Polícia.

Ele desvia os olhos do retrovisor e, com muita força de vontade, vira um pouco a cabeça. Esse esforço o faz gemer de dor.

— Você se chama David Sarac.

E?

De longe, veem-se as lanternas de um outro carro. Logo ao lado delas uma enorme placa de sinalização, algum tipo de obstáculo e uma saída. De repente, as lanternas estão vermelhas como fogo.

Ele deveria virar o volante, seguir aquele carro para fora do túnel. Todos os seus instintos lhe dizem que essa seria uma decisão sábia. Mas parece que a conexão com os seus braços também está prestes a ser desativada, tudo o que sente é um pequeno espasmo, um quase movimento.

O obstáculo se aproxima cada vez mais. Uma enorme barreira de concreto marca a bifurcação do túnel. Os olhos de gato cintilam com a luz dos faróis do carro. Ele tenta prever alguns segundos do percurso, calcular se há algum risco de colisão. Mas o cérebro não está mais funcionando como deveria.

O apagão chega ao rosto, fazendo seu queixo despencar de uma vez.

A distância até o obstáculo continua a reduzir.

— POLÍCIA!

A palavra está de volta, dessa vez ainda mais forte e de repente ele percebe o porquê. Ele é um policial. O brilho intermitente vem do seu próprio carro.

Ele se chama David Sarac. Ele é policial. E...?

A dor na cabeça cede por tempo suficiente para que consiga formar uma linha de pensamento coesa. O que está fazendo aqui? Quem está perseguindo? Ou será que é ele quem está sendo perseguido?

A luz no retrovisor se aproxima cada vez mais. Queimando, penetrando fundo a sua cabeça.

O medo é esmagador, faz seu pulso disparar. A dor azul cintilante está voltando, bem mais forte dessa vez. As pálpebras tremem, todos os sons ao seu redor se dispersam, se distanciam. Ele tenta se manter consciente e impedir o processo de deslizamento. Mas agora não há mais nada que se possa fazer.

Um breve choque faz o carro balançar, no entanto ele mal percebe. O processo de desligamento está quase completo e ele está praticamente inconsciente de novo. Liberto de dor, medo e desorientação. Tudo o que resta não passa de um sinal teimoso, quase imperceptível no cérebro atordoado. Um impulso elétrico que se desloca entre dois neurônios que se recusam a ser desativados — não antes de cumprir sua tarefa.

Na iminência do carro se chocar com o obstáculo de concreto, no segundo anterior ao carro passar de um objeto com formas definidas a um monte de sucata, o impulso chega ao seu destino. Em um momento repentino de clareza, ele se lembra de tudo.

Por que está no carro. Do que se trata tudo isso.

Os rostos, os nomes, os lugares, as quantias de dinheiro.

O motivo pelo qual todos, cada um deles, precisa morrer.

Tudo por causa dele. Por causa do segredo.

Um sentimento inexprimível de alívio corre por seu corpo. Seguido de arrependimento.

Ele se chama David Sarac. Ele é policial. E ele fez algo imperdoável.

Sexta-feira, 18 de outubro

ÀS VEZES, quando criança, Jesper Stenberg tinha a impressão de que podia parar o tempo. Quase sempre na véspera do Natal ou em aniversários. Ocasiões especiais pelas quais ele mal podia esperar. No meio de tudo, no ponto alto da ocasião, quando estava no ápice da empolgação, era como se o tempo desacelerasse. Como se tivesse a chance de absorver com tranquilidade cada nuance, cada sensação derivada desse instante pelo qual tanto esperava.

Ainda se lembrava daqueles instantes nos quais se sentia totalmente no presente. Trinta anos depois, ainda podia remontá-los nos mínimos detalhes: a cor do vestido da mamãe, o cheiro do pós-barba do papai, a textura dos papéis de presente em seus dedos ainda pequenos. Tudo muito fresco na memória, sem a pátina triste de um álbum de fotografia.

Mas, logo cedo na adolescência, esse poder desapareceu. Durante um longo tempo, acreditou que tinha a ver com o divórcio dos pais. Ou então seria simplesmente porque havia se tornado adulto, perdendo sua percepção infantil do tempo. Depois disso, não importa a ocasião, as celebrações nunca mais foram a mesma coisa. A formatura do ensino médio, o diploma da faculdade de direito, o primeiro processo criminal, o pedido de casamento, até mesmo sua luxuosa cerimônia com Karolina. Todas essas ocasiões podiam ser descritas com uma única palavra: decepcionante.

Ele havia trabalhado tanto por cada um daqueles instantes. Esperou por eles, fantasiou sensações, cheiros, sabores. Depois, muito rápido, tudo se acabou, e só

restaram as lembranças vagas e um sentimento incômodo de insatisfação.

Ele se convencia de que seria diferente da próxima vez. Se tentasse fazer algo mais grandioso e desse o melhor de si, seria capaz de sentir mais. O nascimento dos filhos, o emprego em Haia, a filiação à Ordem dos Advogados, o dia em que foi convidado a ser o sócio mais jovem de todos os tempos do prestigiado escritório Thorning & Companhia.

Mas, novamente, a mesma sensação, a mesma falta de presença. Como se existisse um filtro finíssimo entre ele e a realidade.

Stenberg começou a fotografar. Inundava o computador com fotos de uma resolução fantástica, dedicava horas editando pequenos filmes de férias em praias no exterior, toalhas xadrez de piquenique e momentos Astrid Lindgren com os filhos. Não importava a quantidade de pixels da câmera ou a resolução da tela, ainda se sentia insatisfeito. Como se tivesse perdido algum detalhe decisivo daqueles instantes, uma nuance imperceptível que faria toda a diferença.

Mas hoje tudo era diferente. Era o melhor momento da vida de Stenberg, o momento que ele esperou por anos a fio, e nem precisava baixar os olhos para fitar o Patek Philippe no pulso. Ele sabia que o preciso ponteiro de segundos do relógio suíço tinha acabado de parar e que esse instante seria tão estilizado e perfeito como sempre sonhou. Todo o desgaste, todos os sacrifícios por fim seriam recompensados. Os anos de cão na defensoria pública: fraudadores, agressores de esposas, ladrões, assaltantes e toda essa corja. Depois, o tempo em Haia quando, embora tivesse casos maiores, um jovem promotor como ele atuava mais como garoto de recados. Em seguida, a mudança para o Thorning & Companhia. Casos de maior notoriedade, perfeitos para um jovem e ambicioso advogado de defesa que queira ganhar renome.

Mas, apesar do dinheiro, do trabalho de alto prestígio, do interesse cada vez maior da mídia em sua pessoa e de o próprio John Thorning tê-lo escolhido como seu favorito, Stenberg odiava ser advogado. Durante os primeiros seis meses, a primeira coisa que fazia ao voltar para casa vindo do escritório era

tomar uma ducha. Arrancava o terno feito sob medida e os sapatos italianos caríssimos que o faziam parecer impecável na tv. Esfregava-se até a pele ficar vermelha como sangue.

Depois se acostumou e adotou uma máscara, exatamente como Karolina havia sugerido. Um tipo de personagem no qual podia entrar e sair numa fração de segundo. Alguém que parecia e soava como Jesper Stenberg, mas com palavras e atitudes com as quais ele não queria exatamente se identificar.

Dessa forma, pôde continuar a jogar aquele jogo e ainda assim manter as aparências. Esperava pacientemente pelo seu momento. *Este momento*. E, portanto, tinha a intenção de agarrar cada mínimo milissegundo dele. Pregá-lo no seu córtex para que pudesse se lembrar de cada detalhe, cada nuance, mesmo depois de quarenta, cinquenta anos, quando aquele intervalo de tempo que parecia infinito quando criança estivesse chegando ao fim.

Seus sentidos estavam totalmente despertos, saturando-o com detalhes. Os traços da madeira dos móveis escuros e pesados ao redor da mesa de conferência. O carpete espesso e vermelho sob os sapatos. A luz dos lustres de cristal refletida em bules de café prateados postos no meio da mesa. A porcelana fina como papel da xícara à sua frente. Tudo era exatamente como ele havia imaginado. Mas a impressão mais firme era o cheiro do salão. Um odor doce e pesado que o dominava. Quase o excitava um pouco.

O cheiro do poder.

Na cabeceira, o chefe entronizado em sua majestade. Seus subordinados, inclusive o próprio sogro de Stenberg, amontoados ao longo da mesa. Ternos, vestidos de luxo, papadas e testas com Botox. Olhares simpáticos da maioria dos rostos, mas obviamente não de todos. Ele era, afinal, um estranho, um arrivista que não seguira o percurso predeterminado. Alguém que poderia perturbar o equilíbrio de poder.

Os homens e as mulheres ao redor da mesa fitavam Stenberg, aguardando sua resposta. Ele controlava as expressões. Humildade com um tom de surpresa, geralmente conseguia se exprimir assim com facilidade. Mas o irritante esboço

de um sorriso espreitava, podia senti-lo repuxando um canto de sua boca. Não era de se estranhar. Ele havia acabado de receber A Pergunta. Seus sonhos estavam prestes a se realizar e, a partir de agora, tudo seria diferente.

No exato instante em que abriu a boca e fez do pequeno esboço de sorriso seu melhor sorriso para a TV, teve a impressão de sentir uma leve vibração no relógio. Como se uma nova era tivesse acabado de começar.

ATIF ABRIU a caixa de isopor, revirou as latas de refrigerante até achar uma que ainda estivesse mais ou menos gelada e a pressionou contra a nuca. O suor escorria pelas costas, um dos vários apagões tinha feito o ventilador de mesa parar há mais de uma hora, e o ar na saleta sombria ficou quase completamente parado.

Ele abriu a lata, bebeu avidamente e, em seguida, retornou ao seu posto de observação na janela suja, quase encoberta pela poeira.

Lá fora, as atividades seguiam como de costume. Alguns caminhões estacionados, todos com as portas da carroceria abertas ou as lonas levantadas, enquanto várias mercadorias circulavam lentamente. Metade dos veículos era verde-militar. Os motoristas uniformizados papeavam e fumavam na cafeteriazinha enquanto os carregadores esvaziavam os caminhões. Alguns cães vira-latas rondavam entre os veículos. Eles ficavam a uma distância segura e ocasionalmente farejavam o ar, como se investigassem se havia algo comestível em alguma das muitas caixas que os homens descarregavam.

A essa altura, Atif já estava familiarizado com tudo o que acontecia ali na praça empoeirada. Qual marca de cigarro os motoristas preferiam, o nome da filha mal-humorada do dono da cafeteria, qual dos carregadores vendia haxixe ou qual dos vira-latas era o macho-alfa. O que era temido pelos outros.

O celular começou a vibrar no bolso da camisa. Atif enfiou o fone de ouvido na orelha e ergueu o binóculo. Aumentou o zoom para ver a guarita da única entrada de verdade da praça. O guarda estava escorado na parede e fumava, a Kalashnikov casualmente pendurada no ombro.

O celular vibrou de novo e Atif atendeu.

— Alô.

— Sou eu. E aí?

— Mais ou menos a mesma coisa.

— Nenhuma pista ainda?

— As pistas me trouxeram até aqui.

— E você está sentado aí já tem quanto tempo, Atif?

— Vai fazer três semanas.

— OK. Já não está na hora de deixar isso quieto?

— Ele vem.

Silêncio do outro lado da linha por alguns segundos. Atif passeou o binóculo pela praça, depois voltou para a guarita. O homem tinha se recomposto, jogou a bituca do cigarro na terra vermelha e pisou nela.

— Uma mulher ligou para você — disse a voz na orelha de Atif. — Da Suécia. Ela disse que era sua cunhada, queria que você ligasse de volta assim que pudesse. É sobre o seu irmão...

— Meio-irmão — resmungou, sem tirar os olhos do guarda.

A postura do homem mudara de repente. Tinha tirado a arma automática do ombro e agora a segurava com as duas mãos. De repente deu a impressão de levar seu trabalho muito mais a sério. O homem assobiou, e as atividades na praça se interromperam imediatamente.

Um carro escuro, com placa militar e vidros escurecidos, entrava em baixa velocidade. O guarda levou uma das mãos à cabeça, um gesto entre prestar continência e um aceno. O clima na praça mudou em questão de segundos. Os motoristas apagaram os cigarros, esmagaram as bitucas com os pés e se entreolharam, nervosos. Os carregadores apressaram o passo.

Até mesmo os cachorros pareciam saber que algo estava para acontecer. Eles se deitaram e se esconderam à sombra ao mesmo tempo que seguiam atentos o carro escuro com os olhos. O veículo parou, e um homem de uniforme e óculos de sol desembarcou. Atif não precisou nem olhar nos binóculos, a reação dos

outros bastava para saber quem era.

O homem que estava procurando.

O macho-alfa.

Atif estendeu a mão, pegou a pistola que estava na mesinha de pernas bambas e enfiou no cós da calça, às costas. Puxou um pouco a barra da camisa para se assegurar de que a arma estava escondida.

— Preciso desligar — murmurou ao telefone.

— Atif, espera — disse a voz. — Parecia importante. Muito importante. Acho melhor você ligar para casa.

Sábado, 23 de novembro

O CENTRO da cidade parece estar repleto de luzes azuis. Elas dançam entre as fachadas dos edifícios, são sutilmente ofuscadas pela neve que cai antes de serem refletidas na água escura sob a ponte. Alguns dos carros de resgate estão com as sirenes ligadas, mas a maioria segue a busca noite adentro em silêncio.

Os seis estudantes que subiam a rua Skeppsbron já estavam entediados com a comoção. Eles interromperam o passeio por algum tempo e, do mirante próximo à praça Slussen, acompanharam o circo lá embaixo, na ponte que dá para a movimentada rodovia. O local estava repleto de ambulâncias, caminhões dos bombeiros, viaturas e carros policiais à paisana, o que indicava que algo sério havia acontecido no túnel.

Dois dos jovens ligaram a câmera dos celulares, apoiaram-se nas grades geladas do parapeito e espreitaram à espera de capturar um pouco de ação. Mas, como nada de especial aconteceu depois de vários minutos, perderam o interesse. Os graus negativos congelantes e a neve pesada convenceram o grupo a caminhar em direção ao centro da cidade.

A guerra de bolas de neve começa mais ou menos no meio da Skeppsbron. Um dos rapazes, não dá para saber qual, para e reúne uma grande quantidade de neve acumulada no para-brisa de um carro estacionado. Ele rapidamente forma uma bola meio disforme e joga nas costas dos outros, e logo depois começa a guerra. Todos os seis correm pela calçada e se esquivam dos projéteis uns dos outros, ocasionalmente parando para fazer novas bolas de neve.

Uma garota de touca vermelha é quem faz a descoberta.

— Olha, tem alguém dormindo aqui dentro — grita, e aponta para o carro estacionado do qual tinha acabado de pegar um punhado de neve. — Oi, acorda! Ele está apagado. — Ela ri quando o namorado se aproxima.

Pela pequena abertura escura na cobertura de neve, ele distingue os cabelos claros de um homem grande. Está sentado no banco do passageiro, com a testa escorada no painel. Parece estar dormindo.

O rapaz da calçada também bate no vidro do para-brisa, mas, como não vê nenhuma reação, começa a afastar a neve que ainda encobre parte da visão. Primeiro devagar e depois mais rápido, até que quase todo o para-brisa fica sem neve. Ele faz o mesmo com os vidros laterais. O homem no carro continua sem se mexer.

Longe dali, dá para ouvir o som de motores e o ruído de um helicóptero se aproximando. Alguma coisa faz com que os outros do grupo parem a brincadeira de repente e vão para perto do carro. Eles se aproximam vagarosamente, como se na verdade não tivessem certeza se querem ver quem ou o que está escondido no interior do veículo. Mas a garota de touca vermelha não percebe a mudança no clima.

— Já chega — diz, dando uma risadinha. — Estou congelando, deixa o cara dormir.

Ela puxa o namorado pelo braço, tenta fazer com que ele a acompanhe, mas o rapaz não desiste. Assim que acaba de tirar toda a neve das janelas, ele mete a cara no vidro.

— *Merda*! — murmura.

— O que foi...? — De repente, a voz da garota perde o tom de brincadeira. Agora está mais para medo. O som das hélices do helicóptero está mais forte.

— *Merda* — repete, mais para si mesmo que para os outros.

O gelo que se formou do lado de dentro do vidro atrapalha a visão e, além disso, está escuro no interior do carro. Mas, entre ele e o homem que dorme, há menos de meio metro de distância, então não há nenhuma dificuldade para

distinguir os detalhes. A jaqueta de couro, a estampa bordada nas costas, a tatuagem tribal que serpenteia para fora do colarinho e vai até o pescoço grosso.

Mas é a mancha escura na nuca do homem dormindo que captura o interesse do rapaz. Um pequeno furo coberto de cristais de gelo escuros, a milímetros uns dos outros, formando um desenho aperolado na nuca.

O barulho das hélices é ensurdecedor; ecoa entre as paredes dos prédios. Transforma-se em um rugido quando o helicóptero passa bem acima de suas cabeças.

— *Merda*... — diz o rapaz uma terceira vez, mas os outros não ouvem. Depois ele dá um passo para trás e começa a procurar o celular.

DAVID SARAC não percebe o trabalho de resgate acontecendo em torno dele. Nem as vozes preocupadas. Nem os bombeiros que cobrem de espuma os destroços do carro, que usam intensamente as ferramentas hidráulicas de todas as maneiras possíveis por quase quinze minutos até conseguir soltá-lo das ferragens. Nem mesmo os paramédicos que usam uma ferramenta envergada para conseguir enfiar um tubo de oxigênio na garganta dele e evitar, por um triz, que os pulmões entrem em colapso. Onde Sarac está, não existe nenhuma dor, nenhuma preocupação, nenhum medo. Em vez disso, ele sente uma paz imensurável.

O corpo não é nada além de um amontoado de moléculas, uma associação temporária que — assim como toda matéria sólida — está a caminho da sua inevitável decomposição.

Ele consegue ouvir os sons ao redor, máquinas que emitem sinais de alerta, a discussão focada do pessoal do resgate. Um barulho desagradável e ruidoso que, aos poucos, percebe ser sua própria respiração.

Mas ele não está com medo. Nem um pouco. Porque sabe que tudo é um plano do universo. O momento de se transformar. De retornar ao fluxo universal.

Só depois que alguém levanta suas pálpebras, chama seu nome e mete uma luz bem dentro do seu cérebro é que ele sente medo. Não da luz nítida ou da voz que chama por ele. O que lhe assusta é a sombra no canto de um dos olhos. Uma

silhueta escura e ameaçadora no canto do seu campo de visão. Sarac a segue com os olhos, mas a silhueta se esquiva. Ele percebe uma jaqueta de couro, um capuz puxado de forma que o rosto da silhueta se torne um buraco negro.

— ... precisa ir agora. O helicóptero já está a postos — diz alguém, possivelmente um dos paramédicos.

Mas a silhueta não se move, continua a se imprimir no canto do olho de Sarac. Em algum lugar, um celular toca. Uma vez, depois de novo.

O barulho faz seu medo aumentar e se intensificar. Ele aperta o peito de Sarac e faz seu coração disparar e uma dor de cabeça explodir como fogos de artifício. Depois, o paramédico solta a pálpebra e o deixa voltar para o conforto da escuridão.

Sexta-feira, 18 de outubro

JESPER STENBERG jogou a camisinha na privada e deu descarga, lavou-se com cuidado na ducha e depois se secou em uma das toalhas felpudas do banheiro. Deu uma olhada rápida no espelho e examinou, como de costume, o corpo e o rosto para ter certeza de que não havia nenhuma marca que pudesse entregá-lo. Depois disso, vestiu-se depressa antes de voltar para o quarto da suíte.

Eram nove e trinta e dois da noite, os sogros estavam tomando conta das crianças e Karolina estava num jantar com as amigas. Ela havia se oferecido para cancelar o encontro, mas ele a convencera a ir. Eles comemorariam apropriadamente amanhã. O sogro já tinha tudo preparado. Jantar no restaurante favorito, champanhe, conhaque, vinhos caros. Com certeza, o sogro iria pagar a conta e se gabar do futuro, das possibilidades que se abriam para eles, desde que jogassem as cartas certas.

Ela não estava mais deitada na cama, como ele esperava. Em vez disso, tinha se servido de um drinque e se sentara no sofá da sala. Ainda estava nua; ele não pôde deixar de apreciar o corpo dela. Seios pequenos e firmes, pernas longas e delgadas, a pele branca como porcelana e um abdômen tonificado que indicava dietas e programas de ginástica que mal conseguia imaginar. Sentiria saudade daquele corpo. Das coisas que ela o permitia fazer com ele...

Mas agora eram novos tempos. A partir de agora, tudo seria diferente.

— Então, Jesper, quer dizer que te fizeram a pergunta?

Ele se esquivou indo ao bar e despejou uns dois dedos de uísque em um dos

copos pesados de cristal. Na verdade, não deveria beber mais, estava dirigindo, mas precisava de uma bebida, disso teve certeza no exato momento em que ela abriu a boca.

Por um breve instante, pensara que ela já havia entendido, que não seria tão difícil quanto pensava. Mas seu tom de voz fez todas as esperanças caírem por terra. Era de se esperar que ela não facilitaria. Sophie Thorning nunca facilitou as coisas para ninguém. Nisso, era igual ao pai.

— Todo mundo conseguiu o que queria. Você, sua grande chance, John puxa as rédeas e a sua mulherzinha ambiciosa e todos os parentes loucos por poder dela finalmente têm um novo trampolim.

Sophie riu, uma risada sarcástica da qual ele não gostava.

— E agora você quer terminar comigo, não é? Minimizar os riscos, retomar o controle. — Ela fez um pequeno gesto com o copo na direção do quarto.

Stenberg continuou sem responder nada; em vez disso, virou-se e olhou pela janela. Ao longe, lá embaixo, via-se a saída do estacionamento. Em alguns minutos, ele estaria lá embaixo. No carro, a caminho de casa. Pronto para deixar tudo isso para trás.

— Todo mundo conseguiu o que queria. Todo mundo, menos eu — continuou Sophie. — De mim, só esperam que eu largue de mão, que eu finja que os últimos anos nunca existiram. É isso que você está pensando, Jeppe?

Ele se virou devagar. Sophie sabia que ele odiava aquele apelido.

— Jeppe da montanha — sacaneia. — Um idiota que pensa que é alguma coisa, que acha que de repente vai ser levado a sério, como naquele conto antigo. Mas na verdade é só uma marionete, um boneco que rebola assim que alguém mexe os pauzinhos. Parece familiar?

Ele abriu a boca para mandar que ela se calasse, mas se conteve no último segundo. Sophie sabia exatamente como lhe tirar do sério. Não podia dar o braço a torcer agora.

— Ah, eu te irritei? — Riu. — Sabe o que dizem: a verdade dói. Mas você gosta, Jeppe. Que nem eu. Gosta da adrenalina, do que é proibido.

Ela se virou, cruzou as longas pernas, devagar o suficiente para que ele pudesse ver seu sexo depilado.

— Acho que a gente deveria voltar para o quarto e comemorar de verdade a realização do seu sonho. Tenho umas ideias que, com certeza, você vai adorar, umas coisas que Karolina jamais concordaria em fazer.

Stenberg esvaziou o copo e, devagar, colocou-o sobre o cômodo entre a cozinha e a sala de estar.

— Não, Sophie, essa foi a última vez. Eu vou para casa agora. De agora em diante, só vamos nos ver no escritório e nossa relação vai ser estritamente profissional.

Stenberg levantou a mão antes mesmo que ela abrisse a boca para dizer alguma coisa.

— Não adianta, já sei qual é a sua jogada. Você tem um trunfo que vai usar agora, vai fofocar para Karolina ou para o seu papai. Quem sabe até os dois?

Ela olhou de relance, fez uma expressão de escárnio.

— Mas parece que você ainda não percebeu que o jogo virou — continuou. — Você tem toda a razão ao dizer que os outros serviram de escora para eu subir. Isso eu já tinha aceitado faz tempo, e me dei conta de que era o único jeito de chegar aonde eu queria. E agora cheguei lá.

Stenberg fez uma pausa e se recompôs.

— Sophie — retomou, agora com um tom de voz mais arrependido. —, alguns meses atrás, você realmente poderia ter estragado tudo. Poderia ter devastado a minha vida. Mas a sua carta na manga não vale mais nada desde que me fizeram A Pergunta.

Apontou em direção ao telefone que estava sobre a mesa.

— Ligue para Karolina, se quiser. Agora, ela não me largaria por nada nesse mundo, nem se quisesse. Meu sogro jamais permitiria.

O sorriso de Sophie enrijeceu um pouco, mas ela parecia ainda não ter entendido direito.

— John — começou, finalmente —, o papai iria...

— Ora, Sophie — disse com uma voz que foi mais um tapa na cara. Um coquetel perfeito, com porções idênticas de preocupação e desprezo. — Você acha mesmo que John me sacrificaria por você? Agora que tudo que ele investiu vai começar a dar lucro?

Stenberg indicou com a cabeça a direção do telefone.

— Fique à vontade, ligue para o seu papai e chore suas mágoas. Conte tudo para ele, *be my guest*.

Ele sorriu e imitou a careta provocadora dela.

Os olhos de Sophie se desviaram discretamente para o telefone. Ela passou a língua pelos lábios uma vez, várias vezes. Depois baixou a cabeça. Stenberg respirou aliviado. Apito final, ele ganhou. De repente, quase sentiu pena dela.

— Uma escolha inteligente, Sophie. Seria uma pena se você tivesse que comemorar o Natal na clínica mais uma vez.

Ele se arrependeu no exato instante em que ouviu aquelas palavras saírem de sua própria boca. Droga! O copo passou de raspão, ela mirou bem na cabeça. Acertou na parede atrás dele, uma chuva de cacos de cristal inundou o piso de carvalho.

— Seu filho da puta!

Sophie deu alguns passos rápidos na direção de Stenberg e tentou arranhar o rosto dele com as unhas. Seu joelho quase acertou a virilha de Stenberg, errou por poucos centímetros.

— Pelo amor de Deus, Sophie. — Stenberg se esquivou e a agarrou pelo punho.

Ela continuou tentando chutá-lo, contorcendo-se ferozmente para tentar se soltar. Ele a jogou no sofá, mas Sophie se levantou de uma vez e o atacou novamente. Rosnou como um cachorro enraivecido, os olhos estavam negros. Os lábios encolhidos, como se quisesse mordê-lo.

O golpe foi puro reflexo. De direita, com a mão aberta, mas forte o suficiente para virar a cabeça dela e fazê-la desabar no sofá. Merda! Nunca havia batido numa mulher antes. Pelo menos não assim.

Sophie estava imóvel, pernas e braços pendendo. Algo molhado escorreu pelo lóbulo da orelha de Stenberg e, meio que inconscientemente, ele levou a mão à orelha. Não era sangue, como pensou, só uma gota dourada de uísque. Deve ter respingado do copo.

— Sophie — chamou com a voz trêmula. Ela continuou sem se mexer.

Naquele silêncio opressor, ele conseguiu ouvir até mesmo a sua pulsação batucando nos tímpanos. Olhou de relance para o elevador e logo depois para o corpo inanimado no sofá. As pálpebras de Sophie tremerem algumas vezes, e Stenberg respirou aliviado.

Ele olhou ao redor. Pensou em ir até a cozinha buscar um pouco de água. Mas o chão estava cheio de cacos de vidro. Foi a um dos banheiros, umedeceu uma toalha. No caminho de volta, aproveitou para pegar o robe de seda branca do chão.

Sophie estava sentada quando voltou, então ele estendeu a toalha e o robe para ela.

— Sophie, eu...

— Vai embora! — Ela puxou bruscamente a toalha e apertou contra a bochecha. Stenberg ficou ali alguns segundos, não sabia exatamente o que fazer. — Você está surdo? Vai embora, caralho! — sibilou Sophie ao mesmo tempo que se cobria com o robe.

Ele deu dois passos para trás e tentou dizer alguma coisa.

— Escuta, Sophie, eu...

A dor o interrompeu. Um caco de vidro furou seu calcanhar esquerdo, ele pulava em uma perna só, xingando e tentando arrancar o pedaço de vidro.

A risada dela era estridente e muito alta.

— Caralho, como você é patético, Jesper? Sabia? Patético...

Ele se recompôs, jogou o caco de vidro na cuba da pia. Olhou para ela uma última vez antes de ir mancando até o elevador, sem dizer uma única palavra.

— Estou te avisando — esbravejou ela —, eu me mato!

Stenberg chamou o elevador e controlou o impulso de se virar para trás.

— Eu vou à imprensa! Está ouvindo, Jeppinho? — continuou gritando enquanto as portas do elevador se abriam. — Vou contar tudo! Tudo, entendeu? Você está ferrado, sua família inteira está ferrada! Eu vou...

A voz dela se converteu num falsete quando as portas cortaram a frase pela metade. Ele ouviu passos acelerados, depois o barulho dos punhos cerrados dela batendo nas portas do elevador. Apertou o botão para o andar da garagem várias vezes, mas o botão não queria acender. Os socos continuaram, intensificaram-se e ecoaram entre as paredes de metal do elevador.

Bum, bum, bum, bum...

Ele socou o botão até que finalmente conseguiu fazer a luzinha acender. Levou, por fim, a mão aos ouvidos, enquanto o elevador se esgueirava até o subsolo.

ATIF RESPIROU fundo e depois olhou para cima. O céu noturno aqui era tão diferente, se comparado com a Suécia. Mais alto e, de alguma forma, nítido. Mas o estranho era que, ao mesmo tempo, parecia mais próximo. Só que, na verdade, era só uma impressão. O céu e as estrelas eram naturalmente iguais, era só ele que os via de um outro lugar. Três mil e quinhentos quilômetros de distância simplesmente lhe deram outra perspectiva das coisas. Agora ele teria que mudar de perspectiva novamente.

— Aconteceu uma coisa, mamãe — disse, sem desviar o olhar.

Ela não respondeu, quase nunca respondia. Ficava sentada quieta na cadeira de rodas, com uma manta cobrindo as pernas magras enquanto olhava para as estrelas. Mas Atif sabia que ela ouvia. Na verdade, ela deveria ter ido se deitar horas atrás. No entanto, nas noites claras e estreladas como hoje, as enfermeiras permitiam que ela ficasse acordada. Sabiam que a acalmava.

Ele respirou fundo. Era melhor dizer de uma vez.

— Preciso voltar para a Suécia. É o Adnan — continuou.

Atif precisou forçar a boca a formar as palavras, mas, para sua surpresa, foi ela quem falou.

— A-Adnan. — A voz dela era fraca, fina, quase como a de uma criança. — Adnan ainda não chegou da escola.

Atif abriu a boca novamente. Fale logo de uma vez. Explique o que aconteceu. Mas hesitou por alguns segundos além do que deveria. Uma das enfermeiras se aproximava lentamente pelo piso rachado.

— Adnan é um bom menino — continuou a mãe. — Ele tem cabeça para estudar, pode ser o que quiser quando crescer. Engenheiro ou médico. Você tem que ajudá-lo, cuidar para ele não terminar que nem... que nem... — Ela se calou, fitou o céu noturno. Atif mordeu o lábio.

A enfermeira parou a alguns metros. Fez um aceno curto e respeitoso.

— Hora de se deitar, mamãe. — Ele se inclinou e a beijou no rosto. — Eu telefono para você da Suécia. *Khalti* vem depois de amanhã ver a senhora. Ela vai trazer as tâmaras que a senhora gosta.

A mãe fez que sim, distraidamente. O olhar já estava fixado novamente nas estrelas. Atif se levantou e começou a se afastar. Ele contaria quando voltasse. Está decidido.

— Você tem um filho exemplar, que a visita sempre, Dalia. — Ouviu a enfermeira falar. — Você deve se orgulhar dele.

Atif deu alguns passos rápidos. Tentou se convencer de que foi a distância que o impediu de ouvi-la responder.

JESPER STENBERG foi mancando até o carro, entrou e ficou sentado diante do volante por alguns segundos. Suas mãos tremiam, o sapato esquerdo estava morno e úmido.

Maldita maluca do caralho. Por que ele não fez o que tinha planejado? Era só ter dito o que precisava dizer e depois ir embora. Transar com ela primeiro e depois dar um pé na bunda não foi certo. Sem contar o comentário imbecil sobre a clínica na Suíça, o assunto que ele deveria ter evitado a qualquer preço. Mas, como sempre, Sophie conseguiu desequilibrá-lo. Desmontar seu personagem autoconfiante, feito sob medida.

Stenberg respirou fundo algumas vezes para tentar se recompor. Eram apenas dez horas. Karolina não chegaria antes das duas. Tempo o suficiente para voltar para casa, preparar um curativo, deitar no sofá com um uísque e fazer de tudo para esquecer esse episodiozinho sórdido. Ele era bom nisso. Esquecer, deixar as coisas para trás, empenhar-se em novos objetivos.

Ligou o motor e deixou o carro deslizar vagarosamente para fora da vaga na garagem. O pé esquerdo passou a latejar de forma seca. Stenberg parou próximo à guarita automática. O crachá ficava em uma divisória interna da carteira, um cartão de plástico branco e anônimo e, evidentemente, não estava registrado com seu nome. Posicionou o câmbio em ponto morto e baixou o vidro do carro. A função de direção ecológica do veículo desligou imediatamente o enorme motor, silêncio total. Longe dali, o sistema de ventilação do estacionamento roncava. Um ronco seco, agourento, que o deixou ainda mais inquieto. O sentimento de inquietação veio do nada, por alguns segundos, tomou conta de todo o seu consciente e suas mãos começaram a tremer imediatamente.

Precisa sair daqui, agora, nem um minuto a mais!

Stenberg socou o leitor com a carteira. O leitor deu um clique fraco, mas a cancela não abriu.

Falha na leitura do cartão.

Stenberg xingou em voz baixa e bateu mais uma vez no leitor com a carteira.

— Vai, vai...

Pensou ter ouvido um barulho, como um grito distante, e deu uma olhada rápida no retrovisor. Tudo parecia tranquilo. O ruído deve ter vindo da rua.

A cancela começou a se mover vagarosamente aos solavancos, só alguns centímetros por vez, como se, no fundo, não quisesse deixá-lo passar.

Stenberg ligou o som do carro e procurou algo alegre para melhorar seu humor. A introdução começou, e o visor passou a contar os segundos.

0.01.

0.02.

0.03.

Assim que o espaço sob a cancela estava alto o suficiente, ele fez o carro avançar. O alívio se espalhou por seu corpo. Stenberg reduziu a velocidade na altura exata em que a rampa se nivelava com a rua. Suas mãos ainda tremiam, tornando difícil colocar o cinto de segurança.

A música parou de vez, fazendo Stenberg erguer a cabeça. O contador de segundos tinha parado, mas o botão play ainda estava aceso. Estranho. Alguma coisa branca pairava no canto do seu campo de visão e parou no ar bem acima do capô do carro.

Um saco plástico. Foi tudo o que ele teve tempo de pensar. Mas o objeto era grande demais. O som do carro ainda estava completamente mudo, o tempo no display ainda estava congelado. E, por fim, Stenberg entendeu o que estava acontecendo. Ele percebeu onde o carro estava e o que o grande objeto branco flutuando no ar realmente era.

Ele fechou os olhos, abraçou o volante, e sentiu um frio glacial se espalhar pelo peito. O contador dos segundos no display voltou à vida de repente e a música continuou. Ela foi abafada apenas pelo barulho quando o corpo de Sophie Thorning despencou bem em cima do capô do carro.

Um

ATIF SE reclinou na cadeira desconfortável. Apesar da neve e do frio lá fora, o ar no pequeno cômodo sem janela estava abafado. O cheiro de café queimado, secreções corporais e falta de perspectiva generalizada eram bastante familiares. Com certeza era possível encontrar tudo isso em qualquer posto policial do mundo.

Estava com fome, o pescoço e os ombros rígidos por causa da longa viagem. Odiava voar, odiava colocar sua vida nas mãos de outras pessoas.

— Nome? — pediu o policial na cadeira bem à sua frente.

— Está escrito aí.

Atif indicou com a cabeça o passaporte vermelho que estava sobre a mesa entre eles. O policial, um homem baixo, gordo, de cabelos ralos com seus 60 anos que se apresentou como Bengtsson, não falou nada. Na verdade, nem ergueu o olhar. Ele continuou folheando a pasta de documentos que tinha aberto no seu colo.

Atif suspirou.

— Atif Mohammed Kassab.

— Idade?

— Tenho 46 anos, nascido no dia 19 de junho. Na noite da Festa do Solstício de Verão... — Na verdade, ele não sabia por que tinha adicionado essa última informação. Mas o policial acabou erguendo os olhos.

— O quê?

— No dia 19 de junho — repetiu Atif.

Ele não falava sueco havia muitos anos. As palavras saíam desajeitadas, a pronúncia fora de sincronia, como num filme dublado lá no Iraque.

— A Festa do Solstício de Verão acontece a cada sete anos.

O policial o fitou, seus olhos, enquadrados por pequenos óculos de leitura, em Atif. O cheiro de poliéster suado e o hálito de café serpenteavam vagarosamente sobre a mesa. Atif suspirou novamente.

— Olha, Bengtsson, já faz mais de uma hora que vocês me pararam na imigração. Eu embarquei no Iraque, então vocês suspeitam que meu passaporte é falso ou que é autêntico, mas não é meu.

Ele parou, pensou em como gostaria de um hambúrguer agora. O policial não mexeu um músculo do rosto.

— Estou cansado e com fome, então a gente bem que podia dar uma passada rápida pelos fatos — continuou Atif. O atraso na pronúncia já havia diminuído um pouco, as palavras saíam mais naturalmente agora. — Meu nome é Atif Kassab e nasci no Iraque. Meu pai morreu cedo e minha mãe me trouxe para a Suécia. Ela se casou de novo, com um parente. Quando eu tinha 12 anos, ele se mudou para os Estados Unidos e me largou aqui com a minha mãe e com o meu irmão recém-nascido. Mas a essa altura nós já tínhamos cidadania sueca e não fomos deportados.

— Isso é o que você está dizendo. — O policial olhou de novo para a pasta com documentos. — De acordo com o Registro Nacional de pessoas e endereços, Atif Mohammed Kassab se mudou para o exterior.

— Confere. Mais de sete anos atrás.

— E desde então você mora...? — Bengtsson ergueu as sobrancelhas.

— No Iraque.

— Onde exatamente no Iraque?

— Como assim? — Atif franziu a testa.

O policial levantou a mão devagar e tirou os óculos de leitura.

— Porque esse Atif Mohammed Kassab que você diz ser tem um registro

criminal impressionante. — Ele apontava para os documentos com os óculos.

— E? — Atif deu de ombros.

— Bom, se você for mesmo Atif Mohammed Kassab, a polícia está interessada em saber um pouco mais sobre você. Onde morou, o que tem feito, com quem andou se encontrando.

— Eu tenho um passaporte sueco, sou um cidadão sueco. Não sou obrigado a contar porr... — Atif interrompeu a frase no meio e apertou o dorso do nariz com o polegar e o indicador. Já eram quase onze da noite. Quase dez horas desde sua última refeição decente.

— Se houver qualquer suspeita de que alguma coisa não está nos conformes, a gente pode colocar você no próximo avião para o Iraque. Tem um voo amanhã logo cedo.

O policialzinho gordo entrelaçou os dedos na altura da nuca e se espreguiçou devagar. As manchas de suor debaixo dos braços formavam nítidas rodelas no tecido da camisa.

— Ou então a gente pode trancar você numa cela por alguns dias — continuou —, enquanto a gente compara as suas digitais com as do registro. Mas esse tipo de trabalho pode levar um bom tempo, é claro — comentou o policial em tom sarcástico.

Atif ia dizer alguma coisa, mas se conteve. Aquela história de prisão só podia ser um blefe. Mesmo que aquele policial gorducho ainda suspeitasse que o passaporte fosse falso, teria que ter sacado que ele não estava tentando entrar no país ilegalmente. Só que Atif não queria dormir numa cela. Além do mais, tinha um compromisso.

Respirou fundo. Na verdade, essa competição para ver quem tem o maior pinto era totalmente desnecessária. Ele não tinha nada a perder colaborando um pouco. Contradizer era mais um reflexo que qualquer outra coisa. Mas agora as coisas mudaram. Atif estava mais velho, mais sábio. Além disso, estava com saudade daquele hambúrguer. Um combo grande com muita batata frita e uma Coca com gelo.

— Najaf — disse, por fim. — Fica no oeste do Iraque. Minha família é de lá. Minha mãe adoeceu e queria voltar para casa. Fui junto para ajudar e acabei ficando por lá. — Encolheu um pouco os ombros e resolveu ficar nessa posição. O policial assentiu de leve com a cabeça e anotou alguma coisa na pasta de documentos.

— E com o que alguém como você trabalhava por lá?

Atif esperou alguns segundos e ponderou mentir, mas depois mudou de ideia. Alguém como você... Ele enfiou a mão no bolso interno do casaco e esperou até que o policial olhasse para ele.

— Sou policial — respondeu enquanto abria a carteira de couro com a identificação e o pequeno distintivo de metal brilhante, e a colocou sobre a mesa.

DESSA VEZ, o investigador criminal Kenneth Bengtsson não sabia no que acreditar. O colega do setor de passaportes parecia ter certeza absoluta quando passou o caso para ele. Um passaporte falso, bem-feito, provavelmente um documento autêntico com a foto trocada. O fato de o proprietário original do passaporte ser um verdadeiro desordeiro parecia apoiar a teoria. Um passaporte sueco autêntico podia custar milhares de coroas, se a pessoa tivesse os contatos certos. E todos os indícios levavam a crer que Atif Kassab tinha muitos desses contatos.

Mas a pessoa que queria se passar por Kassab não era nenhum refugiado ilegal típico com frases decoradas ditas de modo truncado. Esse homem falava sueco tão bem quanto ele próprio. Na verdade, estava um pouco enferrujado, como se não usasse há alguns anos, mas mesmo assim era um bom sueco.

A única foto de Kassab nos registros tinha mais de dez anos, e o fax não melhorara muito as condições dela. O DNA e as digitais de Kassab certamente estavam em sua ficha, no entanto Bengtsson não estava muito a fim de se dar ao trabalho de encher os dedos do homem de tinta para comparar. Ele sempre se controlava para não rir quando os policiais das séries de TV digitavam alguma coisa num computador e logo tinham impressões digitais, endereço, fotos de

amigos, número de calçado e tudo o mais que podia ser necessário. No dia a dia de Bengtsson, o que valia ainda era tinta, papel e comparação com uma lupa. A menos que quisesse esperar o horário comercial dos peritos criminais.

Por isso ele preferia acreditar antes em seu julgamento ao tentar identificar pessoas. As informações no sistema raramente eram tão detalhadas quanto nesse caso. Ele tinha tudo impresso numa pasta, na sua frente. Já havia ticado três pontos:

Idade: 46

Altura: 195 centímetros

Cor dos olhos: castanha

Mas, nos pontos sobre tipo físico e cor dos cabelos, colocou pequenos pontos de interrogação. O fulano da foto granulada, que encarava a câmera com olhar arrogante, tinha cabelos longos, escuros e lambidos para trás, além de um cavanhaque que não escondia sua enorme papada. Ele parecia mesmo o desordeiro que o registro policial dizia que era, até mesmo pela grossa corrente de ouro no pescoço.

Mas o homem que estava diante de Bengtsson tinha a cabeça raspada, estilo militar, e os milímetros de fio de cabelo à vista eram grisalhos. Por outro lado, os pelos da barba no queixo eram escuros, por isso, depois de ponderar um pouco, Bengtsson mudou a pequena interrogação para um tique.

Além disso, esse homem não era gordo, nem um pouco. Na verdade, ele era grande, tinha com certeza uns cem quilos. Mas a palavra *robusto* não batia. Bengtsson escreveu *malhado* na margem do papel, mas se arrependeu. Essa palavra o fazia pensar naquelas figuras infladas de muitos delinquentes recém-liberados. Atif Kassab passava a ideia de um outro tipo de força. Bengtsson escreveu *em forma* na outra margem e se pegou sorrindo, satisfeito com a descrição. Sua postura era ereta, com um olhar atento, e, mesmo que Bengtsson tenha conseguido irritá-lo um pouco, ele era esperto o suficiente para se conter.

Bengtsson observou que sua orelha esquerda era um pouco deformada. Faltava um pedaço de cartilagem na parte de trás. Também, tinha uma cicatriz

que ia do queixo até a base do pescoço, quase sem barba. A ficha que tinha no colo não dizia nada sobre machucados ou cicatrizes. Por outro lado, não era difícil imaginar como aquelas marcas foram adquiridas.

Bengtsson virou e revirou a carteira com o distintivo de metal. Analisou a identificação, que mostrava um homem de uniforme.

Sgt. Atif M. Kassab,

6th Army Div.

MP. Bat.

Lembrava a própria identificação de serviço de Bengtsson, mas o distintivo de metal em forma de brasão era visivelmente feito a partir de um modelo norte-americano. Parecia autêntico, mas é claro que não dava para ter certeza.

— Policial do Exército, você diz... — disse Bengtsson, pousando a carteira de couro na mesa.

Ele não conteve um leve sorriso. Isso é que é deixar o lobo tomando conta das ovelhas.

— E como foi que você acabou nesse cargo, se é que posso perguntar? Quero dizer, com o seu histórico...

— Um parente me indicou. O Exército precisava de gente — respondeu Atif.

— Não, não, essa parte eu entendi. O que me deixou intrigado foi o porquê de você aceitar o trabalho. Mudar de lado. — O policial afastou o arquivo para um canto da mesa e se inclinou para a frente.

Atif deu de ombros. Ele poderia até dizer que foi mérito da mãe, que ela se recusou a permitir que ele pagasse pelo pequeno quarto no asilo se o dinheiro não fosse ganho de forma honesta. E o que poderia ser mais honesto do que ser policial? Além disso, gostava do trabalho, era bom no que fazia. Mas Atif já havia revelado demais para o seu gosto, o policial gorducho ia ter que viver com essa curiosidade.

Os dois ficaram calados. Atif tomou um gole d’água do copo de plástico que estava na mesa. Bengtsson continuou fitando-o por um bom tempo.

— OK, eu acredito em você — disse o policial, por fim, e ergueu as mãos. —

Vamos buscar a sua mala e depois eu levo você à sala de desembarque. Bem-vindo de volta à Suécia.

Fez uma pequena anotação na ficha, fechou-a e se levantou. Atif se levantou rapidamente. Pensou na lanchonete que ficava entre os terminais. Torcia para que estivesse aberta à noite.

— Só mais uma coisa — disse Bengtsson.

— Claro.

— Por que você voltou para cá? Para a Suécia. Por que agora?

Atif passou alguns segundos parado antes de responder. Seria mais fácil mentir. O velho Atif teria feito isso sem pestanejar. Talvez exatamente por isso decidiu evitar.

— Para enterrar meu irmão mais novo.

— Meus pêsames.

Atif se dirigiu à porta, queria tanto que o policial fizesse o mesmo, que não fizesse a pergunta que inevitavelmente viria em seguida. Mas logo viu nos olhos do policial que ela já estava a caminho.

— Como ele morreu? — quis saber Bengtsson. — Seu irmão caçula. Você disse que tinha 12 anos quando ele nasceu, você tem 46 agora, então seu irmão não tinha nem 35, certo?

Atif parou. Desejava ter seguido seu instinto de ficar calado. Virou a cabeça e enfrentou o olhar do policial.

— Adnan foi assassinado.

Dois

DAVID SARAC ainda delira. Às vezes, acha que está morto; de vez em quando tem certeza absoluta disso. Mas não se incomoda. Se a morte for assim, acho que consigo suportá-la, pensa. Mas, antes mesmo de rir de seu senso de humor, a graça já passou. Aquela sensação escapa para algum lugar do cérebro a que não tem mais acesso.

O corpo está sobre uma cama, ele percebe isso depois de um tempo. Mas não consegue juntar outras peças além desse fato. Nada além de que se chama David Sarac, que é policial e que se envolveu em algum tipo de acidente.

Várias pessoas entram e saem do quarto, a maioria de jaleco branco, e elas o apertam e puxam, o que deve significar que não está morto. Pelo menos, não ainda. Mas às vezes nota a presença de outras pessoas, figuras sem rosto que permanecem um pouco distantes. Camisas brancas e uniformes azuis com broches dourados, misturados com alguns ternos escuros. Muitas delas sérias, um pouco perdidas. Como se não entendessem muito bem o que se esperava delas.

Outras parecem estar mais inquietas. O vigor delas o assusta, mas ainda assim não consegue evitar examiná-las mais de perto. Porque foi da boca de uma dessas pessoas que Sarac ouviu o nome.

— A gente sabe mais alguma coisa sobre... Jano...?

Jano.

O nome flutua em sua consciência, impedindo-o de se acalmar. Mas não

importa o quanto tente se aproximar, não consegue chegar à resposta.

— Tem que limpar essa maldita bagunça — cochichou uma figura sem rosto em algum momento, e, por mais estranho que pareça, essa memória não se apagou. Talvez o ultimato tenha, na verdade, se dirigido a ele próprio. É por isso que o corpo não quer se entregar, porque precisa terminar seu trabalho? Porque ainda tem arestas a serem aparadas?

Coisas que precisam ser... esclarecidas?

ATIF ACORDOU com alguém o cutucando. Levou um tempo até perceber onde estava. No sofá, no apartamento de Adnan. Ou, melhor, no apartamento de Cassandra e Tindra, afinal, Adnan estava numa gaveta na funerária.

Dormira assim que havia encostado a cabeça no travesseiro, o que era bastante raro. Alguém o cutucou de novo e ele se virou.

— O que é isso? — perguntou Tindra, apontando para uma cicatriz enorme no ombro direito de Atif. Numa área do tamanho da palma de uma mão, a pele era enrugada e o tecido da cicatriz tinha uma cor diferente.

— Uma tatuagem antiga — respondeu Atif.

— Que nem a do papai? — Tindra inclinou a cabecinha loira para o lado e olhou para ele.

— Mais ou menos isso. Sua mãe já levantou?

Tindra fez que não com a cabeça.

— Ainda não.

— Mas você está acordada sozinha?

Ela fez que não de novo e ficou séria por um instante.

— Eu e você estamos acordados, *Amu*. — Ela riu. Atif percebeu que gostou de ouvir a menina chamá-lo de tio em árabe. Afastou o edredom e se sentou.

— Quer dizer então que você sabe quem sou eu?

Dessa vez ela fez que sim.

— Claro que sei. Papai tem uma foto de você no celular dele. Tem foto minha também... só que *bem mais* — acrescentou.

— É claro que ele tem. Uma garotinha linda como você.

Tindra era diferente na vida real, muito mais animada que nas fotos que ele imprimia e revestia a parede do quartinho da mãe na casa de repouso. Estava com uma camisola desbotada, com a imagem de um personagem de desenho, mas Atif não sabia dizer exatamente qual. As marias-chiquinhas tortas na cabeça foram feitas por ela própria sozinha, sem dúvida. Você puxou o tom de pele da sua mãe, pensou Atif, mas os olhos do seu pai.

— Amu, você sabe fazer panqueca? Papai sempre faz panqueca quando ele está em casa. Com açúcar e geleia.

Atif se levantou da cama e acariciou o rosto da menina de leve. Gostava de quando ela franzia a testa ao pedir algo. Adnan fazia igual quando era pequeno.

— Claro que sei, querida. Tudo o que seu pai sabe, ele aprendeu comigo.

Atif se arrependeu imediatamente de ter dito aquilo.

TINDRA JÁ havia comido três panquecas inteiras quando Cassandra apareceu na porta da cozinha.

— Bom dia — saudou Atif.

— Mmm...

Cassandra se abaixou e deu um beijo na cabeça de Tindra. Atif olhou de relance para a mulher. Ele conhecia Cassandra desde antes de ela e Adnan começarem a namorar. Naquela época, ela se chamava Malin, era uma garota comum que se matava de trabalhar nos bares do centro para juntar dinheiro e colocar peitos de silicone além de outras melhorias.

Depois ela mudou de nome, participou de alguns episódios de um reality show de que ninguém se lembra mais e conseguiu alguns trabalhos menores como modelo. Salão do automóvel, eventos VIP, aparições em boates e outras atividades do gênero. Naquela época, ela era bem bonita para quem gosta de loiras. Adnan, pelo menos, gostava. Ele havia sido segurança de algumas boates populares, ajudava a botar para fora os bêbados que ficassem assanhados demais. Era bonito, frequentemente tinha bastante grana. Além disso, era

engraçado. Era capaz de entreter uma multidão, se estivesse de bom humor.

Era a cara de Adnan ter uma namorada que deixasse todo mundo babando, e, quando Tindra nasceu, sua vida deve ter beirado a perfeição. Mas isso já faz tempo, e o glamour de Cassandra já havia começado a desaparecer. Lábios enrugados por causa do cigarro, pele amarelada, olhos cansados. Na mão esquerda faltava uma das unhas postiças, e os cabelos loiros ressaltavam ainda mais o avanço das raízes escuras.

— *Sorry*... a gente não tinha nada mais confortável que o sofá para oferecer.

Cassandra parou ao lado de Atif na beira do fogão e pegou um maço de cigarro.

— Não tem problema. Eu mesmo disse que podia ter ficado em um hotel — lembrou Atif.

Ela balançou a cabeça, acendeu um Marlboro e soltou a fumaça no exaustor da cozinha.

— Tindra estava louca para conhecer o tio.

— E como ela está encarando tudo isso? — Atif indicou a mesa com a cabeça, a pequena já atacava a quarta panqueca.

— Ela só tem 6 anos. — Cassandra deu de ombros. — Do que você se lembra, de quando tinha 6 anos?

Mais do que gostaria, pensou Atif, porém ficou calado.

— Falando nisso, tenho um trabalho hoje à noite. Você se importaria de ficar de babá por algumas horas?

— Claro que não, sem problema algum — respondeu Atif. — Aliás, como vocês estão nesse aspecto?

— Dinheiro? Ah... o que você acha? — Cassandra deu de ombros. — Por acaso Adnan falou da academia que ele tinha pensado em abrir lá em Gläntan? Que investiu todas as nossas economias naquela ideia?

Atif fez que não com a cabeça.

— Faz tempo que não falo com Adnan.

— Então, como sempre, ele fez uma bagunça. Ficou impaciente com o atraso

das obras e se endividou para agilizar o processo. A academia ficou superlegal, mas Adnan já tinha vendido a parte dele muito tempo antes de ficar pronta. Você sabe bem como ele era, muito charmoso, supersociável, mas paciência não era bem o ponto forte dele.

Cassandra franziu o rosto, talvez fosse um sorriso.

— Adnan era cheio de planos excelentes que nunca se realizaram — continuou ela. — Sempre inventando o que fazer sem nunca chegar a lugar nenhum, se é que você me entende. — O tom de voz de Cassandra era ríspido; ao menos mais ríspido do que precisava ser. — Mas tenho meu salário. Além disso, a gente tem amigos que podem ajudar, então a gente está bem.

— Ahã... Vem muita gente amanhã?

— Então, era isso que eu precisava contar a você. — Cassandra pôs o cigarro numa xícara de café pela metade em cima da pia, onde outras bitucas amareladas flutuavam. — A gente precisou adiar o funeral uns dois dias. Primeiro, os policiais não queriam liberar o corpo. Depois, a data não batia com a agenda da agência funerária e do meu trabalho. Tentei ligar de novo, falei com o seu chefe, Faisal, mas você já tinha viajado. Mas, tipo, vai ser um prazer se você ficar — continuou —, mas, se precisar voltar, está tudo bem. A gente se vira, como eu já disse.

Puxou outro cigarro e segurou o maço na direção dele. Atif fez que não com a cabeça.

— Parou? — indagou ela.

Atif não respondeu. Estava pensando na passagem de volta, no trabalho que foi forçado a deixar de lado, na sua casa agradável, no céu estrelado acima do seu pequeno jardim.

Tindra murmurava uma música enquanto tentava acabar com a última panqueca. Atif olhou para Cassandra mais uma vez, notando que não gostou do jeito como ela falou de Adnan. A forma como ela pronunciou a palavra *corpo*. Ficou pensando no tipo de amigos que a estavam ajudando.

— Tudo bem — pensou —, dá para remarcar minha passagem.

ATIF ESTAVA voltando para a casa quando o viu. Um Audi grande, escuro, estacionado um pouco mais acima na rua, e isso fez seu sinal de alerta tocar imediatamente. Saíra não havia muito tempo, no máximo dois minutos. Trancara a porta, nem tinha se preocupado em vestir uma jaqueta.

Havia colocado Tindra para dormir pouco mais de uma hora atrás, dando um beijo suave na testa dela, antes de colocar o conto de fadas no toca-CDs antigo e apertar *repeat all*, exatamente como fora instruído. Depois, sentou-se na sala de estar e passou por vários canais que passavam comerciais antes de lembrar que a sacola plástica com livros tinha ficado no carro alugado lá no estacionamento. Levaria no máximo cinco minutos para buscar. Tindra estava num sono profundo, Cassandra não voltaria antes da meia-noite.

A friagem penetrando na pele o fez apertar o passo ainda mais. No entanto, quando viu o Audi escuro estacionado, reduziu a velocidade e depois parou. O carro não estava lá quando ele saiu, disso tinha certeza. Sem chance de tê-lo deixado passar despercebido.

Poderia ser um carro de vigilância, mas nem o modelo nem as dimensões exageradas das rodas cromadas o convenciam disso. Esse carro era caro demais e chamava muito a atenção para ser de um policial. Mas, ainda assim, estava parado em uma posição ideal caso alguém quisesse ficar de olho na portaria deles. O motor estava desligado, mas havia alguém sentado lá dentro, possivelmente mais de uma pessoa, a julgar pelos vidros embaçados.

Na verdade, Atif deveria ignorar tudo aquilo. Atravessar a rua correndo e voltar para o apartamento, exatamente como tinha planejado. Depois trancar a porta e ficar na companhia de seus livros. No prédio tinha pelo menos cinquenta apartamentos, portanto era pouco provável que as pessoas dentro do carro estivessem interessadas nele. Ainda assim, Atif não resistiu ao impulso de olhar um pouco mais de perto.

Ele seguiu pelo canto da calçada, colocando um pé no gramado coberto de neve, assim evitando quase totalmente a iluminação da rua.

Quando faltavam dez metros para chegar ao carro, ouviu um barulho. Um ruído elétrico, seguido de um pequeno estalo, quando os vidros do carro desceram alguns centímetros. Ele não parou, abaixou a cabeça e continuou andando. Dava para perceber movimentos no carro. A silhueta de uma pessoa no banco do motorista, depois de mais uma pessoa, que parecia mudar de um banco para o outro. Cinco metros, quatro, três...

Ele passou pelo carro e olhou de relance, com cuidado. Ouviu um gemido saindo pela fresta do vidro, e de repente percebeu que se tratava de algo totalmente diferente do que havia pensado. Atif continuou em direção às portas do prédio e quase sorriu.

Mas logo percebeu que conhecia a mulher que estava no carro. A jaqueta, as calças de couro justas, os cabelos loiro-prateados que precisavam ser retocados para esconder a raiz escura.

De repente, desejou não ser tão curioso.

Três

SARAC VIU a boca da mulher de avental branco se mexer. Entendia palavras esparsas, e se deu conta de que balançava a cabeça, concordando com ela, como se estivessem falando já há algum tempo. Sua cabeça estava estranha, como se estivesse cheia de algo viscoso. No peito, o coração batia forte. Medo. Quem era a mulher? Onde ele estava? Ao menos a última pergunta era fácil de responder. Piso de linóleo cinza, papel de parede amarelo, com algum tipo de estrutura, teto de gesso com manchas escuras. O cheiro peculiar de hospital, que era impossível dissimular por mais que se tentasse.

— A gente já se falou algumas vezes, David. Você se lembra? — perguntou a mulher de avental.

A cabeça de Sarac continuou subindo e descendo. Encarou a mulher, tentou focar em algo. Testa alta, cabelos longos, grisalhos, óculos de aros escuros, uma pequena cicatriz no lábio superior. Deve ter uns 50 anos. A fisionomia era familiar, mas ele não encontrou nenhuma lembrança que correspondesse a ela. O raciocínio ainda estava devagar, como se ele tivesse dormido um sono profundo e acabasse de abrir os olhos.

— Você se lembra do meu nome, David?

— N... Não, desculpa.

As palavras soaram estranhas. Como se tivesse pronunciado cada letra por si só, em vez de juntá-las num som contínuo.

— Meu nome é Jill, Jill Vestman, e sou a médica-chefe do Departamento de

Neurologia. Você se lembra de por que está aqui?

— É... não.

Seu corpo ainda estava inacessível, mas ele conseguiu fazer um rápido levantamento dos problemas. As costelas doíam, o braço esquerdo estava apoiado por uma tipoia, meio frouxa. O peito e o abdômen estavam apertados, como se estivessem com esparadrapo ou costurados. E, depois, a dor de cabeça. Uma dor latejante, pulsante, que ele nunca tinha sentido antes. Fazia seus pensamentos ficarem confusos.

A Dra. Vestman puxou um banquinho e se sentou ao lado da cama. Pegou um bloco de notas no bolso.

— Você sofreu um pequeno AVC, mais ou menos duas semanas atrás, David. Um derrame do lado esquerdo do cérebro. Você estava dirigindo, desmaiou e colidiu o carro dentro do túnel Söderleden.

Sarac tentou se sentar ereto, mas o corpo não quis obedecer. O que ela disse? Um derrame? Não, não, não... Derrame é coisa de velho. Ele tinha só... só? Ele foi tomado pela dor de cabeça, o que embolou seu pensamento que já estava nebuloso. A médica parecia ter notado a reação dele.

— A batida foi violenta — continuou. — Você provavelmente teria morrido, se não estivesse de colete à prova de balas e se não tivesse desmaiado antes.

— Bêbados no volante — interveio Sarac direto, sem nem mesmo saber por quê.

— Como assim, David?

Ele precisou parar e pensar por alguns segundos. Tentou rastrear a linha de pensamento começando pela boca e subindo em direção ao seu cérebro confuso.

— Motoristas bêbados quase sempre sobrevivem — disse pausadamente, saboreando cada palavra.

A voz ainda estava estranha, como se não fosse exatamente dele. A Dra. Vestman concordou.

— É verdade. Músculos relaxados não se machucam tanto quanto músculos retesados. É interessante você se lembrar disso. — Ela fez uma anotação no

bloquinho.

— C-Como? — balbuciou Sarac. — Quero dizer, quando...?

O raciocínio deveria estar mais claro agora, porém, tudo parecia estar indo na direção contrária. Ele foi tomado por náusea e dor de cabeça. Além disso, começou a ficar com medo. Um AVC — uma hemorragia no cérebro.

— Como disse, já se passaram mais de duas semanas.

A Dra. Vestman começou a explicar, mas parou quando Sarac tentou falar alguma coisa. Depois continuou, pois ele não disse nada.

— Quando chegou aqui, você estava em estado grave, David. Colocamos você em coma induzido por mais de uma semana, para estabilizar sua condição. Primeiro, precisávamos cuidar do que era uma emergência, então drenamos o sangue e diminuímos a pressão na sua cabeça. Depois, cuidamos dos outros ferimentos. Você quebrou a clavícula esquerda e rompeu o baço. Várias costelas estão trincadas e você está com muitos hematomas. Mas, se pensarmos na violência da colisão, você teve muita sorte.

Ela fez uma pausa e olhou para seu bloquinho, como se desse um tempo para Sarac assimilar tudo.

— Na segunda operamos sua cabeça de novo — continuou —, tiramos o sangue coagulado que se acumulou no crânio. Depois, reduzimos o coma em etapas. Nós dois conversamos pela primeira vez anteontem. — A Dra. Vestman sorriu para ele, um sorriso gentil, estático, que ela com certeza aprendeu na faculdade de medicina e aperfeiçoou com o tempo.

De que merda ela está falando? Eu estou acordado há três dias! Sarac balançou a cabeça, mais forte ainda dessa vez, como se tentasse remover o sorriso médico irritante. A raiva veio do nada.

— De jeito nenhum — resmungou, e tentou se sentar novamente.

Uma dor forte e ardente o fez levar a mão instintivamente à cabeça. A têmpora pulsava forte. A mão direita escorregou para o lado, não quis obedecer. Uma camada dupla de atadura apertada na cabeça. O cabelo! Rasparam todo o cabelo dele. Deve estar horrível.

— O inchaço no cérebro está diminuindo devagar, David, mas, durante esse tempo, ele pode afetar sua memória de curto prazo. Por isso você não se lembra dos últimos dias. Essa condição não é incomum e, muito provavelmente, vai ficar melhor.

A Dra. Vestman se calou e abriu o bloquinho de novo, dando um tempo para Sarac absorver o que ela havia acabado de dizer.

Ele tinha perguntas, muitas perguntas. Incontáveis. Como por exemplo... Merda, merda, merda! Precisa tentar ficar calmo, botar ordem no cérebro antes que aquela dor de cabeça o espremesse contra o crânio.

— Pensei em fazer algumas perguntas, mais para tentar averiguar em que ponto do processo de cura nos encontramos. Não se preocupe se não puder responder tudo agora — continuou a médica.

Sarac ainda não tinha conseguido dizer nada. Escolheu acenar com a cabeça enquanto tentava baixar a pulsação. Pelo menos conseguiu um pouco.

— Você sabe em que mês estamos, David? — Como não obteve resposta, acrescentou: — Ou talvez em que época do ano?

Ele se esforçou, mas não encontrava as palavras certas. Então tentou formar alguma imagem na cabeça. Um calendário, a data em algum jornal, a tela do celular. Neve, lembrou-se de repente. Flocos de neve, pesados e molhados, que cobriam o asfalto, e o para-brisa do carro como um tapete. A luz dos faróis que refletia na neve caindo. Ofuscava a visão dele, penetrando sua cabeça como facas.

— In... Inverno.

— Muito bom, David, está correto.

Sarac encostou a cabeça de volta no travesseiro. De repente, sentiu-se aliviado. Pelo menos não estava totalmente inválido. Era só ficar um pouco calmo, era só a dor de cabeça infernal passar um pouco, que tudo ficaria mais claro.

— Você sabe em que ano estamos, David?

— Claro, 2011.

A Dra. Vestman não disse nada, só anotou alguma coisa. Mas, ainda assim, algo na feição dela mudou um pouco.

— Não, não, *sorry*, 2012. Eu quis dizer 2012 — corrigiu-se rapidamente.

Ela olhou para Sarac. Sorriu de novo. O mesmo sorriso simpático e irritante de antes.

— Estamos em dezembro de 2013, David.

— O... O quê?

— Hoje é quinta-feira, 12 de dezembro de 2013.

— Impossível. Quer dizer que...

Sarac tentou se sentar mais uma vez, tentou tomar impulso com a mão direita totalmente sem força e quase perdeu o equilíbrio. Em vez disso, caiu de volta no travesseiro. A dor de cabeça subiu mais um degrau, depois outro. Ele fechou os olhos com força algumas vezes. Depois os abriu devagar. A lâmpada no teto cintilava.

— Você pode me falar da sua última lembrança anterior ao acidente, David?

— Claro! — murmurou. — Sem problema — acrescentou depois de alguns segundos, pensando. Mas não era verdade. Nem de perto.

Anterior ao acidente... Seu coração parecia galopar.

Derrame.

Acidente de carro.

Antes...

Dezembro de 2013

Antes do acidente...

Dezembro

20... 13!!!

CARALHO!!!

— Não tem problema, David. — A Dra. Vestman pôs a mão no ombro dele. — A gente volta a fita um pouco, costuma ajudar. Tenta me falar como você se chama.

— David Georg Sarac — respondeu rapidamente. Essas palavras fizeram o

pânico passar um pouco.

— E quantos anos você tem, David?

— Trinta e cinco! — Respirou aliviado. Funcionava se não parasse para pensar. Era só deixar a resposta sair automaticamente.

— Onde você mora?

— Birkastan, rua Rörstrand, 26. Terceiro andar.

— Família?

— Pai e mãe falecidos. Minha irmã gêmea, Elisabeth, mora no Canadá.

Ele fez uma pausa.

— Ontário — acrescentou, e se sentiu significativamente mais calmo.

Ele não era nenhum vegetal infeliz, como já estava começando a pensar que fosse. Dava para perceber que o cérebro estava bem lento, mas não estava totalmente perdido. Tudo passaria logo, as coisas voltariam ao normal.

— Muitos dos seus colegas de trabalho vieram aqui. Muita gente se preocupa com você, David. Talvez possa falar um pouco sobre seu trabalho?

— Eu sou policial.

— Que tipo de policial?

— Divisão de Inteligência. Gerente de informantes...

De repente, Sarac se conteve. Novos sentimentos tomaram conta dele de uma só vez. Levou alguns segundos para saber do que se tratavam. Desconforto, vergonha. Um sentimento crescente de perigo.

A dor de cabeça ficou ainda mais forte, obrigando-o a fechar os olhos. Por alguns segundos, esteve prestes a vomitar. As palavras descarrilaram, quicavam de um lado para o outro dentro da cabeça dele.

Que.

Tipo.

De.

Policial?

— E o que é isso? — perguntou a médica. — Quero dizer, o que um gerente de informantes faz? — Subitamente, a voz dela estava muito distante. Como ela

se chama mesmo? Doutora...?

Você sofreu um AVC, bateu o carro no túnel Söderleden e está hospitalizado. Hoje é quinta-feira, 12 de dezembro, e a médica se chama... Alguma coisa que começa com V. Estava cansado demais, mal conseguia ficar com os olhos abertos.

— Tudo bem, David, não temos pressa. Você já progrediu muito. Descansa, amanhã continuamos.

Ele ouviu o banquinho arrastar quando a médica se levantou. Sentiu que estava caindo no sono.

— Segredos — murmurou, quando ela já estava perto da porta. — Eu coleciono segredos.

Quatro

O RAPAZ gemeu com cuidado, mas o barulho do cinema abafava sua voz. O cachecol com o qual a garota loira vendou seus olhos alguns minutos atrás não o deixava ver o filme, mas, a julgar pela expressão em seu rosto, ele não se importava.

Natalie Aden, que estava sentada na fileira da frente, virou-se um pouco para trás e deu um zoom no rosto do rapaz com a câmera do celular. Ela se certificou de que dava para ver a venda e esperou até conseguir uma foto em que ele não parecesse tão feliz. Satisfeita com o resultado, levantou-se silenciosamente. A loira olhou para cima sem interromper a atividade em que estava empenhada, com a cabeça no colo do rapaz, e Natalie deu uma piscada rápida para ela. Na saída do cinema, deu uma olhada no relógio. Três e quinze da tarde, o filme ia levar uma hora e vinte minutos para acabar. Tempo suficiente. A praça Hötorget estava cheia de feirantes e pessoas passeando sem rumo. Demorou um pouco até ela chegar ao café, onde pediu um *latte* e se sentou à mesa de frente para a janela. Tirou o laptop da mochila, conectou o celular e transferiu a foto que tirou no cinema. A mensagem já estava preparada com antecedência, então levou menos de trinta segundos para anexar a foto e enviar tudo.

Uma hora e oito minutos para o filme terminar, e mais ou menos... *agora* a mensagem deve ter chegado ao destinatário. Seu status no chat estava verde, então ela deveria estar diante do computador no trabalho de mentira. O almoço prolongado com as meninas já deveria ter terminado há mais de uma hora, o

efeito do vinho estava começando a passar, mas ainda era um pouco cedo para ir para casa. Apesar do dinheiro, Natalie não conseguia entender como alguém podia viver esse tipo de vida falsa.

Ela abriu uma nova aba no navegador e fez o login numa conta da Western Union. A linha de saldo mostrava um zero, mas logo ia mudar. Ela se esticou para pegar o seu *latte* e se encostou na cadeira. Pensou em pedir algo para comer. Claro que não deveria. Ela já tinha passado da sua cota de pontos essa semana. Talvez seja hora de testar a dieta 5x2?

O celular vibrou. Um número que ela não reconhecia. Colocou o fone Bluetooth na orelha.

— Alô? — disse brevemente.

— Oi, Natalie!

O homem do outro lado da linha parecia estar se divertindo, como se ela tivesse dito alguma coisa engraçada. *Manual do telemarketing, página 1, seção "Contato com o cliente"*. Ela já ia desligar.

— Como ele foi fisgado? Facebook? Instagram? Alguma outra rede social para jovens e ricos?

— O quê? — Natalie ficou espantada.

— Hans Wilhelm Sverre Wettergren-Dufwa, ou Wippe para família e amigos.

Seu cérebro parou por um instante, depois a pulsação começou a aumentar.

— Cabelo repartido, jaqueta da Canada Goose, cachecol Burberry, último ano no colégio Östra Real — continuou ele, do outro lado da linha. — Mora no pequeno e modesto apartamento de quatro quartos que a família tem para passar a semana, no Karlaplan. O papai vale alguns milhões. E nesse exato momento o pinto do pequeno Wippe está na boca da sua amiga Elita Brogren, lá no Filmstaden.

Natalie pulou da cadeira e fechou o laptop. Precisava avisar Elita, falar para ela dar o fora agora mesmo.

— Quanto vocês estão pensando em roubar da mãe do Wippe? — perguntou a pessoa na orelha dela. — Duzentos? Duzentos e cinquenta mil? Ou você

aumentou o valor?

Natalie pegou sua jaqueta, levou a mão ao fone Bluetooth, tremendo, à procura do botão “desligar”.

— Senta, Natalie! — A voz no fone de repente ficou mais severa.

Ela continuou de pé, olhou rapidamente para os lados e para trás. O homem estava observando-a, ele devia estar em algum lugar ali perto. Talvez no café, inclusive. Um policial, um detetive particular ou, quem sabe, uma vítima querendo se vingar? Quem quer que fosse, gostava de brincar de manipular as pessoas. Seu coração batia descontroladamente. Natalie olhou para a saída do café.

— Por favor, Natalie, senta — pediu com uma voz mais suave. — Se eu quisesse fazer algo com você, não iria perder tempo ligando para avisar antes. A única coisa que você precisa fazer é ouvir.

Natalie hesitou. O mais racional a fazer seria, na verdade, dar o fora dali imediatamente, mas alguma coisa na voz dele dava a entender que ela não iria muito longe. Puxou a cadeira e se sentou.

— Agora sim — continuou. — Na verdade, a gente admira você, Natalie. Todo esse esquema é brilhante. Você procura filhinhos de papai nas redes sociais e usa um perfil falso para entrar nos contatos deles. Depois pode escolher à vontade. Pesquisa no Google sobre os pais deles e flerta com o seu admirador na Agência do Tesouro para encontrar a vítima ideal.

A voz do homem estava animada de novo. Natalie olhou em volta discretamente, tentando identificar onde ele estava, aonde ele queria chegar com toda essa brincadeira.

— Pai rico, mas ausente, mãe superprotetora com tempo livre de sobra. Melhor se a presa for um filho único ou o mais novo. O queridinho da mamãe, não estou certo?

Natalie não respondeu, só apertou o fone mais forte na orelha. Discretamente, examinava os outros clientes do café. Um homem, no outro canto do local, parecia falar ao telefone.

— Você é cuidadosa — continuou. — Não escolhe nenhuma celebridade ou político, nem da família Wallenberg ou herdeiro da H&M ou outros muito ricos ou poderosos. Em vez disso, você escolhe os que estão imediatamente abaixo desses. Depois de encontrar a vítima ideal, você faz a sua amiga sexy, Elita, seduzir o menino. Com os hormônios à flor da pele, o rapaz mata aula para um cineminha no meio da tarde. Depois de uns amassos, Elita diz que quer apimentar um pouco as coisas. Ela coloca uma venda nos olhos dele, e a essa altura o pobre coitado já está quase rasgando a calça Calvin Klein, ele nem pensa em resistir. Enquanto faz caretas com a venda na escuridão do cinema, você tira uma foto da cara dele.

Natalie se virou um pouco. O homem que estava falando ao telefone parece ter desligado.

— Enquanto o rapaz realiza os seus sonhos no cinema, você manda um e-mail para a mãe. Diz que o queridinho dela foi sequestrado, anexa uma foto medonha do tesouro com venda nos olhos e diz que ela tem uma hora. *Pague ou então ele vai sofrer. Não ligue para a polícia, estamos de olho em cada movimento seu* e toda balela que ela já ouviu nas séries de TV.

Ele estava se divertindo, mas Natalie não precisava de nenhum esforço para não rir. Onde estava, quem era, e como sabia? Olhou mais uma vez para a porta, pensou no que poderia acontecer se ela se levantasse e saísse dali. Mas o homem parecia saber tudo sobre ela. Uma fuga lhe daria um pouco mais de tempo, mas tempo para quê?

— Imediatamente a mamãe liga para o seu queridinho, mas claro que Elita cuidou para que ele desligasse o celular. Depois, a mamãe liga para a escola e descobre que Júnior não está lá. Agora o pânico começa a aumentar. Ela liga para o marido, que está viajando e provavelmente não é do tipo que responde na hora que a mulher liga. O tempo passa, o prazo final está chegando e o pânico toma conta dela.

Ele fez uma pausa por um instante, e Natalie percebeu que ela estava prendendo a respiração.

— Daí a mamãe pensa que a grana que você está pedindo não é tão alta assim, que ela pode comprar o bilhete de saída desse desespero. Além disso, esse tipo de pessoa que você ataca já está acostumada a usar a carteira para resolver todo tipo de problema. E o que são uns cem mil no Amex quando a saúde do principezinho está em jogo? Então, dali a uma hora, a mamãe transfere o dinheiro para a conta anônima da Western Union que você passou para ela. Depois de roer um pouco as unhas, o filme acabou, e o príncipe finalmente responde a uma das dezenas de mensagens preocupadas que ela mandou. Ela parece que vai explodir de alívio. Não demora até perceber que, na verdade, pagou pelo boquete da tarde do filho desobediente e que custou os olhos da cara. — Ele riu mais uma vez. — Ninguém quer se expor ao ridículo, então, quando o papai e o advogado da família conversam, todos concordam em deixar essa historinha infeliz de lado. Nenhuma publicidade, nenhuma denúncia, nada. — Silêncio no telefone.

— O que você quer? — A voz de Natalie não estava nem de perto confiante como ela esperava.

— Abre o seu computador.

— Não mesmo!

— Faz o que estou mandando, Natalie.

Primeiro ela o contrariou, mas depois obedeceu relutantemente.

— E agora?

— Olha a sua caixa de entrada!

O ícone de mensagem recebida estava aceso. Nenhum texto, somente um link para uma página na internet.

— Clica no link.

Natalie fez o que ele mandou. A página carregou. Um plano de fundo sem graça, cinza, coberto de um texto preto, em uma fonte que parece saída dos anos setenta. Levou um tempo até ela perceber o que estava vendo.

FICHA CRIMINAL

REGISTRO GERAL DE VIGILÂNCIA DA POLÍCIA

NOME: NATALIE ADEN

Data de nascimento/identidade: 31/05/1985-2335

Cor dos olhos: castanha

Cor do cabelo: ruiva

Altura: 163 centímetros

Tipo físico: forte

Características particulares: tatuagem, panturrilha esquerda: borboleta

19/09/2010 — porte de drogas (multa)

02/02/2011 — roubo, porte de drogas (suspensão condicional da pena)

12/10/2012 — extorsão (engavetado)

14/07/2013 — extorsão (engavetado)

— Uma leitura nada divertida, não é, Natalie? Você estava a caminho de se tornar médica. Primeiro, dançou por estar num carro em má companhia e por um baseado que tinha esquecido no bolso. Dessa você poderia se safar, mas daí você foi idiota o suficiente para furtar remédio do estoque do hospital em que estava fazendo residência, e aí acabou. Pobre Natalie, com suas notas exemplares, que se tornaria médica igual ao papai. E, diferente dele, ainda ia ter um diploma sueco e não teria que varrer chão para subir na carreira. Mas com duas passagens pela polícia a porta se fechou para você. Em vez da carreira brilhante, você se sustenta extorquindo dinheiro, que nem agora. Deposita dinheiro de tempos em tempos na conta da mãe para tentar ficar com a consciência mais leve. Imagino que você e o seu papai não se falem há algum tempo. Você deve ter sido uma decepção para ele.

Ela não aguentou mais. Gritou para ele calar a boca, pegar o registro de merda e enfiar na bunda. Depois desligou o telefone e saiu do café como um furacão. Ou, melhor, era o que devia ter feito. Na verdade, ficou paralisada, sem dizer uma palavra, e ele continuou.

— Seu namorado assumiu toda a culpa. Um rapaz gentil. Assim você se safou com uma suspensão condicional da pena. — O homem baixou a voz e disse

sussurrando: — Mas nós dois sabemos que os comprimidos não eram para ele. É difícil carregar todas as expectativas nas costas. Da mamãe, do papai, dos parentes e, não menos importante, as suas próprias. É difícil deixar para lá. É difícil acalmar os pensamentos, não é, Natalie?

Ela engoliu seco.

— O que você quer, afinal? — murmurou ela.

— Quero contratar você. Um trabalho em que seus estudos, sua inteligência e sua peculiar... competência serviriam perfeitamente.

— E o que eu ganho com isso?

— O que você acha de uma ficha limpa? Uma chance de começar de novo?

Natalie pensou melhor. Policial. Ele com certeza era um policial. De que outra forma saberia cada detalhe da vida dela?

— E se eu recusar? Você me prende? — perguntou ela.

Ele riu. Do lado de fora do café, um carro preto, grande e com vidros escurecidos parou ao lado da janela dela. Uma das portas traseiras abriu, mas ninguém desceu.

— Entra, vamos conversar um pouco. Confio que a gente vai achar uma solução para satisfazer a nós dois. Aliás, pode me chamar de Rickard.

Cinco

— AGORA ENTREGAMOS os restos de Adnan Kassab ao descanso eterno.

O agente funerário se ajoelhou e colocou a urna dentro da pequena cova forrada com um tapetinho. Lá embaixo, pequenas raízes apontavam aqui e ali, como dedinhos peludos tentando sair da terra para a luz fraca do sol de inverno.

Eles devem ter usado uma escavadeira para conseguir perfurar o chão congelado, pensou Atif. A escavadeira certamente não precisou cavar mais que uma vez. Ele não tinha nada contra aquela cerimônia simples. Adnan não era muito religioso, e, se fosse um padre ou um imame quem fizesse o enterro, seria estranho. Melhor assim. Cremação, uma cerimônia curta e depois enterrar a urna. Ele olhou de relance para Cassandra, que estava ao seu lado. Ela preferiu não trazer Tindra para o enterro, achou que ela era pequena demais. Aos 6 anos, uma criança não precisa confrontar a morte, pelo menos não ainda. Atif não tinha o que comentar sobre isso. Mas o que o incomodava era a enorme coroa de flores do outro lado da cova. Exageradamente grande, com certeza a mais cara que tinha para encomendar, que fazia todas as outras parecerem mixaria.

Never forgive, never forget, estava escrito com letras ornamentadas douradas numa faixa de cetim. Os homens que mandaram a coroa com certeza estavam no grupo bem atrás de Atif. Umas vinte pessoas pelo menos, quase todas homens. A maioria estava de óculos escuros, apesar de o sol mal conseguir subir além dos pinheiros. Muitos deles acenaram com a cabeça na direção de Atif quando ele e Cassandra entraram na capela, apressados. Alguns rostos conhecidos, a maioria

estranhos. No universo de Adnan, amizades eram sempre perecíveis.

Daqui a pouco ia ter que cumprimentar todos. Trocar apertos de mão com cada um e receber suas condolências. Ele ficou pensando se algum dos homens ali tinha um Audi grande, com rodas cromadas. Mas, no fundo, não era da sua conta. Cassandra não era do tipo que vivia sozinha, ela precisava de um patrocinador. Alguém que tomasse conta dela. Dela e de Tindra, corrigiu-se. Pensar na sobrinha fez seu humor melhorar, mas aquilo passou rápido, quando voltou a olhar para a cova.

Ele não estava em posição de julgar Cassandra. Se não fosse por ele próprio, talvez Adnan tivesse chances melhores na vida. Não teria acabado num punhado de cinzas num vaso barato, antes dos 35.

Dinheiro, respeito, reconhecimento — tudo aquilo girava em torno dessas três palavras. Adnan tinha seguido o rastro dele, assim como fazia no inverno quando era pequeno. Ele seguiu o caminho feito pelos passos de Atif sem refletir aonde o levaria. Sem pensar que, na verdade, andava em círculos, e mais cedo ou mais tarde estaria de volta ao início. Atif tentou abrir os olhos do irmão caçula, ou ao menos se convencera disso. Tentou fazer Adnan entender que a única forma de chegar a algum lugar na vida era se arriscar e entrar em territórios desconhecidos. Mas agora estava claro que ele não tinha sido convincente o bastante.

Após a mudança para o Iraque, eles se falaram poucas vezes por ano. Natal e aniversários, raramente mais que isso. Na maioria das vezes, sobre a mamãe ou Tindra, nunca sobre trabalho — nem o de Adnan nem o dele. Mas Atif no fundo achava que Adnan sabia que tinha ido para o outro lado. Talvez a mãe deles tenha contado em que pé as coisas estavam, antes de ter se perdido nas memórias. Ela e Adnan sempre tiveram uma relação forte. Ele era o mais novo, o queridinho da mamãe.

Nos primeiros anos, eles falavam vagamente que Adnan também se mudaria para lá. Falavam de começar um negócio juntos, uma empresa de segurança ou coisa parecida. Quando a mãe piorou, Atif chegou a comprar uma passagem para

o irmão, mas uma semana antes da viagem Adnan foi preso por ter participado de um assalto a um carro-forte e passou alguns meses na cadeia. Depois disso, eles nunca mais falaram da viagem. Era só conversa fiada, pensou Atif. Adnan nunca deixaria Tindra. Ele faria o mesmo, se fosse sua filha.

Atif olhou em volta para as fileiras de lápides cobertas de neve. Odiava cemitérios suecos. Odiava o cheiro das plantas de canteiro, que nem o manto espesso de neve conseguia abafar. Depois de amanhã era hora de ir embora, voltar para o calor, para a sua casa e para o seu jardim. Deixar tudo isso para trás de uma vez por todas.

Uma rajada de vento agitou os pinheiros escuros, produzindo um estrondo abafado, que amorteceu as palavras finais do agente funerário. Ao lado de Atif, Cassandra tremeu e apertou o casaco.

Durma bem, meu irmãozinho, pensou Atif.

— ENTÃO, COMO está se sentido, David?

Sarac balançou um pouco os ombros.

— Todo roxo, dolorido, confuso. Fora isso, estou bem.

Ele estava segurando o bilhete com força debaixo do edredom para que o homem calvo que estava sentado na cadeira de visitas não visse.

— A médica disse alguma coisa sobre a perda de memória?

Sarac tentou forçar um sorriso, olhou discretamente para o bilhete que a enfermeira havia escrito para ele.

Você teve um pequeno avc.

Você sofreu um acidente de carro no túnel Söderleden no dia 23 de novembro de 2013.

Sua médica se chama Jill Vestman.

Os lapsos de memória são...

— Temporária — disse rapidamente. — Vai passar assim que o inchaço diminuir um pouco.

Pelo menos Sarac não teve problema algum em se lembrar de Kjell Bergh.

Reconheceu o chefe calvo e barrigudo assim que ele botou o pé na porta do quarto. Bergh era do tipo que, mesmo sem uniforme, ninguém diria que era outra coisa que não um policial. Havia algo na postura dele e nos olhos cansados, mas atentos. Quase quarenta anos na carreira deixaram marcas.

— Então, do que você se lembra? — Bergh mexeu no vaso de flores que tinha acabado de colocar na mesa de cabeceira. A voz dele estava um pouco tensa.

— O acidente e alguns dias antes do acidente estão meio que bagunçados na minha cabeça — respondeu Sarac. — As semanas anteriores também. Mas isso tudo é...

— Temporário. — Bergh assentiu. — Claro, você falou.

— O acidente. Você pode me contar o que aconteceu? — pediu Sarac.

Bergh deu de ombros e tirou os óculos, colocando-os na cabeça.

— Você entrou com tudo numa barreira de concreto na bifurcação do túnel Söderleden. Na saída para Skanstull. Frontal. Nenhuma marca de frenagem, de acordo com o relatório. A equipe de Molnar chegou lá pouco depois do acidente e conseguiu controlar o incêndio. Ouvi dizer que um dos colegas chorou de tão feia que era a situação.

Sarac balançou a cabeça, engoliu em seco.

Bergh se aproximou um pouco mais da cama. Sarac notou logo as olheiras dele.

— A gente precisou abrir o cofre — disse Bergh baixinho. — É o procedimento padrão quando um agente... Quero dizer, a gente não sabia se você ia escapar.

Sarac fez que sim com a cabeça, tentou se lembrar de por que ele não queria falar a verdade sobre seus lapsos de memória para seu próprio chefe. O sentimento incômodo estava de volta. Fez com que ele amassasse o papel na mão.

— Kollander estava lá, como chefe do Departamento de Crimes Regionais. Eu e ele usamos nossas senhas, conforme o regulamento. — Bergh fez uma leve careta. O coração de Sarac começou a bater mais forte. — Seu envelope estava

vazio, David. — A voz de Bergh era quase um sussurro. — Nenhuma lista de reserva, nenhum registro pessoal, nada.

Sarac balançou a cabeça devagar. Sentiu a dor voltar engatinhando têmpora acima. De repente, ouviu o som de vozes vindo do corredor, e Bergh olhou para trás de relance. Ele se aproximou ainda mais de Sarac, tão perto que dava para sentir o cheiro de alho no hálito dele.

— Consegui fazer o Departamento de Crimes Regionais esperar para protocolar a denúncia. Dar um tempo, pelo menos alguns dias, até a gente conseguir falar com você. Nenhum de nós quer Dreyer e o time de investigação interna bisbilhotando o departamento de novo. — Bergh umedeceu os lábios. — Kollander está nervoso pra cacete. Ele acha que a gente tem um delator no departamento. Alguém vendendo informação. É só uma questão de tempo até ele correr para a delegada regional. Daí você já sabe o que pode acontecer.

Sarac engoliu em seco de novo, tentou umedecer os lábios, mas a língua parecia estar grudada no céu da boca.

— Quarenta anos no batalhão, só três para a aposentadoria. Nada disso importa quando chega a hora da Operação Barra-Limpa. Lembra o que eles fizeram com o Conde? A delegada regional quer ser chefe da polícia nacional e não vai aceitar que algo impeça a nomeação dela, nada. — Bergh estava vermelho, o olhar cansado pareceu preocupado. Quase com medo.

— Então, e-eu... — Sarac quis dizer alguma coisa, mas a voz saiu raspando. Ele pigarreou uma, duas, várias vezes. Sentiu, de repente, uma cãibra na mão direita. Abriu com cuidado e deu uma espiada no papel amassado.

— Eu confiei em você, David. Não fiz perguntas, deixei você tomar conta da sua própria corrida. — Um perdigoto voou da boca dele e caiu na frente de Sarac. — Os resultados até agora foram fantásticos, mas você precisa contar o que está acontecendo. A lista desaparecida, sua colisão. Não pode ser só por acaso. Alguém está atrás de você, David. E do seu informante.

Sarac engoliu em seco de novo. Tentou, em vão, umedecer a boca e os lábios.

— Você se lembra do tipo de caso em que você estava trabalhando? — Bergh

sussurrava. — Era arma, drogas? Que instruções você deu ao informante? Quem era o alvo? Pelo amor de Deus, você tem que se lembrar de alguma coisa.

Dava para ouvir de novo as vozes no corredor, mais perto agora. Bergh se virou para a porta.

O papel na mão de Sarac se desdobrou aos poucos. Ele conseguia discernir partes do texto, mas não era a letra uniforme da enfermeira que estava vendo. Tinha outra coisa escrita no verso do papel. Garranchos em letra maiúscula que parecem ter sido escritos com muito esforço.

TODO MUNDO MENTE. NÃO CONFIE EM NINGUÉM.

Bergh se virou de volta para Sarac, que enfiou depressa a mão debaixo do edredom. Agora dava para discernir facilmente as vozes no corredor. Uma delas era a da Dra. Vestman.

— Você precisa entregá-lo, David — sussurrou Bergh no ouvido dele. — Posso proteger o cara, proteger você... todo o departamento. Mas você precisa me entregar Jano!

Seis

O CHEIRO de perfume no hall de entrada da capela era extremamente forte. No total, Atif contou quase cinquenta pessoas. Muito mais do que a princípio achava que viriam. A proporção de homem/mulher era de 70/30. Quase todos mais novos que ele, alguns com certeza não tinham nem 25. Mais da metade dos homens tinha o corpo malhado de academia e um andar de malandro. Além disso, estavam relativamente bem vestidos e bem cuidados. Um ou dois vestiam um moletom e outros poucos, jeans e casacos com capuz por cima de camisetas com símbolos de gangues, mas a maioria estava, assim como ele próprio, vestindo ternos pretos baratos comprados na Dressman. Brincos de diamante, correntes e pulseiras de ouro — todos os atributos comuns de um gângster. Atif não conhecia nenhum dos homens, mas mesmo assim sabia quem eram. Ou, melhor, quem eles queriam ser.

Eu era igual a eles? Você era, Adnan? Que pergunta boba...

Todos lhe deram um aperto de mão forte, encarando-o. Mostraram que não tinham medo de nada, nunca deram para trás. Mesmo assim, pelo menos metade deles estava com as mãos suadas, e nem mesmo a camada de pós-barba conseguia esconder o cheiro de medo. O primeiro deles cometeu o erro de tentar dar um abraço do gueto. Mas Atif estava preparado e travou o braço, retendo o cara no meio do caminho. Lançou um olhar, e o outro foi esperto o suficiente para entender o recado. Os outros sacaram o jogo, até mesmo as mulheres.

Mas com Cassandra foi diferente. Ela abraçou demoradamente todo mundo.

Deixou-se beijar nas duas bochechas e parecia estar adorando ser o centro das atenções no papel de viúva triste.

Ele trocou algumas palavras com os pais de Cassandra e alguns outros convidados mais velhos. Todos falaram bem de Adnan, naturalmente. Como ele era gentil e atencioso, como amava a família. Atif ouvia e sabia que não eram apenas clichês de velório. Era fácil gostar de Adnan, sempre foi. Aberto, alegre, engraçado, leal. Dava para empilhar os adjetivos.

Atif foi até a máquina de café no canto do hall. Colocou uma moeda de dez coroas e ficou esperando a máquina começar a funcionar. Tentou pensar em outra coisa. Logo estaria sentado no avião.

Um copo de plástico escorregou, depois um fio marrom e fino começou a sair da máquina. O copo foi enchendo lentamente, como se a máquina enorme estivesse se esforçando ao máximo para produzir um pouco de líquido.

— Atif, meu amigo.

Com o copo de plástico na mão, ele se virou. Identificou a voz rouca, arranhada antes de ver o rosto familiar. Não resistiu a dar um pequeno sorriso.

— Abu Hamsa!

Ele se inclinou e deixou o homenzinho gorducho lhe dar um beijo em cada bochecha. Abu Hamsa era um velho amigo. A mãe de Atif havia trabalhado em um dos bares dele, há muito tempo. Às vezes Atif e, depois, Adnan passavam lá depois da escola. Ajudavam com alguma coisinha em troca de um picolé Piggelin ou uma lata de refrigerante. Hamsa pertencia à velha guarda. Tinha alguns pequenos bares, algumas casas de câmbio e uma empresa de empréstimo — nenhuma orgia regada a champanhe, mansões de luxo ou outros exageros para mostrar que ganhava dinheiro. Nada que atraísse a atenção da polícia ou de qualquer outra pessoa.

— Inveja, meninos... — costumava dizer com aquela voz rouca e ao mesmo tempo estridente. — A inveja é extremamente perigosa. Se você exibe demais o seu sucesso, as pessoas vão querer tirá-lo de você.

Hamsa estava satisfeito com o que tinha, tirava proveito de seu status quo, sua

calma e seu equilíbrio. Por isso ele também era sempre chamado como mediador, alguém em quem todos confiavam. Devia estar com quase 70 anos, mesmo assim não se via um só fio de cabelo branco na cabeça dele. Ele provavelmente tingia o cabelo e o pequeno bigode. Dava até para duvidar de suas madeixas tão densas: Abu Hamsa sempre foi um pouco vaidoso.

— Sinto muito, de verdade, meu amigo — disse baixinho em árabe. — Seu irmão era um bom rapaz. Merecia um destino melhor.

— Obrigado, Abu Hamsa — agradeceu Atif enquanto assoprava o café que estava escaldante.

— Até quando você fica, meu amigo?

— Volto depois de amanhã.

— Ah, sim... Então você não está procurando trabalho? — Abu Hamsa sorriu.

Atif balançou a cabeça, o que fez o sorriso do homenzinho ficar mais largo.

— Sábia decisão. As coisas não são mais como antes. Os consultores estão tomando conta até do nosso ramo. Tudo virou uma empreitada, não existe mais honra, não existe mais lealdade. Já é hora de pessoas como eu puxarem o carro. Deixar os talentos mais jovens tomarem conta, *Inshallah*.

Abu Hamsa fez um pequeno gesto em direção ao teto. Atif não pôde deixar de olhar para os rapazes que ainda se amontoavam em volta de Cassandra. Um ou dois não tiravam os olhos dele. Não gostava de como eles olhavam. Tomou um gole de café, sem desviar os olhos dos rapazes.

Abu Hamsa pareceu ter lido o pensamento dele.

— Você não pode julgá-los.

— Como assim?

— Você ainda tem uma certa... reputação, meu amigo. Houve muitos rumores quando você foi embora. Nem todo mundo ficou feliz, teve gente dizendo até que você tinha se tornado um traidor.

— Como eu falei, viajo de volta no começo da semana que vem — disse Atif sem tirar os olhos dos rapazes. — O que um bando de pirralhos pensa... — Ele percebeu que seu tom de voz tinha ficado mais ríspido. — Me desculpa, eu não

queria ser rude — disse e voltou a olhar para ele.

— Não tem problema, meu amigo. Eu entendo. Não é uma situação fácil. Seu irmão, a filhinha dele. Como é o nome dela? Estou começando a ficar velho, eu estava no batizado dela e tudo mais...

— Tindra — lembrou Atif, percebendo que sua voz estava mais suave.

— A pequena Tindra. Isso mesmo. Perder o pai tão jovem, dessa maneira... — Alguma coisa no tom de voz de Abu Hamsa fez Atif franzir a testa e, pelo jeito, o homenzinho notou. — Então... imagino que você saiba como tudo aconteceu.

— Cassandra me falou.

— E você sabe os detalhes?

— Os meninos deram azar. Uns policiais à paisana os viram voltando do carro-forte. Um dos meninos não tinha nem tido tempo de tirar a máscara, então os policiais os seguiram e chamaram reforços. A força-tarefa chegou bem na hora que eles iam trocar de carro e o tiroteio começou. Adnan e Juha foram mortos, Tommy virou um vegetal.

— Infelizmente é tudo verdade. Eu só queria ter certeza de que você sabia de todos os detalhes. Às vezes, as histórias ganham vida própria, o povo fala demais. Você sabe como é. — O homenzinho ergueu as mãos, como quem não pode fazer mais nada. — Aliás, você não precisa se preocupar com a família de Adnan. — Hamsa balançou a cabeça na direção de Cassandra. — Tem muita gente que apoia as duas, muita gente que está com raiva da polícia. Talvez você tenha ouvido falar que engavetaram a suspeita de abuso de autoridade por parte da força-tarefa, que tudo foi considerado legítima defesa, porque Adnan teria atirado primeiro. Pouco depois do acontecido, a coisa ficou agitada. Carros queimados, pedras lançadas, o de sempre.

Atif fez um gesto afirmativo com a cabeça, bem devagar, e tomou um gole de café.

— Eu pessoalmente ficarei de olho em Tindra e na mãe dela. Por conta da amizade de longa data — acrescentou Abu Hamsa. O homenzinho olhou para

Atif, dando a entender que esperava algum tipo de reação.

— Obrigado, Abu Hamsa. Sei que Adnan apreciaria o seu gesto.

Abu Hamsa continuou olhando para ele. Por fim, sorriu.

— Você está diferente, meu amigo. Mais calmo, nem um pouco irritado, como era antes. Além disso, você parece muito mais saudável e seu árabe está muito bom. Fez muito bem em se mudar. Quem sabe como tudo acabaria se o seu irmão tivesse ido também, ou eu mesmo, para falar a verdade. Mas é preciso ter muita coragem para fazer o que você fez, deixar tudo para trás. Começar do zero. Coragem que muitos de nós não têm. — Ele fez mais um gesto em direção ao teto. — Tudo bem, meu amigo, vou deixar você tomar seu café. Muita satisfação em vê-lo, apesar de as circunstâncias não serem as melhores. Por favor, dê minhas condolências à sua mãe. Por falar nisso, como está Dalia?

— Alzheimer — declarou Atif em voz baixa. — Ela está morando numa casa de repouso. Mas prometo falar de você para ela. Ela se lembra bem das coisas do passado. O problema é o presente.

— Entendo. Eu mesmo já cheguei à dolorosa conclusão de que esqueci muito mais coisas do que consigo me lembrar. Minha médica disse que está tudo guardado dentro do meu cérebro, que perdi apenas o caminho até lá, como quando o mato cresce numa trilha aberta na floresta. Talvez ela tenha razão. Ou diz isso só para me animar. — Hamsa deu uma batidinha no ombro de Atif. De leve, quase com cuidado, o que fez Atif sorrir imediatamente. — Adeus, querido amigo. Agora vou dar as minhas condolências à jovem e linda viúva. Se precisar de alguma coisa, espero que entre em contato. Cassandra tem meu telefone. É só ligar. Seja o que for. — Ele deu uma piscada como se insinuasse algo.

— Ah, é? Achei que você se aposentaria? — questionou Atif.

— *Inshallah*! — O homenzinho deu uma gargalhada. — Se Deus quiser. Boa viagem, meu amigo, vá em paz para casa!

Sete

ELE PRECISA colocar as coisas em ordem. Tirar o corpo lamentavelmente fraco dessa cama de hospital dos infernos e forçar a cabeça a fazer as conexões certas. Tentar entender o que estava acontecendo. Por que mentiu para seu chefe sobre os lapsos de memória? Por que anotou alertas enigmáticos para si mesmo? E por que aquele nome fazia seu pulso acelerar descontroladamente?

Jano. Obviamente o codinome de um informante, alguém importante, a julgar pelas perguntas e pelo comportamento paranoico de Bergh. O problema é que ele próprio não se lembrava de nenhum codinome. Na verdade, não se lembrava de porra nenhuma. Ou, melhor dizendo, não era nenhum Jason Bourne. Na verdade, ele se lembrava de um monte de coisa, mas nada que o ajudasse a compreender o que estava acontecendo. Era como se o AVC tivesse aberto uma fenda no cérebro e cortado os fios da parte onde os acontecimentos dos últimos anos estavam armazenados. Só restavam sentimentos indefiníveis de desconforto. Algo estava errado, muito mais errado que um corpo fraco que se recuperava de um acidente, de um corte na cabeça e de ataques de enxaqueca vindos direto do inferno. O que foi mesmo que Bergh disse da batida? As palavras não entravam em ordem.

Sarac soluçou, tentou segurar a respiração um pouco para abafar o choro. Era difícil se acostumar com as oscilações de humor. Ele era arremessado da raiva para a tristeza e dali para o medo, aleatoriamente, com algumas paradas num sentimento eufórico que quase parecia felicidade. Tudo isso dificultava ainda mais o restabelecimento de qualquer ordem na sua vida.

Que merda! Ele puxou alguns lenços de papel da mesa de cabeceira e assoou o nariz. Vai melhorar, tem que melhorar.

Uma das enfermeiras colocou a cabeça para dentro da porta.

— Você aguenta receber mais uma visita, David? É aquele homem barbudo — confidenciou, com um sorriso.

— Ummm... — Sarac tentou fingir que sabia de quem ela estava falando, mas não conseguiu.

— Mais ou menos 40 anos, um metro e noventa, bronzeado, malhado. Ele vem visitar você quase todo dia.

— Claro — assentiu Sarac aliviado. Ele reconheceu a descrição e logo ficou mais animado.

A enfermeira entrou no quarto e o homem com a barba caprichada entrou logo depois.

— Fala, David! — Ele deu um sorriso largo e apertou a mão de Sarac com as duas mãos. Continuou apertando de uma forma que fez Sarac sentir um aperto no peito. — Que bom que você está mais animado hoje.

Sarac fez que sim com a cabeça, então prendeu a respiração por um instante para evitar uma nova recaída sentimental. Peter Molnar era um dos seus melhores amigos e, além disso, era como um mentor, mas começar a chorar assim que o visse não seria a reação mais natural para Sarac. O que estava acontecendo com ele? Sarac engoliu em seco algumas vezes, e conseguiu forjar um sorriso.

— É bom pra caralho ver você, Peter — murmurou. De repente, perguntou-se desde quando falava tanto palavrão.

A descrição da enfermeira foi precisa. Ela só se esqueceu de mencionar o cabelo loiro e curto, penteado de lado e meio arrepiado, e o chiclete que ele mascava com os dentes brancos e quadrados, que exalava um cheiro de menta no quarto.

— Eu trouxe um pouco de nozes tostadas daquele lugar lá em Södermalm que você gosta.

Molnar colocou um saco plástico cheio até a boca na mesa de cabeceira.

— Quero dizer, ele pode comer nozes, não é, enfermeira? Não tem nenhuma regra proibindo? — Molnar deu uma piscada para a enfermeira, que estava ajustando o soro de Sarac, e completou com seu sorriso branco.

— Você não parece ser do tipo que se preocupa muito com regras. — Ela sorriu de volta. — Dez minutos no máximo, senão você vai se ver comigo.

A enfermeira saiu e fechou a porta devagar, aproveitando para dar uma última olhada em Molnar. Ele puxou uma cadeira e se sentou ao contrário, fazendo do encosto um apoio para os braços.

— Gata! — Deu um sorriso e indicou a porta com a cabeça. — Entendo por que você adora ficar aqui deitado sendo paparicado enquanto a gente se mata de trabalhar. A gente fez a apreensão no caso da heroína essa noite. Mais de um quilo. Sua informação estava correta, como sempre.

Molnar ainda sorria, e Sarac percebeu que, inconscientemente, imitava o gesto do amigo.

— Como eu disse, é bom ver você, Peter — declarou, tentando parecer relaxado, mas acabou soando sentimental.

A alegria que estava sentindo agora há pouco já desaparecera. Ele não se lembrava de que caso Molnar estava falando. Na verdade, de nenhum caso em que estivessem trabalhando juntos. Além disso, a presença daquele homem forte e bronzeado reforçava seu próprio estado lastimável. Tipoia, a cabeça e o estômago enrolados em ataduras. O humor oscilando o tempo todo, isso sem mencionar a fraqueza. Ele deve ter perdido pelo menos cinco, seis quilos de músculo por ficar deitado aqui, talvez até mais. Molnar parece ter percebido que Sarac estava triste porque logo achou um jeito de quebrar o silêncio.

— Os rapazes mandaram um abraço. Eles queriam vir também, mas eu pedi que esperassem um pouco. Acho que você precisa se recuperar primeiro, depois de tudo pelo que passou.

Sarac mexeu a cabeça devagar, um aceno positivo, e inconscientemente levou a mão à cabeça.

— Trombei com Bergh. Ele disse que você tem alguns lapsos de memória — comentou Molnar.

Sarac respirou fundo, tentou se concentrar, mas a dor de cabeça entrou na frente.

— Então... — disse Sarac. Pigarreou para a voz ficar mais estável. — Não é que nem nos filmes. Eu sei quem eu sou, onde moro, como minha mãe e meu pai se chamavam, a escola que estudei, como amarrar o cadarço, essas coisas. — Gesticulou com as mãos, procurando as palavras certas. — Mas tudo isso está lá longe. É como se eu não estivesse, tipo... presente. Como se estivesse observando de longe, entende?

Molnar assentiu, bem devagar. Os olhos azul-claros fitavam Sarac como se o que ele estava falando fosse extremamente interessante. Peter conseguia fazer as pessoas se sentirem vistas, apreciadas.

— E a batida, você se lembra de alguma coisa? — perguntou em voz baixa.

Sarac meneou a cabeça, achou melhor dizer a verdade.

— Na verdade, não me lembro de nada dos últimos anos. Depois de 2011, tenho apenas fragmentos que ficam vagando na cabeça. Mas vai passar — acrescentou depressa. — A médica disse que, assim que o inchaço diminuir, tudo vai ficar claro. É só uma questão de tempo.

Essa última parte não era exatamente verdade. A Dra. Vestman era cautelosa demais para fazer promessas desse tipo. Mas tanto faz. Sarac tinha decidido. Ele iria melhorar, tanto a cabeça quanto o corpo, e isso em tempo recorde.

A dor de cabeça mudou um pouco de lugar, como uma aranha esticando as pernas.

— Então quando exatamente termina sua memória? Você entrou para a Divisão de Inteligência no começo de 2011. Fui eu quem recrutou você.

— Sim, disso eu me lembro bem, sem problema.

— Você lembra especificamente no que estava trabalhando? — Molnar se inclinou um pouco para a frente.

— Claro. Eu recruto e gerencio informantes. Pessoas que dão dicas, fontes

secretas, pessoas que podem ser úteis para a gente.

Sarac levou a mão à testa. As patas da aranha envolveram a cabeça dele e se apossaram do cérebro. Um chiado fraco, que ele pensou primeiro que fosse das lâmpadas do teto, começou a preencher todo o crânio. As palavras de Molnar foram perdendo nitidez.

— E você é muito bom nisso, David. Na verdade, você é o melhor profissional na nossa área que eu já conheci. E estou me incluindo. Competente, leal, motivado, a gente sabe que pode contar com você. Além disso, você sabe exatamente como ler as pessoas. Na verdade, é até meio macabro. Você parece ter um sexto sentido para achar uma brecha, fazer as pessoas contarem seus mais profundos...

Segredos.

Algo surgiu, de repente, na cabeça de Sarac. Uma breve imagem de um carro estacionado. Pintura escura, um BMW ou talvez um Mercedes.

— Deixei a Divisão de Inteligência no começo de 2012, quando me ofereceram o cargo de chefe da Força Tática Especial. Mas você e eu continuamos trabalhando juntos. Você se saiu melhor do que eu no meu antigo trabalho. Seus informantes eram os melhores, davam informações de qualidade muito superior.

As palavras de Molnar se misturavam. A imagem que estava se formando na memória de Sarac ficou imediatamente nítida. Ele está sentado dentro do carro, ao volante... ou será no banco traseiro? A perspectiva oscila, parece mudar o tempo todo. Um homem corpulento com a cabeça raspada entra e se senta no banco do carona. Ele enche o carro com o cheiro de cigarro e de outra coisa. O cheiro de medo.

— Foi depois dessa apreensão que Bergh e, de forma indireta, Kollander te deram carta branca. Você não se lembra mesmo disso? Deu um monte de manchete, Kollander e a delegada regional estiveram até na TV e levaram a fama.

Sarac não respondeu. Só conseguiu balançar a cabeça de leve.

— Então você deu início a um projeto supersecreto. Um informante em

especial.

— Jano... — murmurou Sarac.

Molnar não falou nada, a menos que a dor de cabeça de Sarac tivesse afetado sua audição. De repente, tudo estava totalmente estagnado, uma perfeição de profundo silêncio. A única exceção era a batida do seu próprio coração. Tentou recobrar a imagem do homem do carro. Tentou ver o rosto dele. Mas tudo que conseguia ver era uma figura abstrata. Uma cobra feita de tinta preta, que se esgueirava por uma brecha num colarinho. Um ruído baixo ia aos poucos ficando mais alto. Ferragens de carro que se retorciam e protestavam em tormento. Depois um choque violento.

Sarac se arrepiou e acordou de repente.

— O acidente... Conta para mim...

Molnar ficou calado por um tempo. A língua percorreu os uniformes dentes da frente.

— Por favor, Peter, eu preciso saber. — Sarac colocou a mão no braço de Molnar. Ele mordeu o lábio inferior, parecia pensar no caso.

— Você me ligou do seu celular. Falou tudo embolado, desconexo. Você não quis dizer o que estava acontecendo, só disse que tinha acontecido algo e que você estava numa enrascada. A gente largou tudo, pegou o carro e saiu para te encontrar, mas, quando a gente chegou ao lugar marcado, só viu seu farol traseiro.

A voz de Molnar sumiu de novo.

— ... impossível de alcançar. Você estava dirigindo como se o diabo em pessoa estivesse no banco de trás.

Sarac estava de volta ao carro estacionado. A cobra negra subindo pelo pescoço do homem ganhou vida de repente, ela se movia no ritmo da voz dele.

— Queria propor uma troca. — As mãos dele eram fortes, mas a voz surpreendentemente fina. Quase infantil. — Seus segredos em troca dos meus. — Molnar esboça um sorriso cínico, tentando parecer valente, embora esteja coberto de medo. A jaqueta de couro range quando ele vira o corpo. — Então, o

que você me diz, a gente tem um trato?

Começa a nevar do lado de fora. Flocos de neve pesados, caindo um atrás do outro. Vão se acumulando nos para-brisas como uma coberta branca, grossa, até que as fachadas das casas em Gamla stan ficassem encobertas. De repente, Sarac tem a impressão de que há mais uma pessoa no carro. Alguém que está se escondendo no banco traseiro. Ele consegue discernir um par de olhos familiares no retrovisor, barba por fazer e um capuz puxado escondendo o rosto nas sombras. O diabo em pessoa.

Um cheiro adocicado e químico toma conta do interior do carro. O cheiro é bem familiar, dá para reconhecer imediatamente. O óleo lubrificante de alguma arma de fogo.

Ele vê a silhueta da pistola sendo erguida na direção da nuca do homem, bem onde a cobra negra rasteja. Segura a respiração antes de...

O ESTRONDO fez Sarac abrir os olhos. Molnar estava de pé, inclinado sobre ele com as mãos a apenas alguns centímetros do seu rosto.

— David, você está me ouvindo?

Ele estalou os dedos na frente do nariz de Sarac, forçando-o a piscar. Sarac abriu a boca, engoliu ávido uma mistura de saliva e ar. Tossiu e ofegou em busca de ar ao mesmo tempo que o coração disparava em pânico. Um aparelho apitou em algum lugar ali perto, do corredor se ouviam passos apressados.

— Você apagou. — A voz de Molnar tremia um pouco. — Sua cara ficou toda azul, você me assustou pra caralho, David.

Ele colocou a mão no ombro de Sarac e deu um aperto leve.

— Você não vai morrer e me deixar agora, não é? Não depois de todo o trabalho que a gente teve para tirar você dos destroços do carro. — O tom de Molnar era brincalhão, mas também tinha uma pitada de preocupação.

Sarac pegou a mão dele.

— J-Jano — gaguejou. — Fodeu tudo.

As lâmpadas no teto tremularam. Ele suspirou de novo em busca de ar. O

medo lhe causava um aperto no peito, as pernas da aranha espremiam sua cabeça.

— A gente precisa encontrá-lo, Peter. — Suspirou. — É tudo culpa minha.

Os funcionários do hospital encheram o quarto de uma vez, três ou quatro jalecos brancos, talvez mais. Sarac sentiu Molnar ser empurrado para o lado, depois uma máscara de oxigênio foi posicionada sobre o nariz e a boca. Tudo ficou embaçado, o quarto flutuava em um campo único de dor e cores.

— ... um ataque de enxaqueca violento, mas não dá para descartar a possibilidade de hemorragia — disse a voz da Dra. Vestman. — Ele precisa voltar para o CTI.

A cama começou a se mover, uma sensação estranha. Várias figuras flutuavam por cima dele, apareciam e desapareciam do seu campo de visão turvo. Jalecos brancos, verdes. Rostos cobertos de máscaras. Imaginou ter ouvido uma voz. Um sussurro próximo da sua orelha direita. Tão fraco que ele quase não entendeu.

— *Proteja o segredo, David. Você prometeu!*

A voz se misturou aos outros barulhos ao redor. E se calou.

Depois disso...

Nada.

Oito

TUDO É uma questão de atitude, pensou Jesper Stenberg. Se tiver a atitude certa e se focar na coisa certa, a pessoa consegue superar qualquer dificuldade.

Ele tem um quadro com uma citação de Robert Kennedy em uma das paredes. Era um presente pela mudança, que Karolina convenceu os zeladores a pendurar acima da mesa de madeira maciça, bem a tempo de seu primeiro dia no ministério. *Nenhuma sociedade funciona sem um sistema de justiça que seja controlado democraticamente, justo, bem equilibrado e poderoso*. Bobby Kennedy não hesitava em fazer o que era preciso. Não se deixou distrair pelos jogos de poder daquela época. Ele se dedicou a ser o mais útil possível para a sociedade. Havia focado no alvo mais alto.

Stenberg acreditava que tinha feito uma escolha semelhante. Ou era um homem que havia levado sua frágil amante ao suicídio, ou então era alguém que se submeteu aos caprichos descabidos de uma pessoa comprovadamente doente por um tempo longo demais. Uma pessoa que estava no lugar errado, na hora errada.

O suicídio de Sophie era inevitável. Se não fosse pelos antidepressivos, muito provavelmente já teria acontecido há muito tempo, sem que o tivesse afetado. Mas, em vez disso, ela se matou de um jeito diabolicamente estudado. Literalmente falando, tentou envolvê-lo no caso. Queria mesmo bater de frente com ele, com sua família e com o futuro deles. Por isso, as providências que Stenberg tomou não foram nada além de legítima defesa. Sophie tentara destruir

sua vida, mas ele não admitiria isso, nem se custasse todas as suas forças.

Ele tinha dado marcha a ré para dentro da garagem com o corpo dela no capô do carro. Fez o possível para não encarar o olhar de Sophie no outro lado do para-brisa quebrado. Estacionou no canto mais escuro do estacionamento e cobriu o capô com uma lona que tirou de um carro esportivo. Depois se forçou a deixar o local com toda a calma, resistindo à tentação de fugir desesperadamente.

A ligação foi feita depois de meia hora. Ele precisou tentar três vezes antes de os dedos obedecerem e apertarem o número certo da agenda. Depois ele seguiu todas as instruções, pegou um táxi e foi para casa, tirou a roupa antes de virar meia garrafa de uísque e capotar no sofá.

Nos dias seguintes, sentiu-se até bem, mas as noites eram ruins. Assim que fechava os olhos, via o rosto de Sophie todo disforme, colado na sua retina. Olhava para ele com olhos inquisidores, e Stenberg acordava com um grito. Ele jogou toda a culpa no emprego novo, no estresse das últimas semanas. Karolina, como sempre, apoiava-o. Ouvia, consolava, fazia chá de camomila para ele e deixava uma ou outra de suas revistas de autoajuda na mesa da cozinha. Foi numa delas que Stenberg leu que, quanto mais o cérebro se enfurnava em um acontecimento, mais difícil era se livrar dele. Por isso que se deveria escolher conscientemente quais pensamentos manter e quais abandonar. E só alguns dias depois de o choque ter passado que ele escolheu os caminhos do seu pensamento. Após isso, os pesadelos quase desapareceram por completo.

A investigação policial o deixara mais confiante. Ele leu cada linha, mas pulou as fotografias do local do acidente e da necropsia. A princípio, tudo estava correto, não faltava nenhum fato importante. Pelo menos nada que pudesse interferir no resultado final.

No fim, o corpo foi encontrado por um jornaleiro. Estava no para-brisa de um Volvo estacionado bem abaixo da janela do escritório dela. Na mesa, estava o iPad dela com a carta de despedida. Umas duas linhas dizendo que não suportava mais, que não queria voltar para a clínica. A carta havia sido mandada para o e-

mail do trabalho do pai dela, na mesma noite, apenas alguns minutos antes de Sophie ter sido encontrada. Além disso, no seu apartamento, havia uma quantidade enorme de psicotrópicos, receitados por médicos suecos e estrangeiros. Uma cadeira estava posta em frente à janela aberta, a porta estava trancada. O atestado de óbito confirmava o que já estava claro: A *causa mortis* era um traumatismo violento, no estômago havia uma mistura de comprimidos e álcool.

Como era de se esperar, Stenberg tinha ligado para John Thorning para expressar suas condolências. Ensaiou por horas para não errar as palavras e manter a voz firme, antes de digitar o número do telefone com as mãos tremendo. Mas, no fim, foi bem anticlimático. A chamada foi transferida para a secretária de John, que informou que o pai de Sophie não queria receber nenhum telefonema, nem mesmo dele. O alívio era inigualável, e Stenberg quase caiu na gargalhada. Depois, escreveu uma carta de condolências com facilidade.

Nosso profundo sentimento por essa perda trágica...

O funeral foi uma cerimônia silenciosa, apenas os membros mais próximos da família estavam presentes. Suicídio não era nenhum acontecimento que a família Thorning queria divulgar. Karolina obviamente tinha encomendado uma coroa de flores de muito bom gosto. Lírios, que simbolizavam pureza, narcisos brancos, para amizade e encerramento. Uma escolha quase perfeita.

E como sempre, depois de um final, veio um novo começo. O plano dele estava em andamento. A necessidade era óbvia, a discussão avançava. Só faltava alguém tomar a iniciativa. Alguém que tivesse a coragem, a vontade e a força de se atrever a tomar as rédeas.

O sistema jurídico era totalmente obsoleto, um produto dos anos cinquenta, que foi remendado e que não tinha a menor chance de vencer os desafios e as ameaças do século XXI. É preciso proporcionar uma visão totalizadora e aproveitar os recursos onde eles davam resultados mais produtivos, em vez de distribuir um pouco para cada canto. Estar mais sincronizado com a realidade, fornecer resultados concretos que a comunidade conseguisse entender e fazer

algum uso deles.

As primeiras providências já tinham sido tomadas. Stenberg havia se aliado ao seu velho funcionário Oscar Wallin. Com ele, recrutou alguns dos seus colegas, escolhidos a dedo, diretamente do Departamento de Crimes Nacionais para fazer uma “investigação especial para o Ministério da Justiça”. Wallin e Stenberg trabalharam juntos em Haia, um sabia exatamente onde o outro pisava. Tinham o mesmo objetivo.

Na verdade, a tarefa de Wallin era simples: identificar os melhores métodos de trabalho do país e trazer os funcionários mais competentes. Inteirar-se no que é compatível com uma nova e moderna organização, quem está preparado para fazer parte dela. E quem não está.

Faria inimigos, estava ciente disso. O sistema jurídico estava cheio de burocratas de carteirinha e arquivadores. Policiais, promotores e juízes com títulos pomposos, com benefícios adicionais e hipotecas caras cujas contribuições para o funcionamento do sistema eram, no mínimo, questionáveis. Muitos deles veriam suas carreiras chegarem ao fim e seriam mandados para o olho da rua.

Atitude, pensou novamente. Tudo era uma questão de atitude. Ver o todo, para além dos detalhes, não hesitar diante de decisões incômodas.

O telefone da sua mesa tocou. Normalmente as ligações passam pela secretária, mas essa era a linha direta dele. Deve ser Karolina.

— Stenberg.

— Boa tarde, Sr. Stenberg — disse uma voz seca.

Stenberg se levantou abruptamente, olhando depressa para a porta.

— V-Você não pode ligar para cá. Todas as chamadas são gravadas.

— Calma, essa ligação não pode ser rastreada, isso posso garantir ao senhor — disse o homem do outro lado da linha.

Stenberg engoliu em seco e tentou colocar os pensamentos em ordem.

— O que você quer?

— Para começar, gostaria de parabenizar pelo novo emprego, senhor ministro

da Justiça. A imprensa diz que o senhor tem um futuro brilhante pela frente.

Stenberg não disse nada.

— Pensei que chegou a hora de discutirmos o pagamento pelos nossos serviços. Imagino que o senhor, ministro, tenha ficado satisfeito com as providências. O caso está, de fato, encerrado. Uma mulher sozinha e infeliz que decide tirar a própria vida.

Stenberg respirou fundo. Ele estava preocupado com essa ligação desde a semana após a morte de Sophie, mas, como não tinha ouvido nada por um mês inteiro, quase se convencera de que ela não aconteceria. Idiota, é claro. O homem do outro lado da linha vivia desse tipo de serviço. Stenberg falou com uma voz mais grave, para parecer que tinha o controle da situação.

— Quanto?

— Bem, não queremos dinheiro, ministro.

Stenberg esperou, fechou os olhos por um momento. O rosto de Sophia esmagado no para-brisa estava de volta à sua retina, e ele rapidamente abriu os olhos. Precisava dar um fim nessa história, agora mesmo. Caso contrário, nunca seguiria adiante.

— Então o que você quer?

— Ah, nada de mais. Coisa que o ministro da Justiça do país, o chefe de todo o sistema policial da Suécia, com certeza consegue fácil.

— E seria...? — Stenberg prendeu a respiração inconscientemente.

— Um nome. — A voz do outro lado da linha parecia até entretida. — O nome da pessoa que se esconde por trás do codinome Jano.

Nove

ATIF HAVIA se despedido. Deu um beijo respeitoso no rosto de Cassandra antes de lhe entregar o envelope com as notas de dólar. Não era muito, porque os custos com a casa de repouso da mãe consumiam uma grande parte do salário dele. E, pela expressão de Cassandra, pôde perceber que ela achava que a quantia no envelope não era suficiente.

Tinha abraçado Tindra por tanto tempo que as juntas dos dedinhos da menina deixaram marcas no seu pescoço. Atif percebeu que não queria soltá-la mais.

— Por que você precisa ir, *Amu*?

Tentou achar uma boa resposta. Não encontrou nenhuma. Cassandra ajudou.

— O seu tio precisa viajar, querida. Ele precisa voltar para casa para tomar conta da vovó. Mas você vai poder mandar um e-mail para ele de vez em quando. Mandar um dos desenhos lindos que você faz no seu iPad.

A ideia dos desenhos parece ter ajudado, porque Tindra soltou o pescoço dele. Depois se debruçou na janela e acenou até perder o tio de vista.

Atif percebeu que sentiria saudades de Tindra. Do seu olhar intenso, de como ela colocava a mãozinha na dele. O jeito como ela inclinava a cabeça quando discordava de algo. Exatamente como o pai, quando tinha a mesma idade. Talvez devesse ter se oferecido para ficar um pouco mais, ter passado mais tempo com Tindra. Mas que tipo de exemplo poderia ser para ela? Tinha certeza de que Cassandra o ajudaria a responder essa pergunta. O mesmo exemplo que foi para o pai dela. Um exemplo que desapareceu quando ele mais precisava.

A ACADEMIA parecia bem cuidada. Ficava na periferia de uma área industrial, a apenas dez minutos do trem interurbano. A julgar pelos mais de trinta carros no estacionamento, parecia também ser muito frequentada. A maioria era formada por SUVs Honda CR-VS, vários modelos de Volvo XC e alguns outros carros mais caros. Quase todos eram típicos utilitários esportivos, com certeza vindo dos bairros residenciais que ficavam perto dali. Estratégia muito mais inteligente do que apostar em rapazes mais jovens da periferia, que não teriam condições de pagar as mensalidades. E muito menos problemas também, com certeza. Calmo, sem brigas, uma renda fixa, com certeza Adnan pensara assim.

Atif não sabia exatamente por que havia decidido passar por lá. Na verdade, no fundo, isso não era exatamente verdade. Mesmo que não fosse tão longe do cemitério, ele não tinha a menor vontade de voltar lá, então, aqui podia dar um adeus desajeitado a Adnan. O sonho que o irmão nunca conseguiu realizar. De certa forma, um lugar até que adequado para uma despedida.

Entrou no estacionamento com o carro alugado, devagar. Tentou olhar pelas enormes janelas panorâmicas, mas o insulfilm não deixava ver muito do lado de dentro. Não importa. Estacionou o carro numa vaga vazia, desligou o motor e olhou as horas. Ficou sentado por um minuto ou mais e se forçou a pensar em Adnan.

Havia se convencido de que tinha feito o que podia. Adnan viveu sua própria vida, tomou suas próprias decisões e pagou o preço delas. Além disso, eles eram bem diferentes, não só na idade, mas de todas as formas possíveis. Adnan, ao contrário dele, era bom na escola, querido por todos, o filho favorito. Teve todas as chances que ele mesmo não teve. Atif estava de luto pelo irmão, é claro, mas seus sentimentos iam além disso. Culpa, esse era fácil de identificar. Raiva também. Um sentimento vago de vingança também podia ser notado, mesmo que ele o mantivesse sob controle. Mas havia outro sentimento ali, do qual se envergonhava e cujo nome ele não queria nem pronunciar, nem em pensamento.

Atif ligou o carro e circulou o prédio. Nos fundos, logo ao lado das lixeiras, tinha uma fileira de carros de luxo estacionados. Um deles era um familiar Audi

com rodas cromadas. Atif virou na próxima esquina do edifício e chegou à saída. Parou um pouco e olhou as horas. Três horas e trinta e cinco minutos para o avião decolar. Tempo suficiente.

A RECEPÇÃO tinha piso de ardósia preta e um pé-direito de pelo menos cinco metros. Música ao fundo em ritmo constante vinha do canto mais afastado do local, e por trás de uma janela de vidro fosco dava para distinguir corpos em movimento.

Do lado esquerdo, atrás de outra janela de vidro, havia vários aparelhos de academia reluzentes. Dois rapazes com corpos malhados treinavam supino lá dentro, mas estavam tão concentrados no que faziam que nem olharam para sua direção. O balcão da recepção estava vazio, mas uma seta grande dizendo *Café* apontava para uma porta fechada no canto direito do local.

Atif caminhou em direção à porta fechada. No caminho, percebeu as câmeras de vigilância. Das mais caras, com visão noturna; normalmente não se viam dessas em qualquer academia. Na verdade, ele não sabia exatamente por que tinha entrado ali, foi mais por impulso. A academia, o Audi e o dono dele, Cassandra — Atif não tinha nada a ver com isso tudo. Além do mais, já desconfiava de quem era o dono do carro. Mesmo assim, não conseguiu resistir à tentação de entrar e saber se estava certo.

Ao lado da porta do café havia uma solitária cadeira dobrável, e, em cima dela, uma garrafa com um conteúdo rosa pela metade. A placa na porta mostrava *Fechado*, mas Atif conseguia ver movimento do lado de dentro através do vidro fosco. Ouviu a voz inconfundível de Abu Hamsa e colocou a mão na fechadura da porta, mas uma voz estranha o fez hesitar. Será que tinha ouvido errado? Atif ficou parado um instante escutando a conversa.

— Você não precisa se preocupar, meu amigo, de jeito algum — disse Abu Hamsa. — Eu o conheço desde que era pequeno.

A outra voz resmungou alguma coisa incompreensível:

— ... causar algum problema?

— Não, não, ele engoliu a versão oficial. Adnan Kassab está morto e enterrado, não importam nossas diferenças, precisamos continuar empenhados em pegar o traidor antes que ele custe tudo o que a gente construiu.

Atif sentiu o coração bater forte. Chegou um pouco mais perto da porta, com muito cuidado, para ouvir melhor.

— .... vai com o nosso informante? — perguntou outra voz.

— O advogado está trabalhando nisso. Mas pelo visto existe algum tipo de problema. Crispin está certo de que é apenas temporário, que as coisas logo estarão nos trilhos de novo.

— É bom que ele esteja certo, pelo tanto de dinheiro que a gente pagou — declarou uma voz com um sotaque cantado do Leste Europeu.

— Aí você está sendo meio injusto. O informante de Crispin ajudou muito até agora, com ele pelo menos a gente pode compensar o prejuízo que o traidor deu. No fundo, se não fosse ele, a gente nem saberia que esse tal de Jano existe de verdade — retrucou Abu Hamsa.

Um silêncio incômodo tomou a sala e continuou por um tempo longo demais. Atif logo entendeu qual era o problema. O nome que Abu Hamsa tinha acabado de falar: Jano.

— Vou te falar mais uma vez — disse uma voz seca. — Vocês foram instruídos a me entregar o traidor. Vivo e ileso. Ninguém fala com ele antes de mim.

— Nenhum problema para mim — avisou a voz que resmungava e era difícil de entender. — Garanto que não é um dos meus rapazes. Nenhum dedo-duro trabalha com a gente.

— Belas palavras, Lund. Seria uma pena se você tivesse que engolir o que disse — constatou alguém.

Atif ficou pensativo. Tinha ouvido corretamente antes, sem dúvida. Aquela voz pertencia a outro velho amigo. Apesar de que “amigo” não era bem a palavra certa. Na última vez que se encontraram, aquele homem havia botado uma pistola na cabeça dele e jurado matá-lo.

— O fato é que o traidor poderia estar sentado nessa sala, nesse exato momento. Fora o consultor, cada um aqui é suspeito, não é? — disse aquela voz bastante familiar.

— É exatamente por isso que vocês têm que deixar essa coisa de gato e rato comigo e com minha equipe — declarou a voz seca novamente, curta e grossa, quase militar. Provavelmente era do tal fulano que eles chamavam de consultor.

Atif lembrou que Abu Hamsa tinha dito algo sobre consultores no velório. Ele devia estar falando desse homem.

— Somos especialistas nesse tipo de investigação e, além disso, não há nada que possa tirar nosso foco. O traidor Jano é o nosso trabalho, a nossa única prioridade, e o melhor que vocês podem fazer é ficar fora do caminho — continuou a voz seca.

Novamente o nome fez a discussão parar. Como se nenhum dos homens lá dentro quisesse ser o primeiro a falar logo depois de o nome ter sido pronunciado.

O som de uma descarga vindo de um banheiro a alguns metros dali fez Atif dar um passo para trás. Ele olhou na direção e viu que uma das portas estava com o sinal vermelho na fechadura. Alguém estava ocupado lá dentro e abriria a porta a qualquer momento. Atif olhou para a saída e viu que não daria tempo, mas havia outra porta mais perto. Deu dois passos e puxou a maçaneta. Estava destrancada e dava para um quartinho de despensa com materiais de limpeza. Atif se espremeu e fechou a porta no exato instante em que a porta do banheiro abriu.

Ele espiou pela fresta da porta. Um homem que parecia um gorila passou por ele, pegou a garrafa e se sentou na cadeira dobrável a uns dois metros de Atif. Era mais baixo que ele, tinha o cabelo preto raspado e um brinco de diamante. Os músculos do peitoral eram tão bombados que os braços ficavam num ângulo estranho. Uma tatuagem aparecia por baixo de uma das mangas da camiseta e encobria a pele até a altura do punho. Atif o reconheceu imediatamente, era um dos homens no velório. Dino, ou algo parecido.

O homem virou o restante do suplemento de proteína e deu um longo arroto. Pegou o celular e começou a mexer nele. Atif demorou um pouco para perceber que Dino estava ali por um motivo. O trabalho dele era cuidar para que os homens lá dentro pudessem conversar sem serem incomodados. Mas ele era um guarda meio distraído.

Atif olhou para o relógio de pulso. Três horas e vinte e cinco minutos, sem pressa ainda. Observou cuidadosamente o quartinho. Dois metros quadrados e, naturalmente, nenhuma janela. O cheiro de amônia e desinfetante fazia seus olhos lacrimejarem.

Dino arrotou de novo, logo depois veio um gemido e um barulho de um longo peido molhado. Atif espiou pela fresta da porta e o viu se mexer um pouco na cadeira. De repente, deu um pulo e estendeu a mão na direção de Atif. Mas, antes que tivesse tempo de reagir, o homem desapareceu do seu campo de visão e um tempo depois ouviu a porta do banheiro bater de novo. A fechadura virou de uma só vez, em seguida uma enxurrada violenta e um gemido de alívio.

Atif saiu sorrateiramente da despensa, esgueirou-se pela recepção e saiu do local pelo mesmo lugar que havia entrado.

ELE ENCONTROU um bom ponto de observação em um terreno vizinho. No meio de uma fila de caminhões estacionados, com uma cerca de metal que ofuscava um pouco a visão, mas que não deixava o carro dele ser visto do outro lado. Três horas e dezenove minutos para o avião partir. O caminho até Arlanda levaria uma hora, ainda dava tempo. Atif inclinou a poltrona para trás e tentou se esticar o máximo possível. Queria ter o seu binóculo militar agora.

O prazo de Atif encolheu mais vinte e cinco minutos até acontecer alguma coisa. Abu Hamsa saiu primeiro, acendeu um charuto e entrou no Audi. A suspeita de Atif estava correta. O tom de voz do velhote quando ele falou de Cassandra era revelador. A promessa dele de cuidar da família e o fato de Cassandra ter o celular dele esclareciam as coisas. A pergunta era quanto tempo depois da morte de Adnan o velhote começou a fazer o papel de patrocinador

dela. Ou será que ele já bancava a moça antes do assassinato de Adnan? Porém, mais uma vez, Atif se obrigou a lembrar que isso não era da conta dele. Cassandra tomava suas próprias decisões, e um caso com Abu Hamsa talvez fosse um preço baixo a pagar para ter sua família sob os cuidados de alguém.

O homem de pernas tortas que saiu logo atrás de Abu Hamsa era grande, muito mais gordura do que músculos. Colete de couro, cavanhaque comprido e o cabelo loiro trançado. Membro de alguma gangue de motoqueiros suecos tipo a 1A. Era Micke Lund, Atif reconheceu logo, que sete anos atrás tinha se tornado sargento dos Hells Angels. A essa altura, Lund já devia ter uns 50 anos. Uma jaqueta grande escondia a maior parte do colete de couro, mas Atif conseguia distinguir o símbolo da gangue em vermelho com um fundo branco. Ainda fazia parte do Hells Angels.

O motoqueiro parou e enfiou um punhado de tabaco na boca, esperando o homem que vinha logo atrás. Outro motoqueiro, um que não sentia frio, usando um colete com Bandidos escrito em amarelo e vermelho. Cabelo curto, jovem e bem mais em forma que Micke Lund; além disso, menos loiro e com o olho menos azul que o estereótipo. Mas os dois homens não pareciam ter problemas um com o outro. Pelo contrário, ficaram ali por alguns minutos e conversaram amigavelmente enquanto outros dois homens saíam para se juntar a eles. Esses estavam com roupas esportivas e tinham o cabelo raspado, testa larga e o rosto ossudo. Aparência típica do Leste Europeu, provavelmente russos.

Os dois acenderam um cigarro, ofereceram um para o rapaz do Bandidos enquanto Micke Lund se contentava em mascar seu tabaco. Eles ficaram ali conversando por mais alguns minutos, pisoteando a neve. Quando outro homem com cara de caveira saiu pela porta, os quatro se entreolharam, cumprimentaram-se com apertos de mãos apressados e cada um foi para seu carro.

O caveira ficou parado enquanto acendia um charuto. Fez um aceno um pouco sarcástico para os outros carros e depois entrou num Porsche Cayenne enorme. Atif estudou o homem, constatou que ele tinha ouvido bem lá na

academia. Sua aparência — careca, nariz adunco e olhos profundos — era inconfundível. Era o seu velho amigo Sasja. Um herói de guerra dos Bálcãs, capaz de qualquer coisa, um homem sem limites. No primeiro trabalho que fizeram juntos, Sasja cortou os dedos de um cara com uma tesoura de poda. Continuou até só sobrarem os dedos indicadores, mesmo depois de o cara ter se dobrado de dor e ter falado tudo o que ele queria saber. Violência era uma coisa, mas Sasja era um sádico de corpo e alma. Eventualmente Atif havia pedido para não trabalhar mais com ele. Pelo jeito a informação chegara até Sasja e como agradecimento ele colocou a arma na cabeça de Atif no meio de uma boate. Explicou que, da próxima vez que os dois se deparassem, ele puxaria o gatilho sem se importar com a quantidade de testemunhas. Logo depois a mãe de Atif ficou doente. E, como Atif viajou com ela para o Iraque, o caso ficou por isso mesmo. Mas, a julgar pela conversa lá dentro e os olhares que os motoqueiros e os homens do Leste Europeu trocaram no estacionamento, ele não era o único que tinha problemas com Sasja. Sua presença na reunião, o terno e o carro caro significavam com segurança que ele havia subido alguns degraus. Era alguém para ser levado em conta.

Duas gangues diferentes de motoqueiros, alguns caras do Leste Europeu, Abu Hamsa e Sasja. A discussão que ele tinha ouvido era uma reunião de cúpula.

O último homem não saiu antes de o carro de Sasja ter deixado o estacionamento. Trinta e cinco anos ou mais, terno, casaco, cabelo preto curto e olhar atento. Mais que isso não dava para saber de longe. Tinha um andar leve, refletia mais autoconfiança que os outros, mais controle. Além disso, estava mais tranquilo que os homens que saíram da academia antes dele. Muito menos tenso.

Com certeza absoluta ele era o consultor de quem Abu Hamsa tinha falado. De fato, ele lembrava um pouco um militar. Ou um policial.

O Consultor parou brevemente ao lado da porta dos fundos e colocou um par de óculos aviador. Depois caminhou devagar até um Range Rover escuro enquanto olhava ao redor. Ficou parado do lado de fora do carro e, por um segundo, Atif teve quase certeza de que estava olhando diretamente para ele.

Mas então a porta dos fundos da academia foi aberta e Dino ou qualquer que seja o nome do rato de academia saiu. Ele disse alguma coisa que fez o Consultor se virar, e balançou os braços de um jeito quase cômico. O Consultor respondeu, então os dois voltaram para dentro do prédio.

Atif pensou nas câmeras de segurança no interior da academia e em como era fácil voltar o filme alguns minutos. Alguns cliques no mouse e logo ele apareceria na tela.

Virou a chave na ignição e engatou a marcha. Menos de três horas para o avião decolar.

Dez

QUANDO SARAC acordou, percebeu imediatamente duas coisas. Primeiro: estava um breu. Nem mesmo a luz da tela de um monitor ou alguma outra coisa em que fixar o olhar. Então não estava no seu quarto habitual. Segundo: tinha mais alguém ali naquele breu. Percebeu algum movimento, depois alguém suspirou.

— Está me ouvindo, Sarac? — perguntou uma voz masculina baixa.

Ele virou a cabeça na direção do som enquanto tentava encontrar na memória alguma lembrança para ligar à voz. Um nome, um lugar, qualquer coisa. Mas não achou nada.

— Não é fácil encontrar você para bater um papo, Sarac. Tem muita gente de olho em você. Muita gente preocupada com o que você pode revelar.

Sarac tentou se sentar, mas se embaraçou nos tubos que estavam presos ao seu corpo.

— Você sabe quem sou eu, não sabe?

— N-Não — respondeu Sarac, mas não era exatamente verdade. Eles se conheciam, disso ele estava praticamente certo. Só não sabia de onde nem de quando. Seus olhos se adaptaram lentamente ao escuro, o homem começou a tomar forma, uma silhueta a apenas alguns metros dele.

— A gente tem um acordo, você e eu, você se lembra?

Sarac balançou a cabeça, mais uma vez sem estar muito convencido de que a resposta era não. Será que tudo era um sonho, uma alucinação que acontecia só na cabeça dele? Entrelaçou as mãos debaixo do edredom com força. Sentiu a

mão atingir algo. Um objeto de plástico conectado a um cabo. O botão de alarme.

O homem se aproximou, chegou bem perto da cama dele. Tinha um cheiro forte de tabaco. Sarac pôde distinguir um rosto franzido, a boca era um buraco negro no qual brilhava um dente de ouro. O sentimento de desconforto se tornava medo, fazendo o coração de Sarac disparar. Ele tentou pegar o alarme.

— Trato é trato. Você sabe as consequências que te esperam se quebrar o acordo.

Sarac fechou os olhos o mais forte que conseguiu e apertou o botão de alarme. Uma vez, duas vezes, várias...

— Sai! — vociferou. — Vai para o inferno!

Ele ouviu vozes vindo de longe. Depois passos vindos do corredor. A qualquer momento a porta se abriria.

— Você não pode se esconder para sempre — sussurrou o homem na orelha dele. — Você vai cumprir o nosso trato, está ouvindo?

Sarac continuou gritando, vociferando até que a porta se abriu e a luz foi acesa. Ele olhou para a luz, para uma mulher de roupa branca que balançava o braço dele com cuidado.

— Como está, David?

Ele piscou, esfregou os olhos para tentar ver melhor. Além da enfermeira, o quarto estava vazio. Mas em um dos cantos havia uma cadeira. O assento estofado estava um pouco amassado, como se alguma pessoa pesada tivesse se sentado nele há pouco tempo.

O AVIÃO decolou pontualmente às oito e trinta e cinco da noite. Subiu uns duzentos metros antes de recolher o trem de pouso e virar para o leste.

Atif recostou a poltrona e fechou os olhos. Tentou montar as peças do quebra-cabeça o melhor que pôde.

1. Adnan e a gangue dele assaltam um carro-forte.

2. Por um simples acaso, se depararam com um carro da polícia à paisana.

3. O policial chama o reforço de uma força-tarefa que chega quando a gangue vai trocar de carro de fuga. Começa um tiroteio. Adnan e Juha morrem. O terceiro homem, Tommy, vira um vegetal.

Uma história totalmente coesa. Não importa o quanto a pessoa planeja, às vezes a sorte não está ao lado dela. Além disso, Adnan teve a sorte ao seu lado nas outras vezes. Dessa vez o pêndulo virou para o outro lado.

Atif tinha feito uma escolha consciente e aceitara a ordem dos acontecimentos exatamente como lhe contaram antes mesmo de chegar à Suécia. Ele decidiu que não ia fazer perguntas desnecessárias. Não saber mais do que era indispensável. Mesmo assim, não conseguiu deixar passar as palavras de Abu Hamsa.

A inveja é extremamente perigosa...

Embora Adnan se sustentasse da maneira como se sustentava e apesar de o irmão caçula ter uma capacidade infalível de transformar ouro em merda, Atif o invejava. Invejava todas as qualidades que ele próprio não tinha. Seu charme, sua família, o amor incondicional da mãe.

Será que mais alguém ao redor de Adnan sentia o mesmo? E queria tomar alguma coisa ou alguém das mãos de Adnan? Será que tinha alguma coisa a ver com Cassandra? Atif duvidava seriamente. Não importa o motivo, alguém tinha dedurado Adnan e provocara indiretamente a morte dele. Provavelmente a mesma pessoa de quem os gângsteres da academia estavam com medo.

Jano. O deus romano de duas caras. O senhor das transições, dos começos e dos términos, o deus que começava todas as guerras e que fazia com que elas terminassem. Está ligado a portais, cancelas, portas, tempo e, não menos importante, viagens.

Atif abriu os olhos e olhou para cima. O avião tinha virado um pequeno ponto de luz que se afastava bem devagar no crepúsculo. Só mais alguns minutos e terá desaparecido. Ele girou a chave na ignição, engatou a marcha e o carro se dirigiu para a saída do estacionamento do aeroporto.

Onze

PETER MOLNAR olhou pela janela para o jardim da delegacia lá embaixo. Colocou um chiclete na boca e olhou para seu relógio caro de mergulhador. Cinco minutos de atraso, como de costume. Maldito Kollander.

O joguinho de poder do chefe do Departamento de Crimes Regionais era tão previsível quanto irritante. Ele deveria fazer como Bergh, que faz questão de chegar mais tarde para ficarem quites. Uma forma discreta de mostrar o dedo para Kollander.

— Você pode entrar agora, Peter — disse a secretária de Kollander. No mesmo instante, o chefe da Divisão de Inteligência apareceu na porta do escritório.

— Bom dia, Peter! — cumprimentou Bergh enquanto levava os óculos à cabeça calva. — A gente sabe por quê? — perguntou Bergh em voz baixa e indicou com a cabeça a porta de seu chefe. Molnar fez que não com a cabeça.

— Não exatamente, mas vi Oscar Wallin no corredor faz pouco tempo.

— Puta merda — resmungou Bergh.

— Que nada, era só questão de tempo para o *Golden Boy* aparecer por aqui. Vamos descobrir no que ele está pensando?

Como se a gente ainda não soubesse, pensou Molnar. Bergh bateu à porta e abriu de uma vez. Staffan Kollander estava sentado atrás da sua enorme mesa. Como sempre, estava impecavelmente vestido com uma camisa oficial branquíssima com abotoaduras pesadas que combinavam com o dourado das

dragonas.

Molnar e Bergh trocaram olhares discretos. Nenhum deles estava de uniforme, nem a quarta pessoa na sala. Um homem de cabelo loiro claro, com rosto de menino, que estava inclinado um pouco desleixado no armário de arquivos.

— Bom dia, senhores — saudou Kollander. — Já conhecem o superintendente Wallin, não é mesmo?

— Claro, com certeza. Oi, Oscar! — Molnar e Bergh acenaram ao mesmo tempo para Wallin.

Cabelo penteado e molhado, barbeado e de terno, pensou Molnar. Um pouco diferente, se comparado à época em que patrulhavam juntos. Mas isso há quanto tempo? Dez, doze anos? Puta merda, estava ficando velho. Se não se cuidasse acabaria ficando como Bergh, pálido e gordo, com uma pança tão grande que mal dava para ver o pinto quando ia mijar. Molnar se espreguiçou inconscientemente e começou a contrair seu peitoral malhado. Que nada, não tinha nenhum risco de deixar isso acontecer.

Oscar Wallin, pelo menos, havia aproveitado bem os anos. Entrou para o treinamento de chefia oficial e fez cursos de extensão na universidade. Depois trabalhou brevemente no Tribunal Penal Internacional em Haia antes de ir parar na Divisão de Inteligência do Departamento de Crimes Nacionais. Não é surpresa que o ministro da Justiça Stenberg o tenha escolhido a dedo; eles eram farinha do mesmo saco. Ambiciosos, de altíssimo desempenho, midiáticos e, além de tudo, inescrupulosos o suficiente para chegar aonde quer que fosse.

Molnar já imaginava o porquê de Wallin lhes dar a honra de sua presença.

What goes around, comes around...

— Sentem-se. — Kollander fez um gesto em direção às poltronas de visitas à sua frente. — Eu e o superintendente Wallin tivemos uma conversa muito produtiva. A investigação de que ele está encarregado parece interessante e falei que aqui no Departamento de Crimes Regionais de Estocolmo fazemos questão de colaborar numa parceria enriquecedora.

Kollander se virou para Wallin, que ainda estava escorado no armário.

— Oscar, você quer falar um pouco mais?

— Claro, Staffan.

Wallin se ajeitou, deu alguns passos e se sentou no canto da mesa de Kollander. O lábio superior do chefe repuxou um pouco, uma microexpressão de insatisfação. Molnar se segurou para não rir.

— O ministro da Justiça Stenberg me deu uma missão bem clara. A ideia é acomodar todos os tipos de recursos-chave debaixo de um só teto. Um centro nacional de inteligência em que os recursos sejam aproveitados por completo em vez de estarem espalhados de forma desigual por todo o país. Não temos condições de sustentar várias organizações paralelas que trabalham sozinhas.

— E o que você quer de nós, Wallin? — interrompeu Bergh.

Pela segunda vez em menos de um minuto, Molnar quase abre um sorriso. Bergh é foda! Claro que agora ele era um rato de escritório, mas às vezes o velho soldado vinha à tona. Bergh tinha sido um cara durão no tempo dele. Bem durão.

Mas Wallin se recompôs depressa.

— Gestão de informantes — disse, breve. — Vocês com certeza estão conscientes de que outras divisões na região também têm seus próprios informantes. Observação Urbana, Divisão de Licenciamento Local, Esquadrão de Narcóticos e muitos outros. Sem falar no meu velho local de trabalho, a Divisão de Inteligência do Departamento de Crimes Nacionais.

Wallin sorriu para Bergh, mas o olhar era frio. O outro se retorceu um pouco, mas achou melhor não falar nada.

— Às vezes, o mesmo informante fala com gerentes diferentes, sem que eles saibam que isso está acontecendo. Isso significa que informações erradas de um informante correm o risco de ter mais atenção do que o necessário, já que os dados recebidos são confirmados por várias instâncias policiais diferentes quando, na verdade, a fonte é a mesma. Por isso o material da inteligência fica menos confiável. Acho que você concorda, não é, Bergh?

Wallin continuou olhando para Bergh por mais algum tempo, e esperou até

que ele discretamente fez que sim com a cabeça antes de se virar para Molnar.

— Além disso, acontece de, às vezes, certos gerentes esconderem informantes valiosos. Homens que poderiam ser aproveitados mais efetivamente.

Dessa vez era Molnar quem tinha de parecer indiferente. Ele usou uma estratégia diferente da de Bergh, encarando Wallin diretamente. Sem o menor sinal de se rebaixar.

— Dois dos meus colaboradores chegam depois de amanhã — continuou Wallin. — São pessoas de alto escalão de segurança e espero que vocês cooperem totalmente com eles. Precisamos dos nomes e do contato de todos os seus informantes, tudo passado a limpo. Todos, fui claro o bastante?

Wallin fez uma pausa, parecia esperar uma resposta de Molnar. Ele ainda não havia movido um músculo do rosto. Em vez disso, foi Kollander quem interrompeu.

— Claro. — O chefe do Departamento de Crimes Regionais pigarreou e depois continuou: — Como já disse antes, mal podemos esperar para nossa operação conjunta, Oscar.

— OK, ENTÃO era isso — disse Kollander quando Wallin já tinha deixado a sala. — O que vocês acham disso tudo?

— Bom — começou Bergh, e deu uma olhada rápida para Molnar —, a gente já sabia que algo do tipo ia acontecer. Nosso trabalho com informantes está no auge e nossos resultados falam por si. Como você com certeza sabe, Wallin já tinha tentado se infiltrar aqui quando estava no Departamento de Crimes Nacionais. Agora ele juntou força suficiente para exigir coisas em vez de precisar implorar por elas.

— Hum... Pensei mais ou menos na mesma coisa. Nosso ministro da Justiça parece ter um monte de ideias novas. A gente vai ter que esperar para ver como as coisas se desenrolam mais à frente. — Kollander se empertigou um pouco. — Eu e a delegada regional Swensk concordamos que a melhor estratégia é cooperar, por enquanto. Mas a gente não precisa dar tudo para eles de bandeja.

Por ora, antes das festas de fim de ano, talvez seja melhor ver quem do pessoal fez muita hora extra e quem precisa tirar algumas semanas de licença. O que vocês acham? — Kollander fez uma expressão sugestiva para os outros dois homens.

Bergh concordou.

— Tenho alguns rapazes que estão precisando fazer um curso. Ética e igualdade, a matéria preferida da delegada regional. Qual é a nossa posição sobre o assunto?

— Deferido — responde Kollander. — Ajeite os papéis e atrase a data em mais ou menos uma semana que eu assino. — Ele tamborilou sobre a mesa. — Agora o próximo assunto: David Sarac. Sabemos alguma coisa do pessoal do hospital?

— A última vez que falei com a médica foi hoje de manhã — disse Molnar. — Ele está progredindo bem, está acordado, se mexe. Mas ainda tem lapsos de memória bem grandes. Não se lembra de nada, nem da colisão, nem com o que ele estava trabalhando.

— Entendo. Uma tristeza, para não falar o pior. — Kollander entrelaçou os dedos. — O que a médica diz?

— Que com certeza Sarac vai ficar bom, mas que não tem nenhuma garantia de quanto vai melhorar. Alguns lapsos de memória podem ser permanentes. — Molnar deu uma olhada rápida na direção de Bergh.

— E o informante? Jano? — Kollander virou para Bergh, que fez que não com a cabeça.

— Ainda não ouvimos nada dele desde o acidente. Provavelmente está se precavendo, já que não consegue entrar em contato com Sarac. Esperando que alguém entre em contato com ele pelas vias convencionais. Pelo menos são as instruções que Sarac deve ter dado a ele.

— Entendo. — Kollander voltou a tamborilar sobre a mesa. — Então parece que a gente não tem ideia de por que os envelopes de Sarac estavam vazios no armário de segurança nem por que não tem nenhum dado da identidade

verdadeira dos informantes dele, nem de Jano nem de ninguém, não é?

— Não, o pior é que parece que não.

Kollander continuou o tamborilar.

— Então não temos muita escolha. Precisamos fazer um relatório formal e deixar o assunto nas mãos dos investigadores internos. Como a gente sabe, Dreyer deve tomar conta do caso pessoalmente. Mas antes preciso informar o acontecido à delegada regional.

Como se ele já não tivesse contado tudo, pensou Molnar. Com certeza a Operação Barra-Limpa já estava engatilhada.

— Quero dizer, a gente precisa estar preparado para ser interrogado sobre o que sabe a respeito de Sarac e dos métodos de trabalho dele, o que, no meu caso, é pouquíssimo — acrescentou Kollander. — Da forma como vejo, Sarac parece ter deixado de lado uma porção de regras. Ele encarou o sucesso das suas manobras como algum tipo de carta branca para agir mais ou menos como bem entendesse. Talvez a gente já tivesse feito nossas considerações sobre a competência e o futuro dele aqui no departamento. Algum documento que apoie essa discussão?

Kollander olhou para Bergh. Molnar percebeu que o olhar do mais velho estava hesitante. Merda, ele estava errado. A verdade era que a Operação Barra-Limpa já tinha começado e Sarac seria a primeira vítima.

— Então OK, senhores!

O chefe deu dois tapinhas na mesa para sinalizar que a reunião estava encerrada. Molnar respirou fundo. Ajeitou a postura e tentou parecer o mais calmo possível.

— Existe uma outra explicação para a gente não ter nenhum contato com Jano. De qualquer maneira, é um cenário que a gente precisa considerar.

— E qual é, Peter? — Kollander se inclinou por cima da mesa.

— Jano não recebe nenhum contato de Sarac há três semanas. Ele deve ter sacado que aconteceu alguma coisa. Talvez, inclusive, tenha ligado os pontos com o que saiu nos jornais sobre um policial que se feriu num acidente de carro.

Nesse caso, a essa altura ele já sacou tudo.

— Agora eu não estou entendendo direito, Peter — interveio Kollander. — Sacou o quê?

— Que não tem nenhum reserva. Sarac é o único contato dele na polícia. O único que conhece o segredo dele. — Molnar passou a língua pelos dentes superalinhados. — Imagine só: Jano está no topo da hierarquia criminosa, disso a gente sabe. A informação que ele nos deu levou às maiores apreensões em dez anos e deu um prejuízo enorme para o crime organizado. A gente está falando de pessoas que podem querer a morte dele. Todos a sua volta, basicamente.

Fez uma breve pausa para esperar a mensagem assentar.

— Eu sei, por experiência própria, que esse tipo de informante não se recruta com a mixaria que a divisão paga, então o único jeito que Sarac tinha para fisgar o cara foi encontrando um ponto fraco. Um segredo que Jano quer esconder a qualquer custo. Alguma coisa que faz com que ele prefira arriscar a vida dedurando os outros para a polícia a ter o segredo revelado.

Uma luz se acendeu no telefone que ficava em cima da mesa de Kollander, mas ele pareceu não ter notado.

— Mas, seja lá qual for o segredo de Jano, Sarac não contou para ninguém — continuou Molnar. — Não compartilhou com ninguém, nem mesmo anotou em algum lugar. Pelo menos até onde a gente sabe. Acho que Jano já tinha pensado nisso e decidiu se aproveitar da situação. Talvez até já tenha sacado tudo antes do acidente de Sarac.

— O que significa...? — Kollander franziu a testa.

Molnar fez um sinal positivo com a cabeça, e Bergh concordou.

— A gente precisa considerar a possibilidade de Jano simplesmente não querer ser encontrado, que ele está preparado para fazer qualquer coisa para proteger o segredo dele. Talvez esteja até preparado para cadáveres no caminho.

Doze

SARAC ABRIU porta com cuidado. O vigia estava mais adiante no balcão da recepção, no fim do corredor. Ele falava com uma enfermeira, e devia estar dizendo algo engraçado, porque ela riu. Uniforme cinza esverdeado, boina da Securitas na cabeça. Cinto com rádio, cassetete e algemas. Possivelmente estava ali para protegê-lo. Mas, nesse caso, de quê? De quem?

Desdobrou o bilhete amassado de novo, leu uma nova mensagem no verso.

VOCÊ NÃO ESTÁ SEGURO AQUI!

Como a mensagem anterior, ele não se lembrava de tê-la escrito. Os últimos dias eram nebulosos. Sarac havia entrado e saído do estado de inconsciência inúmeras vezes. Tinha uma memória vaga de ter estado de pé no banheiro e de alguém aplicando uma injeção nele. O restante estava nebuloso.

Sonhara de novo com o carro coberto de neve, com o homem com a cobra tatuada no pescoço. Havia sentido o medo dele, ouvira sua voz, e depois o observara morrer várias vezes quando a bala entrava na nuca dele. Mas não surgia nenhum novo detalhe que o ajudasse a entender que merda havia acontecido. Ou quem era o homem que segurava a pistola. O diabo no banco de trás.

Era a mesma pessoa que esteve sentada com ele no quarto escuro, com hálito de tabaco e que falou de um trato? E esse episódio, será que acontecera de

verdade ou era tudo apenas uma alucinação provocada pela enxaqueca? Queria acreditar nisso, mas não tinha certeza. Não aqui.

Sarac olhou o bilhete mais uma vez. Por mais absurdo que fosse, a crise de enxaqueca parecia ter ajudado um pouco. Estava se sentindo melhor, conseguia pensar com mais clareza. Havia tirado a tipoia e liberado o braço esquerdo. O ombro ainda doía, mas dava para o gasto. No entanto, a perna direita não respondia, arrastando-se à própria vontade, e não dava para confiar cem por cento no braço direito. Mas ao menos poderia circular um pouco com a ajuda da muleta de alumínio que alguém havia colocado ao lado da cama dele.

Abriu o guarda-roupa alto e estreito e pegou as roupas que estavam lá dentro. O jeans estava recém-lavado, sem o menor sinal do acidente. O mesmo valia para as meias e as botas. A camisa e a jaqueta não estavam lá, e Sarac imaginou que os paramédicos tinham sido forçados a retalharem-nas, então teve de ficar com a camisa branca do hospital. Enfiou por dentro da calça, para pelo menos parecer menos um paciente fugitivo.

As chaves e a carteira estavam na prateleira mais alta, porém não estava com seu distintivo. Algum colega deve tê-lo guardado. Talvez Bergh? Parecia lógico.

Também não encontrou o celular, o que, na verdade, preocupou-o mais que o distintivo. O telefone tinha todos os seus contatos, o registro de todas as ligações que fez até o momento do acidente. Informações que poderiam ajudá-lo a se lembrar. Precisaria perguntar isso a Molnar, encontrar um jeito de falar com ele assim que voltasse para casa e trancasse a porta.

Sarac ouviu o elevador apitar e olhou para o corredor lá fora de novo. Dois homens com terno preto saíram e começaram a conversar com o vigia.

Expressões sérias, nenhum deles era minimamente familiar, mas, ainda assim, Sarac teve a impressão de que falavam dele. O vigia apontou na direção da porta do seu quarto. Sarac sentiu o pulso acelerar. Não sabia quem eram, para quem trabalhavam ou o que queriam com ele. Nem por que a aparição deles lhe dava um aperto no coração.

A única coisa de que tinha certeza, a única clareza daqueles malditos dias

enevoados era que em algum lugar do seu cérebro bagunçado estavam as respostas para todas as suas perguntas. Por que estava aqui, o que tinha acontecido nas horas antes do acidente, o porquê desse sentimento cada vez mais concreto de que estava em perigo. Seriamente em perigo.

Eu coleciono segredos... A pergunta é: segredos de quem?

Os homens de terno começaram a caminhar na direção da porta dele, o vigia logo atrás. Sarac respirou fundo. O recado no bilhete estava certo, precisava sair dali imediatamente!

Olhou em volta do quarto, depois para a janela. Tinha uma escada de incêndio, ele já vira. Seis andares abaixo, naquela escada coberta de neve e com o corrimão congelado que dava num beco estreito.

Sarac ouviu as vozes se aproximarem mais e se deu conta de que precisava tomar uma decisão. Puxou um dos lençóis e abriu a janela. Sentiu o ar noturno congelante em seu rosto, tão intenso que ele ofegou de choque. Espiou rapidamente lá embaixo, no escuro. Dava. Tinha que dar!

A PORTA se abriu e os dois homens de terno entraram no quarto. Logo atrás deles, o vigia uniformizado. Os homens olharam em volta e descobriram a cama vazia e a janela escancarada.

— Merda! — exclamou, irritado, o mais baixo. — Ele fugiu!

O homem correu até a janela e colocou a cabeça para fora. Bem lá embaixo alguma coisa branca tremulava.

— A escada de incêndio! — gritou. — Eu vou por aqui. Cerque-o no beco lá embaixo!

Ele passou a perna pelo batente da janela e começou a descer. O vigia e o outro homem deram a volta e correram para pegar o elevador.

Um ou dois minutos depois, Sarac expiou com cuidado pela porta do guarda-roupa e depois, com calma, contorceu-se para sair. Abafou um gemido, porque o corpo protestou. Pegou a muleta, forçou os dedos da mão direita a segurarem no apoio de plástico e depois espiou o corredor cautelosamente.

Vazio, tirando a enfermeira na outra ponta, no balcão da recepção. Estava de costas para ele e parecia ocupada falando ao telefone.

Saiu de fininho, o objetivo era alcançar a porta de vidro no fim do corredor.

Unidade temporariamente fechada, dizia uma placa escrita à mão.

Sarac empurrou um pouco a porta, destrancada — provavelmente para o caso de uma evacuação de emergência. Maravilhosas normas de segurança suecas! Abriu rapidamente e foi mancando por uma passagem pequena que levava à outra porta de vidro igual à primeira.

A próxima unidade lembrava a que ele estava internado, a única diferença eram as luzes apagadas. Frestas de janelas e placas de saída de emergência eram a única iluminação do corredor. Além disso, estava silenciosa. Nenhuma voz, nenhum telefone, nenhum aparelho fazendo barulho nem alarme apitando. Só um silêncio fantasmagórico que logo foi quebrado pelo barulho da sirene de uma ambulância. Ele precisava agir depressa. A essa altura, os homens já deviam ter encontrado o lençol e ter percebido que foram enganados.

Sarac mancou até o elevador o mais rápido que pôde, lutando para fazer o corpo cooperar. O suor já descia pelas costas. Era curioso como algo tão corriqueiro como andar em linha reta de repente ficou difícil pra caralho.

Quando faltavam alguns metros para chegar ao elevador, Sarac ouviu o som do funcionamento de um deles. A seta que indicava “subir” na parede acendeu, e um raio de luz surgiu pelas portas do elevador. Alguém estava prestes a sair dele. Alguém que ia querer saber por que ele estava ali, que certamente ia fazer perguntas que não conseguiria responder. Sarac olhou em volta, viu o pequeno balcão de recepção das enfermeiras e se escondeu atrás dele. Puxou a muleta e tentou ignorar os protestos do seu corpo. No chão do corredor, apenas a alguns metros de distância, viu um retângulo de luz crescer rapidamente enquanto as portas do elevador se abriam. No meio do campo iluminado, percebeu a silhueta de um homem.

Sarac prendeu a respiração e aguardou.

O homem saiu do elevador e ficou parado alguns instantes, como se tentasse

se orientar. Agora a sombra cobria quase todo o retângulo de luz que vinha do elevador, fazendo-o parecer enorme. Sarac sentiu uma pontada de dor e o pulso acelerou. Ele se espremeu na parte de trás do balcão da recepção. O corpo doía, a cabeça estava explodindo. Uma imagem se formou na memória. Desapareceu antes que conseguisse entender do que se tratava. Luzes azuis piscando, um jogo de sombras na parede de um túnel.

Ouviu os passos enquanto caminhava. Sarac conseguiu discernir uma roupa verde de médico e costas largas. Uma pequena touca verde e o que parecia uma máscara de cirurgia escondiam a maior parte do rosto.

Sarac se inclinou um pouco para fora do balcão e seguiu o homem com os olhos, acompanhando os passos dele em direção à porta, indo para a unidade em que ele estava internado. Um médico que pegou um atalho. Nada de estranho nisso. Mas a roupa estava apertada nas costas, como se fosse pequena demais para ele. Além disso, as mangas e a calça pareciam um pouco curtas demais. Poderia ser impressão sua, causada pelas sombras e pela péssima iluminação, mas será mesmo que um médico usava botas pretas dentro do hospital?

O homem parecia familiar. Os movimentos controlados, suaves, a forma sorrateira de caminhar. De repente, estava convencido. Exatamente como os homens de terno, esse também estava atrás dele. Mas por quê? Quem era ele?

A lembrança voltou. Vozes, sombras tremulando. Uma silhueta escura, bem no canto do seu campo de visão.

Sarac engoliu em seco, instintivamente. Fez mais barulho do que esperava, como se a laringe tivesse batido em uma corda vocal. O barulho ecoou no corredor vazio. O homem parou bem em frente à porta. Virou um pouco a cabeça na direção de Sarac, parecia tentar ouvir alguma coisa. Sarac se escondeu depressa. Ele se espremeu no balcão da recepção e tentou se misturar à escuridão. Mordeu o lábio superior para segurar a respiração.

Silêncio. A falta de ar quase fez com que Sarac desmaiasse. O pulso martelava no tímpano. De repente, vozes se misturaram ao ritmo das batidas.

— Seus segredos são meus.

— Limpa essa maldita bagunça!

— O próprio diabo...

Uma sola grossa rangia no linóleo. Depois, ele ouviu a porta do outro lado do corredor se abrir devagar.

Treze

NATURALMENTE, ATIF podia ter ligado. Agendado uma reunião e se sentado como velhos amigos. Mas o elemento surpresa era sempre melhor, principalmente quando se buscava a verdade. Se é que isso era possível.

O fato é que ele se deparava com muita gente que acreditava conhecer a verdade. Porém, no fim, quando a situação apertava, não importa que tipo de pressão fosse usada, tudo não passava de uma interpretação subjetiva. A verdade, a verdade objetiva mesmo, continuava inatingível. O melhor que se podia fazer era torcer para chegar o mais perto possível dela.

Abu Hamsa estava sentado à mesa de sempre, lendo um jornal. Um homem forte com orelha de couve-flor estava sentado a uma mesa mais afastada, mexendo no celular, mas, no instante em que pousou os olhos em Atif, levantou-se e bloqueou o caminho dele.

— O que você quer? — perguntou, grunhindo.

O homem era cerca de vinte centímetros mais baixo que Atif, provavelmente um e oitenta, porém se empertigou o máximo possível para parecer maior. Abaixou a cabeça, tencionou o pescoço largo. Esperou Atif dizer alguma coisa, ou ficar tranquilo ou dar motivo para que ele atacasse.

Mas Atif jogara esse jogo muitas vezes. Ele preferiu ignorá-lo e continuar caminhando em direção a Abu Hamsa. Os olhos do troglodita piscavam sem parar, Atif quase conseguia ouvir a engrenagem girando na cabeça do homem enquanto ele tentava pensar no que fazer.

— Você não tinha um voo para pegar, meu amigo? — perguntou Abu Hamsa com a voz rouca de sempre enquanto baixava o jornal.

O homenzinho balançou a cabeça negativamente para o troglodita que, com o rosto vermelho, tateava as costas na altura do cós da calça.

Atif continuou ao encontro de Abu Hamsa, puxou uma cadeira e se sentou à mesa que o amigo ocupava.

— Você não costumava precisar de guarda-costas — comentou Atif.

Abu Hamsa deu de ombros.

— Os tempos mudaram. Não está fácil saber em quem confiar. — Ele parou um instante e encarou Atif demoradamente. — Então, o que posso fazer por você, meu amigo? Não é uma visita de cortesia, é?

— Jano — respondeu Atif. — Como Jano está relacionado com a morte do meu irmão?

Abu Hamsa fez o que pôde para não alterar sua expressão e quase conseguiu. Trinta ou quarenta anos em mesas de jogos lhe ensinaram a controlar as emoções de maneira formidável. Um canto da boca repuxou levemente e fez o bigode tremer um pouco, só isso. Ele dobrou o jornal e olhou ao redor com cuidado.

— Meu querido Atif — começou, e franziu o cenho, como se as palavras que estava prestes a falar fossem amargas —, se quer mesmo falar desse assunto, infelizmente preciso tomar algumas... precauções. Entende o que eu quero dizer?

— Você acha que estou com um microfone?

— Eu não falei isso. Mas você aparece do nada, depois de sete anos, e começa a fazer perguntas. Perguntas sobre coisas muito sérias, que você definitivamente não deveria saber. Além disso, como sabe, há rumores sobre você. Alguns até dizem que a sua lealdade... — Abu Hamsa gesticulou com uma das mãos, como se estivesse procurando as palavras certas — ... é, no mínimo, questionável.

Atif continuou sentado, imóvel. Se alguém tivesse falado com ele desse jeito há sete, oito anos atrás... Mesmo que o raciocínio fosse hipotético, ninguém ousava se dirigir a ele dessa forma. Nem mesmo Abu Hamsa.

Atif se levantou e tirou a jaqueta.

— OK, vai em frente!

Hamsa continuou olhando para ele por alguns segundos antes de se virar para o guarda-costas.

— Eldar, por favor, reviste a nossa visita. E seja gentil — acrescentou.

O guarda-costas encarou a missão com a maior seriedade. Olhou cada bolso, examinou a camiseta, até levantou a perna da calça de Atif, tudo sem parar de encará-lo nem por um instante. Olhava nos olhos de Atif com raiva, tentando fazer com que ele reagisse, com que ele dissesse ou fizesse alguma coisa que lhe desse a chance de se reafirmar diante do chefe.

No entanto Atif continuou a ignorar as provocações dele, fingiu que era uma das lagartixas que costumava fitá-lo do teto do quarto, no Iraque. Um vermezinho que não merecia sua atenção.

— Está limpo — vociferou eventualmente.

— Obrigado, Eldar — disse Abu Hamsa. — Você pode fazer o favor de buscar um café para a gente?

O guarda-costas olhou de esguelha para Atif antes de sair desengonçado.

Abu Hamsa acenou para Atif se sentar de novo e se debruçou na mesa.

— Isso que você está pedindo não é pouca coisa, meu amigo.

Atif não falou nada.

— Mas, por conta da velha amizade e por respeito pela morte do seu irmão, vou atender, mesmo assim. Você deve saber, no entanto, que esse tipo de conhecimento tem um preço.

Atif fez um pequeno movimento com a cabeça que dava para interpretar como um sim.

— Bom, então vou direto ao assunto. — Abu Hamsa deu um suspiro longo e pareceu pensar bem antes de continuar. — Nesses últimos anos, eu e muitos dos meus contatos de negócios temos um problema que não para de crescer. Parece que alguém em quem a gente confia, alguém do nosso círculo imediato, na verdade trabalha para a polícia.

— Um dedo-duro? — Atif deu de ombros. — Não deve ser a primeira vez.

— Não, é verdade. — Abu Hamsa esticou o bigode. — Mas esse caso é diferente. Não estamos falando de um delator qualquer, mas de um associado do alto escalão. Alguém bastante conhecido e de confiança. Um infiltrado que se aproveita da posição que tem e do que fica sabendo para nos dar um prejuízo enorme. Prejuízos sem precedentes.

Abu Hamsa se inclinou ainda mais para a frente.

— Os policiais cuidam muito bem do infiltrado e não agem de forma brusca. A última coisa que querem é que ele fique conhecido e seja forçado a testemunhar no tribunal, por isso mentem nos relatórios. Escondem de onde a informação realmente vem e disfarçam tão bem que fica impossível rastrear alguém em especial.

Ele parou por um instante.

— É claro que tudo é ilegal, infiltrados são proibidos pela lei sueca. Nossos advogados estão trabalhando no caso, mas o pior é que não dá para provar nada sem que a gente saiba a identidade do infiltrado. Tudo que a gente conseguiu até agora é um codinome.

— Jano — disse Atif.

Abu Hamsa concordou com um aceno.

— A princípio, é tudo o que a gente sabe. Jano é ultrassecreto. Só um círculo muito restrito sabe a verdadeira identidade dele. Nossas fontes usuais na polícia não ajudam muito. A maioria nunca nem ouviu falar dele.

Abu Hamsa franziu a testa.

— Esse câncer já fez a gente perder muito dinheiro, resultado das apreensões da polícia, mas mais ainda com as oportunidades que a gente perdeu. A preocupação se espalha por toda parte, quase ninguém tem coragem de fechar negócios. Nem mesmo os velhos amigos confiam uns nos outros. Basta falar o nome de Jano que as pessoas ficam com um pé atrás. Ninguém quer correr o risco de ser apontado como tendo alguma ligação com ele, seria suicídio.

Atif pensou alguns segundos.

— Foi Jano que dedurou Adnan? — perguntou logo em seguida.

Abu Hamsa passou as costas do dedo indicador no bigode.

— O que você acha? Não dá para acreditar que rapazes experientes como Adnan e a gangue dele esqueceriam de tirar a máscara durante a fuga. Além disso, a sequência de eventos não bate com as informações da polícia.

— Não, eu pensei nisso também. Não faz sentido policiais à paisana conseguirem deslocar uma força-tarefa em menos de dez minutos.

Eldar voltou com uma bandeja, colocou na mesa entre Atif e Abu Hamsa e voltou para seu lugar de antes.

— Jano tem muita coisa nas costas — continuou Abu Hamsa. — Coisas muito mais sérias do que a morte trágica do seu irmão. Ele é uma ameaça para todo o nosso negócio e, por isso mesmo, a gente não mede esforços para encontrá-lo. O consenso entre a gente é total. Todos os métodos estão aprovados, nenhum custo e nenhum sacrifício são altos demais.

O homenzinho tomou um gole do café com cuidado.

— Entendo — comentou Atif.

Abu Hamsa fez um aceno negativo.

— Não, o pior é que acho que você não entende, pelo menos não tudo. Mas, agora que você sabe do que se trata, é minha vez de pedir um favor.

— O quê?

— Você tem que ficar de fora. Não faça mais perguntas e, o mais importante, não mencione esse nome para mais ninguém.

Abu Hamsa fez uma pausa, parecendo esperar por uma reação, mas Atif continuou calado.

— Nós temos uma entrada — continuou Abu Hamsa, em voz baixa —, uma oportunidade muito boa de resolver o problema de uma vez por todas. Mas no momento a situação é um pouco complicada. Muito complicada. Tem coisas demais em jogo para...

O homenzinho fez um pequeno gesto com a xícara de café.

— Correr riscos desnecessários — completou Atif.

— Que bom que a gente se entende, meu amigo.

— Foi por isso que você não me contou no enterro?

Abu Hamsa deu de ombros.

— Eu não achei que tivesse escolha. Como falei, quando o assunto é encontrar Jano, nenhum sacrifício é pouco. A verdade não vai diminuir sua perda ou trazer Adnan de volta. Mas é claro que lamento ter sido forçado a esconder tudo isso de você.

Atif girava a xícara de café enquanto refletia.

— Então agora você quer que eu volte para o Iraque e esqueça tudo isso? O cara que traiu meu irmão, o colocou numa emboscada e que basicamente causou a morte dele?

— Sei bem que você pode achar meu pedido um pouco indigesto — Abu Hamsa franziu o cenho levemente —, mas, como falei antes, esse tipo de conhecimento tem seu preço. Contei a você tudo o que queria saber, sem mesmo perguntar de onde tirou esse nome. O que você faz ou não agora é, naturalmente, problema seu.

O homenzinho se debruçou sobre a mesa e baixou a voz quase num sussurro.

— Mas você precisa entender, meu amigo. Um cara com a sua reputação que começa a fazer perguntas sobre um assunto que não deveria conhecer gera preocupação e atrai uma atenção desnecessária. Uma pessoa dessas representa um risco. Pior de tudo, é um risco que a gente não pode se dar ao luxo de correr.

Quatorze

JA NO hall, Sarac sentiu que havia algo estranho. Como se toda a energia do apartamento estivesse errada. O ar estava abafado, um cheiro rançoso de lixo, podridão e alguma outra coisa. Algo familiar, mas ao mesmo tempo preocupante.

Tateou a parede, encontrou o interruptor, mas decidiu, por algum motivo, não acender a luz. Esperou os olhos se acostumarem com a iluminação fraca. O chão estava coberto de entregas do correio. Jornais, cartas e panfletos, tudo misturado.

Quanto tempo esteve fora? Mais ou menos três semanas. Mas muito dessa bagunça parecia mais velha que isso. Com certeza havia um jeito lógico de saber quanto tempo mais velha. Porém, no momento, lógica não era o seu ponto forte. Para ser sincero, estava completamente exausto. Caminhar até a entrada do hospital, pegar um táxi e depois subir para o apartamento, tudo isso chegou perto demais da sua capacidade máxima. A respiração estava pesada, a dor de cabeça pulsava em ritmo constante e a camisa do hospital estava ensopada e grudada nas costas.

Sarac se arrastou devagar em direção à sala de estar, sem acender nenhuma lâmpada. Pensou, depois de um tempo, que seria melhor assim, se não quisesse que o bairro inteiro soubesse que estava em casa.

Ficou parado no meio da sala por quase um minuto enquanto os olhos se acostumavam com a escuridão e o cérebro tentava assimilar o que via. As persianas estavam baixadas, o chão, abarrotado de caixas de pizza, jornais e roupas. Todas as almofadas do sofá estavam amontoadas num canto e parecia

que tinham sido rasgadas com uma faca. A mesma coisa com o braço do sofá, onde espuma e pedaços de madeira apontavam para fora pelos rasgos no tecido. Na mesa de centro, garrafas de bebida alcoólica dividiam espaço com cinzeiros lotados de bitucas de cigarro, e no meio da mesa havia um cachimbo de vidro transparente contendo uma substância preta e pegajosa. Metanfetamina, constatou o cérebro, como se estivesse satisfeito com o próprio desempenho, sem perceber exatamente o que a descoberta significava.

O fedor era pior na cozinha. A pia estava entupida de louça e, no fogão, havia um recipiente de plástico com algum tipo de comida comprada pronta que ficara aveludada de mofo. Mais um cinzeiro improvisado lá dentro. Além disso, tinha uma lixeira que fedia pra caralho. Mas ele não fumava, não é? Ou fumava?

A cabeça latejava ininterruptamente, e Sarac tinha dificuldade de ficar com os olhos abertos.

No quarto, o colchão estava revirado no chão e grandes rasgos provavam que ele teve o mesmo tratamento que o sofá. Todas as gavetas da cômoda estavam abertas e o que tinha dentro estava espalhado pelo chão. A mesma coisa com as roupas do armário. Sarac se sentou na beirada da cama e tentou, sem sucesso, assimilar tudo. Levou alguns minutos para ver o que estava escrito na parede do quarto. Garranchos em vermelho-sangue: GUARDE O SEGREDO!

Debaixo delas, dois jotas, com os ganchos virados um para o outro.



Os HOMENS nem tentaram se esconder. Tudo que Atif precisou fazer foi espiar pela persiana do espartano quarto de hotel em que estava hospedado para ver o carro deles. Um SUV escuro estacionado um pouco mais abaixo na rua. Um deles estava fumando na calçada a alguns metros do veículo. Jeans e jaqueta militar, desses modelos com uma porção de bolsos de que policiais à paisana costumam gostar. O homem usava um *keffiyeh* enrolado várias vezes no pescoço e uma touca militar baixada até a sobrancelha. O frio fazia com que ele batesse os pés.

Atif se perguntava quem eram. O carro e as roupas do homem tinham cheiro de polícia. Pensou em Bengtsson, o policial baixinho e gordo que o interrogou no aeroporto, que possivelmente fez algum tipo de anotação a partir da conversa deles e deu um jeito para que Atif estivesse incluído no sistema da polícia.

Ainda que o hotel do aeroporto fosse capenga, os funcionários exigiram sua identidade e ele, obediente, mostrou o passaporte e esperou enquanto a recepcionista digitava seus dados no computador. Talvez fosse o suficiente.

Porém o mais plausível era que os homens tivessem sido mandados por Abu Hamsa. O guarda-costas levou um bom tempo para preparar o café deles. Tudo o que precisou foi fazer uma ligação rápida. Pronto. Alguém ficou na cola do carro alugado quando ele deixou o restaurante.

Atif não percebera nada, então possivelmente os caras que estavam lá embaixo eram bem melhores em espionar do que fingiam ser agora. Outra possibilidade era eles terem colocado alguma coisa no carro dele, um rastreador daqueles pequenos ou algo parecido que provavelmente dava para comprar na Clas Ohlson.

Policiais ou gângsteres? Talvez as duas coisas.

Era inegável que o homem que estava do lado de fora da academia, aquele que era chamado de Consultor, tinha um quê de policial. Os outros que estavam na reunião de gângsteres eram representantes típicos do ramo. Dois motoqueiros fora da lei, alguns imigrantes do Leste Europeu, o velho amigo sociopata Sasja e o próprio Abu Hamsa, que com certeza representava um ou mais grupos. Todos parecendo tranquilos, como se tivessem todo o controle da situação. Mas ele tinha percebido um certo medo na voz deles, visto os olhares atravessados e atentos no estacionamento.

Todos aqueles homens eram criminosos brutais com várias mortes na consciência. Homens que normalmente não se abaixavam para nada. Ainda assim, todos eles estavam com medo. Depois do que Abu Hamsa contou, Atif entendeu o porquê. Estavam aterrorizados com o que poderia acontecer se, no fim, descobrissem que o traidor Jano era um dos seus próprios homens. Alguém

em quem confiavam, por quem deram suas palavras, talvez até para quem tivessem se confidenciado. Transpiravam de pavor, cada dia mais forte. Afetava seu discernimento, sua capacidade de tomar decisões. Cedo ou tarde, outros iam perceber isso, entender o medo deles como um sinal de fraqueza e agir com base nisso.

A única chance de sobreviver era cooperar. Esquecer temporariamente todas as diferenças de interesses e montar, juntos, um quebra-cabeça enorme. E ao mesmo tempo ficar de olho uns nos outros o tempo inteiro. Esperavam que a peça decisiva aparecesse, a mesma peça que levaria todos eles até Jano. Assim que isso acontecesse, o jogo viraria, todas as promessas e acordos iriam pelos ares. Disso, todos sabiam.

Jano também podia ser usado como uma arma, uma lâmina afiada direto no coração da organização à qual ele pertencesse. Não era de se estranhar que os homens estivessem nervosos lá na academia. Esse era um jogo com apostas muito altas.

O único que não parecia tão pressionado pela situação quanto o restante era o Consultor. Não tinha nada a temer e, exatamente como tinha dito, isso fazia dele um caçador melhor. Mas quem era ele? A placa de sua Range Rover não tinha dado nenhuma pista, um carro alugado que pertencia a uma empresa com endereço em Stuvsta. O modelo e a cor eram mais ou menos os mesmos do carro que estava lá embaixo na rua. Então o que isso significava?

O homem lá embaixo jogou a bituca na calçada, pisou nela e ficou parado por um tempo, olhando para a janela de Atif. Depois abriu a porta do passageiro e entrou no carro. A iluminação do interior permaneceu apagada, sinal de que não eram exatamente iniciantes. A impressão que Atif teve logo que viu o veículo ficou mais forte. Transformava-se cada vez mais em certeza. As pessoas no carro queriam que ele as visse, queriam que ele entendesse.

Um risco que a gente não pode se dar ao luxo de correr...

Dava para ver as luzes das pistas de pouso de Arlanda claramente por cima da copa das árvores e um movimento no horizonte do céu noturno o fez erguer os

olhos. Mais um avião prestes a pousar. O estrondo dos motores fez a persiana vibrar de leve contra a mão de Atif.

SARAC DEVE ter cochilado, dormindo por cima do que sobrou da cama. O barulho que o acordara continuava. Um ruído próximo à porta da frente seguido de um clique de metal. Alguém estava tentando entrar. Alguém que tinha as chaves. Talvez a mesma pessoa que havia vasculhado o apartamento e rasgara todos os móveis.

Precisou de muito esforço para ficar de pé. Sentiu o coração disparar em pânico.

Ir para casa havia sido um erro, claro que seria o primeiro lugar onde iriam procurá-lo quando descobrissem que não estava mais no hospital. Ele devia ter fugido ao ver o estado do apartamento. Em vez disso, dormiu. Idiota desgraçado do caralho!

A muleta estava caída no chão, e Sarac teve de se esforçar o máximo que pôde para conseguir pegá-la. Ele precisava sair dali agora, de uma vez.

O ruído próximo à porta foi interrompido por uma pequena batida. Depois tudo ficou em silêncio. A pessoa que estava lá fora deve ter aberto a porta e descoberto que a trava pega-ladrão estava fechada. E percebeu que ele estava lá dentro.

Sarac foi mancando até o hall. Dava para ouvir seus passos de longe por causa do metal da muleta, mas ele não se importou. O pânico tomara conta dele, a única coisa em que conseguia pensar era fugir.

O hall permanecia silencioso. Possivelmente a pessoa estava na escada lá fora, pensando no que faria agora. O metal que segurava o fecho era preso por apenas dois parafusos pequenos de bronze. Se alguém chutasse a porta forte o suficiente, eles não conseguiriam segurá-la, disso ele sabia por experiência própria.

Então quem era? Os homens de terno que estavam no hospital, o cara que estava com a roupa de médico apertada? Ou outra pessoa totalmente diferente?

Sarac conseguiu chegar à cozinha, abriu as gavetas e tateou vários objetos à procura de algo com que pudesse se defender. Encontrou uma faca grande e segurou com a mão esquerda. Não era o ideal, mas era melhor do que ficar agarrado só com a muleta.

Olhou para o hall. A porta estava entreaberta, porém o corredor e as escadas estavam com as luzes apagadas. Mas, ainda assim, estava certo de que tinha alguém lá fora. Alguém que queria entrar, que queria ter acesso ao segredo dele.

Uma mão com luvas apareceu de repente no vão entreaberto da porta e começou a lutar contra o fecho pega-ladrão. Puxou um pouco, como se estivesse conferindo o quanto era resistente.

Sarac agiu por instinto. Foi mancando até o hall e ergueu a faca. Mirou mais ou menos no meio das costas da mão. No momento exato em que ia fincá-la, a pessoa retraiu a mão e a porta se fechou. Sarac continuou de pé, com a faca levantada à altura da cabeça. Esperando.

A pessoa deve ter ouvido os passos se aproximando e mudou de tática. Ele ouviu um barulho vindo da escadaria, mas não conseguiu identificá-lo. Um rangido, como quando alguém fricciona uma sola de borracha num piso de pedra. Depois ruídos de salto alto tamborilando no corredor. Depois disso, tudo ficou em silêncio por um bom tempo.

Então novamente o barulho de uma chave na porta. Sarac voltou a ficar a postos com a faca. A porta se abriu de novo e travou, exatamente como antes, no pega-ladrão. Sarac deu um passo à frente e inclinou a faca. Percebeu um movimento na fresta da porta e viu um rosto. E fincou a faca. Percebeu tarde demais que a luz da escadaria de fora estava acesa.

A faca passou longe da fresta uns cinco centímetros, acertando o batente e quase caindo da mão dele.

— O que é isso?! — Ouviu uma voz feminina dizer.

Quinze

— ALÔ, MAMÃE? Sou eu, Atif.

— Alô? — Ouviu pelo tom de voz que não era um dos melhores dias dela.

— Como você está, mamãe? As enfermeiras estão te tratando bem?

— Claro. Todos são gentis aqui.

— Que bom. Então, preciso ficar um pouco mais na Suécia. É que tem uma coisa que preciso fazer. Mas eu volto logo.

— Você o encontrou?

— Encontrou quem, mamãe?

— Seu irmão caçula! Adnan ainda não chegou da escola. Você prometeu ir procurar seu irmão. — De repente, a voz dela parecia outra. Mais viva.

— Vou encontrá-lo, mamãe. Não se preocupe.

— Promete para mim, Atif. Promete que você vai encontrar o seu irmão!

A ligação caiu antes que Atif tivesse tempo de responder. Ela fazia isso de vez em quando. No começo, ele pensava que era porque sua mãe tinha ficado com raiva. Mas aos poucos percebeu que ela simplesmente não lembrava com quem estava falando e não queria se humilhar perguntando.

Colocou o celular de volta no bolso interno da jaqueta. Ainda era cedo, a escuridão não permitia ver por trás dos pinheiros altos. As luzes da cidade pintavam o céu. O horizonte se transformara numa neblina leitosa intransponível. Estava com saudade do deserto, do céu claro, estrelado. Mas tentou se convencer de que ele estava lá em cima, de que logo estaria de volta.

Tirou a pedrinha do bolso da jaqueta. A areia do deserto a havia lixado por dezenas de milhares de anos, removendo todas as arestas até que tudo o que restou foi uma superfície morna e macia como veludo. Ele a colocara na bagagem, fingindo ser um presente para Tindra, mas uma parte sua já sabia. Pressentiu o que seria obrigado a fazer. Atif colocou a pedra no chão congelado e deu um passo para trás. A cova feita pela pá da escavadeira estava fechada. A lápide não seria entregue antes de o gelo ter descongelado.

— Prometo... — sussurrou para si mesmo. — Prometo que vou encontrá-lo.

— VOCÊ ESTÁ louco, David?! Por que está andando por aí com uma faca?

A mulher encarava Sarac enquanto ele estava parado em meio aos escombros no hall. Devia estar parecendo um surtado. Camisa de hospital, atadura em volta da cabeça e uma muleta. Sem contar a faca de açougueiro que ele quase tinha usado para esfaquear o rosto dela. Sarac escondeu a faca atrás de uma das pernas, não queria largar a arma antes de saber se ela era amiga ou inimiga. Mas, depois de a mulher ter se recuperado do susto inicial, a faca não parecia incomodá-la.

Ele abriu mais a porta para evitar que ela começasse a gritar ou chamasse a polícia. Mas, de alguma forma, ela havia manobrado os dois de volta para dentro do hall dele.

A mulher era um pouco familiar. Cabelos ruivos e sardas, piercing no nariz, entre 25 e 30 anos. Não era baixa nem alta. A estrutura do corpo era mais para forte, uma impressão reforçada pelo casaco acolchoado que ela usava. Luvas Lovikka, e não eram pretas. Isso quer dizer que não era ela quem tinha tentado entrar da primeira vez. Mas por que a mulher estava aqui e por que ela tinha as chaves da porta de sua casa?

— Q-Quem é você? — Sarac passou o dedo de leve na faca que estava escondida atrás da perna.

— Natalie — respondeu ela, e rapidamente pegou um cartão plastificado. Sarac só teve tempo de ver o logotipo de uma empresa. Mesmo assim, havia algo

na energia que irradiava da mulher que já o acalmara. A forma como se dirigia a ele, o tom de voz franco. Lembrava um pouco a Dra. Vestman, mas sem o sorriso complacente. — Sou sua cuidadora, David. A gente se conheceu um dia desses no hospital.

Sarac sorriu um pouco confuso. Não sabia exatamente como devia reagir. Cuidadora. Bem, fazia sentido com o comportamento dela. Era inegavelmente familiar, mas mesmo assim ele não se lembrava de terem se conhecido.

A mulher observou Sarac por um instante, depois puxou uma folha dobrada de um dos bolsos internos da jaqueta.

— A gente falou com a Dra. Vestman — explicou ela. — Passou pelos detalhes do seu tratamento. Você assinou aqui.

Sarac pegou o papel e viu que na verdade havia várias páginas. Na parte de cima, constava o mesmo logotipo do cartão da mulher. Debaixo dele, várias palavras que inundaram o cérebro dele. Parágrafos sobre serviços, responsabilidades, horários, cópias de chaves.

— No fim da página três — indicou a mulher.

Sarac folheou o documento e encontrou várias assinaturas. Viu a sua própria, um pouco trêmula, mas totalmente reconhecível. Ao lado do nome dele havia outro.

— Natalie Aden — sussurrou.

— Sou eu. De acordo com a médica, você não receberia alta antes da semana que vem. Pensei em vir e preparar as coisas um pouco. Fazer uma faxina, compras e tal. Gosto de levantar cedo.

Ela franziu a testa, pegou um hidratante labial do bolso da jaqueta jeans e passou nos lábios.

— Você não lembra que a gente se conheceu, não é?

— N-Não, pior que não.

Sarac percebeu de repente que a porta ainda estava um pouco aberta. A iluminação da escadaria estava apagada.

— Você encontrou alguém? — sussurrou ele.

— Onde?

— Na escada, quando estava subindo. Encontrou alguém?

Natalie olhou para Sarac, pareceu tentar entender o que ele queria dizer.

— Não — respondeu ela. — Alguém esteve aqui? Por isso que você estava com essa faca aí, David?

Sarac não respondeu. Natalie pareceu entender.

— Paranoia é um efeito colateral normal depois de um derrame — declarou em voz baixa. — Isso acontece porque o cérebro interpreta as coisas de um jeito diferente. Mostra uma imagem que a pessoa não consegue relacionar bem com a realidade.

Sarac olhou para a porta aberta, o breu na escadaria. Por um breve instante, imaginou ter ouvido um barulho vindo do andar de cima. Um rangido breve, talvez uma sola de borracha contra um piso de pedra.

— Você tem carro, Natalie?

SARAC REVIROU a carteira tentando encontrar o crachá que ficava preso atrás da carteira de motorista. Quase deixou a muleta cair no chão porque o cartão de plástico não queria cooperar. Apesar de ter puxado a touca de lã até a testa para esconder a cabeça com curativos, o vigia parecia tê-lo reconhecido. O homem apertou um botão e abriu o acesso adaptado para deficientes. Sarac hesitou um pouco, mas decidiu ir pelo caminho mais fácil. Tentou dar um sorriso amigável para o guarda quando passou pela cancela. Lá dentro, pelo menos, deveria estar seguro, apesar de não saber do que ou de quem.

— Bom dia — disse o guarda. — Isso é o que eu chamo madrugar.

Sarac foi em direção aos elevadores, mas, quando entrou, ficou totalmente confuso. Em que andar trabalhava? Ele poderia, é claro, inclinar-se um pouco e ler a legenda ao lado dos botões. Mas, em vez disso, fechou os olhos, depois os abriu rapidamente e apertou o primeiro botão que pareceu certo. Era o número quatro. Olhou para o espelho na parede e viu de relance o estado de seu rosto. Os olhos azuis eram a única coisa que se parecia com ele. Todo o resto, o nariz

marcado, o sulco no queixo, até mesmo a boca e os dentes pareciam errados. Como se, na verdade, pertencessem a um estranho, um sósia magro e cheio de olheiras.

As portas do elevador se abriram. *Departamento de Crimes Regionais — Divisão de Inteligência* estava escrito na porta, cerca de um metro à frente, o que fez com que ele se sentisse um pouco mais bem-humorado. Ao menos não tinha esquecido onde trabalhava. Pensou em Natalie, a mulher que deu carona para ele. Como poderia ter esquecido que tinha uma cuidadora?

O leitor aceitou o crachá dele sem protestar e, sem demora, estava num corredor com iluminação moderada. Um longo tapete de linóleo bege entre fileiras de portas de escritório marrom idênticas. O corredor estava totalmente silencioso, o que talvez não fosse tão estranho. Mal havia passado das cinco e meia da manhã. Ele se sentiu obrigado a sair do apartamento. Longe de quem o estivesse perseguindo.

A curta viagem de carro tinha dado tempo para Sarac pensar, e ele sentia uma certeza cada vez maior. Era bem possível que o homem vestido de médico fosse o mesmo que havia tentado entrar no seu apartamento. Mas quem era ele? Será que foi a mesma pessoa que tinha virado sua casa de cabeça para baixo e escrito o recado na parede? O homem na escadaria tinha as chaves, então parecia lógico. E aquele símbolo, os dois jotas voltados um para o outro, o que aquilo significava? De que segredo ele falava?

A resposta deve estar aqui nesse corredor, dentro da sala dele. Tudo o que precisava fazer era ver o que havia em sua mesa, então com certeza tudo seria esclarecido.

Sarac deu alguns passos. As portas estavam fechadas dos dois lados. Pequenas placas com texto azul. Os nomes eram conhecidos, faziam-no se lembrar de rostos.

Teve a impressão de poder ver através das portas, ver as pessoas que estavam sentadas em seus escritórios e até mesmo ouvir as vozes delas. Todas diferentes, mas o tom de voz mais ou menos o mesmo. Amigáveis, respeitosas.

A ilusão passou de repente, exatamente como começou. O silêncio e a iluminação fraca do corredor fizeram com que ele, de súbito, ficasse desconfortável.

Uma placa em que estava escrito *Inspetor criminal Kjell Bergh — Chefe de Divisão* o fez parar um instante. Ele virou com cuidado a maçaneta, mas estava trancada. A mesma coisa com as portas seguintes. Aqui dentro, as pessoas protegiam os seus...

Segredos.

Vozes sussurrando o fizeram se virar para trás, seu pulso acelerou. Mas o corredor estava vazio. Não tinha ninguém ali. Nada além de um fantasma imaginário criado pela cabeça nada confiável dele.

Quando estava quase chegando ao fim do corredor, virou automaticamente à esquerda e parou em frente à última porta. Lá não havia nenhuma placa com nome, mas mesmo assim estava certo de que era a sua porta.

Pegou seu chaveiro e encontrou a chave certa na primeira tentativa. Olhou para os lados antes de colocar a mão na maçaneta. A sala era pequena, no máximo dez metros quadrados. Uma mesa ao longo da parede, uma cadeira de escritório, uma janela com as persianas baixadas, duas prateleiras e um armário de arquivos, era tudo. Visivelmente, ele não destinara muita energia em decorar o lugar, nem mesmo uma foto, um quadro ou alguma lembrança como os demais costumavam colecionar.

Apesar disso, a sala parecia bastante familiar, a sensação era familiar também. O ar estava parado. Só um cheiro fraco de linóleo. Uma das lâmpadas piscou algumas vezes, zumbiu um pouco e apagou de repente. Algo surgiu em sua mente, mais um trecho de memória.

Três pessoas ali dentro da sala, uma delas era ele próprio. Vozes cochichando, rostos embaçados. Exatamente como na sequência com o carro coberto de neve, a perspectiva muda, deixando-o ver tudo de outro ângulo. De fora, como se, na verdade, fosse um expectador.

— Alguém aqui está vazando informações, a gente não pode confiar em

ninguém — sussurra uma das vozes que lembra a de Bergh. — Precisamos proteger Jano a qualquer custo.

O toque do telefone fez Sarac tremer. Uma campainha digital suave do telefone fixo na mesa dele. Sarac encarou o aparelho. Viu a luzinha vermelha piscando. O telefone tocou mais uma vez, e depois outra. Ele se aproximou da mesa, estendeu a mão com cuidado e pegou o telefone.

— A-Alô

Ninguém disse nada, mas, mesmo assim, ele sabia que havia alguém do outro lado da linha.

— Alô? — Sua voz ainda não soou como deveria. Estava hesitante, incerta, mais ou menos como ele próprio se sentia.

Ainda sem resposta, mas com certeza havia alguém lá. Pensou, inclusive, ter escutado a respiração da pessoa. Uma respiração pesada e lenta. Sarac apertou o telefone contra a orelha, tentando ouvir melhor. Mas tudo o que escutava era um ruído vago e constante de estática.

— Alô! — disse pela terceira vez, um pouco mais enérgico agora. — Aqui é o investigador criminal David Sarac. Com quem estou falando?

Ainda sem resposta. O nome voltou de repente à sua memória, invadindo cada canto e bloqueando todos os seus pensamentos. Por fim, espremeu-se e saiu por entre os lábios dele.

— Jano? É Jano?

Um som fraco, uma bufada seca, quase um riso sarcástico. Depois a ligação caiu.

Dezesseis

SARAC OLHOU para cima e se empertigou. O relógio sobre a mesa marcava oito e quinze. Ele tinha cochilado mais uma vez. Dormiu, simples assim, atravessado em cima da mesa, e ficou apagado por mais de uma hora. Talvez não seja tão estranho, não havia dormido muito à noite. O pescoço e os ombros estavam rígidos, além disso, tinha babado na mesa. Mas, quando se recompôs, lembrou-se de repente de uma coisa. Algo importante.

Ele se inclinou para a frente e puxou a última gaveta do armário de arquivos. Vazia! Puxou a gaveta logo acima, depois a outra. Todas as quatro gavetas estavam vazias. Nem mesmo uma caneta, um bloco de notas ou alguma moeda perdida para usar na máquina de café. Sarac se levantou e pegou uma das pastas idênticas da prateleira. Nem precisou olhar, bastava sentir o peso. Largou a pasta no chão, puxou a próxima e a próxima. Continuou até ter esvaziado a prateleira. O pulso latejava e fazia seu peito estufar e o suor escorrer nas costas.

Olhou mais de perto para as paredes e percebeu pequenos pregos em que não tinha prestado atenção antes. Retângulos claros desenhados no papel de parede, pequenas ranhuras e marcas nas prateleiras. Entendeu de uma vez o que tudo significava. Ele não era um minimalista. Alguém tinha esvaziado totalmente sua sala. Todos os papéis, fotos, pertences, até mesmo a placa na porta. Cada pedacinho de papel fora levado. Tudo que poderia ajudar a lembrar. Mas por quem e por quê?

Foi dominado por uma raiva súbita. Ela lhe deu novas forças. Sarac agarrou a

prateleira vazia e arremessou para o lado, então fez a mesma coisa com a cadeira. Depois puxou a porta com toda a sua fúria e saiu mancando corredor afora. O pulso martelando dentro da cabeça.

Quase todas as portas dos escritórios estavam abertas, duas pessoas conversavam próximo à porta de vidro da entrada. Quando viram Sarac, ficaram caladas.

— O que vocês fizeram, seus filhos da puta?

As palavras vieram por conta própria, não deu para controlar. Várias pessoas olharam para fora de suas salas, mas hesitaram quando viram Sarac. Ele deu alguns passos à frente. Sentiu que a muleta estava mais firme, como se a adrenalina que circulava no corpo tivesse fundido o braço direito a ela.

— David? — disse Bergh, que saiu do escritório a passos rápidos.

— Minhas coisas! — gritou Sarac. — Onde estão as minhas coisas, porra?

— Calma, David — pediu Bergh, e olhou para os lados, preocupado. — Vem comigo, eu vou explicar.

— David Sarac?

A voz veio de trás, e ele deu meia-volta. Dois homens de terno escuro saíram de uma das salas. Sarac reconheceu os dois. Eram os homens de terno que estavam no hospital, de quem ele tinha conseguido se safar.

— Por quê? — esbravejou. — Quem são vocês?

— Eu me chamo Odhe. A gente trabalha para o superintendente Oscar Wallin. Ele quer falar com você, agora, imediatamente.

— Vai para o inferno, seu palhaço!

Na verdade, Sarac não sabia por que disse aquilo. Era como se a raiva estivesse no controle da fala e das ações dele. A pressão nas têmporas ficou ainda mais intensa. Ameaçava explodir o crânio dele em mil pedacinhos. Virou-se novamente para Bergh, abriu a boca para dizer algo. No instante seguinte, tudo a sua volta escureceu. Ele cambaleou, foi obrigado a se escorar em uma das paredes. Escorregou devagar até se sentar e teve de lutar com todas as suas forças para não vomitar no chão. Alguém colocou a mão debaixo da axila dele,

parecia tentar levantá-lo.

— M-Me deixa, caralho!

Sarac tentou se livrar. Mas a raiva já havia passado e levado junto todas as forças que ele tinha. Os sons se fundiram uns com os outros, ele ouviu as portas que davam para o elevador se abrirem, depois vozes falando alto de todas as direções. Vomitou saliva e bile no linóleo.

— Pelo amor de Deus, vocês não estão vendo que ele está doente? — disse uma voz familiar. — Ele deveria estar no hospital, e não ser arrastado para um interrogatório.

— Molnar, nossa instrução é para...

— Olha, Odhe, você pode pegar as suas instruções e enfiar bem no meio do vale do Bekaa. A gente vai levar Sarac para casa, agora, nesse exato momento, e seria uma puta burrice se você ou seu colega tentasse impedir. Uma burrice-de-um-mês-de-gesso. Fui claro?

Sarac olhou para cima. Peter Molnar estava bem diante dos homens de terno, tão perto que as pontas do nariz deles quase se tocavam. Atrás dele se espremiam alguns homens bem treinados com jaqueta militar e keffiyeh. A energia deles era ameaçadora, o que fez Sarac se sentir inferior e baixar o olhar novamente.

Odhe recuou um pouco.

— Vocês são malucos. Eu vou entrar em contato com... — Odhe continuou resmungando para Bergh alguma coisa que não deu para ouvir. Molnar se agachou ao lado de Sarac e estendeu um lenço para ele.

— Vamos cuidar de você, David, OK? — disse baixinho. Sarac acenou com a cabeça e limpou a boca e a bochecha.

— Você consegue se levantar sozinho?

Sarac conseguiu esboçar um aceno positivo com a cabeça, dessa vez um pouco mais perceptível. Molnar o ajudou com cuidado, até que ele conseguisse ficar de pé e pegar a muleta. Os dois homens de terno tinham se afastado, estavam um pouco mais adiante no corredor. O que se dizia chamar Odhe estava

ao celular. Nenhum deles disse nada, mas Sarac pôde sentir claramente o olhar hostil. Às costas dos homens apareceram outros rostos, e todos encaravam Sarac. Os rostos de antes, que olhavam para ele com respeito, cheios de admiração. Mas tudo o que via agora era pena. Eles podiam ir para o inferno, todos juntos.

Sarac se recompôs, ajeitou a muleta e acenou para Molnar uma terceira vez.

— Pronto — murmurou.

— Então, David — disse Molnar —, o que você acha de sair desse inferno aqui?

ELES DESCERAM de elevador até o estacionamento da delegacia. O carro deles era preto e grande, com degraus cromados nas laterais. Molnar ajudou Sarac a se sentar com cuidado no banco de trás e depois se sentou ao lado dele. Um dos homens de casaco militar, que Sarac tinha a impressão de se chamar Josef, sentou-se no banco do motorista e saiu sem esperar pelo terceiro homem.

Josef acelerou sem dó dentro do estacionamento. O pneu cantou ao derrapar no concreto liso quando ele virou para entrar no longo túnel que dava na superfície. Ele ligou o giroscópio do carro e o barulho do motor ecoou pelas paredes do túnel. Virou um ruído intenso na cabeça de Sarac.

Uma memória surgiu em sua mente. Lembrava a que ele teve no hospital. Paredes de um túnel, faróis de um carro, as luzes azuis relampejando em volta dele. E outra coisa, algo importante.

Mas, antes que conseguisse chegar a alguma conclusão do que eram aquelas imagens, eles já estavam na Fridhemsplan à luz do dia. O sinal ficou vermelho, mas Josef ligou a sirene e se livrou do trânsito. Só agora Sarac percebeu que Molnar olhava para ele. Recostou a cabeça na poltrona, fechou os olhos e engoliu em seco umas duas vezes.

— Aquilo lá não foi muito inteligente da sua parte, David — comentou Molnar depois de um tempo. — Você só receberia alta na semana que vem. A gente estava justamente a caminho do hospital para visitar você. Foi uma sorte do caralho a gente passar na divisão antes.

— Quem são eles? — interrompeu Sarac, sem abrir os olhos. — Os caras de terno e gravata. Odhe, ou seja lá qual for o nome dele. Eles estavam no hospital ontem à noite.

— Oscar Wallin, você se lembra dele? — Molnar franziu a testa, como se o nome tivesse um gosto ruim. — Um cara ambicioso que trabalhava no Departamento de Crimes Nacionais, um verdadeiro babaca. Ele trabalhou com a gente um tempo atrás. Queria uma cooperação forjada. Queria saber absolutamente tudo sem dar nada em troca. Ficou chateado pra caralho porque a gente recusou. Agora o nosso novo ministro da Justiça deu asas para ele exigir o que quiser em vez de pedir. Os homens dele estão praticamente sugando os informantes do departamento.

— E agora ele quer botar as mãos em Jano? — perguntou Sarac.

Molnar não respondeu.

— Você disse que ele era ultrassecreto, que ninguém mais sabia dele.

— É impossível manter algo totalmente em segredo, David.

Sarac pensou na memória que surgiu no escritório. Bergh tinha falado de um vazamento. A mesma coisa quando eles se viram no hospital alguns dias atrás. Ele abriu os olhos e balançou a cabeça devagar.

— Eu não me lembro dele.

— Wallin? Franja de lado, parece um molequinho. — Molnar começou a falar, mas se calou porque Sarac continuou a menear a cabeça.

— Jano — interrompeu Sarac. — Eu não me lembro de nada. Só que alguma coisa deu terrivelmente errado.

— Sim, sim, você disse isso lá no hospital, antes de eles te levarem na maca. Mas você não se lembrava do que tinha acontecido, de nenhum detalhe. — Molnar olhou para ele. Passou a língua pelos impecáveis dentes da frente.

— Tudo é uma grande bagunça — comentou Sarac. — Um redemoinho de fragmentos que ficam rodando na minha cabeça. Achei que ajudaria se eu visse a minha sala. No começo pareceu funcionar, só que depois percebi que todas as minhas coisas tinham sumido. Que alguém esvaziou todo o meu escritório.

Molnar franziu a testa.

— Kollander colocou em ação a Operação Barra-Limpa. A delegada regional Swensk quer ser a nova chefe da polícia nacional e ninguém vai atrapalhar os planos dela. Uma investigação interna na própria divisão dela pegaria mal, ainda mais porque a divisão já passou por um inquérito alguns anos atrás, quando o Conde foi obrigado a sair. Isso quer dizer que você foi transferido de lá. Provavelmente Kollander mandou Bergh preparar uma papelada com data anterior à real para que parecesse que você já tinha sido realocado quando bateu o carro, antes de descobrirem que a sua lista de reserva não estava no cofre. Não importa o que descubram sobre você, eles vão poder dizer que foi um policial que passou dos limites. Alguém que já tinha tido a reputação questionada e que, por isso mesmo, não trabalha mais no Departamento de Crimes Regionais. — Molnar balançou a cabeça.

— Para onde... — Sarac pigarreou um pouco. A voz não queria obedecer. — Para onde eles me transferiram? Onde estão os meus papéis?

— Divisão de Mercadorias — respondeu Molnar. — Eu fui lá e dei uma olhada. Tudo o que vi foi uma caixa nem pela metade com coisas pessoais. Nada que tenha a ver com o trabalho, nem mesmo um Post-it. Sumiu tudo.

Sarac mordeu o lábio, de repente sentindo vontade de chorar. Ele se inclinou para a frente e escondeu o rosto com as mãos. Molnar colocou a mão no ombro dele. Os dois ficaram calados por um tempo, o motorista manobrava com destreza o carro pesado, trânsito afora.

— Escuta, David, se estiver tudo bem para você, eu acho que não vou te levar para casa, não. O pessoal de Wallin deve estar de plantão na porta do seu apartamento desde que a gente saiu da delegacia. Os investigadores internos também. Dreyer ia adorar pegar você para fazer um interrogatório e uma busca na sua casa. Por isso, a gente pensou em levar você para um lugar seguro, onde tenha a chance de ficar na encolha e descansar um pouco.

Sarac abriu a boca para protestar, mas pensou no que havia acontecido durante a noite. O homem que parecia ter as chaves da porta do seu apartamento.

— Não, claro.

Ele não conseguia nem perguntar o que Molnar tinha em mente, mas também não importava muito. Qualquer coisa era melhor que aquele lixo de apartamento no momento. A carga de adrenalina tinha passado por completo. Seu corpo estava pesado, o menor movimento exigia muito esforço.

— Bom — disse Molnar —, tenta descansar um pouco, temos um longo caminho para dirigir ainda.

Sarac fechou os olhos e descansou a cabeça. Resolveu não lutar contra a canseira, mas, mesmo assim, não dormiu, pelo menos não por completo. Algo atrapalhava o sono, bem na fronteira entre o dormir e a vigília. Tinha alguma coisa de que ele precisava se lembrar, alguma coisa relacionada ao escritório. Todos os papéis.

— É chato ver o cara nessa situação. — Ele escutou Josef dizer lá da frente. — Meu tio teve um derrame há mais ou menos um ano. Ele ainda é um vegetal, mal consegue achar a privada. Às vezes, ele mija dentro do guarda-roupa.

— Deixa quieto, Josef. — Molnar resmungou mais alguma coisa que não dava para entender.

O barulho do motor do carro e as vozes se mesclaram num ruído cada vez mais fraco, à medida que Sarac caía em um sono cada vez mais profundo. Imagens passavam tremulando por sua cabeça.

Um quartinho e um quadro branco cheio de fotografias. Alguns retratos eram severos e encaravam a câmera. O nome deles estava marcado em plaquinhas embaixo de cada um. Outras fotografias foram tiradas às escondidas, pessoas prestes a entrar em carros ou a sair deles. Os nomes estavam escritos à caneta e logo abaixo havia números, possivelmente telefones. Linhas vermelhas por todo lado, setas que conectavam as pessoas nas fotos. Juntas, teciam uma enorme teia de aranha. E, no centro da teia, um grande círculo, com dois jotas virados um para o outro.

Sarac tem a impressão de ter percebido um movimento, um reflexo rápido na superfície lustrosa do quadro. A silhueta de uma pessoa com capuz. A impressão

durou apenas um milissegundo, sumiu antes mesmo que ele conseguisse apreender algum detalhe. Mas ele tem outra coisa em que pensar. Porque agora o vê. No meio da pequena mesa encostada na parede. Um caderno preto que conhecia muito bem. O caderno estava aberto, ele via linhas de texto cobrindo as páginas. Mas, por algum motivo, não conseguia ler, não consegue arranjar de um jeito compreensível. Ou conseguia? Por que, quando olhava para os textos por um bom tempo, imaginava perceber um padrão. Algumas letras eram mais definidas que outras. Juntas, formavam novas padronagens que eram mais fáceis de entender. De repente, Sarac se dá conta do que cada símbolo significa, sabe os segredos que eles escondem. Todas as informações de que precisava estavam lá dentro daquele caderno. Escondidas entre palavras que agora apareciam muito mais claras. A única coisa que precisava fazer era decifrar, escrever cada uma em texto claro.

Porém, quando está prestes a ler, alguém toca no seu ombro e começa a puxá-lo para trás. Sarac estende os braços, tenta pegar o caderno, trazer as anotações para fora do sonho. A distância, ouve uma voz chamando o nome dele.

— David! David, a gente chegou. — Molnar estava do lado de fora do carro e sacudia de leve o ombro de Sarac. Esperou com paciência enquanto ele despertava. — Um lugar bom para ficar na encolha, não é?

Dezessete

— CARA, SENTA aí, Atif!

O homenzinho de pernas tortas que se chamava Bakshi tirou algumas revistas e uns brinquedos de gato do sofá de couro e apontou onde Atif podia se sentar. Mas, em vez de seguir a instrução, Atif foi em direção a uma das poltronas pomposas, levantou-a um pouco e tirou um gato sem pelo que estava largado no assento. O gato pousou de leve no chão, encarou Atif e disparou para a cozinha.

— A gata da minha namorada, ela se chama Missy Elliot — disse o homenzinho com um pouco de desprezo na voz. — Missy Elliot, sacou? Que nome mais tosco.

Atif acenou com a cabeça concordando. E pensou que havia dois tipos de delatores. Os língua-soltas de sempre, que geralmente terminavam engessados ou enterrados numa cova abandonada. Depois vinham os outros, a exceção que comprovava a regra. Pessoas que, mesmo que todos soubessem que eram dedos-duros, eram aceitas pela simples razão de servirem para alguma coisa. Às vezes, havia mesmo uma razão para avisar os policiais dos negócios dos concorrentes. Igualava um pouco o tabuleiro. Bakshi representava esse tipo de pessoa. Poupava o sujeito de ir falar direto com a polícia. Era só alguém contar um segredo para Bakshi, qualquer segredo, e ele corria diretamente para os policiais com ele. Tão desleal quanto previsível. Todo mundo sabia — e todos se aproveitavam.

Bakshi sorriu meio confuso para Atif, deslizou o dedão pela tela do celular,

olhou para ela e colocou o aparelho na mesa de centro.

O apartamento tinha cheiro de tinta e couro. Não tinha nada da Ikea; pelo contrário, só tinha móveis luxuosos de designers italianos. No meio de uma das paredes da sala de estar, uma TV de tela plana de dimensões exageradas, conectada a um sistema de som visivelmente caro. O lugar parecia ter passado por uma transformação total recentemente, e a mesma coisa valia para o dono do apartamento. Dentes alinhados, que passaram por um clareamento de pelo menos dois tons de branco além do normal, bronzeamento artificial e uma barba ridiculamente bem desenhada contornando o queixo, que levou pelo menos meia hora para ficar daquele jeito.

Na última vez que Atif viu Bakshi, ele era uma ratazana nojenta que se esgueirava pelos cantos. Agora havia melhorado e estava asseado. A camisa de seda por cima do jeans de marca, o cabelo oleoso penteado para trás, a linha rosa clara onde começa o cabelo estava dez centímetros mais perto da sobrancelha do que da última vez. Bakshi evidentemente percebeu para onde ele estava olhando.

— Bonito, né? — Ele apontou para o cabelo. — Tem um mês que mandei arrumar. Eles pegam cabelo da nuca, arrancam, tipo, com raiz e tudo. Depois abrem uns buraquinhos que tem na testa e replantam os fios. Um de cada vez. Doeu pra cacete e custou uma grana alta, mas valeu a pena. As garotas adoram.

Ele deu um sorriso largo, mas Atif não retribuiu. Os dois ficaram se encarando.

— Caralho, não é de hoje que a gente não se vê, Atif — comentou Bakshi, depois, passou de novo o dedão pela tela do celular. Estava travada, mas ele digitou a senha sem nem olhar. — Quanto tempo faz, seis, sete anos?

— Por aí.

— Porra, como o tempo voa, cara. Naquela época, eu ainda era um traficante pequeno. Que diferença, não é? — Bakshi abriu os braços, orgulhoso do apartamento supermobiliado. — Tenho alguns salões de beleza: unha, depilação, bronzeamento artificial, a coisa toda. Tenho dezesseis tailandesas que trabalham para mim, e vai ter mais. As meninas tailandesas são trabalhadoras, fazem tudo

direito. Nenhuma sueca, muito falatório, você sabe. — Bakshi deu um sorriso sarcástico, mais uma vez os dedos à procura do telefone.

Mas você ainda é um cara asqueroso com olhos esbugalhados e uma língua ainda maior que a boca, pensou Atif.

— Então, o que posso fazer por você, Atif?

Bakshi repetiu sua rotina com o celular uma terceira vez antes de se recostar no sofá. Mexeu-se um pouco e depois abriu as pernas, como se alguma coisa estivesse cutucando as costas dele. Faca ou pistola, pensou Atif. Mais para a segunda opção. É também uma forma de receber um velho amigo. Por isso ele demorou para abrir a porta.

— Adnan, quero saber quem dedurou.

Bakshi franziu a testa.

— É mesmo, chato o que aconteceu com o seu irmão. — Ele coçou a cabeça com um cuidado exagerado. — Mas, até onde eu sei, os moleques tiveram azar. Eles acabaram dando de cara com uns policiais à paisana. — Bakshi sorriu e tentou parecer totalmente honesto. Ele não enganava ninguém, muito menos Atif.

— Quem dedurou? — perguntou Atif novamente. A voz dele saiu mais grossa dessa vez. — Quem é Jano?

Dava para ver a engrenagem rodando na cabeça de Bakshi. Ele mexeu de novo no celular, parecia não ter nem noção do que estava fazendo. Seus dedos digitaram a senha, quase sozinhos, como um tique: 2558.

— Jano é um fantasma — respondeu Bakshi. — Todo mundo tem medo dele, ninguém quer nem dizer esse nome em voz alta. Tem um monte de gente presa por causa dele, provavelmente no cemitério também.

— Adnan?

— É uma das conversas que corre por aí. Mas eu só sei o que todo mundo sabe.

— E Jano, o que você sabe dele?

Bakshi mostrou de novo os dentes recém-clareados.

— A cabeça de Jano tem um preço. Se eu soubesse alguma coisa dele, já teria falado há muito tempo. Eu teria comprado uma casa na Tailândia e ia ter verão o ano inteiro.

Bakshi parou. Era como se tivesse notado que Atif não estava acreditando nele. Ele mudou de estratégia e foi para a ofensiva.

— E você acha mesmo que pode vir à minha casa e começar a fazer um monte de pergunta assim? Pelo jeito você não faz ideia de para quem eu trabalho! A última coisa que ouvi falar de você não foi nenhum elogio. Você se juntou a Sasja e se mandou para o exterior com o rabo entre as pernas.

Bakshi pegou um maço de cigarro que estava ao lado do celular, tirou um Marlboro e acendeu. Deu alguns tragos demorados e soltou a fumaça na direção de Atif, a outra mão estava de novo tateando o celular.

— Todo mundo falou que você mudou, que você perdeu a força. Até o seu irmãozinho caçula concordava. — Bakshi encarou Atif, esperando sua reação.

Atif se levantou devagar da poltrona. Bakshi já estava de pé. Ele pôs o cigarro na mesa enquanto a outra mão tateava as costas. A falsa autoconfiança tinha minguado, o medo escorria dos poros.

— Eu entendo. Uma pena você não ter podido me ajudar, mas agradeço que tenha tentado. — Atif ficou parado, olhando para o homenzinho. Esperou até que ele começasse a sorrir de nervoso e andou devagar em direção à porta.

— Sem problema. Desculpa não poder ajudar — disse Bakshi desanimado, enquanto Atif colocava a jaqueta e os coturnos. — Mas sabe como é, as coisas mudaram.

— É, é o que dizem.

Atif saiu do apartamento e desceu as escadas. Ouviu Bakshi trancar a porta com fechadura dupla. Olhou para o relógio de pulso e ficou parado no corredor por um tempo. Do lado de fora, um tratorzinho laranja tirava a neve da calçada.

Ele pensou em sua casa, no cheiro gostoso da amoreira no quintal dos fundos. Fechou os olhos e tentou imaginar o céu estrelado, mas não teve muito sucesso. Após exatos dez minutos, voltou ao apartamento e tocou a campainha.

— Desculpa, esqueci a touca. Minhas orelhas estão congelando — murmurou quando Bakshi abriu a porta surpreso.

— Claro.

Bakshi se virou para olhar na chapeleira e Atif aproveitou para entrar no hall. O gato sem pelo estava sentado no meio do piso de mármore lustrado, ao lado de sua tigela de comida, lambendo as patas. Quando ele viu Atif, olhou para cima e mostrou os dentes.

Atif deu dois passos rápidos, pegou o gato pelo couro da nuca e o segurou no ar. O bicho chiou e colocou as garras para fora.

— Que merda você está fazendo?

— Presta bem atenção, Bakshi. Esse gato é muito mais inteligente do que você.

O próprio Atif percebeu como a voz havia mudado, estava com uma expressão totalmente diferente.

— O-O quê? Do que você está falando? — Bakshi estava visivelmente confuso. Uma das mãos tateando as costas de novo.

— Você sabe o que diferencia os felinos da maioria dos outros predadores, Bakshi?

Atif não esperou uma resposta, ele baixou o gato até a altura do rosto do homenzinho.

O bicho continuou sibilando e tentou em vão pegá-lo com as garras afiadas.

— Pega!

Atif jogou o gato no rosto de Bakshi. O homem levantou as mãos por puro reflexo, mas não foi rápido o suficiente. O animal se esperneou no ar com violência, à procura de algo em que agarrar, e cravou as garras no rosto e no escalpo rosado de Bakshi. O homem gritou imediatamente de dor, mas se calou de uma só vez quando Atif deu um chute entre as pernas dele.

Bakshi rolou no chão e ficou em posição fetal no piso encerado do hall. Um dos pés tremia num espasmo. Atif se abaixou e pegou a pistola que estava enfiada no cós da calça do homem. Uma Zastava velha e enferrujada, com fita

adesiva em volta do cabo, provavelmente importada de algum lugar dos Bálcãs. Tinha pelo menos vinte por cento de chance de explodir na mão de quem a usasse. Atif tirou o cartucho e jogou a arma no chão. Depois descobriu um grampo em um dos bolsos do jeans do homem, puxou e era um canivete que parecia perigoso. Pistola e faca, não é de se estranhar que esse ratinho de merda tenha se atrevido a falar grosso.

— Sabe, Bakshi — falou, parado em cima do homem —, às vezes os gatos matam por diversão, porque eles gostam. A mesma coisa vale para algumas pessoas.

Atif agarrou o cabelo fino do homenzinho e abriu a lâmina longa e curvada.

— É assim que eles são. É a natureza deles.

Atif sacudiu a cabeça do homem, esperando que ele voltasse a si. Porém, em vez disso, Bakshi começou a tremer. Os olhos se reviraram, o queixo travado de cãibra. Caralho! Ele já tinha visto isso acontecer algumas vezes. Pessoas totalmente saudáveis submetidas a dor ou choque podiam ser acometidas por algo que parecia um ataque epiléptico. Atif soltou a cabeça de Bakshi no chão. Usou a camisa rosa dele para limpar o sangue e os fios de cabelo dos dedos. Observou por alguns segundos, enquanto o ataque ficava mais forte e o corpo de Bakshi começava a se enrolar e girar no piso de pedra. Então voltou para a sala de estar.

O celular estava mais ou menos no mesmo lugar de antes. Ele digitou os números 2558 e procurou os números das últimas ligações. Se Bakshi sabia alguma coisa sobre a morte de Adnan, ele com certeza teria ligado para o contato para falar sobre a visita de Atif, gabando-se de como tinha feito o irmão mais velho de Adnan baixar a cabeça, de como ele era foda e havia protegido o segredo deles.

O primeiro número da lista era de alguém que Bakshi cadastrou como E. J., e havia ligado para ele apenas três minutos atrás. Na verdade, Bakshi tentara ligar para o número várias vezes seguidas nos últimos dez minutos. Quando Atif apertou o botão para rediscar, ele entendeu o porquê.

— Olá, você foi direcionado para a caixa postal de Erik Johansson, deixe seu nome e seu número...

Então E. J. se chamava Erik Johansson. Parecia um típico branquelo sueco de classe média.

Atif leu com cuidado a lista telefônica e viu rapidamente que todos os contatos estavam registrados apenas com iniciais. Nenhuma delas significava nada para ele. Atif decidiu olhar os e-mails e leu rapidamente as últimas mensagens. A maioria vinha de diferentes mulheres e tratavam de perguntas práticas sobre os salões de beleza. Além disso, havia algumas trocas de mensagem com diferentes namoradas compostas de insinuações sexuais com erros ortográficos. Ele digitou o nome *Erik Johansson* no campo de busca e logo teve um resultado. Um e-mail enviado há dois dias para o endereço Pitbull8U.

E aí, Pasi!
Espero que as meninas em Patpong estejam tomando conta de você. Manda um abraço.
Andei procurando um pouco e o que o amigo do Erik J. disse para você confere. Ou seja, foi um alarme falso, então pode voltar para casa tranquilo.
Os negócios continuam na mesma.
Até,
B

Atif pegou papel e caneta de um dos bolsos da jaqueta, escreveu o número do telefone de Erik Johansson e copiou o endereço de e-mail que mencionava o nome dele. Limpou os rastros de que tinha mexido no celular antes de colocar o aparelho de volta sobre a mesa e voltar para o hall.

Bakshi continuava deitado. O corpo ainda tremia, mas não tão violentamente quanto antes. Pequenos fios de sangue escorriam do seu couro cabeludo e desciam pelo rosto, e o gato sem pelos se deliciava lambendo calmamente. O animal estava tão ocupado com a refeição que nem olhou para cima quando a

porta fechou atrás de Atif.

Dezoito

— SR. THORNING, o advogado está aqui.

— OK, obrigado, Jeanette! Peça a ele que espere mais alguns minutos e depois mande entrar.

Jesper Stenberg se levantou da cadeira, pegou o blazer do cabideiro atrás da porta e o vestiu. Hora de resolver isso. Ele já tinha feito Jeanette desmarcar duas reuniões anteriores com John Thorning. Jogara um pouco do seu jogo de poder, mostrara que os papéis tinham mudado.

O dia havia começado bem, uma entrevista para uma revista de estilo de vida sobre o desafio de combinar os papéis de pai, marido e ministro da Justiça. Depois uma reunião com o assessor de imprensa e uma atualização das mídias sociais. Mais de cem novos seguidores por dia, um número ainda maior nos dias que ele próprio postava alguma coisa ou tuitava. Stenberg precisava melhorar nisso.

Depois disso, voltou à Idade da Pedra em um almoço com o chefe da Polícia Nacional. Stenberg não precisara nem se esforçar. O velho Rosengren não era burro. Já havia percebido fazia muito tempo que não permaneceria no cargo no ano seguinte. Começara a falar em diminuir o ritmo de trabalho, passar mais tempo com os netos, pescar, jogar golfe e blá-blá-blá... De fato, Stenberg estava preparado para oferecer ao velhote essa alternativa, pois não via nenhuma vantagem imediata em vazar que, na verdade, Rosengren fora demitido. De qualquer forma, ano que vem ele poderia colocar uma pessoa escolhida a dedo

em uma posição de prestígio como chefe da Polícia Nacional. Alguém que, ao contrário de Rosengren, tinha o que era necessário.

Bem, uma coisa de cada vez. Na próxima meia hora, Stenberg tinha de se concentrar na conversa com John Thorning. Parece que seu velho chefe e mentor havia superado a tragédia do suicídio da filha. Hora da visita de cortesia obrigatória, em que John Thorning, de forma discreta, frisaria a importância de continuar bem com velhos amigos e ofereceria seu conhecimento, sua experiência e seus contatos.

Uma batida leve à porta, depois a secretária entrou.

— Advogado Thorning, o ministro. — Ela sorriu e segurou a porta para o homem mais velho entrar.

— John, que bom ver você! Como você está? — Stenberg deu o seu mais largo e sincero-e-profissional sorriso. Ele se sentia inexplicavelmente eufórico.

— Jesper.

O aperto de mãos foi seco e firme, como sempre. Mas o terno caro não estava caindo tão bem como de costume. John Thorning havia emagrecido, rápido e não de uma forma positiva. O colarinho da camisa estava folgado e deixava aparecer rugas flácidas, o rosto estava acinzentado, e por trás dos óculos sem aro apareciam grandes olheiras. Além disso, o cabelo grisalho precisava ter sido cortado há várias semanas. Era visível como aquela presença era diferente do aspecto normalmente forte que aquele homem costumava ter.

— Sente-se, por favor, John! — Ele indicou com a mão a poltrona de visita do outro lado da mesa. — Então, como você e Margareta estão? — Stenberg estava usando seu tom de voz mais empático, no entanto, John só meneou a cabeça.

— Você é um homem ocupado, Jesper, então podemos deixar a conversa fiada de lado e ir direto ao assunto.

Stenberg ficou um pouco surpreso.

— Ah... claro, certamente.

— Eu quero que a investigação seja retomada.

— Desculpa? Agora fiquei um pouco perdido, John.

O rosto de John Thorning mostrou imediatamente a irritação do advogado.

— A investigação policial em torno da morte de Sophie. Quero que ela seja retomada o mais rápido possível.

Stenberg pigarreou, tentou ganhar alguns segundos para pensar. Seu cérebro funcionava em total capacidade.

— É... então, John, você sabe tão bem quanto eu que não funciona bem assim. Um ministro sueco não pode simplesmente...

— Com todo o respeito, Jesper, mas isso é besteira!

John Thorning se inclinou sobre a mesa de Stenberg. Bateu com o nó do dedo indicador no mogno lustrado

— Você é o magistrado no cargo mais alto do país, Jesper. Chefe de todo o sistema jurídico. Vai me dizer que não pode reabrir uma mera investigação policial sem fazer um alarde?

— É que... quero dizer...

O próprio Stenberg ouviu como ele soava inseguro. Merda, essa discussão realmente não estava indo como ele tinha pensado. Mas foi salvo pelo gongo.

— Trouxe café para os senhores. — A secretária entrou cantarolando um pouco empolgada demais e colocou a bandeja na mesa. — Gostaria de leite ou açúcar, Sr. Thorning?

O advogado respondeu alguma coisa que era mais um resmungo. Estava claro que ficou incomodado por ter sido interrompido. Ele se recostou de volta na poltrona e pegou a xícara de café.

Stenberg lançou um olhar de agradecimento a Jeanette. Ela entrou na hora certa, como sempre. Quase como se ficasse ouvindo as discussões que aconteciam no escritório dele.

Jeanette lhe entregou o café. Preto, com apenas uma colher de chá de leite, exatamente como ele gostava.

— O bolo é caseiro, espero que esteja bom. Se precisar de alguma coisa, estarei ali fora. — Ela disse a última frase olhando para Stenberg. Ele fez um

breve aceno com a cabeça como agradecimento.

— Peço desculpas pelo meu pequeno surto, Jesper — disse John Thorning assim que a porta se fechou. — Tenho tido dificuldade para dormir. Margareta está em Marbella com algumas amigas. A casa está quieta demais.

Ele tomou um gole de café e colocou a xícara no pires finíssimo.

— O que acontece é o seguinte, Jesper. — Thorning deu um longo suspiro. — O policial que investigou a morte de Sophie tomou o caminho mais curto possível. Logo no começo, ele conseguiu fazer o promotor seguir na sua linha, concordando ser óbvio que se tratava de um suicídio. Mas algumas linhas de investigação não foram examinadas corretamente. Um vizinho ouviu vozes exaltadas mais cedo, na mesma noite, por exemplo.

John Thorning se inclinou um pouco à frente.

— Sem falar na carta de despedida que foi enviada para mim do iPad dela. Eu li mais de mil vezes e tenho a impressão de que outra pessoa escreveu aquilo. Coisas mínimas, como palavras que Sophie não usaria. Por exemplo, ela me chamou de John e não de papai no e-mail.

Stenberg se esforçava para parecer neutro. Ele conseguiu inclusive concordar umas duas ou três vezes com um aceno de cabeça. Essa merda desse e-mail, ele havia sentido que era um pouco demais assim que leu o relatório da polícia.

— Mas, apesar disso — John bateu de novo com o nó do dedo na mesa —, tudo foi arquivado como suicídio. Isso está me consumindo, Jesper. — Ele jogou os braços para o alto. — Você mesmo conhecia a Sophie, vocês trabalharam juntos por anos. É claro que ela era instável, mas suicídio?

Stenberg percebeu que John esperava que ele dissesse alguma coisa. Seu velho mentor estava visivelmente em fase de negação. Era hora de tentar confrontar a realidade. Respirou fundo, tentou modular a voz para expressar equilíbrio e compaixão. Teve de fazer um esforço enorme para conseguir.

— John, eu simpatizo profundamente com você, é claro. Mas, como você mesmo disse uma vez, nunca é bom deixar os nossos sentimentos atrapalharem nosso julgamento. Sophie tinha problemas, disso nós dois sabemos. Todos os

fatos indicam que...

— Para com isso, Jesper! — O velho levantou uma das mãos. — Você esquece com quem está falando, então para fingir que está me citando. Você também é pai, imagina se alguma coisa acontecesse com uma das suas meninas. Você não faria qualquer coisa para ver a justiça sendo feita?

A armadilha era boa, o próprio Stenberg tinha armado várias vezes no tribunal. Não importa como a pessoa respondesse, ela se enrolaria, por isso o melhor era calar a boca. E foi exatamente o que fez.

Depois de alguns segundos que duraram uma eternidade, John se levantou, apoiou as mãos sobre a mesa e se inclinou para a frente.

— Você claramente não vai facilitar para mim, Jesper. Bem, é claro que existem outros meios de esclarecer a situação. Conheço um ex-policial que tem uma empresa de segurança. Eu poderia pedir a ele que investigasse o caso para mim. Mas aí surge um probleminha interessante.

Stenberg se empertigou do outro lado da mesa.

— Como você sabe, também sou secretário-geral da Ordem dos Advogados e publicamente nomeado como seu mentor — disse John Thorning. — Alguém que está no Time Stenberg. Imagine a reação que iria provocar se isso vazasse na imprensa.

Ele fez uma pausa.

— Que minha confiança no sistema policial, a organização pela qual você é o responsável-mor, é tão pequena que prefiro iniciar uma investigação particular em torno da morte da minha filha.

Ele sorriu para Stenberg, um sorriso frio, que quase não passava de um repuxo no canto da boca. Depois se sentou de novo e cruzou os braços.

Stenberg fez o possível para parecer indiferente, como se a ameaça não o tivesse atingido. Mas o pior era que aquele velho desgraçado estava certo. A reputação dele estava em jogo se um dos seus apoiadores mais leais mostrasse insatisfação com o seu trabalho. Criaria especulações desnecessárias, talvez fizesse algumas pessoas repensarem o apoio delas. Além disso, a Ordem dos

Advogados era um órgão influente, formador de opinião. Ele poderia precisar do apoio da Ordem. Mas as complicações políticas eram na verdade apenas secundárias. Havia outra coisa significativamente mais preocupante: um investigador externo analisando o caso. Ele só precisava de uma testemunha que o primeiro investigador tivesse deixado passar. Alguém que tivesse visto Stenberg no estacionamento ou na rua, que tivesse notado a placa do carro dele ou qualquer outra coisa que o ligasse à cena do crime.

De certa forma, o velho havia feito um favor em vir até ele antes. Deu a Stenberg a chance de tomar o controle da situação. O ministro fechou os olhos, percebendo que o coração estava batendo um pouco mais rápido. A sensação que experimentou no estacionamento estava de volta. Uma sensação de precisão. De total presença naquele momento.

— Sei o que você está dizendo, John — declarou lentamente. — É óbvio que quero te ajudar. Mas um ministro sueco não pode interferir diretamente em unidades operativas. Eu correria o risco de ser apontado pelo comitê parlamentar. Um processo desse tipo não beneficiaria nenhum de nós.

A expressão no rosto de John Thorning continuou impassível.

— O que eu possivelmente poderia fazer era pedir a um dos meus colaboradores de confiança que desse uma olhada discreta no caso. Repassar a investigação e acompanhar possíveis discrepâncias e, esperemos, dar as respostas que você está procurando.

Ele deixou a isca balançar um pouco e esperou até o velho cação se inclinar um pouco para a frente.

— Mas, nesse caso, preciso impor algumas condições, John.

Stenberg se inclinou também um pouco para a frente sobre a mesa, seu rosto a menos de meio metro de distância do seu velho mentor. John Thorning fez um gesto fraco com a cabeça, concordando. Acreditou ter sua vontade satisfeita, exatamente como estava acostumado. Pensou que ainda era ele quem apitava o jogo. Não percebeu que a ordem das coisas tinha mudado.

— Em primeiro lugar — Stenberg ergueu o polegar —, você precisa deixar

tudo nas nossas mãos. Nenhum detetive particular se intrometendo e complicando as coisas, nem agora, nem depois. Está claro?

Thorning continuou acenando positivamente, um pouco mais forte agora.

— Em segundo lugar — Stenberg levantou mais um dedo —, nenhum vazamento. Se eu vir qualquer sinal na imprensa de que está acontecendo uma investigação secreta... — Ele fez uma pausa longa o bastante para ser interrompido.

— Claro que não, Jesper, isso fica entre nós.

A isca foi mordida, o anzol ficou na boca, só faltava puxar um pouco para acertar as rebarbas.

— Excelente, então eu só tenho mais uma condição, John, uma condição inegociável. Sugiro que você pense no assunto antes de responder.

— Estou ouvindo, Jesper.

Stenberg se levantou da cadeira, deu a volta na mesa e se sentou em um dos cantos. Percebeu, de repente, que estava gostando da tensão desse jogo. Seu coração batia forte no peito, a sensação de presença era praticamente total.

— Se meu pessoal chegar à mesma conclusão que a investigação anterior, se todos os indícios apontarem que Sophie cometeu suicídio, então você precisa aceitar os fatos. Deixar o assunto para trás e continuar em frente, não importa o quanto isso possa doer.

Thorning abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Stenberg foi mais rápido.

— Para ficar claro: nenhuma investigação particular, nenhuma entrevista para o jornal de domingo ou para programas de TV matinais. Nada disso. Quero que você me dê a sua palavra.

John Thorning apertou os lábios tão forte que a boca parecia apenas um risco. Os olhos viraram frestas estreitas. Stenberg prendeu a respiração inconscientemente e quase sentia o sabor da tensão que pairava na sala.

— E se o resultado for o contrário — o velho pigarreou —, se vocês encontrarem alguma coisa que indique que Sophie...

Stenberg escondeu um sinal quase imperceptível de nervosismo, olhou para

John Thorning nos olhos e estendeu o braço para um aperto de mão.

— Se alguma coisa surgir, alguma prova que indique que alguém está envolvido na morte de Sophie, garanto que vamos identificá-lo e que a justiça será feita. Você tem a minha palavra, John.

Dezenove

SARAC DEU alguns passos cautelosos na rotatória coberta de neve. Olhou para a fachada de madeira do prédio protegendo os olhos com a mão para não ter sua visão ofuscada pela luz forte do sol. Ele deve ter dormido como uma pedra, nem mesmo notou que eles pegaram a balsa para carros.

O ar estava seco, o silêncio era quase absoluto. Somente algumas pega-rabudas que grasnavam no alto dos pinheiros ao redor da casa antiga. Nada além de neve e árvores por todo lado, com exceção da pequena pista que, depois de uns cem metros, dava para a via principal. A casa era uma das mais antigas da ilha, um grande sobrado típico do arquipélago, de dois andares, construída no início do século XX, com uma longa varanda envidraçada que dava para o jardim, janelas ornamentadas e vários detalhes de marcenaria. O terreno era enorme, estendia-se até o mar e o píer particular do outro lado do pequeno morro coberto pela floresta nativa.

Molnar subiu a pequena escada da varanda, chutando a neve que estava nos degraus para os lados, e levantou uma tábua solta. Ele pegou uma chave, abriu a porta e entrou. Sarac o acompanhou vagarosamente. Dava passos curtos, para não escorregar. Josef estava logo atrás dele, preparado para segurar o colega, caso alguma coisa desse errado.

Sarac parou no pórtico e inalou o cheiro familiar de madeira envelhecida e umidade. Uma cascata de memórias tomou conta dele. Imagens de verão e momentos bucólicos com Elisabeth e os sobrinhos. Um céu claro, passeios de

barco a remo, redes na sombra e Evert Taube tocando no rádio. Ele sentiu uma saudade intensa daqueles momentos. Mas será que aqueles instantes foram realmente tão felizes quanto na memória dele? Tão bonitos e impecáveis? Era impossível responder agora.

— Entra, David. — Molnar veio ao encontro dele na porta. — Afinal, a casa é sua. Está frio pra cacete, mas vou acender o fogão a lenha. Logo vai esquentar. Aliás, sabe se tem óleo na caldeira?

— Não faço ideia — resmungou Sarac.

— Não, claro que você não faz, desculpa. — Molnar fez um pequeno gesto se desculpando. — Você pode pegar um pouco de lenha, Josef? A despensa fica nos fundos.

Molnar fechou a porta depois que Josef saiu.

— Tudo bem com você, David?

Sarac fez que sim com a cabeça.

— Então, pensei que esse era o lugar perfeito para ficar na encolha por um tempo. O lugar está mesmo registrado no nome da sua irmã, que mora no Canadá, então a casa não tem ligação direta com o seu nome em nenhum registro — explicou Molnar. — Nem os caras de Wallin nem de Dreyer vão encontrar você aqui de primeira.

Nem ninguém mais, pegou-se pensando Sarac.

Eles entraram no hall maior, a escada para o andar de cima serpenteava numa das paredes. Viraram à esquerda e seguiram o chão de madeira encerado, chegando à espaçosa cozinha bucólica. Tudo estava exatamente como Sarac se recordava, desde os painéis na parede pintados de azul até as listras do tapete de retalhos. Talvez as lembranças felizes que tinha daqui não fossem tão imprecisas assim.

Molnar se ajoelhou e começou a mexer no enorme fogão de ferro. Abriu e fechou aleatoriamente as portas de ferro fundido, sem saber o que estava fazendo.

— Tem um compartimento de lenha — disse Sarac. — A caixa branca ali

atrás, na parede. É só apertar o botão ali do lado.

Molnar fez como foi instruído, e houve um barulho dentro do fogão quando alguns pedaços de lenha se acomodaram. Rasgou uns pedaços de jornal, embolou-os, e enfiou por uma portinha. Depois começou a tentar acender um acendedor de lareira, xingando algumas vezes.

Sarac continuou andando. Atravessou a cozinha e chegou a outro cômodo, com estantes de livros embutidas que tomavam conta de quase todas as paredes. Duas poltronas de veludo surradas e uma pequena mesa eram os únicos móveis da sala. O cômodo cheirava a tecidos, poeira e livros velhos. Cheirava a avó. Ele resistiu à tentação de se sentar na poltrona dela; em vez disso, virou à direita e foi para a grande sala de estar que era conectada com a varanda. O sol ameno do inverno entrava pelas vidraças da varanda, e ele pôde ver as costas corpulentas de Josef próximo a uma pequena edícula, em um dos lados do terreno.

O gramado coberto de neve tinha cerca de cinquenta metros de comprimento e era levemente inclinado em direção à floresta. Na metade do caminho, havia um mastro enferrujado e na outra ponta do gramado dava para ver um pomar antigo que quase se confundia com a vegetação nativa. Todo o local era surpreendentemente bonito, e Sarac ficou ali, parado um longo tempo, apenas observando.

— Agora, sim, a gente tem fogo no fogão. — Molnar coçou um pouco o rosto e manchou uma das bochechas com fuligem. — Vou testar a caldeira daqui a pouco. Vamos voltar para a cozinha, ou você prefere...? — Molnar indicou o sofá enorme com um gesto.

Sarac mal percebeu que ele estava ali. Era difícil tirar o olho da vista lá de fora. Havia algo nas sombras no limiar da floresta que chamava a atenção dele, e Sarac não sabia dizer exatamente o quê.

— David?

— O sofá — respondeu Sarac.

* * *

— AQUI. — MOLNAR colocou um celular na mesa de centro, entre os dois. — É um telefone pré-pago. O número está na parte de trás. Salvei meu celular como número de discagem rápida um, o de Josef como dois. Ligue se precisar de alguma coisa, qualquer coisa. A gente vai deixar a geladeira e o congelador cheios antes de ir, e vamos fazer a mesma coisa com o estoque de lenha.

Ele fez um gesto na direção da edícula.

— E, se Wallin ou Dreyer perguntarem, a gente com certeza deixou você em casa, no seu apartamento e não tem ideia de aonde você pode ter ido depois disso.

Molnar sorriu e deu uma piscada para ele, e Sarac fez o que pôde para retribuir o sorriso.

— O mais importante agora é que você fique tranquilo e descanse — continuou Molnar. — Tem remédio suficiente com você?

— Hum — murmurou Sarac sem prestar muita atenção.

Seu olhar estava de volta ao caminho da entrada da floresta. As sombras lá perto pareciam quase ter vida própria. Começou imediatamente a pensar naquela sala com que ele tinha sonhado. As fotografias, os olhares sérios dos homens, a teia de aranha que ligava todos.

— Acho que ele está atrás de mim — disse Sarac, distraído.

— Quem? São tantos que dá para escolher.

— Jano. Acho que ele está tentando me pegar. — Ouviu as palavras saírem da sua própria boca, mas, mesmo assim, parecia estar ouvindo um estranho falar.

— Você vai ter que ser mais específico, David. — O novo tom de voz de Molnar, mais cortante, fez Sarac despertar.

— É, claro! — Respirou fundo, estava tentando colocar seus pensamentos em ordem. — Então, alguém tentou entrar no meu apartamento essa noite. Alguém que tem as chaves.

— Você viu quem era?

Sarac balançou a cabeça.

— O pega-ladrão estava trancado, tudo que vi foi um braço entrando pela

fresta da porta.

— Mas você acredita que foi Jano? Que ele tem as chaves do seu apartamento?

— Hum... — murmurou Sarac. Até ele mesmo ouviu como parecia confuso. — Alguém tinha entrado e vasculhado o apartamento também, deixou tudo uma bagunça.

— E o que faz você pensar que foi Jano? — perguntou Molnar. — Seu endereço é protegido pela justiça, a gente nunca conta para as fontes onde mora, nunca. É uma rotina de segurança fundamental. Você nunca teria comprometido esse ponto, ou teria?

Sarac tentou pensar. Ponderou se deveria contar o que aconteceu no hospital. O homem com hálito de tabaco que falou sobre um trato, o rapaz com a roupa de médico apertada que pegou um atalho para chegar à ala dele. O cachimbo de metanfetamina usado que encontrou no seu apartamento. Mas alguma coisa no rosto de Molnar dizia que não era uma boa ideia. Não antes de Sarac, ele próprio, ter certeza do que estava acontecendo. O que era real e o que eram apenas destroços no cérebro danificado.

A paranoia é um efeito colateral comum depois de um derrame. Quem falou isso, a Dra. Vestman? Não, foi a curadora. Como ela chama mesmo? Merda!

Sarac percebeu de repente que tinha vergonha. Vergonha da sua conversa embolada, da sua condição física miserável. E de outras coisas, que não lembrava exatamente quais eram.

— Então, Peter, não sei mesmo. Desculpa, tudo está muito misturado no momento.

Ele fechou os olhos e apertou a ponta dos dedos contra os olhos, para empurrar a dor de cabeça de volta. Molnar olhava para ele, parecia estar examinando Sarac, pensando em alguma coisa.

— OK, eu entendo. Você passou por uma situação extremamente difícil, algo que teria derrubado a maioria das pessoas. Você não precisa pedir desculpas. Vou mandar alguns rapazes vigiarem seu apartamento ainda essa noite. A gente está

muito interessado em pegar Jano o mais rápido possível.

Sarac respondeu com um aceno de cabeça, tentou encontrar alguma forma de mudar de assunto. Tinha perguntas, muitas perguntas. Para começar, dois anos de memórias para tentar recordar. Mas não sabia por onde começar. De repente, tudo aquilo parecia tão imenso, tão maior que ele.

— A batida — disse, por fim. — Bergh parece acreditar que não foi nenhum acidente. Que minha batida está relacionada com a lista reserva que sumiu. Foi por isso que tinha um vigia da Securitas lá no hospital?

— Considerando o que está em jogo no caso de Jano, Bergh tomou o caminho mais seguro. Mas, como falei, a gente chegou logo depois que você bateu. Não tinha mais ninguém no túnel.

— E o meu celular? O que aconteceu com ele? Ele não estava no armário do hospital. Você disse que eu liguei para você do carro momentos antes...

Molnar deu de ombros.

— Sumiu. Provavelmente estava solto no carro. Os escombros... — Ele parou para poder reformular. — O carro estava horrível. Não sobrou quase nada A gente estava certo de que você... Então, parecia muito sério. O celular era a última coisa que a gente poderia ter pensado em procurar.

— A lista de ligações dizia alguma coisa? — Mais uma vez, Sarac se surpreendeu consigo mesmo. A pergunta era totalmente lógica, mas mesmo assim não tinha pensado nela antes de ouvir a pergunta sair de sua boca. Algumas partes do cérebro pareciam, apesar de tudo, funcionar muito bem sozinhas.

Parecia que Molnar havia observado a mesma coisa, porque um canto da boca dele repuxou um pouco.

— Sim, claro. A gente pediu a lista. A última chamada que você fez foi para o meu celular, como eu disse. Antes disso, uma porção de números pré-pagos que a gente não conseguiu identificar.

— Posso ver? A lista de chamadas, digo. Talvez eu reconheça alguns dos números.

Molnar franziu a testa.

— Claro, mas acha mesmo que é bom fazer isso agora? Não é melhor você se concentrar em se recuperar?

A sensação veio subitamente, sem o menor aviso. Sarac não conseguiu identificar o que a provocou. A expressão no rosto de Molnar não tinha mudado, seu tom de voz, até onde podia dizer, também não. Mesmo assim, Sarac não conseguia se desvencilhar daquela sensação, que ficava mais forte a cada segundo que passava. Havia mais alguma informação, algo conectado à batida e à lista de chamadas. Alguma coisa que Molnar não queria revelar.

Vinte

— WALLIN, AQUI é Jesper Stenberg. Você conseguiu ver o que pedi?

— Bom dia, ministro da Justiça! Ah, sim, o caso foi investigado pela Divisão de Crimes da Polícia Civil, exatamente como pensei. Mas pedi para uma pessoa da nossa divisão dar uma olhada mais cuidadosa no caso e inventar um bom motivo para ninguém questionar. Estou esperando o relatório para entre o Natal e o Ano-Novo.

— Que bom. E a gente pode contar com a discrição dele?

— Dela.

— Desculpa?

— A discrição dela. É uma mulher, a investigadora Julia Gabrielsson. Está fazendo o curso para chefia agora e passou seis meses no FBI. Jovem, ambiciosa, exatamente o tipo de colaborador de que você costuma gostar. Além disso, leal.

A INVESTIGADORA criminal Julia Gabrielsson ficou parada no hall enquanto colocava devagar o molho de chaves no bolso da jaqueta. Com exceção do ruído fraco do trânsito lá embaixo, o apartamento estava em silêncio total. Ela leu o relatório do inquérito criminal naquela manhã. Na verdade, não tinha nada de estranho. Uma mulher, com um histórico de problemas psicológicos documentados e um armário no banheiro entupido de antidepressivos, decide abrir uma janela e pular. A carta de despedida escrita no iPad e enviada por e-mail, *very 2013*.

A necropsia mostrava vários ferimentos que faziam sentido com uma queda de uma altura muito grande. E nenhum ferimento destoava do cenário. O conteúdo gástrico era o típico coquetel de despedida: bebida forte e comprimidos.

No local, também não havia nada que fosse anormal. A porta do apartamento estava devidamente trancada, nenhum sinal de arrombamento nem de que outra pessoa estava presente no momento da morte. A única coisa diferente era que um dos vizinhos acreditava ter ouvido vozes exaltadas vindo do apartamento, mas, como ele, segundo sua própria declaração, tinha tomado pelo menos uma garrafa inteira de vinho e quatro drinques, o depoimento não tinha muito peso. Além disso, o homem parecia um pouco tagarela, o tipo de pessoa que facilmente ajusta a memória para estar ao serviço da polícia.

Havia apenas uma conclusão: se o pai de Sophie não fosse um dos advogados mais renomados de Estocolmo, a coisa toda já estaria esquecida e ela própria estaria ocupada com coisas mais importantes. Mas Oscar Wallin queria fazer um favor para John Thorning e, por isso, ligou para ela. Claro que aceitou, Oscar tinha objetivos grandiosos, ele ia fazer de tudo para chegar ao topo, e ela queria acompanhá-lo.

— Tudo o que você precisa fazer é ir lá e dar uma olhada. Conferir se tem alguma coisa que não bate. Eu apreciaria muito. Não tem pressa, você pode dar uma passada lá na semana que vem. — Mas é claro que ela não ia querer esperar tanto. Era melhor começar de uma vez.

Julia puxou dois protetores de sapato azuis descartáveis do bolso da jaqueta e os colocou. Calçou um par de luvas de látex pretas muito finas e deu uma volta pelo apartamento para fazer um reconhecimento. Hall, cozinha, sala de estar, dois quartos. Tudo decorado com o mesmo estilo industrial minimalista, impessoal e caríssimo. Piso cinza de concreto escovado, móveis tubulares em aço nobre e, aqui e ali, fotografias emolduradas. A maioria das fotos era dela mesma, a dona do apartamento em vários lugares exóticos. Todas eram em preto e branco, nem mesmo uma única foto colorida em todo o apartamento.

Do outro lado ficava o escritório, de onde Sophie Thorning havia saltado o parapeito da sacada francesa. A cadeira ainda estava no mesmo lugar. Julia resistiu à tentação de ir até a janela e olhar para a rua; em vez disso, voltou para a entrada. Nenhum sinal de arrombamento, exatamente como estava no inquérito, o que não era nenhuma surpresa. A porta levava direto ao fosso do elevador e só havia duas formas de subir até o andar de Sophie. Uma era como tinha acabado de fazer, colocando a chave certa na placa com o nome dela no elevador. A outra era tocar a campainha e ser autorizado a entrar pela dona do apartamento.

Julia agora olhava o quarto maior. Ficou parada um bom tempo, antes de abrir a porta para o closet. Fileiras e mais fileiras de roupas, arranjadas com precisão. Uma parede inteira de sapatos. Louboutin, Jimmy Choo, Manolo Blahnik. Marcas caras para uma garotinha mimada. Uma parte da parede era um gaveteiro, e Julia começou por baixo. Lingerie, meias, vários outros acessórios, nada surpreendente. Nem mesmo os brinquedos eróticos na quarta gaveta eram uma surpresa. Dois vibradores diferentes, algemas, um conjunto de cordas e fitas e outros apetrechos. Um pouco mais avançada que a coleção básica *50 tons* das donas de casa. Sophie Thorning devia gostar de uma pegada forte. Possivelmente algo que não tinha contado para o papaizinho.

A cama enorme parecia ter sido recentemente arrumada. Lençóis pretos, capa de edredom cinza. Seis travesseiros grandes, com o mesmo cinza dos edredons, enfileirados em pé na cabeceira da cama. Algo relacionado à arrumação da cama fez Julia franzir o cenho. Ela passou a mão no tecido. O edredom e o lençol estavam esticados, quase completamente lisos. Dava para ver nitidamente o vinco que a máquina de passar tinha deixado. Linhas perfeitas, precisão militar.

Julia pegou o edredom e levantou uma beirada, baixou a cabeça e cheirou o tecido. Cheirava a recém-lavado. Ela tirou todo o edredom, revirou todos os travesseiros. Nada, nem mesmo um fio de cabelo, um resquício de pele que deveria aparecer claramente naquele lençol preto.

Atravessou o closet e entrou no amplo banheiro. Toalhas felpudas estavam

penduradas ao lado da pia e no gancho de toalhas, ao lado do chuveiro. Tudo liso e limpo, sem o menor sinal de ter sido usado.

A cesta de roupas sujas ficava em um compartimento discreto, escondido atrás de uma cortina. Ao lado dela havia uma prateleira com gavetas removíveis. Ela puxou todas e encontrou um pouco de roupa suja misturada, mas não achou toalhas nem roupa de cama. Não precisava significar nada. Sophie Thorning devia ter uma faxineira e talvez estivesse incluso troca de roupa de cama e lavanderia. Mas Sophie morreu numa noite de sexta-feira. Era normal ter faxina nos fins de semana? Ela fez uma anotação para se lembrar de ligar depois e conferir, mas havia outros detalhes que eram ainda mais fáceis de averiguar.

Julia saiu do banheiro e foi até a ampla cozinha. A pia estava vazia, nenhum copo ou talher sujo. Nada de estranho nisso, levando em consideração que Sophie parecia gostar de manter o lugar limpo e impessoal. O lava-louça ficava escondido atrás de uma das portas brancas do armário. Ela abriu e puxou as duas cestas da máquina. Ambas vazias. Quais as chances de isso acontecer? Normalmente acumulava-se um pouco de louça, que ficava esperando na pia. Alguns copos, talheres, essas coisas que se enfia na máquina assim que a esvazia. Pelo menos era assim que funcionava com ela e Nilla.

Ela abriu as portas dos armários e passou os olhos pelos diferentes tipos de copo. Uma exceção chamou a sua atenção. Dava a impressão de que faltavam dois copos de uísque. Um deles estava em inquérito, tinha ficado na mesa do escritório. Análises mostraram que o copo continha o mesmo tipo de bebida que foi encontrado no estômago de Sophie. Mas onde estava o outro? Ela farejou um pouco o ar. Esse cheiro fraco, um pouco ácido, podia muito bem ser uísque. Um copo caído, talvez?

Julia pegou sua lanterna e iluminou ao longo das portas do armário. Descobriu pequenas manchas amareladas em uma das paredes enceradas. Puxou o cesto de lixo, mas ele também estava vazio.

O aspirador de pó estava em um dos armários do hall; ela precisou fazer um pouco de força para abrir a tampa. O saco do aspirador estava novo em folha,

mas quem quer que tenha esvaziado o aparelho possivelmente não teria pensado em trocar o filtro. Julia o removeu com cuidado, e depois o iluminou lateralmente com a lanterna. Minúsculos fragmentos de cristal reluziram contra a lâmpada e a fizeram sorrir com satisfação.

Ela voltou para a cozinha e deitou no chão, aproximando os olhos o máximo possível do lustroso piso de concreto. Uma camada fina e homogênea de poeira cobria o chão, exatamente como esperado. O apartamento não tinha sido limpo desde a morte de Sophie. Mas, fora isso, não havia mais nada, nem mesmo uma migalha de pão. Exceto... Alguma coisa brilhou contra a luz. Um ponto mínimo irregular em um dos remendos do concreto debaixo da ilha da cozinha. Julia se arrastou para chegar um pouco mais perto, tomando bastante cuidado para não perder o lugar de vista. Não conseguiu deixar de sorrir quando se deu conta de que estava certa. Um pequeno caco de vidro, ou, melhor dizendo, de cristal. Um caco que, ao contrário de todo o resto, não tinha sido sugado pelo aspirador de pó e, por isso, escapou de ser levado do apartamento com o lixo, as toalhas e as roupas de cama usadas.

Julia se levantou do chão. Não dava para ter certeza sem antes conferir o horário de trabalho da empresa de faxina. Mas sua intuição dizia que estava na pista certa.

O apartamento tinha sido limpado, com muito cuidado, metodicamente e por alguém que sabia exatamente o que estava fazendo. É possível que tenha sido a mesma pessoa que havia deitado na cama, se secado com as toalhas e bebido uísque no copo que quebrara. A mesma pessoa que o vizinho acreditava ter ouvido naquela noite. A única pergunta era: quem?

Com cuidado, ela segurou o pedaço de vidro entre o polegar e o indicador e o iluminou com a lanterna por vários ângulos. Uma alusão a cor reluziu contra a luz. Uma mancha vermelha mínima, difícil de ver sem uma lupa.

Parecia sangue.

Vinte e um

ATIF HAVIA tocado a campainha, olhado pela portinhola do correio e tentado ver algum sinal de vida no apartamento, mas tudo que conseguiu foi ver um hall escuro e sentir um cheiro forte e rançoso que era difícil de saber do que era. Não havia ninguém em casa, e, a julgar pela pilha de correspondência no chão do hall, já fazia um bom tempo desde que alguém estivera ali.

Bakshi tinha ficado bastante nervoso quando Adnan e o assalto foram mencionados. Ele havia corrido para o celular e ligado para Erik Johansson assim que fechou a porta, porém não teve resposta. Por que ele teria ligado? Deve ser porque Erik J. estava envolvido e Bakshi queria avisar ao comparsa ou se gabar de como tinha sido foda e feito Atif baixar a cabeça sem revelar nada. Não importa o motivo, a pista levava à mesma direção: Erik Johansson.

O número do telefone era carta fora do baralho. Nenhum resultado em sites de busca, o que significava que o número não estava listado ou que era de um telefone pré-pago, sem assinante registrado. Havia tentado ligar para o número umas duas vezes do seu próprio pré-pago, mas caiu na caixa postal de Erik de novo. De acordo com as páginas amarelas, existem mais de trezentos Erik Johanssons, só em Estocolmo. Não era uma quantidade viável para começar a procurar.

Então ele tinha seguido a pista do e-mail em que Bakshi falava sobre Erik J. com alguém que se chamava Pasi. Atif havia procurado o e-mail Pitbull8U no Google e descobrira que existia uma microempresa de um único funcionário

registrada no nome de um tal Pasi Arvo Lehtonen, que supostamente funcionava atrás dessa porta, na rua Roslag, 62.

Atif teria preferido procurar Bakshi mais uma vez e tirar dele o que sabia, mas Bakshi havia sumido, provavelmente estava escondido na casa de uma das namoradas, com a pistola debaixo do travesseiro. Ou então deixara a cidade. Pelo menos, o apartamento estava todo apagado e trancado.

Em resumo, agora Pitbull-Pasi era a melhor pista de Atif, mas pelo visto o homem ainda não tivera tempo de seguir o conselho de Bakshi, dizendo que podia voltar para casa em paz e em segurança. O que Pitbull temia tanto que, a julgar pelo e-mail, o havia feito sair do país? Tinha algo a ver com a morte de Adnan? Só tinha uma pessoa que podia responder a essa pergunta.

Atif se levantou e tirou a poeira dos joelhos. Um pouco mais adiante no corredor, a porta de outro apartamento se abriu devagar. Uma idosa saiu, puxando um carrinho de feira xadrez. Quando a senhora viu Atif, parou e pareceu considerar voltar para dentro.

— Polícia — avisou Atif, sacou o distintivo e o segurou no ar. A mulher estava a pelo menos seis metros de distância e, a julgar pelos óculos de lentes grossas que usava, era difícil ter conseguido ver algum detalhe além da capinha de couro e o brasão de metal. E ele estava certo, a mulher relaxou imediatamente.

— Ah, que alívio! Pensei que você fosse um deles. — Indicou com a cabeça a porta atrás de Atif.

— É por isso que eu estou aqui. Gostaria de falar com o vizinho da senhora, o Sr. Lehtonen — disse Atif.

— Ah, sim, faz sentido — comentou a mulher. Atif ficou surpreso com a voz melódica dela. — É muito entra e sai nesse apartamento. Povo estranho.

— Ahã. — Atif fazia o seu melhor para parecer educado e respeitoso. — E a senhora sabe se ele está em casa?

— Não, deve ter viajado para as festas de fim de ano, que nem a maioria dos jovens. Meus netos costumam viajar para a Tailândia. Eu mesma jamais

conseguiria fazer uma coisa dessas. Natal sem neve e frio não seria a mesma coisa.

Atif concordou com um aceno. Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou papel e caneta.

— Posso pedir um pequeno favor à senhora? Eu gostaria muito de entrar em contato com ele, se possível, assim que ele aparecer.

SARAC JÁ estava se sentindo melhor. Mesmo ficando dentro de casa, era como se o ar aqui na ilha clareasse a cabeça. Ele tinha dormido no sofá da sala de estar, enfiando-se debaixo do saco de dormir verde que Molnar tinha deixado lá. Uma noite toda de sono ininterrupto e sem sonhos.

Na verdade, Sarac queria mesmo era sair, tentar ir até a entrada da floresta e ver o que havia lá, no meio das árvores, que tinha um poder de atração tão forte sobre ele. Mas se deu conta de que, no estado em que se encontrava, nunca iria conseguir atravessar aquela neve toda. Resolveu então dar uma volta dentro do casarão. A memória mais recente daqui de dentro deve ser de dois verões atrás. Elizabeth, Jeff e as crianças tinham vindo do Canadá, eles fizeram planos para essa casa velha. Jeff sugeriu, daquele jeito metódico, típico dele, que deveriam vendê-la, que uma reforma custaria muito. Mas Sarac conseguiu convencer sua irmã a esperar, e disse que podia fazer a maior parte do serviço sozinho e que não ficaria tão caro. A casa, apesar de tudo, era uma parte da infância deles. A última que restava.

O andar superior estava exatamente como ele recordava. Logo acima da escada havia uma sala ampla que dava para a entrada. Um corredor com dois quartos pequenos de cada lado ligava ao segundo piso da varanda. Mas o telhado da varanda e uma parte da janela estavam cobertos com lonas grandes, que, com as janelas sujas, davam um ar escuro e sombrio a todo o piso superior. A varanda estava cheia de material de construção. Cavaletes, rolos de material isolante, dois botijões de gás grandes e uma serra. Um cinturão de ferramentas que ele reconheceu na hora estava jogado em cima de uma pilha de madeira. As tábuas

que formavam a pilha tinham amarelado, parece que estavam ali fora há um bom tempo.

Sarac abriu a porta de um dos quartos. Encontrou uma cama cuidadosamente forrada, uma cadeira e uma mesa de cabeceira. O cheiro de tecido úmido era forte. Ao longo de uma das paredes havia duas pequenas portas com fechaduras de bronze em vez de maçanetas. Sarac sabia que uma delas dava para o guarda-roupa e a outra, para um banheiro estreito.

Sarac abriu a torneira da pia. Sentiu o metal vibrar na mão dele antes de começar a tremular e cuspir uma água encardida. Deixou escorrer um pouco até o fio d'água ficar claro e estável. Parecia que Moldar tinha conseguido deixar a caldeira funcionando lá no porão, porque a água foi ficando quente aos poucos, ou pelo menos morna.

Ele fechou a torneira e voltou para o hall. Olhou para a porta da frente lá embaixo. A sensação aumentava a cada momento, era reforçada pelas paredes descascadas e pelas manchas de umidade do teto. Toda a velha construção imponente estava num estado de degradação inexorável.

Sua barriga roncou e ele se lembrou imediatamente de que não tinha tomado café da manhã. Josef deixara a geladeira bem cheia, e Sarac pegou um pouco de cada coisa. Sentou-se à mesa da cozinha e ficou esperando o café passar na cafeteira. Colocou a mão direita na mesa e flexionou os dedos. Estavam melhores agora, muito mais firmes que antes. A perna direita também, mesmo que ainda dependesse da muleta. Se continuasse desse jeito, logo poderia voltar ao trabalho. Naquele exato instante, lembrou-se de que não tinha mais emprego, pelo menos não para valer. A Divisão de Mercadorias era um ponto final, um lugar em que descarregavam as pessoas que não davam para ser alocadas em nenhum outro lugar, que não prestavam para o honesto trabalho policial.

Sentiu um nó na garganta e coçou um pouco em cima da touca de lã. A atadura tinha sido removida, ele só ficou com o curativo que cobria o buraco no crânio. Sarac o pressionou com o dedo e cutucou de leve as arestas do osso. Um pouco abaixo delas ficava o cérebro, que ainda estava mais ou menos exposto.

Mesmo assim, parecia não conseguir ter acesso ao que estava escondido lá dentro. Precisava tentar dar sentido às coisas. Encontrar uma forma de preencher as lacunas, mostrar que todos que queriam se livrar dele estavam completamente enganados.

Ainda não tinha conseguido se livrar da memória que viera à tona no carro de Molnar. A sala, os homens mal-encarados. As linhas vermelhas que conectavam uns aos outros parecendo uma teia de aranha com aquele símbolo no meio. Um desenho que o assustava e intrigava ao mesmo tempo. Porém tinha uma outra sensação que começava a recordar. Sentira algo parecido no hospital, mas a conversa com Molnar a intensificou. Vergonha. Sarac estava com vergonha de alguma coisa, e não era só de seu estado vulnerável ou de que os outros estivessem lhe dando um gelo. Era outra coisa. Algo que ele tinha feito, algo imperdoável.

Quem era o homem naquele carro coberto de neve de quem ele presenciara a morte? Quem havia atirado na nuca do cara com tamanho sangue-frio? Era alguém que conhecia, alguém com quem trabalhava? Talvez até Jano. Foi por isso que Molnar não quis mostrar a lista de ligações, porque não confiava muito nele? Duvidava da objetividade de Sarac?

O barulho inconfundível de uma porta de carro batendo o fez despertar dessa espiral de perguntas. Ele se virou, olhou pela janela e viu um Golf vermelho com manchas visíveis de ferrugem que tinha acabado de estacionar no jardim. Não o ouvira chegar. A neve deve ter abafado o som do motor. O carro era familiar, mas Sarac não conseguia dizer exatamente de quem era.

Ele viu as costas do motorista indo para a porta da frente. Sarac se levantou, seu coração acelerou. Ninguém além de Molnar e Josef sabia que ele estava aqui. Então quem era aquela pessoa lá fora no jardim?

Sarac puxou as gavetas da cozinha e procurou algo cortante, mas não encontrou nada. A pessoa bateu à porta com força, decidida, como se não estivesse com muita vontade de esperar. Sarac seguiu para o hall, espremeu-se contra a parede e tentou olhar pela janela para ver a varanda, mas tudo o que viu

foi uma jaqueta acolchoada. No canto, logo atrás da porta, viu um taco de basebol coberto por pregos bem afiados e compridos. Era dele? Se fosse, não se lembrava. O que o teria levado a construir uma arma horrível daquelas?

Bateram de novo à porta, mais forte dessa vez. Sarac travou por um instante. Pegou o taco de basebol, virou a fechadura e abriu a porta. A pessoa que estava na varanda não parecia nem um pouco surpresa, ela ficou simplesmente parada, olhando para ele dos pés à cabeça. Depois apontou para a clava de pregos na mão de Sarac.

— A gente precisa parar de se encontrar desse jeito, David — comentou Natalie sorrindo.

— O-O que você está fazendo aqui?! — Sarac tentou esconder a taco às costas.

— O que você quer dizer na verdade é: "Obrigado, Natalie, por ter ficado plantada na frente da delegacia por três horas ontem para nada. Obrigado por ter voltado ao meu apartamento e arrumado aquele espaço digno de um drogado, enquanto esperava que nem uma idiota que eu aparecesse. E obrigado especialmente por você ter vindo até aqui no arquipélago para trazer o meu remédio." — Natalie sorriu de novo e balançou uma sacola de farmácia.

Sarac balançou a cabeça, confuso.

— C-Como você me achou? Quero dizer, quem, a casa...? — Seu raciocínio se embaralhou.

— Estou sentindo cheiro de café. — Natalie apontou para a cozinha. — Se você me oferecer uma xícara, eu conto.

— LUGAR LEGAL, deve ter custado uma grana. — Natalie olhava a cozinha impressionada.

— Era da minha avó materna. Eu e a minha irmã herdamos — murmurou Sarac, meio desajeitado com as xícaras de café.

— Elisabeth Matilda Sarac, agora Sra. Wilson. Emigrou para o Canadá em 2001. A casa está no nome dela, não no seu. Uma forma inteligente de evitar

pagar imposto sobre capital. — Natalie puxou a sacola da farmácia. — Seu remédio estava na mesa da cozinha do apartamento, então, como já estava tarde e você não aparecia, comecei a ficar preocupada. Tinha um molho de chaves no hall, escrito *Skarpö*, então imaginei que tinha uma casa de veraneio aqui. Meu amigo que trabalha na Agência do Tesouro fez uma pequena busca. Sua identidade é confidencial, então no começo ele não encontrou nada, mas aí procurou por outras pessoas com o mesmo sobrenome.

— E então vocês encontraram a minha irmã e esse endereço? — Sarac percebeu que suas palavras saíam um pouco arrastadas.

— Exato, e tudo que precisei fazer foi achar o telefone de um vizinho tagarela e perguntar se tinha fumaça na chaminé e... bingo!

Sarac se sentou à mesa, apertou de leve a ponte do nariz e depois os lábios. Sentiu uma sensação estranha, seu rosto parecia dormente.

— Quando foi a última vez que você tomou seu remédio para enxaqueca?

— Ontem, eu acho — murmurou Sarac. — Ou talvez anteontem...

Vinte e dois

HAVIA UMA luz cintilando no olho mágico, depois Atif ouviu a corrente tilintar. Não pôde deixar de notar que ela havia trancado todas as fechaduras.

— Entra! — convidou Cassandra.

Ela tentou falar com firmeza, mas Atif notou logo o medo que estava escondido sob a superfície controlada. Como sempre, conseguia sentir esse cheiro, mesmo em meio ao perfume forte que ela usava.

Atif entrou e fechou a porta.

— Tranca a porta!

Atif fez o que ela mandou. Esperou que Cassandra o convidasse a entrar no apartamento, mas, no fim, ficaram parados no hall.

— Tindra? — perguntou ele.

— Está dormindo.

Atif balançou a cabeça de leve, tentando demonstrar compreensão em vez de decepção. Esperou que ela falasse do que se tratava, mas se deu conta de que Cassandra iria esperar que ele perguntasse.

— Você queria que eu viesse o mais rápido possível. Eu vim. — Atif encolheu um pouco os ombros.

Atif havia ligado para Cassandra dois dias atrás para lhe contar que ficaria na Suécia mais um pouco e lhe dera o seu número de telefone. Cassandra não parecera feliz e definitivamente não o havia convidado para passar o Natal com elas, como ele esperava. Mas há menos de uma hora Cassandra lhe ligou

pedindo que viesse. Ela disse que era importante.

Cassandra enfiou a mão no bolso traseiro do jeans, puxou um papel dobrado e sacudiu na cara dele.

— Que porra é essa aqui, Atif? Hã?! — A voz dela quase atingiu um falsete.

Atif pegou o papel. Um cartão de Natal com um Papai Noel feliz na parte da frente. Alguém deve ter deixado cair no chão, porque dava para ver uma marca de sapato na parte de trás. A mancha era de uma sola grossa que lembrava as botas militares que ele usava. Dentro do cartão, a mensagem impressa de costume "Feliz Natal e um ótimo Ano-Novo" e, na parte de baixo, algumas linhas escritas à mão com caneta preta.

Oi, Tindra,
Espero que você tenha sido uma boa menina esse ano. Porque você sabe o que acontece se a pessoa não se comportou, não sabe?
Pergunte para o seu tio Atif!
Um abraço,
Papai Noel.

— Estava na prateleira dela — gritou Cassandra. — Na porra da prateleira dela, dentro da creche. Entende? Ela ficou superfeliz, acreditou que o cartão era mesmo do Papai Noel, que ele tinha escrito para ela e para o tio. Eu não sabia o que dizer.

Atif acenou com a cabeça, ele sabia exatamente o que tinha acontecido. Podia até ver. As portas das creches geralmente ficavam destrancadas, era só entrar direto. Em vez de falar com algum funcionário, era só perguntar a uma criança onde ficava a seção certa. Crianças sabem tudo umas das outras, e, além disso, não podem dar nenhum depoimento que valha. O resto era fácil. Só colocar uma lembrancinha. Não importava o que fosse, a mensagem chegaria de qualquer jeito. *Sabemos onde a coisa mais valiosa da sua vida está e temos acesso a ela, na hora que quisermos.*

Só que, pela primeira vez, ele estava do lado oposto. Dava para contar os sentimentos, um após o outro: medo, raiva, impotência, desejo de vingança. Mas depois foi obrigado a colocá-los de lado. Alguém havia cometido um erro, alguém que estava com tanto medo do envolvimento dele que partiu para cima através de Tindra. Essa pessoa pagaria por esse erro na hora certa.

— É tudo culpa sua, Atif!

Ele não respondeu, ficou ali, parado calmamente em silêncio, enquanto Cassandra continuava gritando.

— A gente acabou de sair dessa merda, começou a ter uma vida normal.

Atif notou que ela ia dizer mais alguma coisa, porém, em vez disso, mordeu o lábio. Cassandra respirou fundo e pareceu se acalmar um pouco.

— Você pelo menos sabe o que é uma vida normal, Atif? — Ela franziu o cenho. — É uma vida em que o celular não toca no meio da noite, uma vida em que a polícia não chuta a porta do seu apartamento cada vez que tem um assalto a um carro-forte. Em que a pessoa não precisa mentir para a filha de 6 anos sobre o que o pai faz.

Atif continuou em silêncio.

— Uma vida normal é quando a pessoa não precisa ficar com medo o tempo todo. — Cassandra o encarou, como se estivesse esperando que ele dissesse alguma coisa.

— É essa vida que Abu Hamsa oferece a você?

— O-O quê?

A raiva tinha passado. Foi substituída por incerteza. Talvez até um pouco de vergonha. Mas ela se recompôs depressa.

— Não sei do que você está falando. — Cassandra quase conseguiu fazer soar como se fosse verdade.

— Me fala sobre a academia, Cassandra.

Ela estreitou a boca e ficou olhando para Atif por alguns segundos.

— Foi como eu disse antes. Adnan e o amigo dele, Dino, iam abrir juntos. Depois Adnan fodeu com tudo, como sempre. Ele acabou se endividando e

precisou de grana rápida. Dino comprou a parte dele; na verdade, fez um favor a ele. Mas Adnan viu de outra forma. Daí, quando a academia abriu e começou a ir bem, ele partiu para a briga, dizendo que Dino tinha passado a perna nele. Um dia, Adnan foi com tudo até a academia, sacudindo uma pistola.

— Aí virou guerra?

Cassandra fez que não com a cabeça.

— Não. A sorte é que ele não precisou chegar tão longe. Adnan e os caras dele só andavam armados, tinham até planos para pegar Dino, o que eu acho que foi uma idiotice do caralho. Dino tem muitos amigos, não se mexe com essa gente.

— Então, o que aconteceu?

— Abu Hamsa interferiu e negociou um acordo. Adnan e os caras dele concordaram em fazer aquele assalto. A parcela de Adnan da operação ia ser usada para comprar de volta a parte dele na academia pela mesma quantia que Dino pagou.

— Mas, no fim, Adnan acabou indo para o necrotério — concluiu Atif. — Morto pela polícia porque alguém dedurou. Alguém contou à polícia o que estava rolando.

Cassandra não disse nada. Ela começou a rasgar o plástico de um maço de cigarro. Atif olhou o cartão de Natal de novo, virou e examinou a marca da bota.

— Adnan e eu, a gente já estava mais ou menos separado. — Cassandra precisou tentar algumas vezes até conseguir acender o cigarro. — Depois de ter arranjado problema com Dino, ele quase nunca dormia em casa. Quando os policiais apareceram para contar que ele estava morto, eu não o via há pelo menos três semanas. — A voz dela ficou triste de repente. — Sei que parece loucura, mas a verdade é que, no fundo, eu me sinto... — Cassandra mordeu o lábio.

Aliviada, pensou Atif. Você se sente aliviada pela morte de Adnan, mas, assim como eu, não consegue se imaginar dizendo a palavra porque sabe que é errado, sabe que isso faz de você uma pessoa ruim.

— Não me entenda mal, eu amava Adnan. — A voz de Cassandra voltou um pouco ao tom firme de antes. — Mas, por mais que a gente tentasse, simplesmente não dava mais. — Ela deu uma tragada longa e soltou a fumaça para o teto. — Eu não queria contar isso quando você chegou. Pensei que não faria nenhuma diferença como a gente estava ultimamente. Adnan já estava morto.

— Eu entendo — disse Atif. E se deu conta de que realmente entendia.

De repente Atif percebeu como Cassandra estava com uma aparência cansada, mas também preocupada. Ela ainda estava tentando parecer forte, mas os últimos acontecimentos começavam a pesar.

— O que vai acontecer agora? Com aquele... — Ela apontou para o cartão de Natal.

— Preciso encontrar uma pessoa. Assim que cuidar disso, vou embora.

— Tem a ver com Adnan?

Atif não respondeu. Mesmo assim, parece que ela entendeu.

— E eu e Tindra, o que a gente faz enquanto isso?

— Tem algum lugar aonde vocês possam ir? Viajar, visitar um parente ou alguma coisa assim? Um lugar que ninguém vá procurar vocês de primeira?

Cassandra pensou um instante.

— Minha tia. Ela e o novo marido estão morando em uma fazenda em Leksand. Vivem falando que eu preciso visitar.

Atif acenou com a cabeça.

— Leksand é uma boa ideia.

Ele apalpou o bolso interno da jaqueta e pegou a carteira. Tirou oito notas de quinhentas coroas novinhas e as colocou em cima da cômoda do hall.

— É tudo o que eu tenho aqui comigo — disse Atif. O que ele não disse é que eram também suas últimas economias. De agora em diante, teria que usar o cartão de crédito para cobrir suas despesas.

Cassandra pegou as notas. Ele rapidamente colocou a mão sobre a dela, segurando-a com firmeza sobre o móvel.

— Cassandra — disse baixinho —, provavelmente é uma boa ideia deixar Abu Hamsa fora disso.

Vinte e três

— AQUI ESTÁ o meu relatório.

Julia Gabrielsson colocou a pasta azul entre os dois, em cima da mesa. Oscar Wallin deixou no mesmo lugar. Continuou comendo seu almoço tranquilamente.

— Imagino que ele vai ficar satisfeito — acrescentou com um sorriso.

— Quem? — perguntou Wallin.

— John Thorning. É para ele que a gente está fazendo esse favor, não é?

Wallin olhou para baixo, cortou um pedaço do bife, enfiou na boca e mastigou devagar, depois limpou a boca com o guardanapo.

— E o que exatamente você quer dizer com satisfeito, Julia?

— É bem provável que houvesse outra pessoa no apartamento na mesma noite. Alguém que tinha as chaves ou que Sophie Thorning deixou entrar. — Ela fez uma pausa, esperando que Wallin fizesse uma pergunta.

— E como você sabe disso?

— Trabalho policial honesto. Algo que o primeiro investigador devia ter feito. — Julia não conseguiu evitar um leve sorriso. — Todas as toalhas foram trocadas, assim como as roupas de cama. Além disso, não tinha nenhuma louça, nem mesmo um copo. Até o saco do aspirador de pó está novinho em folha.

— Sim, e daí? — Wallin deu de ombros — Sophie Thorning contratava um serviço de faxina. Podiam muito bem ter trocado os lençóis e as toalhas, já que estavam mesmo com a mão na massa.

— Não! — Julia ergueu um dos polegares. — Primeiro, parece que, ao

contrário do que se poderia esperar, Sophie queria tomar conta da própria roupa suja. A empresa de limpeza não fazia esse serviço. — Ela ergueu o dedo indicador. — E, segundo: a última vez que limparam o apartamento dela foi na terça da mesma semana. Sophie morreu, como você sabe, na noite de sexta para sábado. Não há nada que indique que ela teria dormido ou tomado banho em outro lugar que não em casa. Houve inclusive a visita do irmão mais novo durante a semana. O irmão dela estava certo de que Sophie tinha dormido em casa. Ele até se lembrava de ter usado as toalhas no banheiro. Azul, não branca, como as que estão penduradas agora.

Julia fez uma pausa para esperar as palavras assentarem.

— A conclusão é que alguém limpou tudo. Alguém que fez o que pôde para remover qualquer rastro de que esteve lá.

— Espera um pouco, Julia. — Oscar Wallin deixou os talheres no prato. — Lembro que pedi a você que desse uma olhada discreta no apartamento de Sophie Thorning, não que começasse a ligar para os parentes e fazer um interrogatório.

Julia deu de ombros.

— Não foi o próprio papai Thorning que queria ter o caso investigado? Então não faz a menor diferença. Além disso... — Ela fez uma pausa, queria prolongar esse momento um pouco mais. — ... eu sei quem é o visitante misterioso. Ou melhor, logo vou saber.

— Estou ouvindo — declarou Wallin, sem emoção.

— Estava faltando um copo de uísque — disse Julia, tentando decifrar por que ele não parecia tão impressionado como deveria. — Encontrei pedacinhos minúsculos de cristal no filtro do aspirador. Restos de um copo quebrado. Depois de rastejar pelo chão, achei um caco de vidro com sangue num remendo do chão. Enviei para a perícia no Laboratório Criminal de Linköping hoje de manhã. Infelizmente não funciona que nem na TV e além disso é um fim de semana prolongado, então a gente vai ter que esperar umas duas semanas pelo resultado.

Julia parou de falar. Esperou que ele dissesse alguma coisa, mas Wallin ficou

quieto, olhando para o rosto dela, nem de perto impressionado, como ela esperava. Ao contrário, Julia ficou com a impressão de que havia feito algo errado.

— Então — disse Julia para quebrar o silêncio —, pode perfeitamente ser o sangue de Sophie Thorning. — Ela percebeu um pequeno tom de dúvida na própria voz e pigarreou rapidamente para não dar na vista. — Mas eu diria com quase cem por cento de certeza que não é....

Julia deixou a frase pela metade, antes da incerteza voltar. A essa altura, Wallin já deveria ter se empolgado com os resultados dela. Só que, em vez de se animar, ele ficou ali, frio como uma lápide.

— Quero dizer, o rastro de sangue não prova que Sophie Thorning foi assassinada — continuou, um pouco rápido demais —, mas, de qualquer forma, há bons motivos para investigar o caso mais de perto. Até mesmo os zumbis na Polícia Civil dão conta. É só fazer um teste de DNA nas pessoas mais próximas de Sophie. Amigos, vizinhos, colegas de trabalho.

SARAC NÃO tinha conseguido se levantar da cama por dois dias. Ficou embolado como uma larva dentro do saco de dormir numa das camas com cheiro de mofo no andar de cima, tentando se livrar da enxaqueca.

De tempos em tempos, Natalie colocava uma bandeja com comida perto da porta, mas, toda vez que ele tentava comer, acabava debruçado no vaso sanitário ouvindo o som do próprio vômito ecoar nos azulejos.

E passou a maior parte do tempo dormindo. Porém, sono não era exatamente a palavra certa. Na verdade, ele pairava em um estado entre apagado e alerta.

Ouvia a casa velha ranger e estalar quando o calor vindo do aquecedor e da chaminé ressecava as fibras de madeira, que se comprimiam aos poucos. Retorcendo-se de sofrimento, exatamente como o cérebro dele. Era quase como se a casa estivesse querendo lhe dizer algo. Os ruídos vindos do térreo eram transportados pelo encanamento, seguiam o ar quente do fogão à lenha e se espalhavam por toda a casa. Ecoavam nos velhos tubos de ventilação e

acabavam saindo como sussurros quase inaudíveis pela grade de ventilação no chão, ao lado da cama. Vozes do rádio da cozinha. Música.

Got to start from somewhere
so I'll start from the grave
we'll count the steps along the way
odds for a christening
and evens, a wedding day...

Ele se deixou levar. Flutuava entre o sono e a vigília.

— Tudo é uma questão de confiança, David — sussurrou alguém no ouvido dele.

A voz o fez abrir os olhos. O coração começou a bater mais forte. Ele tentou erguer a cabeça, olhar em torno do quarto fechado e com pouca iluminação. Mas a cabeça parecia ser feita de concreto, ele não conseguia mexê-la. Então percebeu um leve movimento. O quarto havia começado devagar, extremamente devagar, a girar no sentido anti-horário. Depois mais rápido. Ele teve a sensação de não pesar nada. Olhou para a grade de ventilação, tentou ver alguma coisa além da poeira, mais fundo, dentro do breu.

— Tudo tem um preço — sussurrou a voz lá embaixo —, um desejo secreto, um medo ou um desejo tão forte que a gente está preparado para abandonar tudo o que a gente tem como sagrado. Se uma pessoa confia seu segredo mais profundo, pode-se fazer qualquer coisa com ela.

O quarto girava ainda mais rápido. O teto e o piso trocaram de lugar. Ele se agarrou na borda do colchão, tentando se segurar. Uma parte dele queria apenas fechar os olhos, evitar todas aquelas sensações. O trecho da música voltou.

Curl your lip and make me want to live
for one more day
make me want to sleep

through one more night

Mas ele resistia, dando tudo de si. Sabia que havia mais. Só precisava ouvir com atenção.

— Como uma teia de aranha. — A voz estava ali de novo. — Pequenos fios, suaves como seda, cada um é uma obra de arte em si. Juntos formam algo extremamente bonito. E letal. Mas você precisa tomar cuidado, David. Às vezes você pode se enredar demais na teia e esquecer quem realmente é.

O quarto girava muito mais rápido, o movimento era tão violento que ele sentiu as pernas se levantarem do colchão. Depois a barriga, o peito, até ser jogado para fora da cama. Teto, paredes, janela, tudo girava incontrolavelmente, fazendo a grade de ventilação desaparecer do seu campo de visão. Sarac sentiu que o colchão estava se soltando e fechou os olhos, forte, forte. Entrou de uma só vez a escuridão absoluta.

I owe everything
debts I can't escape till the day I die.

Ele ouviu a voz de Bergh, distante.

— Posso proteger o cara, proteger você...

Depois o homem do hospital com o dente de ouro que brilhava no escuro.

— Trato é trato, David — disse o homem, enquanto o cheiro de cigarro se espalhava pelo quarto. — Você sabe as consequências que te esperam se quebrar o acordo. Seu emprego, sua carreira, sua vida inteira, tudo vai ser tirado de você. Você não pode se esconder para sempre.

A escuridão se transformou em imagens, mostrando a ele o quadro branco com as fotografias, os mesmos rostos mal-encarados, as linhas que formavam uma teia de aranha. O símbolo com os dois jotas.

Então algo completamente diferente. Árvores se inclinando, fileiras de lápides cobertas de neve. Ao lado, um homenzinho com um bigode tosco e vestindo uma

calça de moletom reluzente e uma jaqueta acolchoada amarela que ficava grande nele. O homem abriu a boca para dizer alguma coisa, mas foi interrompido por um toque de telefone. Ele sorriu como se pedisse desculpa e puxou o celular do bolso.

— Alô, aqui é Selim — disse o homem. Fez uma pausa enquanto a pessoa do outro lado falava algo. Depois deu um sorriso largo. — *Ei, Erik J.*, há quanto tempo!

Vinte e quatro

TIVERAM QUE usar uma rede para tirar o corpo da água. Um dos bombeiros era novo e havia cometido o erro de tentar puxar o defunto pelos braços. Um dos braços se soltou e ficou boiando dentro da manga da jaqueta acolchoada amarela.

Dois dos seus colegas riram e ficaram tirando sarro da cor vermelha que o rosto do novato adquiriu até que o comandante mandou que calassem a boca.

— Esse homem está na água há um mês, talvez dois — explicou ele ao novato. — Dá para ver pela cor e pelo inchaço.

Ele apontou para a face cinza azulada, com um bigode tosco que tinha virado uma pequena vassoura preta e rígida.

— Eles podem ficar até duas vezes maiores, se a água não estiver gelada assim, um perfeito boneco da Michelin. — O comandante dos bombeiros enfiou tabaco na boca e depois continuou. — A água dissolve a pele e os tecidos. Por isso que a gente usa a rede e nunca puxa nenhum membro, entendeu?

O novato fez um sinal de positivo com a cabeça e engoliu em seco algumas vezes. Deu uma espiada na rede, viu a jaqueta amarela e a calça de moletom que carregavam aquela gelatina à deriva. Depois, foi ajudar os outros homens que dirigiam a van da polícia a transferir o corpo inchado para um saco para cadáver extragrande.

— Bom, a escuridão do inverno começou a contribuir para as estatísticas de suicídio. O terceiro afogado esse mês — comentou um dos motoristas do carro

do necrotério. — E vai ter mais depois do Natal.

Mas foi só depois que o corpo inchado chegou ao necrotério e o legista puxou a pele que descobriram o fio de aço finíssimo que tinha sido enlaçado em volta do pescoço do homem.

— ALÔ — disse Stenberg.

— Boa tarde, ministro, e feliz Natal — disse a voz seca ao telefone.

— Essa linha é segura? — perguntou Stenberg.

— Claro! Como posso ajudar, senhor ministro?

— É sobre aquele serviço que vocês fizeram.

— Sim, ministro?

— Vocês não fizeram sua parte do contrato.

— O que o ministro está querendo dizer?

— Não vou entrar em detalhes. Tudo o que posso dizer é que vocês não fizeram o trabalho direito, que foram negligentes. Me asseguraram de que nada ficaria para trás. Nada que pudesse me ligar àquele local. — Stenberg mordeu o lábio com força. Fez o máximo para soar profissional em vez de preocupado.

— Sim — disse o homem do outro lado da linha.

— Mas agora tem um rastro.

— Achei que o inquérito policial tinha sido arquivado, ministro.

— Ele foi. Ou melhor, quero dizer... A polícia olhou o caso mais uma vez e encontrou coisas que não estavam batendo. Além disso, acho que aquele e-mail maldito para o pai foi totalmente desnecessário. Só levantou suspeitas. Sophie não era do tipo que escrevia cartas, era só ter me perguntado...

— O ministro não estava totalmente lúcido — comentou o homem ao telefone. — A gente fez o melhor que pôde naquela situação. Aliás, por que a polícia está olhando de novo? Digo, se a investigação tinha sido arquivada...

— Isso não vem ao caso — respondeu Stenberg rispidamente. — O problema é que, apesar da garantia que vocês deram, ficou um rastro. Rastros muito claros que podem levar a...

— Me deixe interrompê-lo bem aqui, ministro. Para resumir o assunto, quer dizer que o senhor está insatisfeito com o resultado do nosso serviço?

— Para dizer o mínimo — vociferou Stenberg.

— Isso apesar de o senhor ainda não ter dado nada em troca?

— Então, como já expliquei, não é tão fácil assim. — Stenberg percebeu na mesma hora o tom defensivo de sua voz. Praguejou em silêncio.

— Claro que não, ministro. Eu não teria pedido o favor ao senhor se a coisa fosse simples. Me dê só o nome que o senhor vai ver que tudo se ajeita.

A ligação caiu. Stenberg fechou o telefone pré-pago barato e tentou evitar o impulso de jogá-lo no lago. Toda aquela situação podia fugir do controle. Tudo por que a colaboradora "confiável" de Wallin não havia entendido a tarefa dela, que tudo o que precisava ter feito era dar uma olhada no apartamento e atestar que o primeiro relatório estava certo. Como ele e Wallin combinaram. Entregar o trunfo que deixaria John Thorning em suas mãos.

Em vez disso, ela foi brincar de Sherlock Holmes, chegando a mandar a prova para o Laboratório Nacional de Ciência Forense. Oscar Wallin tinha deixado a bola cair, ele colocara Stenberg num risco inaceitável. Talvez Wallin estivesse começando a se sentir confortável demais naquela posição, começando a achar que as coisas vinham de mão beijada. Se fosse esse o caso, já era hora de aumentar a temperatura. Stenberg soltou a corda da coleira e deixou seu cachorro urinar na árvore. Ele continuou uns duzentos ou trezentos metros na trilha e pegou o próprio celular.

— Wallin, aqui é Stenberg. — A intenção era mostrar um tom de voz irritado, mas passou longe do alvo. — Em que pé estamos com o Departamento de Crimes Regionais de Estocolmo? — continuou, um pouco mais sensato.

— Bom dia, ministro! Tudo certo, fizemos progressos. Estamos lá há uma semana e acreditamos que a maior parte estará sob controle até o Dia de Reis. O chefe do departamento, Kollander, até que tem cooperado bastante.

— Bom! E como estão as coisas com aquele gerente. Qual é o nome dele? — Stenberg parou para não parecer muito interessado. Wallin fisgou a isca.

— David Sarac, ministro? No momento ele está desaparecido.

Stenberg notou que a voz de Wallin estava um pouco diferente, como se estivesse fazendo de tudo para parecer mais controlado do que realmente estava.

— E o que você está fazendo para encontrá-lo? — continuou Stenberg, num tom de voz razoável.

— Estamos vigiando o apartamento dele. Além disso, o nosso pessoal está no escritório dele. Dreyer deu início a uma investigação interna lá, ele também quer muito encontrar Sarac. Como você sabe, ministro, Dreyer foi responsável justamente pela investigação dos gerentes de informantes, todo o negócio infeliz com Eugene von Katzow, conhecido como Conde.

Stenberg não falou nada, tinha apenas uma vaga lembrança do que Wallin estava falando, e isso não vinha ao caso.

— Bergh diz que Sarac foi transferido para a Divisão de Mercadorias na semana anterior ao acidente, já que a competência dele estava sendo questionada. Se quer mesmo saber o que eu acho, para mim é apenas um arranjo posterior. Um jeito de se distanciar de Sarac e dos métodos dele. É provável que Kollander tenha coordenado tudo, ou alguém em um cargo ainda mais alto.

— OK, Wallin. Escute com atenção agora. — Stenberg fez uma pausa. Hora de aumentar a temperatura para “grelhar”. — Almocei com a delegada regional um dia desses. Eva Swensk deixou claro que o objetivo dela é virar chefe da Polícia Nacional. Tem muita gente no partido que adoraria ter uma mulher no cargo, em vez de mais um homem. Talvez gente suficiente para que eu comece a ouvir o que tem a dizer, apesar das minhas dúvidas iniciais.

Stenberg pausou mais uma vez para dar tempo de Wallin assimilar tudo o que disse. Fez um aceno com a cabeça para um outro dono de cachorro que passeava pela trilha.

— Esse tal Sarac — continuou Stenberg, antes de Wallin ter tido tempo de dizer alguma coisa. — Tenho a impressão de que existe um motivo para ele ter sumido, de que ele está por dentro de algo grande, algo que possa sujar a camisa branca da delegada. Você entende aonde eu quero chegar, Wallin?

— Positivo, ministro. Vou me certificar com meu pessoal de que o assunto tenha a mais alta prioridade.

Wallin pigarreou antes de continuar, mas Stenberg já tinha parado de ouvir. O tom de voz de Wallin já dizia que a mensagem havia chegado ao destino. Ele se pegou sorrindo, satisfeito.

NATALIE JÁ havia andado por toda a casa. Gastara várias horas bisbilhotando tudo, enquanto Sarac dormia por causa do ataque de enxaqueca. Ela começou pela bagunça do material de construção na varanda envidraçada do andar superior, foi inspecionando até chegar ao porão úmido, exatamente como Rickard tinha mandado. Mas, assim como no apartamento, não encontrou nada interessante. A moradia permanente de Sarac já tinha sido cuidadosamente revistada. Móveis rasgados, gavetas tiradas das cômodas e dos armários de cozinha. Quem quer que tenha revirado o apartamento tinha pressa ou estava com um mau humor do caralho. Talvez ambos.

Aqui na ilha não havia nenhum sinal disso. Mas ela encontrara pequenos rastros nas camadas de poeira nas prateleiras e no batente das janelas. Como se as coisas tivessem sido tiradas do lugar e depois colocadas de volta quase na mesma posição. Poderia, naturalmente, ter sido Sarac quem havia bagunçado o local, mas Natalie não conseguia se livrar da sensação de que, mais uma vez, alguém tinha chegado antes dela. Ou então era só sua frustração procurando desculpas.

Rickard não tinha ficado feliz. Já se passara um mês desde que eles fizeram um acordo e, até agora, ela não havia fornecido nenhuma informação que prestasse. O tom de voz alegre que ele tinha durante a primeira conversa foi substituído por outro consideravelmente mais nervoso. Na verdade, ele parecia estar estressado, ou, pior ainda, desapontado.

Rickard havia acertado na mosca da primeira vez que se falaram. Tinha encontrado o ponto fraco dela, a ferida que não queria sarar porque Natalie a cutucava o tempo todo. Ele ofereceu uma possibilidade que ela não imaginou

que existia. Limpar o nome dela do registro de antecedentes criminais e lhe dar a chance de se retratar com os pais, os parentes, os amigos. Mas, talvez, o mais importante: consigo mesma. Natalie queria ser médica, queria ser alguém que salvava vidas. A verdade é que trabalhar com Sarac tinha reforçado aquela antiga ambição. Pela primeira vez desde que foi forçada a interromper a residência, tinha um paciente. Se não viesse com o remédio dele, cedo ou tarde Sarac teria desmaiado, talvez até tido uma hemorragia interna.

Natalie pegou o hidratante labial do bolso da jaqueta e passou nos lábios ressecados.

O problema é que ela não fazia a menor ideia se Rickard ia manter a palavra dele. Não tinham um contrato em papel e ele nunca falou sobre si próprio nem sobre os métodos de trabalho que usava. Mesmo assim, ela havia se deixado convencer de que dava para confiar nele. Rickard parecia o tipo de pessoa que conseguia fazer qualquer coisa. Ela não queria desapontá-lo.

SARAC CONSEGUIU levantar da cama na metade do dia 24 de dezembro. A enxaqueca tinha passado, a náusea também. O raciocínio estava clareando devagar, mais ou menos como o ajuste de nitidez de um binóculo.

Natalie tinha enfeitado a casa para o Natal na casa. Colocara candelabros elétricos que havia encontrado em uma das caixas no porão, até tinha enfeitado uma árvore de Natal desgrenhada, que, a julgar pelo cheiro forte, tinha vindo da floresta nos fundos da casa.

— Bom dia — disse Natalie quando ele apareceu na sala de estar. — Tem arroz doce na cozinha, se quiser. Presunto também. Aliás, feliz Natal! — Ela estendeu um embrulho pequeno.

— Obrigado. — O presente de Natal o fez se sentir bobo. Como era de se esperar, não tinha nada para ela.

— Abre — falou, empolgada.

Sarac rasgou o papel e sentiu que Natalie estava olhando para ele. Um DVD. A capa trazia cinco homens dispostos em fila. Seu olhar deslizou para fora, para o

antigo pomar diante da floresta.

— Meu filme favorito — comentou Natalie. — Achei na cesta de promoção no supermercado, de todos os lugares possíveis. Custou quase tanto quanto três litros de leite.

Ele se obrigou a voltar o olhar, depois tentou fazer o cérebro e a boca trabalharem em conjunto.

— Obrigado, Natalie — disse em seguida, com a maior ênfase que conseguiu reunir. — Agradeço muito. Quero dizer, não pelo filme... Ou melhor, não só pelo filme... É... Na verdade... — murmurou.

— Sem problemas, apenas fazendo o meu trabalho. — Natalie encolheu um pouco os ombros. — Olha, estive pensando em ir para casa agora para ver a minha família. Eu só queria ter certeza de que você tomaria isso aqui.

Ela colocou um copo d’água com comprimidos diante dele. Sarac obedeceu. Ele engoliu os comprimidos e sufocou o reflexo de vômito com um gole d’água. Depois se reclinou de volta no sofá e fechou os olhos. De repente, Sarac se deu conta de que estava um pouco triste porque Natalie já ia embora. Mas é claro que ela tinha coisa melhor a fazer na véspera do Natal que ficar sentada no meio da floresta em uma merda de ilha lhe fazendo companhia. Como todos os outros solitários, ele tentou lidar com a carência vendo TV.

Além disso, tomara uma decisão. Assim que tivesse juntado força suficiente, iria ao pomar para descobrir o que o lugar tinha de tão especial. Sarac sentia que, o que quer que estivesse lá embaixo, seria algo que deveria guardar só para si.

Vinte e cinco

— ALÔ, KHALTI, é Atif.

— Atif — disse a tia. — Que bom que você ligou.

— Só queria saber como a mamãe está. Tentei ligar para ela, mas ela não atende.

— Dalia está bem, Atif. Acho que é algum problema com os telefones de novo. As faltas de energia desligam as redes telefônicas, você sabe.

Por alguns segundos, ninguém disse nada.

— Ela tem o direito de saber — declarou a tia, em tom grave. — Mesmo que tenha dificuldade de separar tempo e espaço, ela tem o direito de saber. Adnan era o filho caçula dela, ela fala dele o tempo todo.

— Eu sei, *Khalti*.

— Você quer que eu conte para ela? Talvez seja mais fácil se vier de mim, afinal de contas sou irmã dela.

— Não. — Atif ficou surpreso com a rigidez da própria voz. — Não, obrigado, *Khalti* — continuou num tom mais suave. — Eu falo com mamãe assim que voltar.

— E quando vai ser isso, Atif? Achei que você ficaria fora só por alguns dias. Foi por isso que concordei em não dizer nada.

— Logo — respondeu Atif. Ele entendeu pelo silêncio da tia que ela esperava que falasse mais alguma coisa. — Eu volto logo para casa. Tem uma coisa que preciso resolver por aqui, antes.

— Que tipo de coisa, Atif? Tem a ver com Adnan?

Um bip no telefone avisou que ele tinha uma chamada em espera.

— *Khalti*, preciso desligar, infelizmente. Tem alguém me ligando.

ATIF OLHOU com cuidado pela caixa de correio. O apartamento estava escuro, exatamente como antes, e a pilha de correspondências ainda estava no tapete do hall. Ele demorou apenas meia hora para chegar ali. O novo hotel ficava mais perto da cidade e o carro barato que comprou de um vendedor tedioso em Barkarby funcionava como um relógio. Mesmo assim, tinha a sensação de que chegara tarde demais.

Logo um barulho veio da porta em frente, e a Sra. Strömgren colocou a cabeça para fora.

— Ele não está aí? — sussurrou.

Atif balançou a cabeça.

— Tudo está em silêncio e escuro. Tem certeza de que foi ele que a senhora viu?

— Toda certeza não dá para ter, policial. Ele estava usando uma jaqueta curta brilhante, com um dragão grande e colorido nas costas e do lado. Dava para ver de longe, mesmo com a vista um pouco ruim. Liguei para você assim que achei o papel com o número.

Atif fez um sinal positivo com a cabeça.

— Bom, vou esperar um pouco. Se ele não aparecer, agradeceria se a senhora entrasse em contato de novo, Sra. Strömgren.

A mulher assentiu, enfiou a cabeça de volta e fechou a porta.

Abriu de novo.

— Você gostaria de esperar aqui dentro, policial? Acabei de fazer café.

Atif pensou um pouco. Lembrou que não tinha tomado café da manhã. Ele podia muito bem esperar dentro do apartamento ou na escadaria.

— Obrigado, é muito gentil da sua parte.

O apartamento cheirava a móveis pesados e a idoso solitário, mais ou menos

como o quarto da sua mãe na casa de repouso. No mais, tudo era aproximadamente o que ele esperava. Paredes e mesas entupidas de enfeites, quadros e fotografias. A Sra. Strömgren quando jovem ao lado de um homem de óculos, provavelmente o Sr. Strömgren. O mesmo casal alguns anos mais tarde com um bebê, depois com uma garotinha bochechuda e um novo bebê. Depois uma fileira longa de fotos de escola, crisma, formaturas de colegial, casamentos. Quatro vidas documentadas cuidadosamente em ordem cronológica. Numa das paredes havia uma mesinha com apenas um retrato do Sr. Strömgren ao lado de uma vela. Uma pequena pausa antes de a vida seguir adiante.

Novas fotos, novas vidas. Netos, bisnetos. Aniversários, Natais e férias. A ordem seguia e continuava até quase o fim da parede.

— Ah, sim, policial — disse a Sra. Strömgren depois quando ele terminou de tomar o café. — Me ocorreu agora que ele deve ter saído para buscar os cachorros dele. Ele tem dois, bichos hediondos. Sven e eu tínhamos um cachorro antes de Maj-Lis nascer. Um cocker spaniel. Amigável de corpo e alma, não machucaria uma mosca.

Ela encheu a xícara vazia de Atif.

— Mas esses animais daí são diferentes. Eu me deparei com eles na escada algumas vezes. Cabeças quadradas e olhos estreitos e malignos. Às vezes, ele até os deixa correr soltos do porão até o apartamento. Eles nunca me fizeram nada, mas só o jeito de olhar me dá arrepios.

Atif levou a xícara à boca, a porcelana florida era tão delicada que ele tinha de segurá-la entre o polegar e a ponta do indicador.

— A propósito, você esteve no porão, policial? Ele tem um depósito alugado lá. Com sacos enormes de comida de cachorro que tem um cheiro horrível. Eu inclusive já reclamei com o síndico.

Atif quase deixou a xícara de café cair, salvando-a no último instante com a mão esquerda. Um pouco de café morno caiu em seus jeans. Ele balançou a cabeça.

— Não, não estive lá embaixo. Preciso de alguma chave?

Ouviu o barulho assim que abriu a porta do porão. Na verdade, não era um barulho, mas uma pressão fraca nos tímpanos, as reverberações de alguma coisa que havia quicado entre as paredes de alvenaria ali embaixo até que restou apenas uma oscilação persistente. O cheiro foi a segunda coisa que percebeu. Um cheiro enjoativo e sufocante, que só podia vir da ração dos cachorros. Mas havia algo mais. Algo mais ácido.

Atif continuou escada abaixo e, seguindo as instruções da senhora, virou à direita num corredor estreito. Ainda dava para sentir a pressão nos tímpanos. Ele sabia o que era. Colocou a mão no bolso e apertou os dedos em volta do canivete de Bakshi. O cheiro ficava cada vez mais forte, quase entorpecente. Achou até que conseguia distinguir vários odores conhecidos: enxofre, ferro, adrenalina. A porta de aço não estava totalmente fechada, a fechadura parecia ter travado. Atif pegou o canivete e o abriu. Colocou a lâmina para baixo, assim poderia atacar alguém se fosse necessário. Depois, empurrou a porta com cuidado.

O cômodo era grande, talvez cinquenta metros quadrados, só dava para estimar o tamanho da parede mais distante. Bem perto da porta, havia uma malha de metal, e, junto a ela, sacos de ração empilhados quase até o teto, que impediam a visão do restante do cômodo. Ele virou à direita e seguiu a parede de sacos. Resíduos de luz da lâmpada que ficava no meio do cômodo iluminavam um pouco o seu caminho. Ouviu um gemido fraco vindo de longe, depois um barulho metálico. Parou, farejou o ar novamente. Tinha certeza do que se tratava. O cheiro era de pólvora.

Espiou atrás da parede de sacos. Junto a todas as paredes havia gaiolas de metal enfileiradas, iguais à que estava diante dele. As gaiolas estavam todas fechadas e dava para ver que tinham prateleiras de metal dentro delas. A maioria estava cheia de sacos, caixas ou tubos de plástico.

No meio do cômodo, havia quatro cadeiras dobráveis e uma mesinha de jardim velha que parecia ter sido achada numa caçamba de lixo. Algumas latinhas e um cinzeiro se amontoavam na mesa surrada.

O gemido continuava, a mesma coisa com o arrastar do metal. Atif percebeu um movimento vindo da gaiola no canto direito, depois um latido curto.

Deu dois passos com muito cuidado para o meio do cômodo. O cheiro de pólvora tinha ficado mais forte e irritava o seu nariz. Mas havia outros odores que agora concorriam nas narinas de Atif. Odores animalescos: fúria, urina, sangue.

Tudo se explicou quando olhou para a gaiola de metal mais distante. Dois cachorros corpulentos, um escuro e outro mais claro, rosnavam na sua direção. Balançando a cabeça quadrada e chacoalhando as coleiras enquanto lambiam os focinhos vermelhos. Atif se lembrou dos cães selvagens do Iraque. Mas esses eram diferentes. Pernas mais curtas, maxilares mais largos e corpos muito mais musculosos. Quando se aproximou mais dos cães, eles exibiram as fileiras de dentes brancos e afiados.

O homem estava deitado de costas um pouco mais para dentro da gaiola. Ele estava bronzeado. Os olhos encarando fixamente o vazio, a jaqueta com o desenho de dragão estava aberta. Dava para ver duas manchas escuras na camiseta branca na altura do peito, o mesmo vermelho-escuro que se espalhava devagar pelo chão de concreto debaixo do corpo dele.

Os cachorros caminhavam sobre o sangue. O cheiro parecia deixá-los embriagados e agressivos. O mais claro latiu outra vez e deu uma mordida no outro. Depois, ele ficou girando no mesmo lugar e parecia morder a própria traseira até que, de repente, se mijou. O cachorro mais escuro continuou rosnando para Atif. Ele se aproximou ainda mais, queria ver mais detalhes. Deu um pulo para trás quando o cachorro escuro atacou a grade.

O cão mais claro parecia ter direcionado a frustração para o homem morto. O bicho mordeu o tecido grosso da jaqueta e sacudiu tanto a cabeça que o enchimento dela se espalhou pelo ar. O cachorro escuro se juntou ao outro. Eles mastigavam as roupas do defunto, rosnavam e latiam um para o outro e rasgavam o tecido em vários pedaços.

Ficou parado, olhando para eles. O homem na gaiola estava visivelmente

morto, e Atif não podia pensar em nenhuma razão para entrar lá. Não antes de um dos cães rasgar o bolso interno da jaqueta do cara e um celular cair no chão.

Caralho!

Claro que o mais inteligente seria dar o fora de uma vez. Não queria de forma alguma ser encontrado ali com a vítima de um assassinato ainda morna. O som do tiro ainda ecoava no ar. Não. Ele tinha ouvido a porta bater quando desceu as escadas do porão, não se deparou com o assassino por uma questão de segundos. Atif se perguntava se alguém havia chamado a polícia.

Com seus antecedentes criminais, passaria meses preso, talvez anos, por causa disso aqui. Já não bastava ter deixado o nome e as impressões digitais no apartamento da senhora. Um cara esperto já teria dado o fora, já estaria com o carro a caminho de Arlanda.

Mas o celular ali perto da parede era, sem dúvida, a melhor pista que tinha até agora. Talvez a única forma de seguir adiante e descobrir mais sobre Erik Johansson e quem foi responsável pela morte de Adnan.

Analisou rapidamente as outras gaiolas. Cinco tipos de ração, algumas caixas com coleiras, focinheiras e coleiras com rebites típicas de ladrõezinhos suburbanos que gostam de deixar os cachorros com cara de mau. Uma gaiola com suplemento alimentar, proteína em pó e outros acessórios de academia. Parece que o rapaz lidava com algum tipo de importação mista.

Numa caixa, encontrou uma pilha de camisetas baratas. Pegou um punhado delas e as enrolou em volta do braço esquerdo, usando uma fita de embalagem para prendê-las. Depois, virou a mesinha que estava no meio do cômodo de ponta-cabeça e arrancou uma das pernas ornamentadas com um chute. Sopesou-a e voltou para a gaiola.

Os dois cães levantaram a guarda quando Atif se aproximou. Exibiram as fileiras de dentes pontiagudos manchados de vermelho. O celular estava do outro lado do corpo, quase no fundo da gaiola. Podia não dar em nada, o que significaria que toda a sua busca havia chegado a um beco sem saída, sem a menor chance de seguir adiante. Mas, sem o celular, seria impossível saber.

Ele abriu a porta da gaiola e deu um passo para trás. Atif esperava que os cachorros aproveitassem para sair da gaiola, talvez correndo para as tigelas de comida em um dos cantos. Mas os animais ficaram lá, em cima do cadáver.

Atif olhou para o relógio, o tempo estava acabando. Mordeu o lábio inferior e franziu a testa. Com cuidado, entrou na gaiola. Sentia os cachorros o encarando, e eles contraíam tanto os lábios que as gengivas ficavam totalmente à mostra. Atif esticou a perna da mesa e tentou afastar os cães de cima do corpo. Chegou a funcionar. Os cães continuaram rosnando, fazendo pequenas investidas contra a perna da mesa.

O celular estava a meio metro de distância, ao lado do braço do cadáver. Atif se encolheu um pouco, tentando manter contato visual com os cães. Ele estendeu o braço esquerdo, com cuidado, para pegar o celular. Por um segundo desviou o olhar dos bichos. Atif percebeu o movimento, mas não conseguiu reagir a tempo. O cachorro claro partiu para cima dele e enterrou os dentes no rolo de camisetas preso no braço. A dor surpreendeu Atif, quase o fez perder o equilíbrio. O cão se recusava a soltar seu braço. Dava para ouvir o tecido rasgar. Ou será que o barulho vinha, na verdade, do seu próprio braço?

O cachorro escuro também partiu para o ataque e avançou para morder a perna direita dele, errando por alguns centímetros, mas fez Atif se desequilibrar para trás. Caralho! A última coisa que queria era cair no chão e ter aquelas bestas em cima dele.

Suas costas bateram na parede da gaiola e ele recuperou o equilíbrio. O braço esquerdo latejava de dor. Um dos caninos do animal parecia ter perfurado todas as camadas de malha, e a pressão da mandíbula estava esmagando seu antebraço. A dor devia ser um cinco ou talvez um seis numa escala até dez. O cachorro rosnava e revirava os olhos, exibindo o branco fantasmagórico. O sangue que escorria do focinho manchava a malha branca. Ele não mostrava o menor sinal de que ia soltar o braço.

Atif se recompôs e virou o corpo de forma que o cachorro claro bloqueasse o caminho do ataque do escuro. A dor aumentava, ele precisava se livrar do cão

agora, de uma vez por todas. Atif estendeu um pouco o braço esquerdo com o cachorro e com o direito ergueu a perna da mesa o máximo que podia. Com toda a força que tinha, deu um golpe no meio da coluna do bicho.

Uma sequência de estalos, mais ou menos como um galho se quebrando. Depois disso a pressão no braço diminuiu.

Atif empurrou o cachorro e viu que a perna do animal tremia com espasmos, mais ou menos como aconteceu com Bakshi. O cachorro gorgolejava e soltava um rio marrom de merda. O cheiro parecia ter atiçado ainda mais o outro cachorro. Ele começou a latir alto e sua boca espumava. O animal baixou a cabeça, estava pronto para atacar. Encarava o rolo de camisetas, agora não tão brancas, em volta do braço esquerdo de Atif.

— Cachorriiiinho — sussurrou Atif por entre os dentes. Depois levantou a perna da mesa bem devagar.

Vinte e seis

SARAC ESTAVA de pé de novo, e até que se sentia bem. O remédio para enxaqueca estava funcionando, mas não menos importante, com certeza, foi ele ter começado a se exercitar. Seções curtas na bicicleta ergométrica no porão. Movimentos lentos, carga mínima. Ontem, pela primeira vez, teve coragem de fazer algumas flexões. Conseguiu fazer cinco antes de os braços pedirem arrego. Os abdominais não foram muito melhores. Mas malhar já estava dando algum resultado; agora ele já conseguia passar quase meia hora sentado na bicicleta. Conseguia deixar o cérebro descansar um pouco, enquanto se focava em fazer os pés forçarem o pedal certo para baixo.

Mas era só um alívio temporário. Assim que se levantasse da bicicleta, as perguntas voltavam. Quem era Jano? Onde estava agora? Será que estava escondido em algum lugar, esperando notícias do gerente dele? Ou será que ele era tão frio que estava fingindo que nada havia acontecido, mantendo a fachada apesar da preocupação que deve estar corroendo-o por dentro? De que o segredo dele pode não estar mais seguro. Nesse caso, não era tão difícil imaginar que tinha sido realmente Jano quem esteve no hospital e, mais tarde, à porta do apartamento. O homem queria pegar Sarac, assegurar-se de que o segredo dele ainda estava em boas mãos.

Sarac tinha apenas uma vaga lembrança de como Jano era. Uma silhueta escura, um olhar visto rapidamente pelo retrovisor e uma barba por fazer em um rosto escondido por um capuz. Não lembrava muito mais que isso.

E o resto? O homem com a tatuagem de serpente, a lista reserva desaparecida, o acidente de carro. O homem fedendo a tabaco com um dente de ouro no hospital que falou de um trato. Era Jano com outro disfarce? É claro que tudo estava relacionado, Sarac só não sabia como. A única coisa que sabia com certeza era que tinha mais perguntas que respostas. E que o único, além dele, que poderia acabar com o desequilíbrio era um homem de quem não lembrava o rosto.

Sarac aproveitou para examinar o próprio corpo enquanto tomava banho. O braço esquerdo parecia OK agora, tirando um pouco de rigidez. A clavícula parecia ter sarado direito. A ferida na barriga já tinha virado uma cicatriz rosada. A perna direita ainda arrastava um pouco e fazia com que ele mancasse, mas Sarac havia trocado a muleta desengonçada por uma bengala pequena e versátil com cabo de prata que tinha sido do seu avô e que o fazia se sentir significativamente menos inválido. Além disso, a última vez que a enxaqueca deu sinal de querer voltar foi há vários dias. Natalie deixara uma caixinha com pequenas divisórias com a dose certa da medicação. Tinha até mesmo marcado o horário que deveria tomar cada uma.

No geral, estava se sentindo melhor que nunca. Ou pelo menos desde que conseguia se lembrar. Era hora de começar a se mexer, começar a encontrar algumas respostas em vez de ficar acumulando ainda mais perguntas.

Lá fora, na varanda, o ar estava limpo e frio, e inicialmente a respiração descia rasgando no peito, até as vias respiratórias se acostumarem com a temperatura. Ele desceu a escada e foi seguindo a fachada devagar. Natalie tinha aberto um caminho na neve, que facilitava o deslocamento. Mas, ao virar a esquina da casa, tudo ficou mais difícil. Havia um caminho que dava no depósito de lenha, que Josef tinha aberto quando Sarac foi trazido para cá, mas caíra no mínimo vinte centímetros de neve desde aquele dia.

Sarac não desistiu, ele tentou levantar os pés o mais alto possível para não precisar empurrar mais neve que o necessário. No entanto a perna direita não queria ajudar muito. Foi obrigado a arrastá-la pela cobertura de neve, e isso

consumiu rapidamente suas forças. Quando ele chegou ao depósito de lenha, sua camiseta já estava molhada de suor, o coração batia forte, e ele foi obrigado a se escorar na parede por um tempo para respirar um pouco.

Faltavam pelo menos cinquenta metros para chegar até a entrada da floresta, cinquenta metros em que ele precisaria enfrentar uma neve ainda mais profunda. Talvez até meio metro em alguns pontos. Mas não ia desistir fácil, não agora que havia conseguido chegar tão longe. A sensação de que tinha algo importante lá, alguma coisa que ia ajudar a lembrar, ficava cada vez mais forte.

Sarac esperou o pulso se acalmar para poder continuar, tentou dar passos curtos, com cuidado, para não se cansar enquanto atravessava o gramado. Em retrospectiva, devia ter deixado de lado algumas seções de treino e economizado forças para esse trajeto. Além disso, devia ter deixado essa merda de bengala e usado a muleta, que já havia sido colocada à prova. Mas ele não tinha imaginado como seria trabalhoso atravessar aquilo mancando. A camada de neve estava bem mais profunda do que ele podia imaginar, na altura do joelho em certos trechos.

Sarac havia chegado ao velho mastro, no centro do gramado. Parou por um momento e se escorou no metal já descascado. Caralho, como estava cansado. Além disso, o jeans estava tão molhado quanto a camiseta. Apesar do sol, a temperatura estava em torno de dez graus negativos. Se ficasse muito tempo parado, logo congelaria.

Olhou para trás. A neve já tinha tombado na trilha dele e tudo o que dava para ver era uma longa linha irregular de neve atravessando o gramado. Isso significava que o caminho não ia ser muito útil para voltar.

Só mais vinte metros e estaria no pomar. Depois mais ou menos a mesma distância até a floresta. Mas talvez fosse melhor voltar. Fazer uma nova tentativa depois de alguns dias, com um equipamento melhor e mais bem preparado.

Ele havia acabado de se convencer da ideia, só que agora tinha visto alguma coisa no chão, próximo do pomar. Provavelmente não viu antes por causa das sombras. Respirou fundo e continuou andando. As pernas da calça molhadas

tinham começado a endurecer.

Só mais dez metros, cinco... Chegou!

Parou. Escorou-se no tronco retorcido da velha macieira enquanto recuperava o fôlego. Um ou dois metros adiante, havia uma área de mais ou menos um metro quadrado, onde a neve tinha sido pisada. Para além dessa área, havia um rastro bastante evidente que continuava entre as árvores, serpenteava por entre dois pilares de concreto de um portão abandonado que marcava o fim do jardim e subia o pequeno morro, adentrando a floresta.

Veados, talvez, procurando frutas caídas e cobertas pela neve? Era uma possibilidade. Sarac se inclinou para a frente e tentou varrer a neve. Procurou alguma área que tivesse sido comprimida o suficiente para guardar pegadas, mas não adiantou. Exatamente como as pegadas dele, a neve caíra de volta e escondera todos os detalhes.

Uma sensação de que estava congelando o fez estremecer. Ele se virou para trás e olhou para a varanda envidraçada. As sombras e os galhos dependurados das velhas árvores dificultavam avistar a casa. Mas do pomar a visão era boa. Boa demais, inclusive.

A intuição veio do nada, forte o suficiente para convencê-lo. Alguém esteve ali, naquele ponto, observando a casa. Uma figura escura, com capuz na cabeça, que queria saber se seu segredo ainda estava em segurança.

Uma rajada de vento repentina assobiou entre os pinheiros no monte atrás dos pilares de concreto. Sarac ficou arrepiado. A friagem tinha se propagado pelo resto do corpo. Sua intuição havia passado, de repente ele a achou quase idiota. Com certeza os rastros foram deixados por um veado.

Sarac levou quase uma hora para voltar para casa. O passeio havia sido um fracasso total. Ainda não descobrira o que o lugar tinha para atrair tanto o seu interesse, porém já não tinha mais forças para atravessar aqueles pilares velhos e subir a encosta íngreme. Além disso, o tempo tinha mudado e o sol desaparecera.

Quando por fim chegou à esquina da casa, estava completamente exausto e congelando. Umas nuvens pesadas cobriam o céu e pequenos flocos de neve

tinham começado a cair. Logo viriam muitos outros que varreriam todos os rastros de humano e animal.

Sarac se agachou com cuidado e escorou as costas na fachada de madeira. Passou um tempo ali, tentando reunir as forças que ainda restavam. Fechou os olhos um pouco.

De repente, pensou ter visto uma figura escura no canto do olho. Sarac arregalou os olhos imediatamente e tentou se levantar. Um homem, com uma jaqueta militar escura e botas pesadas, aproximava-se. Sarac sentiu um aperto no estômago de puro medo. Mas logo reconheceu o homem. Era Josef. O braço direito de Molnar, o homem que ele trouxera para cá.

— Aí está você! — disse Josef. — A gente já estava ficando preocupado!

— Oi, Josef — saudou Sarac o mais despreocupado que pôde. Ficou surpreso por ter conseguido ser convincente, apesar de o pulso estar disparado. — Só fui dar uma volta, precisava esticar as pernas.

Outras pessoas viraram a esquina da casa. Molnar e mais dois rapazes, Sarac reconheceu o rosto deles. Algo se soltou em sua cabeça, liberando uma enxurrada de informações. Nomes, posições, números de crachás.

— Porra, David! — gritou um deles. — Você está de pé e andando. Cara, que alívio!

Sarac sorriu e balançou a cabeça algumas vezes para tentar fazer o cérebro se acalmar. Ele se lembrou deles, de todos eles. Não só como se chamavam, mas do que gostavam de comer, do nome das esposas, das namoradas, das amantes, de tudo. Seu time, os seus caras. Mãos lhe davam tapinhas nas costas. Sorrisos largos por todo lado.

— Bom ver vocês, rapazes. — Sarac sorria. E por um breve segundo ele se sentiu genuinamente feliz.

Vinte e sete

ATIF SE sentou mais ou menos no mesmo lugar de antes. O carro velho e acabado estava estacionado entre os caminhões no terreno vizinho com o para-choque colado na cerca de arame, de frente para a academia. Tinha um binóculo no colo e o celular do Sr. Pitbull no banco ao lado.

Devia ser pelo menos a quinta vez na última hora que ele puxava a manga da jaqueta e observava os ferimentos. A dor estava OK, em torno de dois na escala de um a dez. Os hematomas da mordida do cachorro já haviam formado um padrão amarelo esverdeado por todo o antebraço, e a ferida causada por um dos dentes coçava de forma preocupante. Se não ficasse melhor em um ou dois dias, seria forçado a procurar um médico para tomar uma vacina antirrábica, o que não era exatamente uma ideia muito atraente.

Ele havia cometido um erro, fora estúpido o suficiente para dizer seu sobrenome verdadeiro à Sra. Strömgren na rua Roslag. Além disso, deixou impressões digitais na louça favorita dela, assim, possivelmente já estava sendo procurado a essa altura. Dois de dois erros possíveis, mas, em sua defesa, era preciso dizer que nem mesmo um oráculo poderia prever esse desenrolar das coisas. Um homem assassinado a tiros, nome e impressões digitais de um criminoso conhecido da polícia e, além disso, testemunhas que o conectavam ao horário exato do crime. Para os policiais, esse era um caso fácil. Solucionado assim que o pegassem.

Quebrar o código de segurança do celular lhe custara quinhentas coroas, mas

tinha valido a pena. O histórico de ligações era uma ferramenta brilhante quando o assunto era mapear os movimentos de uma pessoa, e Pitbull-Pasi não era nenhuma exceção. Ele usara pouco o telefone no último mês. Com certeza tinha arrumado um pré-pago barato na Tailândia para evitar os custos internacionais. Mas, ao contrário do celular de Bakshi, a lista de contatos desse telefone tinha nome e às vezes até sobrenome, o que facilitava consideravelmente.

Atif encontrou uma ligação recebida do telefone de Erik Johansson, bem tarde na noite de sábado, dia 23 de novembro. A chamada havia durado por volta de um minuto. Logo depois, Pitbull ligou para a central de atendimento da Thai Airways, então, o que quer que Erik J. tenha falado, fez Pitbull querer fugir pela própria vida.

Nos dias 24, 25 e 26 de novembro, Pitbull ligou para Erik J. onze vezes ao todo. Todas as chamadas duraram cerca de vinte segundos, o que possivelmente significava que todas caíram direto na caixa de mensagem. Depois disso, o telefone de Pitbull tinha ficado totalmente morto por quase três semanas, até o dia que ele recebeu o e-mail de Bakshi. Depois disso, ele começara a ligar de novo. Primeiro para a Thai Airways para comprar uma passagem de volta. Depois para um canil no bairro Frescati. A terceira ligação foi para um telefone com o número protegido, que, de acordo com a lista de contatos do celular, pertencia a alguém chamado Rico. E depois, por último, uma chamada para cá, para a academia. O lugar de Adnan.

Menos de um dia depois, alguém executou Pitbull com dois tiros no peito e deixou o corpo como comida de cachorro, então possivelmente eles discutiram sobre algo além do preço de proteína em pó. Pelo menos era o que Atif esperava, porque estava ficando sem mais pistas.

O misterioso Erik J. não atendia o telefone e não se sabia onde Bakshi havia se enfiado. Mas a intuição de Atif tinha funcionado até agora e não costumava falhar. Ele levantou os binóculos e observou os fundos da academia. Nenhum carro lá dessa vez. Nenhuma conferência de gângsteres, até onde dava para ver.

Ele pensou em Cassandra, torcendo para que tivesse seguido o conselho de

não contar a Abu Hamsa onde ela e Tindra se encontravam. Mas não podia contar com isso, porque Abu Hamsa provavelmente representava segurança para Cassandra. Segurança financeira. Alguém que poderia tomar conta dela e de Tindra. Mas Hamsa não havia sido promovido para aquela posição sendo um tio agradável. Ele pode preferir evitar conflitos porque não são bons para os negócios, mas, quando precisava, o baixinho conseguia ser mais cruel que a maioria.

Um movimento na porta dos fundos do prédio fez Atif levantar os binóculos. Mas era só o viciado em proteína, Dino, provavelmente saindo para fumar. Atif ficou de olho no homem por alguns segundos, enquanto ele tremia e brincava com o isqueiro. Um cigarro cairia bem agora, ajudaria a manter a concentração.

A batida fez com que ele pulasse de susto.

O homem que reconheceu como sendo o Consultor estava inclinado para a frente, encostado no vidro do lado do passageiro. Ele sorriu e fez um gesto interrogativo apontando para a maçaneta do carro.

Atif olhou de relance para o retrovisor. Uma Range Rover preta avançou devagar e ficou atrás do seu carro, bloqueando sua rota de fuga. Ele baixou os binóculos e colocou o telefone de Pitbull no bolso. Deixou o canivete de Bakshi cair no porta-objetos assim que abriu a porta do passageiro.

O Consultor se sentou no banco do passageiro, trazendo com ele um vento frio e um cheiro leve de loção pós-barba.

— Achei mesmo que ia encontrar você aqui. — Ele sorriu. — Talvez a gente devesse se apresentar. Frank Hunter, consultor de segurança.

Atif ignorou a mão estendida e isso não pareceu atingir nem um pouco o outro.

— Você se chama Atif Kassab. Seu irmão, Adnan, foi morto pela polícia depois de um assalto a um carro-forte mais ou menos dois meses atrás, e agora você quer saber quem dedurou. Tudo muito natural e até mesmo compreensível.

Hunter sorriu de novo. Atif continuou calado.

— Vi você aqui há umas duas semanas — comentou Hunter. — A gente ficou

de olho em você por um tempo. Um dos meus sócios tentou nos convencer de que poderíamos conversar com você. De que poderíamos te controlar. — Hunter balançou a cabeça. — Sinceramente, acho que é conversa fiada. Um cara como você. Se fosse meu irmão...

Hunter deu de ombros.

— Então, como já sabe, nem todo mundo está feliz com você causando problemas. Bakshi armou o maior escândalo. Ele quer que você seja apagado. Aparentemente, aquele bostinha é uma boa fonte de renda para algumas pessoas.

— É por isso que vocês estão aqui, Hunter? — Atif indicou com a cabeça o carro atrás deles. — Porque escutaram Bakshi?

Hunter ficou em silêncio, parecia estar pensando em como se expressar.

— Acho que você não me entendeu bem, Atif. Eu só queria ter uma oportunidade de falar com você em paz. Mas agora me dei conta de que talvez não tenha escolhido muito bem o método.

Ele pegou um rádio do bolso da jaqueta e o aproximou da boca.

— Vocês podem ir agora, está tranquilo.

O rádio emitiu dois ruídos claros e segundos depois o Range Rover deu a ré devagar e saiu do caminho.

— Agora, sim — falou Hunter, satisfeito. — Talvez a gente possa continuar nossa conversa de uma forma um pouco mais relaxada.

Atif não falou nada. Ele ficara mais surpreso com a situação do que estava preparado para admitir. Mas ouvir não fazia mal nenhum. Hunter. Nome imponente, só pode ser falso. O cara não aparentava ser norte-americano ou inglês, nem na aparência nem no sotaque. No entanto, por outro lado, ele não se parecia muito com o pessoal do ramo de segurança que Atif conheceu no Iraque. Estava mais para um executivo comum.

— Os caras que você viu sair da academia, Abu Hamsa, os motoqueiros e os outros, são considerados pesos-pesados. Mas relativamente são todos pequenos negociantes. Todos eles têm chefes, que por sua vez têm seus próprios chefes. As organizações têm diferentes nomes, mas o dinheiro, as grandes quantias mesmo,

desemboca no topo.

Ele fez um gesto para o teto do carro.

— Mas Hamsa e os outros têm outra coisa em comum. Têm um problema. Dos grandes.

— Você quer dizer Jano?

— Exatamente. Jano estraga todos os negócios. Ele faz todo mundo desconfiar um do outro. E, se os negócios não funcionam, então...

— O dinheiro para de jorrar.

— Exato.

— Então onde você entra, Hunter? — Atif tentou demonstrar menos curiosidade do que, na verdade, tinha.

— Sou uma espécie de solucionador de problemas. Alguém que é contratado quando é preciso uma pessoa de fora e imparcial. Meu trabalho é fazer o problema desaparecer de uma forma que cause o mínimo de preocupação possível para a liderança. Veja bem...

Hunter se virou um pouco no banco.

— Se alguém de um dos grupos envolvidos encontrar Jano primeiro, vai acontecer uma de duas coisas. — Hunter ergueu um dedo. — Se a organização de que ele faz parte o encontrar, ele vai desaparecer sem deixar vestígios. Ninguém vai dar um pio sobre o assunto com os outros, por correr o risco de ser acusado de fazer parte da traição de Jano. Ou seja, o tempo passaria e os demais grupos continuariam desconfiados e os negócios continuariam sendo prejudicados. Ou então...

— Jano pode ser encontrado por uma organização diferente da dele — interrompeu Atif, antes de Hunter ter tempo de levantar o outro dedo. — Então ela vai se aproveitar dele como arma e perturbar o equilíbrio de poder.

— Vejo que você entendeu o problema — disse Hunter. — Meu trabalho é encontrar Jano antes. Descobrir exatamente quanto dano ele causou e se tem mais gente envolvida. Quando Jano tiver sido interrogado, eu entrego um relatório para os meus clientes.

— Os chefes dos chefes. Quem são?

Hunter sorriu e deu de ombro.

— Alguns deles você com certeza conhece, mas garanto que nunca ouviu falar da grande maioria.

— E você tem certeza de que vai encontrar Jano antes? Hamsa parece estar convencido de que o pessoal dele estava perto.

Hunter meneou a cabeça devagar.

— Você já ouviu falar do efeito Wallenda, Atif? Não? Significa focar totalmente em ter sucesso em vez de se preocupar com o que pode acontecer se a pessoa falhar. Eu e meu time não temos nada a perder e, por isso, não gastamos tempo nem forças pensando nas consequências do fracasso.

Ele estendeu a mão direita e desceu um pouco o vidro do lado do passageiro para deixar sair um pouco da umidade no carro, porque os vidros estavam começando a ficar embaçados.

— Enfim, quando tudo estiver pronto, meus clientes vão me pedir que desapareça com Jano, sem deixar nenhum rastro.

Hunter fez uma pausa.

— E exatamente por isso eu queria falar com você, Atif. Você entende, eu e meus homens somos ex-policiais ou ex-militares. Naturalmente, fazemos o que for preciso no afã da guerra. Mas nem eu nem eles ficamos exatamente confortáveis com essas soluções... a sangue-frio.

— Vocês não são do tipo que executa alguém indefeso, esquarteja o corpo e depois queima os pedaços até ficarem irreconhecíveis.

— Ah, não. — Pela primeira vez Hunter não estava tão seguro de si. Mas se recompôs depressa. — Sabe, Atif, a família da minha mãe é da Bósnia. Muitos dos meus parentes foram mortos durante a guerra. Assassinados por pessoas que foram vizinhos deles, até mesmo amigos. Como falo a língua, trabalhei alguns anos na região, a serviço do tribunal de guerra de Haia. Nós rastreávamos pessoas que participaram das atrocidades e cuidávamos para que fossem entregues à justiça. Monstros, seria possível pensar. Filhos da puta doentes...

Hunter deu de ombro.

— Mas na verdade a maioria deles era formada por pessoas comuns. Cheias de desculpas, mas sem nenhuma explicação direta de por que fizeram o que fizeram. Para mim, ficou muito claro que tudo é uma questão de moral. Colocar fronteiras claras para si mesmo e nunca, jamais as ultrapassar.

Abriu a janela um pouco mais e expirou uma coluna de fumaça.

— Como você bem sabe, quando a pessoa passa dessa linha, não há...

— Volta.

Hunter subiu o vidro da janela.

— E então é aqui que eu entro na história. Vocês precisam terceirizar a queima de arquivo para que Jano desapareça sem deixar rastros. E você acha que eu sou a pessoa certa para esse tipo de serviço.

— Fico contente que a gente tenha se entendido, Atif. — O homem parecia ter recuperado o humor. — Pensei que alguém na sua situação talvez fosse apreciar a chance de se vingar pelo assassinato do seu irmão. Restaurar a honra da família. E, se entendi direito, você inclusive já executou esse tipo de serviço antes.

Hunter fez uma pausa e ficou esperando que Atif dissesse alguma coisa. Atif ficou se perguntando com quem esse homem andara falando. Imaginou que poderia ter sido Abu Hamsa, ou talvez até mesmo o seu velho parceiro, Sasja. Independentemente de quem tenha sido, ele parecia bem informado.

— Além disso — continuou Hunter, ao perceber que Atif continuou calado —, como parte do meu time, ninguém vai se atrever a encostar em você. Nem os inimigos antigos nem os novos, mas para isso você precisa seguir as minhas instruções à risca.

Atif balançou a cabeça negativamente devagar. Depois respirou fundo.

— Eu já tenho um emprego.

— Claro, seu emprego. Já ia me esquecendo. — Hunter sorriu de novo. — Falei com o seu chefe um dia desses. Major Faisal do Batalhão da Polícia Militar

da 6ª Divisão do Exército. Ele falou muito bem de você. Disse que você é um dos melhores homens dele. Perguntou quando estava pensando em voltar. Eu disse que devia demorar um pouco. — Hunter piscou para Atif. — Contatos, Atif, são a base do meu ramo. É difícil pensar que uma pessoa como você mudaria de lado. Acho que não tem muita gente aqui que sabe. Estou errado?

Atif olhou para Hunter e encarou o olhar satisfeito dele. O homem tinha um sorriso irritante, como se tudo isso fosse só uma brincadeira. Quem havia falado sobre o emprego de Atif? Cassandra tinha falado com Faisal por telefone, então ela poderia ter vazado o número e o nome dele. Só pode ter sido ela. Merda!

— Bom, talvez você queira pensar um pouco no assunto — disse Hunter — Como eu disse, nós poderíamos tirar um grande proveito de um homem com os seus... méritos no nosso time. Fique com o meu número.

Ele colocou um cartão de visitas no porta-objeto acima da alavanca de câmbio, depois puxou o rádio do bolso.

— Durante esse tempo, aconselho você a tomar cuidado, Atif.

A Range Rover apareceu devagar no retrovisor de Atif. A porta do passageiro se abriu por dentro e expôs um banco vazio.

— Se cuida e dê notícias se mudar de ideia.

A porta do carro se fechou. Segundos depois, Hunter e o carro preto tinham sumido.

Vinte e oito

— E BEM bem na hora que o sujeito aterrissou no gramado, David deu um golpe tão forte nele que o cara se borrou todo. Sério mesmo, ele se cagou de verdade. A gente teve que enrolar o cara em plástico para poder levar para a delegacia!

Os colegas explodiram em gargalhadas tão altas que Sarac quase tampou os ouvidos. Mas ele conteve o reflexo a tempo e riu com os outros até seus olhos lacrimejarem.

Todos estavam sentados na sala de estar. O passeio até a floresta, as emoções contraditórias e, ainda por cima, todas aquelas vozes altas ao redor deixaram Sarac totalmente esgotado. Mesmo assim, ele não queria que aquele momento acabasse.

Molnar contava histórias, falava dos vários casos em que trabalharam juntos. Os meliantes que pegaram e as fontes que recrutaram. Sarac se lembrava da maioria, pelo menos quando alguém falava do trabalho deles. Ou então queria tanto se lembrar desses acontecimentos que os transformava em uma memória real. Era impossível dizer onde terminava a verdade e começava a fantasia.

— Você se lembra daquele cigano, David? Como era o nome dele mesmo? Tallrot ou alguma coisa do tipo. Nós o paramos na rua Sveavägen e revistamos o carro dele. Ele contou que todos os irmãos eram criminosos. Todos, menos ele, é óbvio. Sabe como David o chamou? — Molnar se virou para os outros na sala. Silêncio total. — A ovelha branca da família!

As gargalhadas foram ainda mais altas que as anteriores, dominando a

audição de Sarac. Dessa vez, ele não conseguiu controlar as mãos. Apertou as orelhas com os polegares e cobriu o rosto com as mãos. Os ruídos se misturaram e então desapareceram de uma vez.

— Você está bem, David?

Ele tentou assentir. Sentiu os dedos que estavam nos olhos ficarem úmidos.

— Acho que é melhor a gente...

Alguém puxou uma cadeira, e o barulho que ela fez abafou o restante da frase. Sarac esfregou os olhos e secou a mão no jeans.

— T-Tudo bem — disse. Sua voz estava distorcida novamente. — Só estou um pouco cansado. Vocês não precisam...

Mas todos já estavam de pé.

Sarac viu o próprio reflexo na porta de vidro do terraço. O corpo minguado, a cabeça raspada, o curativo no couro cabeludo. Ao mesmo tempo, percebeu o olhar dos outros, a mesma expressão de pena dos homens no corredor da delegacia.

Mesmo que só por um breve instante, tinha conseguido se convencer de que tudo estava como sempre foi, de que ainda era um deles. Mas aquele homem de que estavam falando não existia mais. O que havia sobrado era só um destroço desajeitado e gago que mal aguentava dar uma volta no jardim.

As lágrimas continuaram a escorrer, e ele escondeu o rosto com as mãos novamente. Um aperto repentino no peito fez sua respiração ficar carregada, quase ofegante. Sarac percebeu que os colegas deixaram a sala, dava para escutá-los conversando discretamente no hall, enquanto pegavam os casacos e saíam de fininho. Depois, portas de carros batendo e um potente motor a diesel se afastando aos poucos.

— Aqui, David — chamou Molnar.

Ele colocou um copo d’água na mesa em frente a Sarac e se sentou no sofá.

— Você está cansado — comentou ele —, a culpa é minha. Quer dizer, a galera queria muito ver você agora que é Natal e tudo mais. Pensei que te faria bem. Mas a gente devia ter esperado mais. — Molnar passou a língua pelos

dentes da frente.

— N-Não, não, sem problema, Peter. — Sarac tomou um gole d'água. Ajeitou a voz. — Foi bacana vocês terem vindo. Mesmo. É só que fiquei frustrado porque...

Ele apontou para a cabeça. Respirou um pouco ofegante.

— Porque a merda da minha cabeça ainda está toda fodida.

— Você precisa se dar um tempo, David. A médica disse...

— Estou me fodendo para a porra da médica. — A raiva foi surpreendente, lhe deu mais energia. — Não quero merda de compaixão nenhuma. Não aguento mais isso. Inclusive, o que vocês sentem é mais alívio por ter sido eu e não vocês a serem transformados em um inútil de merda.

Ele virou o resto da água e bateu o copo nos dentes da frente com tanta força que doeu.

— Escuta, David. — Molnar pigarreou algumas vezes. Ele parecia não saber o que queria dizer.

— Não precisa ficar aqui, Peter. Eu me viro. — Sarac escorou a cabeça com as mãos.

— OK. — Molnar se levantou, mas não saiu do lugar. — Tem outra coisa também. Mas talvez não seja a hora.

— O que foi? — Sarac respirou fundo, tentando se recompor.

— Conseguimos tirar uma coisa do carro. Uma coisa que te pertence.

Sarac se empertigou.

— O quê?!

Molnar colocou um saco plástico do tamanho de uma folha A4 na mesa diante de Sarac. Dentro dele, havia um objeto liso claramente visível dentro do plástico. Um caderno surrado com capa preta.

Por um segundo, Sarac teve a impressão de que o caderno aterrissou na mesa com um estrondo, mas se deu conta de que o barulho tinha vindo de dentro da sua cabeça.

Vinte e nove

O CADERNO tinha cheiro de plástico queimado. A beirada do canto inferior direito estava enrolada e queimada, e, em alguns pontos, o papel tinha ficado amarelado. Porém, no mais, parecia inteiro. Sarac virou e revirou o caderno. O som das batidas do seu coração quase abafava a voz de Molnar.

— Tirei dos destroços. Eu fiquei com ele por um tempo. Achei que seria melhor.

Sarac assentiu, meio que ausente. Esse era o caderno dele. As anotações que tinha feito. O objeto com que havia sonhado estar naquela sala misteriosa quando estavam a caminho da ilha. Agora que estava com ele nas mãos, não conseguia entender como pôde ter se esquecido dele. Esse caderno era a sua vida. O centro da sua existência.

Ele folheou cada página com uma euforia única. Quase tudo estava codificado, com uma mistura de palavras e números. Pistas que o ajudariam a colocar as coisas em ordem. A encontrar o caminho de volta para si próprio.

Sarac levou um bom tempo antes de perceber que, na realidade, não entendia exatamente todas as anotações.

Reunião com Júpiter às 14h no 781216.

— Você se lembra do código, David? — A voz de Molnar estava ansiosa. — Júpiter é uma fonte, e o número que começa com 78 deve ser um lugar.

Sarac abriu a boca, e engoliu em seco algumas vezes. Depois balançou a cabeça lentamente.

— Tente a primeira página, então — sugeriu Molnar. — Veja o símbolo, os jotas certamente significam Jano, não é?

Sarac folheou até a primeira página. Os mesmos símbolos que tinha visto na parede do apartamento e depois no quadro branco no sonho. Dois jotas, o primeiro espelhado, desse jeito os ganchos se viravam um para o outro. Essa versão era ainda mais ornamentada do que a da parede. E por fim entendeu o que significava. As letras formavam um símbolo com duas cabeças — dois rostos olhando em direções opostas. O rosto de Jano. O deus que vê tanto o futuro quanto o passado. Como não havia pensando nisso antes? Sarac quase gritou de alegria.

Mas apenas balançou a cabeça animado para Molnar, ao mesmo tempo que corria o dedo indicador pela página. Debaixo do símbolo, havia cinco números, cada um com dez algarismos, espalhados pela folha pautada.

O primeiro era *9728444477*.

Sarac encarou os números por um bom tempo e percebeu que ele e Molnar estavam prendendo a respiração. Os algarismos e as letras se misturaram, formaram um padrão por um instante. Depois se separaram novamente.

— N-Números de identidade.

— Tem certeza? — A voz de Molnar soou decepcionada.

Sarac assentiu.

— Sim.

— É óbvio que a gente já conferiu isso — disse Molnar. —, mas só um deles bate. Ele leva a uma mulher em Umeå, uma bibliotecária. Ela não está em nenhum registro nosso, nenhum parente ou qualquer outra coisa relacionada nem com você nem com Estocolmo. Kristina Svensson, esse nome te diz alguma coisa?

Molnar apontou para o último número na página. Sarac balançou a cabeça. Não o lembrava de nada.

— E os outros quatro?

— Não funcionam — declarou Molnar. — Olha só o primeiro número,

9728444477. Tudo bem 97 como ano de nascimento, mas dia 44 do mês 28?

Sarac percebeu o problema, ele não conseguia entender como pôde ter deixado passar algo tão elementar.

— Acho que são contas bancárias — comentou Molnar —, que têm a ver com a forma como você pagava Jano. Se você conseguisse pelo menos se lembrar de que banco se trata, talvez a gente consiga juntar mais informações. Um cartão de crédito que ele usasse, talvez até mesmo imagens das câmeras de segurança de um caixa eletrônico que pudesse nos dar um rosto. Você se lembra de alguma coisa que tenha a ver com contas ou bancos?

Sarac continuou balançando a cabeça. Por alguns segundos, pareceu que algo tinha mudado, que tudo estava prestes a ficar claro. Mas logo começou a ficar ainda mais confuso. A decepção estava quase tomando conta dele por inteiro. Molnar pareceu ter percebido.

— Não tem problema, David. Vai dar tudo certo. Vamos encontrá-lo, eu prometo. — Ele colocou a mão no ombro de David. — Descansa, pensa com calma, amanhã você lê o caderno com mais atenção. Mais cedo ou mais tarde, as peças vão se encaixar.

— Certo — murmurou David. — O-Obrigado, Peter. Obrigado por tudo que tem feito por mim. Pela sua paciência.

— Não há de quê. Somos amigos, você teria feito a mesma coisa por mim, não teria?

Sarac assentiu.

— C-Como está lá no trabalho? Com Wallin e os investigadores internos?

Molnar deu um sorriso torto.

— Pois é, todo mundo quer encontrar você. Tocam a campainha do seu apartamento de tempos em tempos. Eles não parecem estar muito satisfeitos em não te encontrar em casa. Mas até agora eles têm andado ocupados com outras coisas. Os investigadores internos precisam interrogar um monte de gente para saber o que aconteceu e formular algum tipo de suspeita. A coisa ficou um pouco mais difícil do que pensavam, porque metade da divisão de Bergh está num

curso sobre igualdade de gênero. Os caras de Wallin também estão lidando com ausências inesperadas, então calculo que temos umas duas semanas até eles decidirem o motivo para enquadrar você.

Ele deu um tapa no ombro de Sarac.

— Agora descansa, David. Sua memória vai ficar mais clara, pode acreditar. A gente ainda tem tempo para colocar as coisas de volta nos trilhos, reatar todas as pontas soltas. Tenta se concentrar nas contas bancárias e me telefona assim que se lembrar de alguma coisa, tudo bem?

— E quanto a Bergh, o que a gente vai fazer em relação a ele? Ele parecia meio paranoico lá no hospital. Queria que eu entregasse a ele tudo que tivesse a ver com Jano.

Molnar mordeu o lábio de leve.

— Eu cuido dele. Ele não é bem...

O barulho vindo do hall interrompeu Molnar. Um rangido baixo, como se alguém tivesse mexido na maçaneta com cuidado para conferir se a porta estava trancada. Molnar se levantou rapidamente, afastou a camisa do coldre no cinto e deu alguns passos rápidos na direção do hall. Sarac também ficou em pé.

— Você está esperando alguém? — sussurrou Molnar.

Sarac meneou a cabeça. Pela janela que dava no pórtico, era possível para identificar apenas uma sombra escura. Molnar colocou uma das mãos na pistola e a outra na fechadura.

— Pronto? — sussurrou Molnar.

Sarac fez um sinal positivo com a cabeça. Pensou mais uma vez nas pegadas que tinha visto lá embaixo, perto das árvores. Naquela sensação de que alguém o estava espionando.

De repente, bateram com força à porta.

— Sou eu, David, abre! — gritou uma voz feminina.

Molnar olhou para Sarac interrogativamente.

— M-Minha cuidadora — murmurou Sarac.

Molnar fez uma careta.

— Achei que você fosse ficar na encolha.

Sarac abriu a boca para explicar que tinha sido Natalie que o encontrara, mas se deu conta de que seria muito complicado.

— Eu precisava dos meus medicamentos — disse em vez de explicar. — Pensei que estaria tudo bem. Duvido que ela contaria para alguém onde eu estou, provavelmente trabalha sob sigilo profissional. Além disso, preciso da ajuda dela.

Outra batida à porta. Molnar afastou a mão da arma.

— Claro, David, sem problema. Eu devia ter imaginado. — Ele observou Sarac mais alguns segundos, deu um tapinha no ombro dele e abriu a porta.

— Olá! — Natalie fixou os olhos em Molnar por algum tempo. — Eu estava me perguntando de quem seria o carro na entrada.

— Oi! Meu nome é Peter Molnar. Colega de trabalho e grande amigo do David. — Molnar abriu o seu sorriso mais largo.

Eles trocaram um aperto de mão.

— Natalie — murmurou. —, cuidadora.

— Claro — disse Molnar, sem soltar a mão dela. — Pode dizer o que quiser do sistema de saúde sueco, mas às vezes ele funciona mesmo. Você trabalha para a prefeitura ou...?

— Adelfi Care — respondeu Natalie.

Molnar assentiu, ainda segurando a mão dela.

— E você vem até aqui, no arquipélago de Vaxholm, para uma visita domiciliar? Nada mau.

Natalie deu de ombros.

— A gente vai aonde o paciente estiver.

Ela puxou a mão e pegou a sacola de compras que tinha colocado na escada.

— Vou colocar as coisas na geladeira, David — avisou, olhando para trás enquanto desabotoava o casaco. Molnar a seguiu com o olhar por alguns segundos, depois fitou o seu robusto relógio de mergulho.

— Acho que é hora de ir, vou tentar pegar a balsa das seis. A gente tem uma

apreensão hoje à noite. Bom ver que você está em boas mãos.

Ele enfiou o casaco grosso e baixou um pouco a voz.

— Me liga assim que você conseguir se lembrar de alguma coisa sobre os números das contas. E guarda o caderno só para você.

— C-Claro, Peter.

— Bom, a gente se fala em breve, David.

Molnar deu uma piscada para David, tirou a chave do carro do bolso e abriu a porta.

— Prazer em conhecê-la, Natalie! — exclamou em direção à cozinha.

Assim que a porta se fechou, Natalie voltou ao hall.

— A comida fica pronta daqui a pouco, só vou fumar um cigarro rápido — disse, e afundou a mão no bolso da jaqueta.

A VELHA garagem estava quase totalmente queimada. O telhado havia sumido, assim como as janelas, as paredes e as portas internas. Tudo o que tinha restado eram as paredes externas brancas manchadas de fuligem e pilhas de destroços carbonizados. Apesar de terem se passado dois meses, o lugar ainda cheirava a fumaça de incêndio.

Atif parou no vão da porta, protegendo os olhos dos raios de sol com uma das mãos. Desviou o olhar para os telhados dos prédios caindo aos pedaços em frente. Não era difícil de imaginar como tudo tinha acontecido.

O lugar onde pararam o carro-forte ficava a pouco mais de um quilômetro dali. O percurso de carro até aqui levava, no máximo, quatro minutos. Adnan e os dois homens entram na garagem com o carro de fuga e fecham o portão logo em seguida. Lá, o carro de fuga número dois está esperando, um carro limpo, sem denúncia de roubo. Eles transferem o ganho, possivelmente em duas bolsas, para o novo carro. Depois se livram de macacões, luvas e coletes à prova de bala e enfiam tudo no primeiro carro. Um ou mais deles esvaziam umas duas garrafas de querosene ou gasolina nos bancos e acendem. O interior do carro estaria em chamas em menos de um minuto.

Os homens entram no novo carro. Todos sorriem aliviados, já se sentem vitoriosos quando o portão se levanta. A grana no porta-malas, todos os rastros queimando com o outro carro, tudo o que resta é voltar para casa, tranquilos e alegres. Adnan está sentado no banco da frente. Talvez esteja pensando que, apesar dos contratempos, vai dar tudo certo, que logo ele será sócio de uma academia de sucesso. Pode oferecer uma vida normal para a sua família.

O carro segue para a rua. Os policiais estão posicionados no telhado. Atiradores de elite já identificaram seus alvos. Ninguém sabe quem dá o primeiro tiro. Os policiais dizem que é Adnan, porém o que mais diriam? Não importa quem começa, tudo está acabado em trinta segundos. Adnan e Juha mortos, Tommy gravemente ferido.

E tudo isso porque alguém os delatou. Alguém de lá de dentro. Abu Hamsa disse que a dica veio de Jano, o que excluía Bakshi. Aquele ratinho definitivamente não era nenhum infiltrado que se prezasse e todo mundo sabia que ele falava demais. Mas Abu Hamsa também tinha dito que as dicas de Jano eram inteligentes, que nunca podiam ser rastreadas diretamente de volta para uma só pessoa. Então deve haver mais ramos nessa cadeia, elos que não necessariamente se conhecem. Pitbull-Pasi parece inegavelmente estar ligado à academia. Talvez ele tenha ouvido falar da negociação secreta entre Dino e Adnan que Hamsa havia mediado e depois saiu fofocando. E Jano ouviu...

Depois, quando os caras foram fuzilados no beco, Pitbull sacou o que tinha acontecido. Ele percebeu em que estava envolvido, ficou com medo e fugiu do país temendo ser descoberto como um dedo-duro envolvido com Jano. Ele se escondeu na Tailândia até o amigo misterioso de Erik J. telefonar e dizer que estava tudo tranquilo, que ele não tinha sido acusado de nada. Por segurança, Pitbull ainda mandou um e-mail para o seu velho amigo Bakshi, o homem com orelhas tão grandes quanto a língua, para confirmar a história.

Pitbull estava no país há apenas algumas horas até que alguém atirou nele. Nenhum sinal de que tinha sido pressionado ou que alguém tentou arrancar alguma informação dele. Dois tiros no meio do peito e, a julgar pela expressão

de surpresa, ele nem teve tempo de sacar o que estava acontecendo, que tinha virado um fator de risco, uma evidência que precisava ser eliminada.

Por um tempo, Atif brincou com a ideia de que Erik J. era Jano, mas parecia simples demais. Jano nunca entraria em contato direto com gente como Pitbull ou Bakshi. Na verdade, Erik J. era apenas um intermediário, alguém com uma função que ele ainda não podia exatamente dizer qual. Jano estava mais longe, bem mais entranhado na rede.

Mesmo assim, havia chegado um pouco mais perto. Se a sua teoria estivesse certa, deve ter sido Jano quem apagou Pitbull no porão para limpar o rastro que havia deixado. Nesse caso, Atif não o tinha encontrado por não mais que meio minuto. Ele chegou a ouvir a porta bater atrás dele. Mas agora o rastro tinha esfriado.

Bakshi sumira, o telefone de Erik J. ainda estava desligado e vir até aqui para a garagem incendiada não tinha sido ganho nenhum. Havia uma maneira de facilitar um pouco as coisas para si mesmo. Aceitar a oferta de Frank Hunter, depois sentar e esperar, que cedo ou tarde Jano seria entregue diretamente nas mãos dele. A pergunta era se estava disposto a fazer o que Hunter queria. A resposta curta e grossa seria não. Jano era um problema pessoal, não um serviço que ele tinha de fazer para outra pessoa. Esses dias estavam no passado.

Atif estava tão mergulhado nos pensamentos que não os ouviu chegar, não antes de o mais baixo deles tropeçar em alguns escombros. Três homens, todos robustos. Dois deles da mesma altura que Atif, e o terceiro, o de barba, cerca de um palmo mais baixo. Atif enfiou as mãos no bolso da jaqueta e se deu conta de que o canivete tinha ficado no porta-objetos da porta do carro.

— Atif Kassab? — quis saber o barbudo.

— Quem pergunta?

— Temos um recado para você. — O cara deu um sorriso debochado.

Os outros dois tinham se separado, tentando cortar as rotas de fuga. O barbudo sorriu de novo e abriu um bastão expansível com uma das mãos. Atif respirou fundo e baixou os ombros. Se os caras fossem profissionais, já estariam

em cima dele. Teriam se aproveitado do fator surpresa combinado com a superioridade numérica para maximizar o estrago. O que provavelmente significava que os três estavam acostumados a brigar, mas não a trabalhar em grupo.

Um dos dois homens mais altos deu alguns passos rápidos à frente. O chute foi forte e mais alto do que se esperava de um homem daquela altura, mas Atif conseguiu se esquivar sem problemas. O outro homem, um pouco mais gordo, percebeu que a briga tinha começado sem ele. Baixou a cabeça e avançou para cima de Atif como um touro.

Atif afastou os braços do homem e se jogou de costas contra a parede. No momento da colisão entre os dois, enfiou os dedos da mão esquerda no rosto do homem, deixando que a inércia da corrida do cara fizesse seu trabalho. Ele sentiu algo mole ceder debaixo do dedo médio e ouviu o homem berrar de dor.

O outro cara, que estava com os braços erguidos como no Muay Thai, levantou a perna para um novo chute. Atif empurrou o gordo em cima dele. O chute acertou em cheio o ombro de Atif e escorregou até a orelha esquerda. Ele sentiu uma explosão branca na cabeça.

Atif ouviu o barulho de corpos caindo no chão e cambaleou para a frente, piscando forte algumas vezes para recobrar a visão. Notou um movimento no chão e pisou com toda a força. Sentiu sua bota esmagar alguma coisa.

O golpe do cassetete acertou em cheio na sua espátula esquerda. A dor chegou a um seis. Forte, mas não o suficiente para tirá-lo do jogo. Atif posicionou o braço para proteger a cabeça. O outro golpe acertou mais embaixo, atingindo a coluna e as costelas em vez de os rins. Um sete fraco. Atif saiu do alcance do cassetete.

O lutador de Muay Thai estava se levantando. Atif mirou um chute na têmpora dele. Avaliou errado a distância e acertou o nariz. O homem caiu para trás, ergueu as pernas e rolou de costas, para fora do alcance de Atif.

Por um instante todos ficaram parados encarando uns aos outros. Só se ouviam as respirações ofegantes e o gordo gemendo e soluçando tentando

rastejar para longe. Menos um, faltam dois.

Atif decidiu mudar de estratégia. Em vez de esperar um novo ataque, ele foi para cima do barbudo. A manobra o pegou de surpresa, e ele não teve tempo para decidir se usava o cassetete ou se esquivava antes que Atif o acertasse no peito.

Os dois caíram no chão. Atif sentiu mãos arranhando o seu rosto, à procura dos olhos. Ele agarrou o homem pelo cabelo, levantou a cabeça dele e a bateu no chão o mais forte que pôde. Uma, duas vezes. Percebeu que o corpo ficou mole.

Não viu o chute chegando, só sentiu a força do golpe na cabeça. Caiu para o lado, o quarto balançou, o céu e o chão de concreto trocaram de lugar. Atif se enrolou como uma bola, cobrindo a cabeça o melhor que podia. Certificou-se de rolar para a direita, para perto da parede, assim ele ganhava alguns segundos para respirar. Viu o lutador de Muay Thai levantar a perna, então se arremessou da parede e rolou na direção do pé do homem. A perna dele vacilou, e o cara caiu para trás.

Atif se levantou. Seu braço esquerdo estava praticamente inutilizado, e percebeu que estava vendo tudo dobrado. A dor estava se aproximando de um oito. Ele precisa acabar com isso logo.

Pisou em alguma coisa cilíndrica e pensou que fosse o dedo de alguém. Depois viu que era algo totalmente diferente. O lutador de Muay Thai passou as costas da mão no rosto para limpar o sangue do nariz, e Atif aproveitou esse instante para se abaixar, pegar o objeto e escondê-lo nas costas.

Agarrou o cabo, depois deixou o braço esquerdo inútil pender ao longo do corpo ao mesmo tempo que levantou o queixo.

O lutador de Muay Thai mordeu a isca. Ele se levantou na ponta dos pés e ergueu um pouco a perna direita. Atif esperou o chute. Quando veio, arremeteu com o bastão na mão direita e bateu com toda a força que tinha bem na tíbia do homem, que despencou no chão. Atif já estava a meio caminho da porta quando o cara começou a gritar.

Trinta

— MINISTRO DA Justiça, obrigado por vir. E que satisfação de ver a senhora de novo, Sra. Stenberg.

— Senhor embaixador — cumprimentou Stenberg, enquanto trocavam um aperto de mão.

— Espero que possamos deixar as formalidades de lado. Afinal, somos velhos conhecidos, mesmo que já faça bastante tempo. — O homem alto de cabelos ralos e smoking deu um sorriso largo.

— Absolutamente. — Stenberg sorriu. — E agora você está pensando em me bajular e dizer como eu era um funcionário fantástico, talentoso.

— Como sabe, Sra. Stenberg, Jesper foi um dos meus melhores procuradores no tribunal. Desde então já estava claro que chegaria longe.

— Fico feliz em saber. — Karolina tocou no antebraço daquele homem idoso. — Eu adoraria que contasse mais, senhor embaixador. Jesper e eu sentimos muita saudade do tempo em Haia. A Holanda é uma nação fantástica. O que o senhor me diz de começar com algo para beber?

Stenberg olhou agradecido para a esposa à medida que ela graciosamente conduzia o homem tagarela na direção do bar. Ele era ótimo nesse tipo de evento. Sabia conversar sobre amenidades, conhecia todos os pequenos códigos, conseguia ser um bom anfitrião. Mas Karolina jogava em outra divisão, uma sangue-puro, totalmente profissional. Foi ela quem lhe ensinou tudo que sabia. Afinal, seu avô havia sido ministro das Relações Internacionais e seu pai Karl-

Erik acabaria com certeza se tornando embaixador, exatamente como todos os outros velhos agregados do partido.

Stenberg olhou para a porta. Ele recebeu um aceno discreto de um guarda-costas do serviço secreto que o acompanhou até a embaixada, mas não se preocupou em responder ao gesto.

— Ministro?

Continuou em frente, trocou apertos de mão, acenou com cordialidade para os rostos que passavam por ele. Enfatizava com um Sorriso Stenberg patenteado, mas sem fazer a menor questão de parar. O truque era se movimentar o tempo inteiro, não se envolver em discussões sem sentido que não levavam a lugar algum.

Wallin deveria estar aqui em algum lugar. A embaixada costuma convidar o pessoal que trabalhou no tribunal de guerra para o coquetel de Ano-Novo. Stenberg olhou em volta e teve a impressão de ter avistado um perfil familiar em um canto distante, mas, quando começou a se movimentar na direção, alguém pegou no seu cotovelo.

— Jesper! — Era John Thorning.

— John. É um prazer te ver. Está sozinho?

— Margareta ficou em casa. Ela não estava se sentindo muito bem. Isso aqui... — apontou para o salão superlotado — ... a deixa exausta.

E pelo jeito não apenas ela, pensou Stenberg. John Thorning estava com uma aparência acabada. As olheiras estavam ainda maiores que antes, e a pele do rosto tinha rodelas avermelhadas aqui e ali.

— Entendo, mande um abraço para ela, John. Infelizmente preciso... — Ele tentou se soltar do aperto de mão, mas John Thorning segurou firme.

— Como está indo, Jesper?

— O que você quer dizer? — Stenberg olhou depressa ao redor em busca de Karolina.

— Com a investigação. Já se passaram duas semanas. Você disse...

— Eu disse que daria notícias depois das festas. Possivelmente em meados de

janeiro.

— Mas você deve ter ouvido alguma coisa?!

John Thorning continuou segurando a mão dele. A voz estava um pouco alta demais e as pessoas em volta começaram a olhar na direção dos dois. Jesper continuou sorrindo, e sentiu o cheiro de álcool no hálito do outro.

— Esse não é um lugar apropriado para esse tipo de discussão, John.

— Por favor, Jesper!

Cada vez mais rostos se viravam para eles. Rostos demais para que se sentisse confortável.

— Vem comigo para o bar, John, que eu conto.

Stenberg puxou o velho pelo salão e, depois de alguns passos, ele finalmente soltou sua mão. O velhote andava obedientemente logo atrás dele, como um cãozinho, tinha até a mesma expressão chorosa de Tubbe, o cachorro da família, quando ele não podia acompanhar alguém que estava saindo de casa. Definitivamente o velho John não parecia consigo mesmo. Ele precisava dizer alguma coisa, qualquer história para conseguir se livrar de Thorning.

Stenberg fez uma pausa e esperou as pessoas pararem de olhar para eles. Deu um suspiro profundo. John Thorning parecia estar prestes a surtar. Precisava dar a ele algum conforto, algo que ao menos fosse um pouco animador.

— É o seguinte, John — disse colado na orelha do homem. — Encontramos certos... detalhes que precisam de uma análise mais cuidadosa. Quero dizer, nada decisivo — adicionou assim que percebeu a reação do velho —, mas a gente está fazendo o que pode. Wallin colocou um dos melhores...

Stenberg mordeu a língua. Droga! Ele devia ter deixado o nome de Wallin fora disso.

— Como eu disse antes, John, você vai ter uma posição clara no começo de janeiro. A gente conversa melhor depois.

John Thorning assentiu, animado.

— Obviamente, Jesper, eu entendo! Eu realmente aprecio...

Stenberg usou o sorriso moderadamente humilde.

— Não se preocupe, John. E lembre-se: a gente só precisa analisar uma ou duas coisas um pouco mais cuidadosamente. Isso acontece o tempo todo, não significa que tem alguma coisa errada.

John Thorning parecia não estar ouvindo mais nada, porque o que ele fazia era só apertar o braço de Stenberg. A expressão do rosto dele ficou quase feliz de repente.

— Obrigado, Jesper, muito obrigado. Você não faz ideia.

Quando Stenberg olhou de relance por cima dos ombros do velho, viu como a própria esposa olhava com curiosidade para ele.

SARAC SENTIU o cheiro quando ainda estava na escada. Fumaça de cigarro. Ele tinha dormido um sono pesado, sonhou com uma porção de coisas, mas não se lembrava de nada ao acordar. A única exceção foi aquela música.

I owe everything
debts I can´t escape till the day I die.

Ele achava que se chamava "Odds and Evens", algo sobre probabilidades e chances. Precisava jogar a letra no Google assim que pudesse.

Sarac desceu para o hall, seguiu o cheiro até a sala de estar e acabou na varanda envidraçada. Natalie estava de pé atrás da porta de vidro. A fumaça do cigarro girava em torno da cabeça dela e encontrava o caminho de volta para dentro da casa pela janela mal isolada. Sarac notou que estava feliz em ver Natalie ali.

Bateu com cuidado no vidro. Ela se virou e sorriu para ele. Deu um último trago e jogou a bituca no gramado coberto de neve.

— Faz tempo que você está aqui? — perguntou enquanto Natalie entrava e fechava a porta de vidro.

— Mais ou menos uma hora. Gosto muito desse lugar. Até onde vai o terreno? — perguntou, apontando para a floresta.

— Vai dar na água, do outro lado do morro.

— Legal. Tem píer?

— Píer e porto. Mas os dois estão caindo aos pedaços. Como o resto da casa. Eu tinha pensado em reformar, mas parece que outras coisas acabaram entrando no caminho.

Natalie assentiu. Pegou seu hidratante labial do bolso do jeans e passou nos lábios.

— Pois é, vi as lonas e o material de construção no andar de cima. Então, David, você é do tipo habilidoso?

— Não exatamente. — Sarac deu de ombros. — Mas a alternativa é vender. Contratar pedreiros seria muito caro. Nem minha irmã nem eu temos condições.

Natalie fez uma leve careta difícil de interpretar.

— Aliás, tem uma coisa que eu queria perguntar a você — disse Sarac. — Quando limpou o meu apartamento, você viu se tinha alguma coisa escrita na parede do meu quarto?

— Como assim?

— Bom... — Sarac procurou a palavra certa. — Algum tipo de mensagem. Algo sobre um segredo?

Natalie fez que não com a cabeça.

— O lugar parecia uma zona de guerra, mas as paredes estavam OK. Como assim?

Sarac assentiu, e então olhou para o pomar.

— Não, era só uma coisa em que eu estava pensando. Mas pode ter sido imaginação. Talvez eu tenha sonhado.

Natalie o fitava, ela parecia querer perguntar alguma coisa.

— Quer comer algo? — perguntou. — Posso fazer ovos com bacon.

— Claro.

Ele permaneceu na varanda enquanto Natalie foi para a cozinha. Sarac desviou o olhar para o pomar mais uma vez e, por um breve instante, imaginou ver um movimento entre as árvores. Porém logo percebeu que era apenas o vento

fazendo as sombras lá embaixo se moverem.

Debts I can't escape till the day I die, cantarolou a voz na cabeça dele. A música estava de volta, e de repente ele se lembrou do nome da banda, The High Wire.

— David, achei isso aqui no hall. Você tem um diário ou algo assim?

— O quê?

Natalie estava na porta, segurando o caderno dele.

Merda!

— N-Não é nada especial — disse, e deu alguns passos rápidos na direção dela. — São só algumas coisas que anotei.

Sarac estendeu a mão. Ele tinha deixado o caderno no quarto, disso tinha certeza. Havia colocado debaixo da... debaixo do...? Droga!

Natalie deu o caderno para ele.

— Foi seu amigo Peter que trouxe? O caderno tem alguma coisa a ver com o trabalho policial de vocês? Fontes secretas?

Sarac apertou os dentes. Natalie percebeu a reação dele.

— OK, tudo bem. Não quero bisbilhotar. Foi ele quem falou.

— Quem, Peter?

Natalie fez um sinal positivo com a cabeça.

— Ele pegou um cigarro meu aquele dia, antes de ir embora. Um cara legal, talvez um pouco convencido demais para o meu gosto. Além disso, não gosto daquele cavanhaque tão desenhadinho. Seja como for, ele falou um pouco do trabalho de vocês. Quero dizer, nenhum detalhe ou coisa do tipo, só que é importante você recuperar a memória rápido. Muito importante, inclusive.

Ela sorriu mais uma vez, e o desconforto de Sarac aumentou. Algo dizia que nada era exatamente como parecia.

O HOMEM que estava no pomar quase não se movia. Ele ficou parado enquanto olhava para a casa pelo binóculo. Observou o homem e a mulher conversarem por um momento na varanda, depois ela entrou de volta. Por um momento, ele

imaginou que o homem o tinha visto, que os olhares dos dois se encontraram apesar da distância e que foram as sombras que o esconderam. Mas obviamente era apenas paranoia. Ele era um fantasma, um produto da imaginação, impossível de ser descoberto.

Baixou o binóculo, pegou um cigarro fumado pela metade em um dos bolsos da jaqueta de couro e se virou para trás, para acendê-lo. Depois, colocou uma das mãos em forma de concha na frente para esconder a ponta vermelha queimando. Era melhor parar com isso, ele sabia. Mas não agora. Não antes de ter certeza de que o segredo estava em segurança, de que *ele* estava em segurança.

Ele olhou para cima. O homem tinha voltado para dentro da casa. Deu mais um trago. Depois se virou, caminhou devagar e atravessou os portões cobertos de neve até desaparecer floresta adentro.

Trinta e um

CINCO COMBINAÇÕES de algarismos espalhadas pela página. Quatro delas escritas com a mesma caneta hidrográfica preta. A de cima, contudo, estava escrita e destacada com uma esferográfica comum e bem mais ou menos. Molnar estava certo, só um dos números podia ser de fato um número de identidade. Os outros obviamente significavam coisas diferentes.

Pelo menos, Sarac tinha chegado à conclusão de que o caderno tinha duas seções diferentes. A maior parte continha o que parecia ser uma agenda. Datas seguidas de um pseudônimo e um código que possivelmente significava um lugar. A primeira data era de quase dois anos atrás, o encontro mais recente documentado foi no dia 3 de outubro e envolvia uma fonte chamada Baco. Aquelas informações não queriam dizer nada para ele. Nenhuma delas.

Não tinha nenhuma informação sobre encontros com Jano, então como e quando se encontravam deve ter sido documentado de alguma outra forma, se é que eram documentados. Mas a seção com os cinco números abaixo do símbolo de Jano era a mais interessante. Será que eram contas bancárias, como Molnar achava? Sarac sentia que não era isso. A primeira impressão dele era de que se tratavam de números de identidade. Nesse caso, estavam codificados de alguma forma. E, se fossem números pessoais e se tratassem de cinco fontes diferentes, por que ele havia anotado todos sem colocar seus pseudônimos? Talvez a resposta estivesse nas páginas que foram rasgadas. A cola na encadernação tinha se soltado um pouco, e Sarac conseguia distinguir restos de papel tanto antes

quanto depois da lista com o símbolo de Jano. Todos os encontros com datas posteriores ao dia 3 de outubro desapareceram. Por quê? O que ele estava tentando esconder?

Sarac pensou em Jano de novo, perguntando-se onde ele poderia estar. O que estava fazendo neste exato momento. Ouviu uma batida à porta do quarto, uma fresta se abriu e Natalie colocou a cabeça para dentro.

— Eu estava pensando se você quer tomar um café. A comida vai demorar um pouco.

— Quero sim, obrigado, já desço — respondeu, e se pegou sorrindo de um jeito que não reconheceu exatamente. Concluiu que era por causa de Natalie.

O cheiro de cigarro impregnado na roupa dela adentrou o quarto. Fez Sarac pensar no homem que esteve lá no hospital. A pessoa existia de verdade ou era apenas um produto da sua imaginação? Uma alucinação por causa da enxaqueca, exatamente igual às que ele teve um dia desses. Sarac bem que gostaria que fosse o caso, mas provavelmente não era. O homem pareceu real, assim como a conversa sobre o contrato deles.

— Você parece totalmente acabado — comentou Natalie quando Sarac entrou na cozinha. — Posso perguntar do que se trata o seu trabalho ou é algum segredo de Estado?

Ela sorriu e ergueu de leve suas sobrancelhas claras.

— Preciso confessar uma coisa. — Indicou o caderno de Sarac com a cabeça. — Quando achei o caderno, ele estava aberto no chão. Não consegui evitar de olhar um pouco.

Sarac abriu a boca.

— Não precisa dizer nada. — Natalie levantou uma das mãos. — Eu sei que foi errado, mas, em minha defesa, eu não tinha como saber que havia assuntos confidenciais da polícia nele.

Sarac engoliu em seco, sentiu o seu surto de raiva diminuir. O fato é que ela estava certa, a culpa, na verdade, era inteiramente dele, que não tomava conta direito das suas coisas. Cérebro inútil de merda!

— Tudo bem — murmurou. — Preciso aprender a ser menos desleixado.

Natalie deu de ombros.

— Bom, se servir de consolo, confusão é um dos efeitos mais comuns de um derrame.

— V-Você teve muitos pacientes que nem eu? Quero dizer, pessoas na minha idade que tiveram um derrame?

Natalie olhou para ele e assentiu com a cabeça.

— Alguns.

— E o que aconteceu com eles? Voltaram a ser eles mesmos? As mesmas pessoas que eram antes?

Ela inclinou a cabeça de lado e deu uma leve mordida no lábio.

— Não. Eles não voltaram a ser como antes.

Sarac engoliu em seco, sentiu a língua pregar no céu da boca.

— Mas, por outro lado, eles ganharam algo que muita gente gostaria de ter — prosseguiu Natalie.

— O-O quê?

— Uma nova chance. Uma chance de serem exatamente as pessoas que eles gostariam de ser.

Sarac permaneceu sentado em silêncio, depois balançou a cabeça devagar.

— Posso te ajudar de alguma forma, David? Meu laptop está na minha bolsa, se você quiser conferir alguma coisa. — Acenou com a cabeça para o caderno de anotações que estava na mesa.

Sarac pensou. De repente, lembrou-se de uma coisa que Natalie disse da primeira vez que apareceu ali.

— Você não disse que conhecia alguém que trabalhava na Agência do Tesouro?

— OK OBRIGADA pela ajuda, Fredde! — Natalie desligou o telefone e se virou para Sarac. — O que o seu amigo Molnar disse estava certo. O único número de identidade da lista que bate pertence a uma mulher em Umeå. Kristina Svensson,

mora na rua Fältvägen.

Sarac franziu o cenho, decepcionado.

— O resto dos números não dá nenhum resultado, mas disso a gente já sabia.

Sarac baixou a cabeça. Tentou se concentrar. Talvez Molnar estivesse certo, e os algarismos fossem contas bancárias. Mas, por algum motivo, Sarac sentiu que essa conclusão não estava certa. Os números estavam ligados a pessoas de alguma forma, disso ele tinha certeza.

— Olha... — Natalie começou a dizer algo.

Sarac olhou para cima e percebeu que ela estava estudando a primeira página do caderno. Pensou que provavelmente deveria fechá-lo, mas que diferença fazia, de fato? Os números significavam ainda menos para ela do que para ele. Sarac notou como Natalie franzia a testa, parecia estar pensando em alguma coisa.

— Assim, eu tenho um monte de número no meu computador que quero manter em segredo. Meu HD é criptografado, mas ainda assim fico preocupada de alguém botar as mãos nele e ter acesso. Se isso acontecesse, eu poderia estar com problemas sérios.

Sarac não disse nada. Ele tentou imaginar quais *problemas sérios* uma cuidadora poderia ter, ou que proveito ela poderia tirar em manter contato com alguém na Agência do Tesouro. Não conseguiu imaginar muita coisa.

— Então, pesquisei sobre códigos e criptografia. Daí, estava pensando que, para funcionar para mim, teria que conseguir decodificar coisas rápido e com facilidade.

— E? — Sarac ajeitou a postura um pouco.

— Eu uso uma planilha simples do Excel. Algumas linhas de espaçamento entre os números para ficar fácil de ler. Mas tem outro *toque de mestre* também. Nas entrelinhas, por assim dizer.

Alguma coisa estalou na cabeça de Sarac. De repente, o trecho da música estava de volta. Começou fraco, como se fosse um sussurro. Depois aumentou rapidamente de intensidade.

Got to start from somewhere
so I’ll start from the grave
we’ll count the steps along the way

— Olha aqui! — Natalie apontou para o caderno aberto. — O primeiro número, 9728444477, começa na segunda linha, o próximo na terceira linha. Uma linha no meio. Limpo e claro. Mas olha o terceiro número, de repente está duas linhas abaixo, e o espaço para o quarto é ainda maior, está vendo?

Sarac assentiu. A música tomou conta da cabeça dele.

— Na minha planilha do Excel, adiciono a todos os algarismos o número da linha aqui na borda — continuou Natalie. — Logo, se o número 1000 estiver na linha cinco, então na verdade o número é 1005. Se você tiver usado um sistema parecido, a gente soma dois a todo número que estiver na segunda linha.

Natalie pegou uma caneta e copiou os algarismos no verso de um jornal velho. Deixou um espaço no meio e adicionou dois ao número.

— Ou melhor, não, não dá certo. Nesse caso, só estaríamos mudando o último algarismo do número. Ou, possivelmente, os dois últimos. O resto fica igual. 9728444479 ainda não é um número válido. Cacete!

O olhar dela estava fixado no papel.

— Não, agora eu sei. E se adicionarmos dois a cada algarismo assim: 9728444477, nove mais dois dá onze, então um. Sete mais dois dá nove, dois mais dois são quatro.

Natalie escreveu todos os algarismos. Depois olhou para o resultado por um bom tempo.

194066-6699

— É — disse Natalie, e coçou o pescoço. — Então, seria uma pessoa bem velha, nascida no dia 66 do mês 40 de 1919. Mas que droga!

Ela amassou o papel.

— Esquece, achei que tinha pensado em alguma coisa inteligente.

Sarac fechou os olhos. A música ecoava na cabeça, quase afogando o seu raciocínio.

Odds for a christening
and evens, for a wedding day.

Ele pegou a caneta e escreveu os números de novo.

9728444477

— Linhas pares, menos. Linhas ímpares, mais. — murmurou quase sem pensar. “Odds and Evens” não eram probabilidades e chances, mas números ímpares e pares. Deduziu o número das linhas de todos os algarismos, depois se inclinou para trás.

750622-2255

— Puta merda — murmurou Natalie. — Vou ligar de novo para Fredde agora mesmo.

ATIF ENROLOU a atadura em volta da mão esquerda, apertando o mais forte que pôde. O dedo indicador e o anelar estavam inchados como duas linguiças, o punho e o antebraço estavam amarelo-azulados e rígidos. Ele deve ter trincado o osso do antebraço ou, na pior das hipóteses, quebrado mesmo. A mordida do cachorro, pelo menos, estava um pouco melhor, o que era um fiapo de consolo nessas circunstâncias. O lado esquerdo do peito também estava com hematomas e doía pra cacete quando ele respirava fundo. Uma ou duas costelas quebradas, supôs. Ainda por cima, uma dor de cabeça infernal que nem quatro comprimidos de paracetamol conseguiram diminuir. Nível de dor no total: um cinco forte. Uma dor irritante, mas pelo menos dava para suportar. Atif planejava descansar um ou dois dias, ficar quieto até o Ano-Novo passar.

Além disso, ele precisava refletir um pouco, pensar no próximo movimento. Talvez estivesse na hora de aceitar a proposta de Hunter. Assim, poderia ao menos evitar outros acidentes indesejáveis. Ninguém se arriscaria a mexer com

ele. Ou então poderia mandar tudo à merda e voltar para casa. Deixar tudo isso para trás. Mas sabia que isso não aconteceria. Nunca tinha deixado ninguém se safar antes e não planejava começar agora.

O toque do telefone interrompeu seus pensamentos. Imediatamente pensou em Tindra e Cassandra. Correu para a porta e pegou o celular do bolso da jaqueta. A dor fez a têmpora latejar. Mas a tela do celular estava preta.

Tocou de novo e, imediatamente, Atif se deu conta de que o sinal não vinha do seu celular, mas sim do de Pitbull. Ele procurou no bolso certo, pegou o telefone e apertou o botão para aceitar a ligação. Número não identificado.

— Alô?

Mas a pessoa do outro lado da linha já tinha desligado.

Trinta e dois

— FREDDE ESTÁ começando a digitar os números agora — avisou Natalie, tapando o celular com a mão e se virando para falar com Sarac.

O código chegava a ser infantil de tão fácil. Subtrair o número de todos os algarismos em linhas pares, e adicionar aos algarismos que estiverem nas ímpares. E, como num passe de mágica, os algarismos viraram números de identidade. Pessoas nascidas entre 1968 e 1981.

— OK, está preparado? Aqui vai o primeiro resultado — disse Natalie com a voz apreensiva. — Brian Hansen, nascido em 1975 em Bromma. Dados confidenciais.

Ela anotou o nome, a caneta corria pelo papel barato. O raspar da ponta lembrava neve caindo. A visão de Sarac tremulou. Um rosto, um homem robusto com cabelo aparado e uma tatuagem de cobra. Uma voz surpreendentemente fina.

Pensei em sugerir uma troca...

O homem no carro coberto de neve. Brian Hansen! Sarac sentiu o coração pulsando, bombeando adrenalina pelo corpo cada fez mais rápido.

— O que exatamente significa dados confidenciais? — perguntou Natalie ao telefone. — Que os dados de uma pessoa não estão visíveis nos registros públicos — repetiu, olhando para Sarac. — Alguma pessoa pode ter acesso? — quis saber Natalie.

Uma pequena pausa enquanto o homem respondia.

— Depois de um parecer especial. Algum tipo de ameaça. Mulheres que sofreram agressão, políticos, às vezes policiais — explicou Natalie, resumindo o que o homem disse. — Mas os que mais têm identidade protegida são...

— Criminosos — completou Sarac apertando a ponte do nariz.

— Exato.

Natalie olhou para ele. Franziu um pouco a testa.

— Então isso é tudo? Só podemos conseguir o nome dele? — perguntou para o homem do outro lado do telefone. Ele respondeu alguma coisa que fez a expressão do rosto de Natalie mudar. Ela ficou bastante séria. — Então, é, não vamos muito mais longe que isso.

— Por que não? — disse Sarac.

Natalie afastou o telefone da boca e olhou para ele antes de responder.

— Porque Brian Hansen está morto. Morreu no dia 23 de novembro. A mesma noite do seu...

— Acidente — disse Sarac. Fechou os olhos de novo.

— Tem alguma coisa sobre como ele morreu? O cara tinha, o quê?, menos de 40 — disse Natalie ao telefone.

Sarac achou que já sabia a resposta, mas, naturalmente, não podia dizer nada. Aparentemente, nem o computador da Agência do Tesouro.

— OK então, deixa para lá — disse Natalie, impaciente, ao telefone. — Tenta o próximo então. Selim Markovic, nascido em 1978 em Spånga. — Anotou o nome e olhou para Sarac de relance.

Ele respirou fundo e apoiou o rosto nas mãos. Viu uma jaqueta grossa e amarela, e dentro dela um cara pequeno, afeminado, com um bigode ralo falando ao telefone. O homem do sonho dele.

Ei, Erik J., há quanto tempo

— E ele também morreu? — perguntou Natalie. — Há apenas uma semana — acrescentou, e olhou para Sarac. — Ele era ainda mais novo. Isso tudo é muito esquisito. Que pena que não esteja escrito como ele morreu. Ou melhor, escuta, Fredde, eu te ligo de novo!

Natalie saiu da sala correndo e foi até a mochila ao pé da porta. Depois voltou com o laptop.

— Vejamos, 23 de novembro, criminoso, homem, morto, Estocolmo.

Digitou as informações na ferramenta de busca e apertou enter. Leu a tela e depois clicou em alguma coisa.

— Aqui, é do site do *Aftonbladet*, na mesma noite.

Ela virou a tela para Sarac poder vê-la.

Criminoso conhecido encontrado assassinado na Gamla stan.

A foto mostrava um carro coberto de neve que Sarac reconheceu imediatamente. O vidro traseiro estava coberto por uma manta de ambulância alaranjada. Um pouco mais distante na calçada havia o vulto das costas que possivelmente pertenciam a um grupo de jovens.

— Claro que não dá para ter certeza, mas todos os detalhes batem.

Sarac não disse nada. Tudo no que conseguia pensar era em Brian Hansen. A voz fina dele, o cheiro do medo. A bala que arremessou a cabeça dele no painel do carro.

— Vamos tentar a outra data.

Natalie digitou as informações. Levou um tempo significativamente maior dessa vez.

— OK, esse foi mais difícil. Não tem nada em comum com o que aconteceu na Gamla stan. Mas Fredde disse que o dia em que a pessoa foi declarada morta é que vale como data do falecimento. Nesse caso, isso pode encaixar. — Natalie virou de novo a tela para Sarac.

Homem morto é encontrado na água próximo a Riddarholmen.

A foto mostrava um furgão escuro e alguns bombeiros levantando um pacote amarelo florescente em uma maca. Um dos bombeiros parecia estar evitando olhar, como se tudo o que quisesse fosse sair dali.

— Assim, não sei — disse Natalie. —, a data bate, pelo menos.

— É ele — confirmou Sarac.

— Tem certeza? — A voz de Natalie estava exaltada. — Como você pode

saber?

— Eu só sei, OK? — respondeu, ríspido.

Os dois ficaram em silêncio. Sarac massageava as têmporas, tentando juntar as peças do quebra-cabeça. Falhou miseravelmente.

Como ele pode saber. Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

— Quer que eu ligue para o Fredde sobre os outros números também?

— Pode ser — murmurou.

Sarac tentava afastar a expressão confusa de Markovic de sua retina. Ele precisava seguir em frente, encontrar outras peças para o quebra-cabeça, tentar montar todas elas. Havia algo maior aqui, muito maior que dois homens mortos. Alguma coisa que ele ainda não conseguia ver por completo. Precisava de uma peça de canto, de algum ponto de partida. Mas, no momento, não encontrou nada do gênero.

— Oi, sou eu de novo. Podemos procurar os outros também? — perguntou Natalie ao telefone.

A caneta dela arranhava o papel.

— O número três se chama Pasi Arvo Lehtonen, nascido em 1981. Não tem endereço protegido, dessa vez. Mora no número 62 da rua Roslag. Ou, melhor dizendo, morava — acrescentou e lançou um olhar furtivo para Sarac.

Ela apertou o telefone entre a orelha e o ombro e digitou algo no laptop. Depois virou a tela pra Sarac sem dizer nada.

Homem assassinado na Vasastan

Um homem de 33 anos foi encontrado assassinado em um porão na rua Roslag, 62. O homem já era conhecido pela polícia por crimes leves. A polícia ainda não divulgou detalhes, mas uma fonte com acesso à investigação informou ao Aftonbladet que estão à procura de um homem alto, vestindo roupas escuras, que foi visto deixando o local.

Sarac fechou os olhos e tentou visualizar uma imagem de Lehtonen na sua

mente, mas não conseguiu tão bem como com os outros dois primeiros. Uma imagem de um dragão veio à mente. Depois algo sobre cachorros. Ele se inclinou de volta no sofá. Deixou o olhar vagar na direção das vidraças da varanda. Lá fora, no jardim, sobre o gramado coberto de neve e continuou descendo na direção das sombras.

ATIF ACORDOU ofegante. Os lençóis baratos grudavam no corpo, e o braço e o peito latejavam de dor. Havia sonhado com Adnan e Tindra. Sonhou que alguém tinha pego a menina, arrancando-a do colo de Cassandra sem que ele pudesse fazer nada para impedir. Um homem com duas caras...

— É tudo culpa sua! — gritara Cassandra com ele no sonho. Mas agora, em retrospecto, Atif se deu conta de que a voz não batia muito. Que soava mais como a voz da mãe dele.

Atif sentiu a náusea crescendo no corpo. Conseguiu chegar bem a tempo ao pequeno banheiro antes de vomitar.

Droga, realmente devia ter procurado um tratamento médico. Poderia ter mentido, inventado uma história e conseguido uma dose de penicilina, talvez até uma injeção antitetânica. Atif tossiu e sentiu uma dor perfurando o peito. Depois cuspiu uma gosma. Sangue. Não muito, mas o suficiente para preocupá-lo. Precisava procurar um médico, e logo. Precisava correr esse risco.

O telefone de Pitbull estava na mesinha do quarto do hotel, conectado com o carregador pirata que Atif havia comprado no Teknikmagasinet. A tela estava escura, mas, quando ele encostou o dedo nela, apareceu uma mensagem.

De: Rico

Estou voltando para casa. Tudo limpo?

Atif descansou o telefone na mão e refletiu. Pitbull tinha ligado para Rico da Tailândia poucas horas depois de Bakshi dizer que estava seguro. Como o número dava para um telefone pré-pago, ele não tinha como rastrear. Preferiu se focar na academia, que não levou a nada.

Ele olhou para a tela de novo. Decidiu montar uma armadilha.

Tudo limpo. Você ouviu alguma coisa do amigo de Erik J.?

Depois apertou o enviar. A resposta veio depois de pouco mais de trinta segundos.

Nada desde que ele ligou.

Atif sentiu a sua pulsação aumentar um pouco. Rico, quem quer que fosse, conhecia tanto Erik J. quanto o amigo misterioso dele. O homem poderia ajudá-lo a avançar na rede, chegar mais perto de Jano. Tudo o que ele precisava fazer agora era chegar até Rico.

Resistiu ao impulso de apertar o botão de rediscagem. Em vez disso, pensou mais um pouco.

OK. Me telefona quando você estiver de volta na cidade, tenho mais para contar, escreveu. A resposta de Rico veio ainda mais rápido dessa vez.

OK, até logo!

Trinta e três

— OK, A REDE da Agência do Tesouro finalmente deixou que ele logasse de novo. Fredde desenterrou os dois últimos números.

Natalie acenou com o celular para Sarac antes de voltar para a conversa. Eles tinham esperado quase três horas. Natalie havia feito almoço, mas nenhum dos dois deu a menor bola para a comida. Três nomes da lista de Jano estavam riscados, todos mortos, e nenhum deles por causas naturais. Restavam dois nomes, duas pessoas que, ao contrário dos outros na lista, poderiam dar algumas respostas em vez de ainda mais perguntas. Talvez até mesmo aquela peça do canto de que Sarac precisava para começar a montar o quebra-cabeça.

Natalie largou a caneta e se levantou. Foi para o hall, murmurando alguma coisa que, a julgar pelo tom de voz, era particular. Possivelmente estava agradecendo a ajuda e prometendo algum tipo de favor em troca. Sarac se virou para trás para não espionar a conversa.

Natalie voltou depois de mais ou menos um minuto.

— Parece que os dois estão vivos — declarou em seguida, e Sarac notou que se sentia mais aliviado. — O primeiro número de identidade é de um Erik I. Johansson. É alguém de quem você se lembra?

Sarac ficou calado, esperando o cérebro encontrar o caminho certo. Mostrar a ele um rosto. Mas não aconteceu nada. Em vez disso, só encontrou uma forte sensação de desconforto. Meneou a cabeça.

— Nenhum endereço?

— Não, dados pessoais protegidos também. Tudo o que tem é um número de identidade e um nome. Nenhuma outra informação além de que ele nasceu aqui na Suécia e não foi declarado morto. Não dá nem para ver o que o “I” do nome do meio quer dizer. Fredde disse que, ainda por cima, Erik Johansson é uma das combinações de nome e sobrenome mais comuns na Suécia, então o cara é realmente anônimo.

Sarac desviou o olhar. Por um instante, ele imaginou que podia sentir aquele zumbido fraco na cabeça. Mas o rosto de Erik I. Johansson continuou escondido.

— E o último nome? — resmungou.

— Erico Sabatini, mora em Södermalm. Ainda está vivo e saudável, que nem Johansson, pelo menos é o que o computador diz.

Dessa vez apareceu um rosto, na mesma hora. Cabelo ralo, nariz pontudo e olhos alertas. Mas não parou por aí. Sarac se deu conta de que conhecia Erico Sabatini bem até. Família, interesses de lazer, assuntos particulares. De repente, Sarac teve um novo estalo, como se alguma coisa importante estivesse prestes a se revelar para ele. Cinco nomes, três já mortos. Dois ainda vivos. Erik I. Johansson e Erico Sabatini.

— Preciso ir até lá. Agora mesmo. Você pode me dar uma carona? — perguntou Sarac.

— Mas você não deveria ligar para alguém? Seu amigo, Peter?

Sarac balançou a cabeça.

— Preciso ir sozinho. Ele só confia em mim. Pode me levar até lá ou não?

— Pode ser. — Natalie deu de ombros. Tentou não parecer entusiasmada demais. — A próxima balsa sai em dez minutos, dá tempo se a gente correr.

— OK, ENTÃO É isso. — O médico se levantou e estendeu a mão para Atif. — A injeção que te dei deve impedir qualquer infecção e você pode retirar sua receita na farmácia mais próxima. Mas, se começar a se sentir pior, procure um pronto-socorro imediatamente.

Atif saiu mancando devagar pelo pequeno estacionamento coberto de neve.

Não tinha sido seguido por ninguém, disso estava certo. Mas, por via das dúvidas, deu uma olhada no carro. Apesar da dor, obrigou-se a se agachar e olhar embaixo da carroceria para ter certeza de que ninguém tinha colocado um rastreador GPS nele.

O paracetamol deixava a febre sob controle, as dores se mantinham por volta de um cinco, e Atif tinha a esperança de que a penicilina que o médico receitara fosse ajudar a parar a tosse com sangue. Tudo isso — posto de saúde, médico e farmácia — representava um risco. O número de identidade dele apareceria em diversos sistemas de informação. Por isso tinha escolhido um posto de saúde bem longe do hotel decadente, típico de caras solteiros, para onde havia se mudado. Se fizesse tudo o que tinha que fazer rápido o bastante, ninguém teria tempo de percebê-lo antes que estivesse de volta na cama. Assim que a medicação começasse a fazer efeito e ele se sentisse um pouco melhor, retomaria a caça.

Ouviu o toque do telefone assim que bateu a porta do carro. Tateou os bolsos do casaco, mas o cérebro febril fez com que puxasse o seu próprio celular em vez do de Pitbull.

Uma chamada perdida de Rico, estava no display quando ele conseguiu pegar o celular certo. Droga!

Atif ficou sentado no carro alguns segundos, refletindo sobre o seu próximo movimento. Ligar ele mesmo seria uma péssima ideia, não tinha a menor noção de como era a voz de Pitbull e provavelmente seria descoberto antes de conseguir obter qualquer informação. Preferiu escrever uma nova mensagem.

Não posso falar agora, já está de volta?

Atif apertou o botão de enviar, depois olhou para o relógio. Passaram-se quase quarenta minutos desde que a enfermeira tinha digitado o número de identidade dele no sistema. Já estava passando da hora de dar o fora dali.

O telefone apitou. Rico respondia rápido.

Na Central. Ligo quando estiver em casa.

Atif colocou o cinto de segurança. Levava pelo menos meia hora de carro até

a Estação Central, sem chance de conseguir chegar a tempo. Além disso, não tinha nem ideia de como Rico era. Melhor aguardar, comprar o remédio na farmácia e tentar descobrir onde o cara morava. Pegou a chave, estava prestes a girar a ignição quando o telefone de Pitbull começou a tocar bem alto.

Chamada de Rico

Que merda, o cara acabou de mandar uma mensagem!

Atif olhou para o telefone, depois para o relógio. A febre fazia a sua cabeça latejar e o barulho infernal do celular não ajudava muito. Ele o pegou para rejeitar a chamada.

Um homem alto e forte com um chapéu de couro de texugo e capa de inverno vinha atravessando o estacionamento. Ele segurava um menino pequeno pela mão, e alguma coisa no movimento dos dois deu um clique no cérebro febril de Atif. O menino parecia estar se debatendo, tentando se soltar do pai. O telefone de Pitbull continuou a tocar, mas, de repente, o barulho soava distante.

— Mas eu não quero! — Ele pensou ter ouvido o garoto dizer.

— Você está doente, Adnan, então tem que ir ao médico — murmurou Atif.

O toque do telefone parou subitamente. O menino e o homem passaram. Atif engoliu em seco, depois olhou para a mão que segurava o celular. A tela estava acesa, a chamada aberta. Ele só pode ter apertado o botão errado. Merda!

Deveria desligar e voltar para as mensagens. Mas, em vez disso, levou o fone à orelha. Esperou.

Ninguém disse nada.

Tudo o que podia ouvir era um farfalhar fraco, seguido de um baque forte. Em algum lugar ao fundo, era possível ouvir o ruído indiscernível de vozes. Levou alguns segundos até Atif perceber que estava ouvindo uma chamada acidental. Rico deve ter colocado o telefone no bolso depois da primeira ligação e apertado o botão de rediscagem.

Apertou ainda mais o telefone à orelha, tentando entender o máximo possível ao mesmo tempo que olhava novamente para o relógio. Já passava da hora de dar o fora. Mas ele não podia sair dirigindo agora. O barulho do motor tornaria

impossível ouvir qualquer coisa que estivesse acontecendo do outro lado da linha. A conversa murmurada continuava, interrompida apenas por mais ruídos quando provavelmente o telefone balançava solto no bolso de Rico.

Atif percebeu uma sirene à distância e, de início, pensou que vinha do telefone. Mas logo notou que o barulho vinha de fora e que ficava cada vez mais alto. Ele colocou os dedos em volta da chave na ignição. Seu coração pulsava cada vez mais forte. Dava a sensação de que a febre ficava ainda pior.

As sirenes se aproximavam. Se fosse dele que estivessem atrás, ficariam em silêncio a qualquer momento. Nunca as deixavam ligadas até o local de destino, obviamente para não assustar a pessoa que estavam procurando. Olhou em volta e descobriu o início de uma ciclovia estreita do outro lado do estacionamento. Um estalo forte no celular fez com que Atif segurasse o aparelho longe da orelha. As sirenes estavam chegando ainda mais perto.

Atif respirou fundo e girou a chave na ignição, colocando-a no primeiro estágio. De repente, as vozes no fone ficaram mais nítidas, como se alguém tivesse retirado o telefone do bolso. Ele apertou o celular na orelha. Achou ter ouvido uma porta de carro bater.

— Rua... erg, 48 — foi o que conseguiu entender. Depois, outra voz que repetiu o endereço. Possivelmente um taxista. O telefone chiou novamente e a chamada caiu. No mesmo instante, as sirenes pararam.

Atif ligou o motor, engatou a primeira marcha e afundou o pé no acelerador. Uma cancela fechava o caminho para a ciclovia. Um poste de metal com uma alça grande que formava um P. Atif vira esse tipo de cancela antes e tinha a impressão de que era pensada para ceder se o corpo de bombeiros precisasse passar. Agarrou o volante e esperou que estivesse certo.

O lado esquerdo do carro bateu na cancela, houve um tranco no volante e ele estava do outro lado. A ciclovia dava em uma área residencial, seguindo ao longo de várias cercas vivas bem podadas e desembocava em um parque. Atrás das árvores, dava para entrever uma rodovia.

Atif reduziu a marcha, virou a direção e atravessou os gramados cobertos de

neve. Os pneus gastos lutavam contra a neve, fazendo o carro derrapar. Ele sentiu a velocidade diminuindo, então experimentou aumentar a marcha. Se ficasse preso ali, já era, não teria forças para correr. Mas o carro seguiu em frente, metro a metro. Atif olhou pelo retrovisor. Imaginou ter visto luzes azuis refletidas nas casas.

A rodovia se aproximava ao mesmo tempo que o caminho começava a ficar íngreme. O carro desacelerava ainda mais, e os pneus escorregadios faziam o marcador de velocidade oscilar. Faltavam dez metros.

Cinco.

O carro estava prestes a parar, ele avançava aos trancos. Atravessou um monte de neve e saiu em uma ciclovia onde os pneus aderiram melhor. Atif girou a direção, reduziu a marcha, pisou fundo no acelerador e seguiu pela ciclovia até conseguir velocidade. Depois, virou o volante à esquerda e atravessou outra barreira de neve. Cruzou mais dez metros de gramado coberto de neve antes de atravessar um arbusto, rasgando uma cerca de tela e saindo direto na rodovia.

Um ou dois veículos buzinaram, mas ele os ignorou. Conduziu o carro até a traseira de um caminhão, tirou um pouco o pé do acelerador e seguiu o fluxo do tráfego.

Depois de cem ou duzentos metros, duas viaturas passaram correndo com as luzes azuis piscando. Nenhum dos dois nem ao menos desacelerou ao passar por ele.

Trinta e quatro

FORAM OS últimos a entrar na balsa e receberam um lugar para estacionar. Natalie mal teve tempo de desligar o motor antes de a rampa começar a ser erguida atrás deles. O convés, plano e aberto, não estava cheio nem pela metade, cerca de quinze carros, organizados em três fileiras.

— Só vou fumar ali rapidinho.

Natalie abriu a porta do carro, deixando entrar uma rajada gelada de vento marítimo. Depois se foi rapidamente para a pequena área lateral com uma sala de espera e uma pequena área para fumantes coberta. Sarac ficou no carro tentando formar um raciocínio coeso.

O nome de Erico Sabatini abriu um novo caminho de busca na memória. Ainda conseguia ver o cara em sua frente. Um rapaz pequeno, durão e que gostava de falar. Não era grande coisa, possivelmente um traficante qualquer, mas mesmo um desses poderia ser de algum proveito. Tentou se lembrar de que tipo de informação Sabatini lhe entregava, quem ele e os outros caras deduravam? Mas, outra vez, viu-se em um beco sem saída. Por que colocou os caras na mesma lista? E onde entra o quinto homem, o ultrassecreto Erik I. Johansson, na história?

Sarac massageou as têmporas. As respostas estavam ali dentro, em algum lugar, e uma conversa com Erico Sabatini talvez ajudasse a clarear as coisas. Até então, ele estava tateando no escuro por informações; agora, de repente, estava ali sentado com um monte de peças de quebra-cabeça, mas sem saber como elas

estavam ligadas umas às outras.

A peça que mais o preocupava era Brian Hansen. Sarac se lembrava da morte do homem nos mínimos detalhes, até mesmo do cheiro que ficou no carro no último segundo antes do disparo. Antes de colocar essa peça do quebra-cabeça no lugar, não poderia compartilhar nenhum progresso que tivesse com ninguém, nem mesmo com Molnar. Só esperava que Hansen não estivesse associado àquela sensação com que acordou lá no hospital. Uma sensação que ficava cada vez mais forte. De que tinha feito algo imperdoável...

De repente, o ar dentro do Golf estava abafado e difícil de respirar. Sarac considerou baixar o vidro, mas onde deveria ter uma alavanca havia apenas um pino preto. Então, abriu a porta do carro, colocou a bengala no chão e deu alguns passos com cuidado no convés pintado de verde.

As luzes de Vaxholm se aproximavam. Ele ziguezagueou entre os carros tentando chegar ao lado oposto do convés para buscar abrigo do vento. Quando contornou a esquina para a cabine amarela de dois andares, quase trombou com Natalie. Ela estava com o cigarro em uma mão e o celular na outra. Quando o viu, ela se assustou um pouco. Era quase impossível notar a microexpressão, mas, por um breve instante, mais curto que um piscar de olhos, Sarac podia jurar que o que ele viu nos olhos dela foi... medo.

TODAS AS investigações consistiam em trabalho metódico, intuição e um pouco de sorte, pensou Atif. No caso dele, algo tão simples como uma ligação de bolso acidental. Rico, quem quer que fosse, parecia estar no mesmo barco que Pitbull. Por alguma razão, ele tinha decidido sair de circulação por um tempo. Talvez estivesse envolvido na morte de Adnan ou então a fuga dele tinha a ver com outra coisa totalmente diferente. Não importa o motivo, mas ele era uma conexão tanto para Erik J. quanto para o amigo misterioso dele.

O prédio onde Rico morava era grande. Três escadarias, seis andares mais um andar térreo onde um punhado de lojas e escritórios dividiam o espaço. Por um breve instante, Atif teve a impressão de estar procurando uma agulha num

palheiro, mas logo percebeu que um dos negócios era uma academia. Não podia ser apenas coincidência. Estacionou o carro de forma a ter uma visão geral do edifício e se acomodou para esperar. Na verdade, não sabia bem o que estava esperando. Não tinha a menor ideia de como Rico era e sem um sobrenome não adiantava sair batendo de porta em porta. Tudo que podia fazer era observar e esperar que a sorte que o trouxe até aqui não o decepcionasse agora.

Puxou a cartela de paracetamol, tirou dois comprimidos e engoliu a seco. Ele já estava se sentindo melhor, provavelmente graças à injeção que o médico lhe dera. A dor no braço e no peito estava sob controle, mas Atif reclinou o banco para descarregar um pouco a tensão sobre eles.

Mais ou menos quinze minutos depois, um táxi parou em frente ao prédio, e um homem e uma mulher desceram. Atif achou a mulher um pouco familiar, depois percebeu que ela lembrava Cassandra. Lábios grossos, cabelo descolorido, peitos de silicone exageradamente grandes que se sobressaíam mesmo debaixo do casaco de pele. Devia ter ligado para elas, saber se tudo estava bem lá em Dalarna. Prometeu a si mesmo que era isso o que ia fazer assim que estivesse de volta ao hotel.

O par entrou na academia. Atif sentiu o telefone vibrar no bolso interno e teve dificuldade para conseguir pegá-lo.

Ligação de Cassandra

Falando no diabo... Será que aconteceu alguma coisa? Ficou hesitante, olhou para a calçada vazia e depois apertou o botão atender.

— É AQUI! Sabatini mora na porta do meio — avisou Sarac.

— OK. Vou só procurar uma vaga — disse Natalie.

A viagem de carro tinha levado quase uma hora. Ele havia ficado o tempo todo mergulhado em pensamentos e Natalie ficou no canto dela. Ela não dissera nada até chegarem próximo à cidade. Fez uma pergunta que ele não esperava nem um pouco: Um gerente costumava mentir para as fontes? Ele tinha respondido de acordo com as regras. Disse que era proibido mentir ou prometer

algo que não pudesse cumprir. Mesmo assim, Sarac tinha a impressão de que Natalie sacou qual seria a resposta certa. É claro que se mentia. A mentira era uma ferramenta, um meio de obter resultados rápidos. Muitas vezes, a fonte sacava isso também, mas ainda assim preferia continuar trabalhando. Talvez porque os próprios informantes quisessem muito que o que o policial oferecia fosse verdade. E, contanto que o blefe não ficasse óbvio, eles continuavam na jogada. Tinham uma chance.

Natalie virou a esquina, encontrou uma vaga de carga e descarga e estacionou o Golf. Depois se preparou para sair.

— É... Eu acho melhor você esperar aqui — disse Sarac —, quero dizer, eu espero que você não leve a mal.

— Não, não. — Pareceu mais que Natalie estava aliviada. — Claro que não. Eu fico aqui por enquanto, me liga se você precisar de ajuda. — Ela pegou o hidratante labial e passou.

Sarac saiu do carro, abotoou a jaqueta acolchoada, pegou a bengala e foi andando na direção da esquina.

ERA TINDRA ao telefone, não Cassandra. Ela deve ter pegado o telefone da mãe e procurado o seu nome. A voz fina da menina dançava em seus ouvidos, fazendo-o se sentir mais bem-humorado.

O par saiu da academia e estava de volta na calçada. O homem acendeu um cigarro para a mulher, depois um para si próprio. Ao telefone, Tindra tagarelava sobre coelhos.

— Tindra, me escuta agora. *Amu* precisa desligar. Eu ligo para você de noite e você me conta mais, OK?

A mulher se virou e mostrou o dedo para o cara.

— E o branco se chama Bola de Neve — continuou Tindra.

Mais ao longe, do outro lado da fachada, vinha outro homem virando a esquina. Casaco acolchoado e touca de lã puxada até a testa, bengala em uma das mãos. Andava meio rígido, como se uma das pernas não quisesse obedecer. Ele

parecia caminhar em direção a um dos portões. Atif desligou o telefone contra a própria vontade, cortando a explicação de Tindra no meio de uma frase. Prometeu a si mesmo que da próxima vez levaria a sobrinha a um pet shop e a deixaria escolher um coelho só para ela, para compensar.

Abriu a porta do carro e colocou um pé no asfalto ao mesmo tempo que enfiava o telefone no bolso. Os dedos inchados se atrapalharam e deixaram o telefone cair no banco. Quando por fim se endireitou, a mulher havia começado a gritar.

QUANDO SARAC estava a dez metros da entrada do prédio, a porta se abriu e um homem saiu. Sarac o reconheceu imediatamente. Era Erico Sabatini. O cara esbarrou em um casal que estava parado na calçada um pouco mais distante, fumando. Ele não estava nem de casaco nem de touca, só uma camiseta estampada de vermelho por fora do jeans. No mesmo instante em que a mulher começou a gritar, Sarac percebeu que Sabatini não estava nem de sapatos.

ATIF VIU viu que mais um homem tinha aparecido. Cabelo despenteado, nenhum casaco e só de meias. Algo que ele disse ou fez levou a mulher a gritar feito louca. Ela apontava para a estampa colorida na camiseta do cara.

Atif atravessou a rua, parou e deixou um carro passar. O homem com a bengala também se aproximava. A mulher continuou gritando. O barulho ecoava por entre os prédios.

O homem sem casaco agarrou a mão da mulher, mas o cara que a acompanhava logo o empurrou para longe. Isso fez com que ele cambaleasse e caísse de joelhos. A mulher ergueu as mãos e continuou gritando. Atif de repente percebeu que as mãos dela estavam cobertas de...

SANGUE, FOI o que Sarac conseguiu pensar antes que Sabatini caísse na calçada. Ele pensou que a camisa do homem era estampada de vermelho. Na verdade, ela era originalmente branca. Os gritos da mulher ecoavam nas paredes dos prédios,

fazendo sua cabeça relampejar.

Sarac se ajoelhou, tentando levantar a cabeça de Sabatini. Seus olhos estavam entreabertos, as pálpebras tremiam. Toda a frente da blusa estava ensanguentada.

— Cala a boca! — berrou alguém, e a mulher se calou na mesma hora. Ela e sua companhia se afastaram alguns metros. Ficaram lá encarando, sem a menor intenção de ajudar.

Um homem alto e forte, de cabelo curto, ajoelhou ao lado de Sabatini e levantou sua camiseta molhada. Sarac se sobressaltou, quase soltando a cabeça de Sabatini. Percebeu depois que o homem não batia com nenhuma das suas lembranças. Sangue vermelho-escuro escorria de dois furos do lado direito da barriga de Sabatini, logo abaixo das costelas.

— O fígado — vociferou o homenzarrão. — Para de filmar essa merda e chama uma ambulância! — A última frase foi direcionada ao casal, pois ambos haviam começado a mexer nos celulares.

— Me dá o seu cachecol — disse o homem, olhando para Sarac.

O homem alto e forte enrolou o cachecol em uma bola e o pressionou contra o abdômen de Sabatini. O tecido ficou quase que imediatamente escuro e molhado.

— V-Você... — Sabatini tinha aberto os olhos. — Meeerda! — Ele agarrou o braço de Sarac.

— A ambulância está vindo — avisou Sarac. Ele percebeu ao mesmo tempo que o homem estava com lágrimas nos olhos. — Vai dar tudo certo, Erico. — Ele pegou a mão do cara e a apertou contra o peito.

— Quem te furou, menino? — murmurou o homenzarrão.

Sabatini não respondeu, apenas continuou apertando a mão de Sarac. Ele respirava em arfadas curtas.

— N-Não era para ter sido a-assim. E-Ele prometeu...

Conseguiam ouvir sirenes ao longe se aproximando.

— Quem prometeu, Erico? Quem esfaqueou você? Foi Jano? — Sarac percebeu que o homenzarrão se interessou.

Sabatini agarrou a frente do casaco de Sarac.

— É tudo culpa dele! Tudo isso... Erik...

A fala de Sabatini se tornou um borbulhar insuportável. As sirenes se aproximavam cada vez mais. Oscilavam por entre as fachadas dos prédios. Sabatini largou o casaco de Sarac. O rosto estava cinzento, o queixo cerrado e com cãibra.

— Ele prome... teeeu.

ATIF SABIA que o homem estava condenado quando viu onde a facada tinha acertado. O fígado era cheio de sangue, uma perfuração nele e era apenas uma questão de tempo. Os sangramentos sempre pareciam piores do que eram na verdade, mas mesmo assim ele podia apostar que havia quase um litro na calçada, no cachecol e nas roupas. Com certeza, a mesma quantidade dentro da cavidade abdominal do cara.

Ele encarou o homem que segurava a mão do cara esfaqueado. Rosto magro, quadrado, nariz pontiagudo, olhos azuis e profundos. Ele também não parecia muito saudável. Ele havia chamado o homem esfaqueado de Erico e perguntou sobre Jano, então estava na cara que isso significava que era Rico quem estava sangrando na calçada. Rico tinha dito algo para o outro cara, alguma coisa que Atif não entendera direito. Na verdade, ele queria mesmo puxá-lo à força, enfiá-lo no carro e calmamente convencê-lo a falar o que sabia de Erik J. e Jano. Mas as sirenes estavam perto demais. Dentro de no máximo um minuto o local estaria fervendo de policiais e paramédicos.

Olhou de relance para trás e reconheceu que não teria tempo suficiente para chegar até o carro. Que inferno! De qualquer forma, o monte de ferro-velho já estava mais ou menos ferrado depois do que aconteceu no posto de saúde. Sempre dava para arranjar outro.

Ele se levantou e deu um ou dois passos para o lado. Viu que o casal da calçada, apesar das suas instruções, continuou filmando com os celulares. Malditos abutres! Com um pouco de sorte, só conseguiram filmar suas costas;

caso contrário, daqui a pouco seria suspeito de dois homicídios. Não tinha muito o que fazer. Deu alguns passos desajeitados se concentrando na esquina mais próxima.

NATALIE OUVIU as sirenes se aproximarem. Apagou depressa o cigarro e puxou o telefone do bolso. Nenhuma ligação perdida, nenhuma mensagem. Que inferno!

Rickard só recebeu a informação, nem obrigado disse antes de desligar. Que merda ela ia fazer agora? Correr atrás de Sarac? Uma viatura passou zunindo, depois outra. As sirenes pararam de uma vez. O que quer que tenha acontecido, foi perto dali, logo depois da esquina.

Ela deu uns dois passos naquela direção, depois se deteve. Talvez o mais sensato fosse conter a curiosidade por alguns minutos. Esperar para ver se Sarac aparecia.

Um homem alto, com um casaco acolchoado escuro virou a esquina, diante dela. Meio que corria, quase cambaleando, de uma forma estranha. Uma das pernas da calça dele estava com uma mancha vermelho-escura. Alguma coisa no seu olhar e na sua expressão fixa fez Natalie se virar para ele.

Ela franziu a testa. Pensou no retrato falado do assassinato na rua Roslag: um homem alto e forte, com roupas escuras. Será que era o cara que Rickard estava procurando? Que se chamava Jano? Nesse caso, teria acabado de ganhar na loteria. Só de pensar na reação de Rickard, seu pulso acelerou. Natalie ergueu o celular e assobiou bem alto. Quando o homem se virou instintivamente, ela rapidamente tirou duas fotos dele, depois começou a correr em direção à esquina.

SARAC FICOU sentado na calçada. Estava segurando a mão de Sabatini, sentindo-a ficar gradativamente fria, apesar do trabalho incansável dos paramédicos. Por fim, foi obrigado a soltá-lo quando o levantaram e o puseram na maca.

Os policiais já interditavam o local, delimitando um enorme retângulo com suas fitas de plástico azul e brancas, e isolaram quase o quarteirão inteiro. Dois

deles conversavam com o casal que antes brigava, mas que agora se abraçava. Alguns policiais arrombaram a porta de Sabatini e entraram no apartamento dele com armas em punho.

Sarac se levantou devagar e limpou a lama e a poeira do asfalto na calça o melhor que pôde. Droga! Ele passou as costas da mão nos olhos.

Alguém o pegou pelo braço.

— Você viu tudo, não viu?

Uma policial, com certeza não tinha mais de 25 anos. Ninguém que ele conhecesse. Sarac percebeu como ela olhava para as manchas de sangue na calça e no casaco.

— Gostaríamos que você nos acompanhasse até a delegacia.

SARAC FOI preso, o que eu f*aço? / Natalie*

Natalie ficou parada perto da faixa de isolamento olhando enquanto Sarac era colocado no banco de trás de uma viatura. A resposta veio em menos de um minuto.

Aguarde por enquanto! / R

Ah, OK, e o que isso significa? Quanto tempo é “por enquanto”? As mensagens dele eram ainda mais curtas e grossas que as conversas por telefone. Ela odiava pessoas que não tinham disposição nem para assinar o próprio nome.

Então o que faria agora? Se Sarac pudesse apenas ver as fotos e confirmar se era o homem que estava procurando, Natalie poderia finalizar o trabalho. Mas agora ela o observava ser levado numa viatura.

A VIAGEM DE carro durou uns dois minutos, a delegacia mais próxima ficava a apenas alguns quarteirões de distância. Enquanto eles esperavam o portão da detenção abrir, o telefone da policial tocou.

— 1947, Andrén.

Depois escutou a pessoa do outro lado da linha.

— OK — respondeu ela.

O portão já estava aberto, mas a policial fez um sinal para que o colega esperasse.

— Entendi, estamos a caminho.

A ligação foi interrompida.

— Novas ordens — disse ao colega. — A gente vai levá-lo direto para Kronoberg.

O motorista engatou a marcha a ré e voltou para a rua. Deu meia-volta com o carro e o conduziu trânsito afora.

— Quem era? — perguntou o homem quando chegaram à rua Horn. — Plantão, não foi?

— Conto depois. — A policial olhou para Sarac de esguelha.

O trajeto até a delegacia levou menos de dez minutos.

O sangue de Sabatini ainda estava nas suas mãos e roupas. Sarac não conseguia parar de chorar, e, cada vez que soluçava, a policial o olhava de um jeito que ele não gostava muito. Como se ela achasse patético ele chorar por causa de um desconhecido. Mas Sabatini não era nenhum desconhecido.

Eles entraram em uma garagem subterrânea e pararam próximo a um elevador que dava para a entrada de detentos. Duas pessoas, um homem e uma mulher, os dois vestidos de terno, estavam esperando.

— A gente assume daqui — disse a mulher.

— OK — respondeu um dos policiais uniformizados. — Vocês fazem o registro dele também? — Ela puxou um caderno de anotações do bolso da calça.

— A gente já tem todos os dados — interrompeu a mulher de terno.

— Obrigada pela ajuda, 1947.

Ela pegou Sarac de leve pelo braço e o conduziu para o hall de elevadores. Mas, em vez de pegar o elevador principal e continuar para a detenção, ela passou direto, em direção a um menor, em outro canto do estacionamento.

— Aonde estamos indo? — perguntou Sarac, e percebeu como sua voz soava cansada.

— Você vai ver — respondeu a mulher, e apertou um botão para o último

andar.

O corredor em que saíram parecia abandonado. Apenas metade das lâmpadas no teto estava acesa, havia rolos de plástico e de papel empilhados ao longo do corredor e o lugar inteiro tinha cheiro de tinta.

Eles o levaram para uma das salinhas. Duas cadeiras de escritório viradas uma para a outra, uma janela com persianas baixadas. Nada mais.

— Você quer algo para beber? — perguntou a mulher.

Sarac assentiu com a cabeça. Ele percebeu que estava com uma sede insuportável. A mulher deixou a sala, mas o colega dela continuou lá. Sarac pôde ouvir o som de água escorrendo a distância. Depois, a mulher voltou com um copo d'água para ele.

— O-Obrigado.

Sarac levantou o copo, fechou os olhos e tomou longos goles, tentando apagar da retina a imagem de Sabatini morrendo. Quando os abriu, os dois policiais que o escoltaram tinham saído. Em vez deles, havia um homem sentado na cadeira em frente. Um homem de cabelos claros, bem vestido e com uma fisionomia de menino que Sarac reconheceu imediatamente.

— Olá, David — disse o homem. — Eu me chamo Oscar Wallin, mas disso você já sabe. Nós nos conhecemos de longa data.

Trinta e cinco

— UMA PENA o que aconteceu com Sabatini. — Wallin se inclinou para perto de Sarac. — Também já tive fontes que morreram. Afeta a gente, não é? Não faz diferença o que está escrito no estatuto dos funcionários e o que ensinam nos cursos. Toda aquela história de que a gente não pode se aproximar demais, não pode se envolver demais. — Wallin balançou a cabeça. — As fontes colocam as suas vidas em nossas mãos. A gente os convence a colaborar e usa todos os truques psicológicos possíveis para fisgar os caras. E, quando eles mordem a isca, como você sabe, não...

— Tem volta — murmurou Sarac.

Wallin concordou com um aceno lento da cabeça.

— Você está com uma cara péssima, David. Quase não dá para te reconhecer. A última vez que a gente se viu foi quando eu fiz uma proposta, você se lembra? — Wallin se reclinou na cadeira.

Sarac meneou a cabeça devagar.

— Eu tive um derrame, se você não sabe ainda. A princípio, não me lembro de nada.

— Dos últimos anos, sim, eu soube.

Wallin sorriu, um sorriso travesso que o fez parecer ainda mais jovem, se é que isso era possível.

— Eu trabalhava para o DCN na época, lidava com gerência de informantes também. A gente até fez um curso junto, você e eu, David. “O modelo dos doze

passos para recrutar informantes.” Disso com certeza você se lembra.

Sarac não respondeu.

— Uma das minhas fontes havia me contado algo interessante. Corria um boato de que a polícia de Estocolmo havia conseguido colocar um infiltrado supersecreto no meio da comunidade criminosa. Uma pessoa com o codinome Jano. O deus romano de duas caras.

Wallin relaxou os braços.

— É claro que, no começo, eu não acreditei nele. Informantes estão totalmente OK, mas infiltrados, pessoas que a gente manda conscientemente para dentro de organizações criminosas, como você sabe muito bem, não são permitidos aqui na Suécia. É complicado de um ponto de vista legal, já que um infiltrado, cedo ou tarde, precisa cometer crimes para ganhar credibilidade. E é claro que a polícia não pode instigar, ou, pior ainda, ajudar alguém a cometer um crime. Como seria isso?

Wallin deu um sorriso ainda mais largo, mas dessa vez sem que o sorriso chegasse aos olhos.

— Minha fonte continuou insistindo, disse que esse Jano tinha causado muito prejuízo. Que era mérito dele o rompimento de uma facção inteira de um clube de motoqueiros e que os russos perderam quase vinte quilos de heroína. E, apesar de saberem da existência de um infiltrado, de haver uma recompensa enorme pela cabeça dele e de os chefes terem, inclusive, conseguido descobrir seu codinome, eles não conseguiram descobrir quem era o cara. Então a gente aqui do DCN decidiu verificar o negócio mais de perto. Descobrimos que Peter Molnar e o grupo de operações especiais dele estavam por trás da maioria das grandes apreensões em Estocolmo. Molnar costumava, inclusive, gerenciar suas próprias fontes.

Wallin meneou a cabeça.

— Eu conheço o Peter. Ele não teria nenhum problema em passar por cima de uma regra ou outra. Além disso, ele é esperto. Mas liderar esse tipo de operação complicada não é bem o estilo dele. Quem estávamos procurando precisava ser

muito mais inteligente, talentoso, motivado e, acima de tudo, não ter medo de correr riscos. Ou seja, não um típico policial. Se olhasse para quem trabalhava com gerenciamento de fontes em Estocolmo naquela época, só haveria um candidato possível. — Wallin ergueu as mãos. — O melhor da turma, David Sarac. Uma das poucas pessoas que me superou.

Sarac não respondeu, mas tudo parecia bastante familiar. Como uma velha história reprimida que vem à tona assim que alguém a conta.

— Então, a gente teve uma reunião informal, você e eu — prosseguiu Wallin. — Eu contei o que sabia de Jano. Que ele era um infiltrado e que você tinha quebrado algumas regras. Talvez até fosse culpado de má conduta profissional.

— Mas que você estava pensando em não me entregar — interrompeu Sarac. — Não se eu compartilhasse Jano com você. Se desse a chance de você brilhar no DCN, construir sua reputação.

Wallin ficou calado, com as mãos no colo, tamborilava os dedos uns nos outros, enquanto analisava cautelosamente a expressão de Sarac, que levantou a cabeça, tentando fixar o olhar.

Wallin era um babaca de primeira, mas também era esperto. Sarac se perguntou aonde essa conversa iria.

— A memória é uma coisa interessante, não é, David? — disse Wallin, pensativo. — Você não se lembrava da nossa reunião, não é? Não antes de eu te contar sobre ela. Quando dei detalhes suficientes para encontrar uma trilha por entre a névoa.

Sarac não disse nada, ele fazia de tudo para ser o mais neutro possível. No entanto Wallin parecia conseguir ler seus pensamentos.

— Então você perdeu mesmo a memória. Eu realmente não tinha muita certeza, desconfiava de que tudo fosse uma armação. Um jeito de escapar da confusão em que se meteu.

— Você quer dizer do fato de você ter tentado me chantagear.

A clareza na voz de Sarac surpreendeu até a si próprio. Ele percebeu como Wallin se contorceu um pouco na cadeira.

— Você queria dividir Jano — continuou Sarac. — Ou, melhor dizendo, queria dividir a informação, mas deixar que eu assumisse os riscos. Se eu me recusasse, você entregaria toda a operação. Daria um jeito de eu ser demitido.

A boca de Wallin virou uma linha.

— E agora você quer repetir a proposta, não é? Por isso eu estou aqui. Porque você quer saber quem é Jano e como pode entrar em contato com ele. E como eu o mantenho de rabo preso.

Sarac se empertigou.

— Agora, escute bem, Wallin. A princípio, eu não me lembro de nada sobre Jano, de merda nenhuma. E, mesmo se eu me lembrasse, jamais o entregaria a você. Você mesmo disse agora há pouco. As fontes colocam as vidas delas nas nossas mãos. Confiam que nós vamos fazer o que é certo.

Wallin analisava Sarac.

— Então você não sacou nada — falou depois de um tempo.

— O quê?

— Se eu consigo fazer os cálculos e saber quem controla Jano, outras pessoas também podem fazer o mesmo. Só é preciso uma pessoa inteligente o bastante para querer chegar ao fundo do problema. Pagar uma graninha a um policial querendo apenas prestar um serviço para conseguir o nome do melhor gerente de informantes de Estocolmo, e *voilà*!

Sarac engoliu em seco instintivamente.

— A gente estava de olhos e ouvidos atentos, David — continuou Wallin. — E, há algumas semanas, confirmamos tudo. Na verdade, apenas alguns dias antes do seu acidente.

— O quê? — repetiu Sarac, mas dessa vez já imaginava a resposta.

— Alguém está atrás de você, David. Alguém que sacou a mesma coisa que eu, que o único caminho até Jano é através de você.

DE REPENTE, o quartinho ficou abafado. Possivelmente, o ar-condicionado estava desligado para evitar espalhar poeira da reforma e cheiro de tinta para o restante

do prédio. Sarac tirou o casaco. O sangue de Sabatini cobria uma boa parte da frente.

— Como você talvez saiba, eu troquei de cargo — comentou Wallin. — No papel, estou conduzindo uma investigação para o ministério da Justiça. Avaliando as possibilidades de ganhos em concentrar a coordenação dos departamentos. Mas, na prática, estou trabalhando diretamente sob as ordens do ministro da Justiça, Stenberg. Jesper me deu a tarefa de identificar os melhores policiais do país. Aqueles que valem a pena investir no futuro.

Wallin fez uma pausa, deixando as palavras se assentarem.

— Seria muito fácil colocar o seu nome na lista, David. Você seria responsável pela gerência de informantes de todo o país. Não precisaria mais ralar na mão de fósseis cansados que nem Bergh ou puxa-sacos como Kollander. Mas você não é do tipo que se compra, David, eu entendi isso. Por isso não vou jogar essa isca. Mas o fato continua sem solução. — Ele fez uma careta difícil de interpretar. — Enquanto você for a única ligação com Jano, estará correndo perigo. O Departamento de Crimes Regionais já se livrou de você. A princípio, você não tem mais apoio. Mas, se começar a trabalhar para mim...

— Você vai se certificar de que eu tenha proteção.

De repente, ouviram-se vozes do lado de fora. Depois bateram à porta e a mulher que tinha buscado água para Sarac colocou a cabeça para dentro.

— Bergh está aqui. Molnar está com ele. Eles exigem ver Sarac.

Wallin olhou para Sarac.

— Peça para os senhores entrarem.

Mas, antes que a mulher se virasse, a porta se abriu e Peter Molnar ocupou a sala. Bergh veio logo atrás.

— Peter, que prazer. — Wallin sorriu. — E o chefe da Divisão de Inteligência também, é claro. Eu estava quase me perguntando quando vocês iriam aparecer.

Molnar pareceu ter ficado um pouco surpreso com a reação de Wallin, mas se recompôs depressa.

— O que você está tramando, Oscar? — vociferou.

— Sarac e eu estamos apenas tendo uma conversinha como velhos amigos. Não é mesmo, David? — Wallin acenou com a cabeça para Sarac.

— Venha, David — chamou Bergh. — Você não precisa ficar sentado aqui, a gente te dá uma carona até sua casa, você vai poder tomar um banho e trocar de roupa. Falei com o pessoal do plantão de ocorrências criminais e eles podem pegar o depoimento por telefone.

Ele fez um gesto para Sarac se levantar.

— Sente-se, David — pediu Wallin. — Não tivemos tempo de terminar nossa discussão antes dos cavalheiros nos interromperem.

— Não importa a sua patente, Oscar, você não é o chefe de David — declarou Molnar. — Como eu vejo as coisas, você não tem autoridade nenhuma para mandar em alguma coisa.

Wallin olhou Molnar nos olhos. Depois se levantou.

— Bem típico de você, Peter. Faz de qualquer situação uma competição de quem tem o maior pau. — Wallin meneou a cabeça. — A verdade, David, é que esses dois, Bergh e Peter, querem chegar a Jano tanto quanto eu. Talvez até mais, você está me entendendo? — Wallin se inclinou para perto de Sarac. — Se os fatos levarem a concluir que um deles sabia sobre Jano ser um infiltrado ilegal, esses senhores aí estarão encrencados. Bergh é seu chefe e acredito que o seu auditor também. Ele não deveria ter autorizado esse tipo de operação.

Wallin gesticulou na direção de Bergh, e Sarac viu como este logo desviou o olhar.

— E, no que diz respeito a Peter e o grupinho tático dele, bom, você talvez se lembre de como a delegada regional é melindrosa com subgrupos que não seguem as regras, especialmente os masculinos.

Os olhos de Molnar ficaram um pouco menores, mas ele não disse nada.

— Enquanto estiverem dando resultado, ela não se preocupa — prosseguiu. — Ela fica mais do que feliz em dar coletivas para a imprensa e apresentar os resultados deles como se fossem dela. Mas, se a primeira complicação aparecer, se surgir alguma pedra no caminho dos planos de ser a nova chefe da Polícia

Nacional, então...

Wallin sorriu de novo, o mesmo sorriso frio e impessoal de antes.

— Então — fez um aceno com a cabeça na direção de Bergh e Molnar — os senhores aqui querem, a qualquer custo, eliminar todo e qualquer ponto de interrogação. Não pode haver nenhum fator de risco desnecessário.

Wallin fez uma pausa, depois olhou bem nos olhos de Sarac.

— Como você, David.

Trinta e seis

— WALLIN É um safado traiçoeiro — murmurou Bergh, enquanto conduzia devagar o carro pelo trânsito. — Ele quer fazer uma carreira a todo custo, com certeza está de olho no cargo de chefe da Polícia Nacional. Essa investigação para o ministério da Justiça é o trampolim perfeito para ele. Uma chance de ficar de olho na concorrência.

— Você está pensando na delegada de Polícia Regional de Estocolmo? — perguntou Sarac.

Bergh assentiu.

— Tem muita gente que adoraria ver uma mulher como chefe da polícia. Eva Swensk é uma candidata forte e está controlando o maior distrito policial do país com mãos de ferro. Minimizando as possibilidades de erro, para falar de forma educada.

Sarac não disse nada por um tempo. As palavras de Wallin ainda se debatiam em sua cabeça. Ele havia quebrado regras, já sabia disso. Sempre soube que Jano não era um informante comum, mas um infiltrado. Alguém que ele controlava, para quem atribuía tarefas, serviços. Que inclusive havia cometido crimes com a bênção dele e, indiretamente, da própria polícia.

Mas a sensação de culpa de que Sarac não conseguia se livrar não era por causa da má conduta. Um infiltrado que fosse bem cuidado era uma ferramenta excelente. Na verdade, a pergunta era se ele tomava conta de Jano tão bem assim. Ou de si mesmo, aliás. Sarac ainda não conseguia explicar por que seu

apartamento parecia pertencer a um viciado, e não tinha a mínima vontade de voltar lá. Bergh parecia ter lido os seus pensamentos, porque avisou:

— O apartamento está limpo. Deve ter sido a sua assistente. Acho que você recebeu novos móveis e uma nova fechadura, mas Peter sabe mais sobre isso.

Sarac fez um aceno positivo com a cabeça. Lembrou logo que Natalie disse ter feito uma faxina. Ele se perguntou onde ela estaria. Se ainda estava sentada no carro esperando lá na rua Högberg.

— Escuta, David. — Bergh se virou um pouco para Sarac, a expressão e o tom de voz dele já diziam tudo.

— Eu sei, eu sei. Eu devia ter ligado para você ou para Peter e não ter ido sozinho encontrar Sabatini.

Bergh meneou a cabeça.

— Na verdade, não era nisso que eu estava pensando, não, David. Apesar de você estar certo. Não, o que eu queria mesmo era pedir desculpas.

Sarac ficou surpreso, tentou pensar em que caminho a conversa estava tomando. Não chegou nem perto.

— Eu não devia ter pressionado você do jeito que fiz lá no hospital — continuou Bergh. — Sem falar na coisa toda de fingir que você havia sido transferido para a Divisão de Mercadorias.

Bergh balançou a cabeça.

— Wallin está bem informado. Não sou só o seu chefe, sou também o seu auditor, quem deveria ter tomado conta de você. Mas me deixei convencer a deixar os estatutos de lado. Jano exigiu que só um policial conhecesse a identidade dele; caso contrário, ele se recusava a cooperar. Então escrevi meu próprio nome no formulário, mas, na verdade, você estava sozinho. De forma não oficial, Kollander deu sua bênção para isso tudo. Nós estávamos cegos pelas possibilidades, e não nos demos conta dos riscos a que você estava sendo exposto.

Bergh meneou a cabeça calva.

— Depois do seu acidente, eu entrei em pânico. Quarenta anos de batalhão,

minha casa aqui e a de veraneio hipotecadas, os custos semestrais de Jonas e tudo mais. Prometi a mim mesmo que não iria terminar como o Conde. Comprado e sem honra.

Aquele nome fez Sarac hesitar. Uma lembrança surgiu de repente, mas desapareceu antes de ele conseguir interpretá-la bem. Eugene von Katzow, esse era o nome do antecessor de Bergh, mas as pessoas o chamavam mais de Conde. Tinha deixado o cargo bem antes de Sarac entrar para a divisão, depois de um grande inquérito e vários relatórios e reportagens. Porém havia mais alguma coisa ali, algo que dizia respeito a ele próprio. Mais uma peça de quebra-cabeça para a coleção que não parava de crescer.

Bergh parou em uma vaga de estacionamento a cerca de cem metros do prédio de Sarac. Depois se virou para ele.

— Mas aí eu conversei com a patroa. Me dei conta de que, na verdade, não era o fim do mundo. Para ser sincero, estou cansado dessa merda toda. Cansado de bater boca com batedores de carimbo que nem Kollander, que não sacam nada do trabalho da polícia e fazem um escândalo cada vez que a gente precisa pagar para uma fonte mais do que a mixaria ridícula de sempre. Ele está cagando para os ganhos da comunidade e para os delinquentes que a gente consegue pegar, contanto que o orçamento fique equilibrado. Para não falar dos outros que nem Wallin, que estão mais interessados em fazer carreira.

Bergh sacudiu a cabeça.

— Como você já sabe, a lista reserva dos seus informantes desapareceu do armário de segurança. A investigação interna está a todo vapor lá na nossa divisão, sendo liderada pelo nosso velho amigo Dreyer. O problema com Jano daria para levar numa boa, mas uma violação de segurança na minha própria divisão é outra coisa.

Bergh fez um leve gesto de desânimo.

Sarac franziu a testa. O nome de Dreyer também pareceu familiar. Molnar havia falado dele antes, mas Sarac não teve nenhuma reação na época. Agora, o nome o fez ficar angustiado.

— A direção precisa mostrar poder de ação — disse Bergh. — Kollander já veio até mim com uma proposta, salário integral até a aposentadoria, se eu colaborar. Seguir o roteiro e não deixar nenhuma sombra pairar sobre ele ou sobre a delegada. Meu advogado diz que é uma boa oferta, e, em última análise, no fim das contas, é sempre uma questão de dinheiro, não é, David?

Bergh deu de ombros e se inclinou para mais perto de Sarac.

— Você é um bom policial, David. Um policial bom pra caralho. Mas eu já presenciei vários casos em que um gerente se aproxima demais do informante. Ele quase se esquece de quem é, de onde está sua lealdade. Na verdade, não é tão estranho assim. O trabalho é representar, fazer um papel em que mentira e verdade precisam ter o mesmo tom. Mas, se a pessoa passa muito tempo nele, ninguém sabe o que é verdade. Nem mesmo você. A pessoa precisa calibrar a bússola moral, ajustar as coisas, se é que você me entende. Cuidar da própria casa.

Sarac engoliu em seco umas duas vezes.

— Por enquanto, os investigadores internos estão focados em mim — prosseguiu Bergh —, mas é uma questão de tempo até Dreyer bater à sua porta, e você precisa estar preparado.

Ele se envergou para o banco de trás e pegou uma bolsa azul velha.

— Estou fazendo uma limpa nas minhas coisas antigas. Me desfazendo daquelas que não preciso mais. Acho que você devia fazer o mesmo.

Bergh estendeu a bolsa para Sarac.

— Aqui tem algumas coisas que eu acho que você vai precisar. Mas não abre a bolsa antes de estar num lugar tranquilo, OK?

Ele se inclinou por cima de Sarac e abriu a porta do passageiro.

— Mais uma vez, sinto muito mesmo, David.

Trinta e sete

O APARTAMENTO estava com um cheiro forte de produto de limpeza. Todas as persianas estavam abertas e o sofá rasgado fora trocado por um novo.

— Os rapazes e eu ajeitamos — comentou Molnar. — A gente deu uma volta na Ikea. Aproveitei também para trocar a fechadura e arrumar uma trava pega-ladrão mais apropriada, assim você pode ficar aqui algumas noites, se não aguentar voltar para a ilha. Parece que os investigadores internos tiraram folga no feriado, as coisas ficaram tranquilas por uns dias. O que você tem aí? — Ele apontou para a bolsa que Sarac segurava.

— De Bergh — murmurou Sarac. — São algumas coisas minhas que ele tinha levado para a Divisão de Mercadorias. — A mentira saiu mais fácil do que esperava.

Sarac entrou no banheiro e enfiou a bolsa no armário embaixo da pia. Por um instante, ficou tentado a abri-la, mas ouviu os passos de Molnar do outro lado da porta. Então tirou o casaco manchado de sangue e o jogou na banheira. Ele se sentou na privada e começou a tentar se livrar da calça. Depois percebeu que tinha esquecido a bengala ou na rua Högberg ou na viatura. Não tinha importância, conseguia se virar muito bem sem ela.

— Então, David — disse Molnar do outro lado da porta do banheiro. — É bem como Wallin disse. — A voz dele soou um pouco perturbada. — Todo o caso Jano está numa zona cinza, todos estamos conscientes disso. — Silêncio.

— Mas os ganhos suplantavam os riscos — comentou Sarac.

Deu para ouvir o suspiro de Molnar do outro lado da porta.

— Jano era algo totalmente único, uma chance de virar o jogo. A gente conseguiu resultados fantásticos, no total, quase trinta quilos de entorpecentes. Comprimidos de doping que custavam milhões, carros de luxo roubados, armas — enumerou Molnar.

— Mas, se alguma coisa desse errado, os prejuízos seriam só meus. Um policial sozinho que ultrapassou as suas atribuições. — Sarac sentiu a raiva subir.

— Só que a ideia não foi minha, David.

— De quem foi, então?

Sarac abriu a porta do banheiro e viu o olhar triste de Molnar. Então sacou tudo.

— Minha — murmurou Sarac. — Tudo isso foi ideia minha? — Sarac engoliu em seco. De repente, sentiu-se fraco. No fundo, era isso que Bergh queria dizer. Que ele poderia protegê-lo de si mesmo. — O que você realmente quer saber, Peter, é se ainda penso em cumprir minha palavra. Se penso em continuar carregando toda a culpa, quando o inferno for instaurado?

— Caralho, David! — Molnar parecia atordoado, parecia estar procurando a palavra certa.

— Bergh está em cima do muro — continuou Sarac. — O chefe do Departamento de Crimes Regionais fez uma proposta. Salário integral até a aposentadoria se ele segurar a bomba da violação de segurança no armário e deixar os outros chefes de fora. É de se imaginar que o acordo também inclua que ele fale de Jano, que é um infiltrado ilegal e por aí vai.

Molnar fez uma expressão de dúvida.

— Kjell Bergh jamais concordaria com uma coisa dessas. Ele nunca colocaria um dos homens dele na linha de tiro.

— Não?

Sarac percebeu que estava no meio do hall só de cueca, meias e uma camiseta. Foi para o quarto. Também estava tudo limpo. Havia um novo colchão

na cama e ele achou suas roupas nas gavetas, lavadas e separadas cuidadosamente. Só podia ter sido Natalie. Por um breve instante, pegou-se desejando que ela estivesse ali. Do jeito que as coisas se desenrolaram recentemente, Natalie era a única pessoa em quem se atrevia a confiar.

Ouviu Molnar mexendo na porta do banheiro, pegou uma calça de moletom e vestiu. Depois saiu mancando em direção à sala de estar. A perna direita estava cada vez melhor. O sofá estava vazio, e ele ouviu Molnar dando descarga no banheiro. Sentou-se. O estofamento estava duro, mas cederia um pouco com o tempo.

— Wallin disse que alguém estava atrás de mim — falou alto o bastante para que desse para ouvir lá dentro —, que alguém fez as contas e sacou que Jano trabalha para mim, alguém que pode até ter tentado me matar no túnel Söderleden.

A porta do banheiro se abriu e Molnar saiu.

— E você acreditou nele? Me deixa adivinhar. Além disso, Oscar ofereceu proteção, não foi? Eu teria feito isso, se estivesse no lugar dele. Primeiro, cria uma cena ameaçadora, depois oferece segurança. Uma forma clássica de recrutar alguém.

— Então você acha que ele está mentindo? — perguntou Sarac.

— Não foi o que eu disse.

De repente, Sarac colocou a mão na testa, fechou os olhos e se inclinou para trás. Sabatini estava de volta à mente dele. O sangue, os sussurros trêmulos.

— Não era para ser assim. Ele prometeu.

— Sabatini, então você conhecia o cara? — indagou Sarac.

Molnar fez que sim com a cabeça.

— Fui eu quem o recrutei. Você o herdou de mim, quando mudei de divisão. Peixe pequeno. É chato que tenha acabado daquele jeito. Você não contou o que aconteceu, ou o que estava fazendo lá na rua Högberg.

— Fui lá porque queria perguntar uma coisa a Sabatini. Mas cheguei tarde demais — explicou Sarac.

Molnar se sentou no sofá.

— Ele disse quem foi? Quem deu a facada?

Sarac respirou fundo. A frase “É tudo culpa dele...” ecoava na sua cabeça.

— Ele murmurou um monte de coisas, só deu para ouvir metade do que disse. — Sarac tentou manter a voz estável. Por que mentiu? Por que não contou o que Sabatini tinha dito?

— Brian Hansen, Selim Markovic e Pasi Lehtonen — disse Sarac. Percebeu como Molnar endureceu. — Todos eles trabalhavam para mim, não é?

Molnar fez um gesto positivo com a cabeça.

— Então você sabe?

— Que todos estão mortos, assassinados, exatamente como Sabatini? Pois é, eu descobri, completamente sozinho. Sem que ninguém tivesse me contado nada.

— O caderno. — Os olhos de Molnar se apertaram. — Eu achava mesmo que tinha sido por isso que você foi procurar Sabatini. Você descobriu o código e conseguiu um nome, mas mesmo assim não me ligou. — A voz dele estava fria, nem um pouco amigável como agora há pouco. — Você não confia em mim, David?

Sarac deu de ombros.

— Você confia em mim, Peter? Por que você não me contou que pelo visto alguém quer apagar as minhas fontes? Além disso, tem outras coisas que você está escondendo de mim, não é?

Molnar olhou para ele, passou a língua pelos dentes da frente, parecia estar pensando no que iria responder.

— OK, David. Você está coberto de razão. Tem coisas que eu escolhi não contar.

Molnar se revirou um pouco. Ele parecia estar procurando as palavras certas mais uma vez.

— No hospital, depois do acidente. Seus exames de sangue.

— Continue.

— Deu positivo para THC e para metanfetamina.

Sarac sentiu um aperto no estômago. Pensou no cachimbo melado de metanfetamina no apartamento. O cheiro, a sensação de estar numa de boca de fumo.

— E o pior é que não fiquei tão surpreso assim — continuou Molnar. — Eu suspeitava já há algum tempo. Eu devia ter dito que tinha pensado em trocar uma palavra com você sobre isso, mas, para falar a verdade, David... — Molnar suspirou — ... você trabalhava dia e noite com Jano. Gerava resultados fantásticos, fez a gente ficar muito bem na foto. Então para que mexer em time que está ganhando?

Molnar desviou o olhar para o chão.

— Mas eu devia ter sacado. A pressão de levar para a frente um projeto desses, sozinho, sem nenhum apoio. Saber que você estava arriscando ir para a rua ou até mesmo para a cadeia. É como se equilibrar numa corda bamba sem nenhuma rede de segurança, sem a menor margem para erro.

Molnar prendeu a respiração antes de continuar.

— Às vezes, acontece de a pessoa se aproximar muito de um informante, David. Trocar confidências que a pessoa não deveria. Jano era o único que estava a par da sua situação, o único que entendia pelo que você estava passando. Talvez até tenha indicado algo para ajudar. Anfetamina para continuar ligado, beque para relaxar? Seja como for, agora é história. A gente deu um jeito nos resultados do exame, nada vai aparecer na investigação. Depois de três semanas no hospital você estava limpo, por isso decidi não falar nada para você. Pensando bem, agora que passou, acho que foi idiotice, mas a verdade é que senti vergonha por não ter apoiado mais você. Por ter deixado você se aproximar demais de Jano.

É tudo culpa dele, pensou Sarac.

Molnar olhou para o chão, depois se endireitou.

— O que você se lembra dele, de verdade, David? As coisas já devem estar ficando mais claras, não?

Sarac balançou a cabeça.

— Ainda não muita coisa. Para recrutar um criminoso desse porte, eu preciso ter encontrado uma boa porta de entrada. Não pode ser dinheiro, o departamento paga uma mixaria. Então tem outra coisa, algo importante. Deve ter sido algum tipo de segredo.

— Também achei que fosse. Continue, você se lembra de algum detalhe da aparência dele?

— Quase nada. Só uma silhueta vestindo roupa escura com capuz. Nenhum tipo de contato, nenhum local de encontro, mas tenho certeza de que conseguiria reconhecer o cara se o visse.

— Entendo. — Molnar estava pensativo. — Como você teria organizado a coisa toda, de maneira geral? Você recruta um informante da pesada, alguém que não pode ser revelado de jeito algum. Você já sabe que está quebrando regras, mas que seu chefe vai tolerar contanto que seja discreto. Qual é a primeira coisa em que você se concentra?

Sarac pensou bem. Tentou reiniciar o cérebro. Pensou no local do sonho, o quadro branco, as fotografias, a teia de aranha. Pensou em dizer alguma coisa sobre tudo isso para Molnar, mas mudou de ideia. Não antes de saber mais.

— Financiamento — respondeu Sarac.

Molnar balançou a cabeça positivamente.

— Eu preciso de dinheiro para pagar Jano. Viagens, despesas, dinheiro para ganhar confiança caso ele precisasse fechar algum negócio. Todas as despesas precisam ser aprovadas por Bergh e por Kollander, então esse caminho está fechado. Uma parte talvez eu precise bancar sozinho, declarar como despesas de viagens falsas ou outras fontes. Mas isso não iria funcionar a longo prazo.

Sarac ficou em silêncio, pensou bem.

— Eu possivelmente precisaria de um financiador — disse em seguida. — Alguém que possa investir sem fazer perguntas. — Um nome apareceu na cabeça dele, um nome que ouviu Bergh dizer naquela mesma noite.

— Você se lembra de quem?

— Von Katzow — respondeu Sarac sem nem completar o pensamento. — Eugene von Katzow.

— Você tem certeza disso, David? Colocar o Conde no meio disso tudo só complicaria as coisas significativamente. O nome dele ainda é um palavrão na boca de certos chefes. Você sabe que ele foi esculachado na imprensa e tudo mais.

Sarac tentou pensar melhor, tentou ordenar os pequenos cacos de informação que começavam a zumbir dentro de sua cabeça.

— Claro que posso estar errado — declarou depois de algum tempo. — Bergh falou de von Katzow no carro, pode ser daí que o nome saiu. Os fios estão trocados aqui em cima, como você sabe. — Sarac bateu de leve na testa.

Molnar concordou.

— OK, a gente deixa isso para lá por enquanto. Digamos que você tenha arranjado o financiamento, qual seria o seu próximo passo? Como organizaria os contatos e os encontros?

Sarac tentou encontrar a linha de pensamento. Balançou a cabeça, contrariado.

— Desculpa, está tudo apagado.

— Um carro, talvez? — sugeriu Molnar.

— Não, esse tipo de fonte não iria gostar disso. Precisa ser algum lugar que massageasse o ego dele. Mostrasse o quanto ele era importante para a gente. Um bom restaurante, ou um clube. Carro... — Jogou uma das mãos para trás.

— É para peixe pequeno. — Molnar sorriu, depois passou a língua pelos dentes da frente. — Que bom ouvir que você se lembra do que te ensinei. Claro, você está com toda a razão. Encontrar alguém como Jano exigiria um lugar especial. Discreto, mas ainda assim atraente.

Molnar ficou calado, parecia que estava esperando Sarac dizer alguma coisa.

— O que você sabe sobre Jano?

A pergunta pareceu surpreender Molnar.

— A princípio, tão pouco quanto Bergh. Quero dizer, quase nada. Só que é

uma fonte muito bem posicionada e que, presume-se, ele não está para brincadeira. Além disso, como falei, deduzi que você tinha usado algum tipo de segredo para recrutar o cara.

Outra vez, Molnar passou a língua pelos dentes da frente. Será que era uma expressão de nervosismo ou um tique que sempre teve? Sarac não tinha muita certeza.

— Escuta, David, vamos voltar aos recursos financeiros. Como você mesmo disse, seria necessário dinheiro. Você precisa ter usado uma ou mais contas secretas, não? Isso me ocorreu enquanto estávamos lá na ilha. Tinha qualquer coisa no seu caderno que tivesse a ver com dinheiro ou pagamentos?

Sarac meneou a cabeça.

— Absolutamente nada, pelo menos nada que eu tenha conseguido desvendar.

— Que pena. Acho que o dinheiro é a única pista que a gente tem que levaria direto a Jano. Você entende, não é, David?

Molnar fez uma pausa e repetiu o movimento com a língua.

— Há apenas uma forma de retomar o controle.

— Encontrar Jano — disse Sarac. — Pois é, obrigado, eu já saquei isso.

Parece que Molnar não se importou com o tom irônico na voz dele.

— Escuta, David. A história do cofre é problema de Bergh, não vai dar nada para a gente. Se ele quiser assumir a coisa toda, tudo bem. Mas, já que nem Kollander nem Bergh sabem algum detalhe sobre o negócio com Jano, é difícil eles culparem você de alguma coisa, pelo menos sem uma prova concreta. Entende o que estou pensando?

Sarac fez que sim com a cabeça.

— Sem Jano e sem nenhuma outra documentação, eles não têm muito para adicionar ao caso, não é? Eles não têm como mostrar que você ou eu quebramos regra alguma. A única coisa que a gente precisa é não deixar Jano ser encontrado nunca. Fazer tudo o que for preciso para...

Proteger o segredo, pensou Sarac, mas não disse nada.

Trinta e oito

ATIF ESTAVA com febre. Provavelmente bem alta. Estava sentindo o corpo pesado, a cabeça latejando. Só tinha uma farmácia aberta à noite em todo o centro da cidade, e ele não se atrevia a correr o risco. Em vez disso, pegou outros dois comprimidos de paracetamol da cartela e os empurrou garganta abaixo com água morna direto da torneira da piazinha rachada do banheiro.

Depois do que aconteceu na rua Högberg, ele estava ainda mais encrencado. Atif se certificou de que aqueles abutres que estavam filmando o acontecido só conseguissem pegar suas costas. Mas aquela garota ruiva da rua perpendicular tinha passado a perna nele. Assobiou, fez com que se virasse para trás por reflexo e tirou uma foto bem de frente. Ela deu o fora antes mesmo que ele percebesse o que estava acontecendo. Esperta!

Jano ainda estava um passo na sua frente. Ele estava se livrando de todas as pontas soltas. Atif já tinha deduzido o que aconteceu lá na rua Högberg. Alguém bateu na porta e Rico abriu. Significa ou que Jano era alguém que Rico conhecia, ou que parecia alguém inofensivo o bastante para ser recebido em casa. Um entregador de flores ou um carteiro, alguém que não representava uma ameaça.

Nenhuma arma de fogo dessa vez, nenhum barulho que pudesse alertar os vizinhos. Duas facadas bem dadas direto na barriga. Com certeza assim que Rico abriu a porta. Uma lâmina longa e fina, a julgar pelos furos. Uma escolha perfeita para os órgãos internos. Em noventa por cento dos casos, um ferimento abdominal profundo provoca uma hemorragia intensa ou estado de choque.

Depois dos dois golpes, Rico devia ter caído e sangrado até a morte enquanto Jano saía caminhando com calma. Mas claramente Rico fazia parte dos dez por cento cujos corpos reagiam de outra forma. Nos quais as glândulas suprarrenais lançavam tanta adrenalina que, apesar dos ferimentos graves, ainda tinham força para ficar de pé e até mesmo se deslocar uma distância considerável.

Ele enfiou todas as roupas em uma sacola de plástico, deu um nó e jogou na direção da porta. Depois entrou na banheira e ligou o chuveiro. Deixou a água jorrar pela cabeça e pelos ombros, esfregou os últimos resquícios de sangue das mãos e dos antebraços. Depois de um tempo, decidiu ficar de cócoras. O corpo inteiro estava doendo agora, um seis, talvez até um sete.

Precisava descansar um ou dois dias, fazer novos planos. Porque, apesar de tudo, havia descoberto algo com os acontecimentos da rua Högberg. O vídeo já estava na internet. Dava para ver claramente Rico morrendo numa poça de sangue no meio da calçada. O seu próprio rosto não estava visível, ainda bem, mas o do outro homem estava. Dava para ver até mesmo suas lágrimas.

Atif não conseguia se livrar da impressão que teve no local, e o vídeo na internet provava que estava certo. Os movimentos da cabeça, o olhar atento e outras nuances quase imperceptíveis na linguagem corporal. Com certeza absoluta o cara era um policial. Ele havia perguntado a Sabatini sobre Jano, e parecia saber do que tudo se tratava. Assim que a penicilina começasse a fazer efeito e o corpo conseguisse se recuperar um pouco, Atif iria procurá-lo.

SARAC TRANCOU a porta com todas as novas fechaduras. Estava completamente exausto, simplesmente não aguentava mais falar. Tudo o que queria era cair na cama e fechar os olhos. Tentar se convencer de que tudo o que havia acontecido recentemente, tudo o que descobrira, tinha sido apenas um sonho bizarro. Quando acordasse amanhã na sua antiga cama, a vida continuaria do outro lado da fissura do seu cérebro. E todo o pesadelo teria acabado.

A mensagem na parede do quarto definitivamente havia sumido, Jano devia tê-la apagado. Ele fez o trabalho tão bem-feito que era impossível ver qualquer

traço de tinta a olho nu.

Por que não contou a verdade para Molnar? Que Sabatini havia mencionado Jano e Erik Johansson. Por que não disse nada sobre o local com que sonhou nem que se lembrava de uma quantidade assustadora de detalhes da morte de Brian Hansen?

A resposta era simples. Em algum lugar, lá no fundo, ele ainda estava tentando proteger Jano e guardar o segredo dos dois. Embora a pessoa que ele estivesse protegendo fosse, muito provavelmente, um homicida. Assim que fechou os olhos, viu o rosto cinzento de Sabatini na sua frente, ouviu a sua respiração ofegante.

Cinco homens na lista, uma lista coroada pelo símbolo de Jano. Agora quatro deles estavam mortos. Por quê? Essa pergunta ainda estava esperando uma resposta.

Mas tudo o que transcorrera havia feito algo acontecer no cérebro de Sarac. Possivelmente foi a conversa com Molnar que ajudou mais que qualquer outra coisa. Desde o dia que encontrou o escritório na delegacia vazio, Sarac tinha a impressão de que deixara alguma coisa passar, de que havia interpretado as informações de forma equivocada. Mas agora tinha certeza. Foi ele próprio quem esvaziou a sala, Sarac tinha até a impressão de se lembrar de ter estado no escritório no meio da noite e carregado caixas de lá de dentro. Ele havia mudado tudo para um local mais seguro, longe de olhos bisbilhoteiros. O que significava que o local do sonho realmente existia. Fora sua base, o local de onde conduzia toda a operação Jano. Estava em algum lugar lá fora, na escuridão do inverno, talvez a apenas algumas quadras daqui. Protegendo os segredos em silêncio enquanto esperava por ele. O lugar era a última peça de que precisava para montar de verdade o quebra-cabeça. A pergunta era se realmente queria encontrá-la.

Foi caindo no sono lentamente, pairou um breve instante no limbo acinzentado. Ouviu uma sirene ao longe. Não sabia se vinha de fora ou se existia apenas dentro da sua cabeça. Depois, veio um barulho do apartamento de cima.

Alguns passos pesados no piso de madeira. Uma imagem se formou na sua mente. Uma silhueta escura, virada de costas, com capuz. O vulto se virou devagar, quase em câmera lenta. A luz bateu nos ombros, depois no capuz do homem. Mas, justamente no momento em que a luz chegou ao rosto, no exato segundo em que pensou reconhecer a pessoa, outro pensamento lhe ocorreu. Sarac despertou de repente. Tinha se esquecido de uma coisa, algo que precisava ver antes de conseguir dormir.

Ele se levantou da cama e foi mancando até o banheiro. Abriu o armário embaixo da pia e puxou a bolsa que Bergh havia lhe dado. O zíper estava um pouco emperrado, mas, depois de algumas tentativas, a abertura cedeu. No topo, havia um colete à prova de balas, um igual ao que salvou sua vida na colisão. Debaixo do colete, estava uma caixa de sapato e na tampa dela um bilhete com uma mensagem curta. Letras grandes e espaçadas que lembravam um pouco as que viu no hospital.

Tudo começa e termina com Jano.

A caixa continha um revólver com o número de série raspado.

Trinta e nove

— EM RESUMO, pode-se dizer, portanto, que tais providências resultarão em um sistema jurídico sueco totalmente novo. Um sistema jurídico com liderança compartilhada, controle e objetivos claros. Um sistema jurídico para o futuro.

Depois de deixar as suas últimas palavras se assentarem devidamente, Jesper Stenberg acrescentou:

— É tudo o que tenho a dizer.

Houve um silêncio de alguns segundos, enquanto as lâmpadas da sala eram acesas. Stenberg aproveitou para sorrir para o pequeno grupo em volta da mesa de conferências.

— Bom, obrigado, Jesper. — O primeiro-ministro fez um gesto para Stenberg se sentar. — Uma apresentação formidável, verdade seja dita. Curta e concisa, diferente de muitas que temos que aturar. *Morte por PowerPoint*, já ouviram essa expressão? — O primeiro-ministro sorriu para os outros em torno da mesa e colheu as risadinhas esperadas. Todos riam das piadas do chefe, não importava quantas vezes as tivessem ouvido antes.

— Você tem uma porção de sugestões radicais aí, Jesper — comentou Carina LeMoine. — Redução de pena para testemunhas-chave, penas mais severas para o crime organizado.

Stenberg assentiu. Aquela crítica disfarçada era previsível, assim como sua origem. LeMoine era uma das favoritas do chefe. Formada em direito, nova demais para estar apta ao trabalho dele. Pelo menos por enquanto. Também era

muito bonita, chegava a lembrar Sophie um pouco. Stenberg afastou o pensamento e se concentrou em dar uma resposta adequada.

— Tem razão, Carina, que bom que você mencionou isso. — Ele usou a voz mais profissional que tinha. Devolveu o truque dela de usar o primeiro nome, por cima da rede, 15-15, o jogo continua. — Mas eu estudei a metodologia meticulosamente. Observei os resultados obtidos em outros países. Além do mais, sei por prática que é muito mais fácil fazer uma pessoa cooperar se ela tiver algo a ganhar com isso.

30-15 para ele pelos estudos e pela experiência prática. Olhou diretamente nos olhos dela e subiu as apostas com um sorriso.

— Você não está preocupado em arranjar problemas com os órgãos consultivos? A Ordem dos Advogados não vai comemorar muito. — Stenberg julgou ter percebido uma leve nuance de incerteza na voz de Carina e aproveitou para tomar a iniciativa.

— Minha relação com a Ordem dos Advogados é muito boa, Carina, e posso assegurar a você e a todos os outros que, se minhas propostas forem apresentadas, elas serão muito bem recebidas.

40-15 e saque decisivo.

Ele sorriu de novo, levantou um pouco as sobrancelhas e inclinou a cabeça quase imperceptivelmente, como se estivesse esperando a próxima pergunta. Mas, em vez disso, Carina LeMoine olhou para suas anotações.

Vitória de lavada.

Por alguns segundos, ele se sentiu quase decepcionado, como se sua vitória tivesse sido negada. Mas se recompôs depressa. Deu seu melhor sorriso de televisão para o pequeno grupo. O chefe fez um aceno de aprovação. Parecia um enorme sapo satisfeito.

— JESPER, ESPERA!

As portas do elevador estavam quase se fechando quando Carina LeMoine chamou o nome dele. Stenberg pensou em ignorar, deixar as portas se fecharem

bem na cara dela. Mas, antes de ter tempo de se decidir, as portas do elevador se abriram novamente. Ela deve ter conseguido apertar o botão a tempo.

— Podemos fazer companhia um ao outro até lá embaixo, não é? — Ela sorriu para ele enquanto entrava no elevador.

Ela ficou um pouco perto demais, fazendo com que Stenberg desse um passo para trás sem perceber. Ele ficou estupefato com o perfume de Carina. Narciso Rodriguez, o mesmo que Sophie. Reforçou ainda mais a semelhança. Por um milésimo de segundo, teve a impressão de ouvir um barulho. Uma batida leve e constante nas paredes de metal do elevador. Engoliu em seco uma ou duas vezes.

— Você está bem, Jesper?

— Hum... — Ele começou a falar e teve que trazer o cérebro de volta à realidade.

— Você está um pouco pálido.

— Estou, é? Não, não, estou me sentindo ótimo. Estava pensando em uma coisa, só isso.

O elevador começou a descer lentamente. Carina LeMoine fez um pequeno gesto com a mão, passou uma mecha do cabelo loiro por trás da orelha. Tinha a pele branca, quase como porcelana.

— Tem uma coisa que eu queria lhe dizer, Jesper. Sobre a nossa pequena discussão lá em cima. — Inclinou a cabeça na direção do teto. — Não queria dizer na frente dos outros.

Ela sorriu e mostrou uma fileira de pequenos dentes brancos como um colar de pérolas.

— Não? — perguntou ele. Mas se arrependeu imediatamente. Não? Comporte-se agora, imbecil!

— Trombei com John Thorning um dia desses. A gente acabou falando um pouco de você, o que não é lá muito surpreendente.

Carina sorriu de novo, e Stenberg fez a mesma coisa, automaticamente. O que estava acontecendo?

— Quero dizer, ele foi o seu mentor, afinal.

Stenberg fez um gesto positivo com a cabeça, e sentiu que o elevador começava a parar.

— Por isso perguntei sobre a Ordem dos Advogados. John, como você sabe, é o secretário-geral, então a gente falou um pouco sobre seus planos para reestruturar o sistema jurídico. Exatamente como você disse lá em cima. Presumi que você já tivesse conferido com ele.

— Sim. — Stenberg manteve o sorriso, tentando deduzir o rumo que a conversa estava tomando. Ele não gostava do jeito como ela disse John. Muito íntimo, como se eles fossem mais que apenas conhecidos.

— Obviamente, eu não pretendo lhe dar conselhos. Como ministro da Justiça, você tem uma visão geral mais abrangente.

Ela passou a mão no ombro do sobretudo escuro dele para limpar alguma coisa.

— Mas, se eu estivesse no seu lugar, Jesper, agendaria uma reunião com John Thorning, e logo.

SARAC TINHA colocado a chave na mesa à sua frente. Havia tirado do chaveiro e jogado fora as outras três — a do antigo escritório dele no Departamento de Crimes Regionais e as das antigas fechaduras da porta do apartamento.

Sobrou uma chave. Uma chave totalmente comum, chata e com um encaixe de sete pinos. Nenhum número, nenhuma pista. Não se lembrava, não tinha ideia alguma de qual fechadura ela abria ou de como a porta era. E foi exatamente a ausência de lembrança que o convenceu. Ele mesmo havia esvaziado o escritório, agora tinha certeza. Guardou tudo em segredo, não contou para Molnar nem para Bergh, assim os dois poderiam jurar inocência, caso algo desse errado. Virou “o policial solitário que tomava as próprias iniciativas”, exatamente como tinham combinado. Então podia presumir que essa chave era do novo local, a base de onde, por conta própria, conduzia toda a operação Jano.

Ele se debruçou sobre a chave e a examinou com toda a atenção que pôde. Uma serragem irregular, com sete pontas de alturas diferentes. Pegou a chave,

segurou-a. Fechou os olhos, esperou.

Nada aconteceu.

Ele abriu os olhos novamente. Claro que nada aconteceu, caralho, ele não era um vidente. Andava exausto demais para assimilar devidamente o que Molnar tinha dito. Mas agora, após duas noites de sono na sua própria cama, uma ducha, café da manhã, e até uma muda de roupas, estava significativamente em melhores condições.

Ele havia se drogado, fumado maconha e metanfetamina. Talvez fosse uma forma de aguentar a pressão cada vez mais intensa. Viver com o trabalho e com Jano noite e dia, sem ninguém em quem confiar, sem nada oferecendo a mínima proteção.

As drogas explicavam a condição lastimável do apartamento e talvez até algumas das alucinações. Ele analisou os objetos que recebeu de Bergh cuidadosamente. Tentou deduzir o que exatamente o chefe queria dizer lhe dando aquela bolsa. Para não falar na mensagem na tampa da caixa.

Tudo começa e termina com Jano. O que Bergh queria dizer com isso?

Um criminoso da pesada cometeu um assassinato enquanto trabalhava como infiltrado para a polícia. Se essa informação vazasse, a imprensa ficaria maluca. Todo policial que pudesse estar ligado ao caso, mesmo que só de leve, iria imediatamente para a rua, talvez fosse até mesmo processado. Não é estranho que ele tenha jurado guardar um segredo desses.

O que deveria fazer agora? Contar tudo para Molnar? Aliar-se a Wallin e esperar que ele não cortasse todo e qualquer laço assim que o segredo fosse descoberto? Ou será que Bergh tinha insinuado uma solução totalmente diferente para o problema? Apagar Jano de uma vez por todas, antes que ele fosse descoberto. Assassinar o assassino?

Deixou o pensamento de lado. Bergh estava com a consciência pesada porque o largou sozinho. Deixou-o sem proteção. Provavelmente Wallin estava certo, se alguém quisesse colocar as mãos em Jano por meio dele, a arma e o colete à prova de bala seriam úteis.

O fato é que não tinha nenhuma prova de que Jano estava por trás da morte de Hansen, nada além de suas memórias fragmentadas e suposições. Além disso, Sarac ainda não sabia nada sobre o homem por trás do codinome. A resposta estava naquele local, na sua base secreta, disso estava convencido e, portanto, precisava concentrar toda a sua energia em encontrá-lo.

Sarac se levantou e foi até a janela. Uma cortina tremeu na casa da frente, chamando sua atenção. Não deu para ver ninguém. A rua estava cheia de carros estacionados. Mais da metade deles estava coberta de neve, o que significava que deveriam estar lá há alguns dias. Um deles era um Golf que lembrava o carro de Natalie. De repente, Sarac pensou que era ela que tinha vindo vê-lo, mas se deu conta de que esse carro era mais novo e mais bem conservado. Ficou um pouco decepcionado. E envergonhado, ao mesmo tempo. Natalie era uma civil, mas ele a arrastara para essa confusão sem pensar duas vezes, assim que descobriu como ela poderia ser útil. Fez com que ela abusasse de contatos pessoais para conseguir informações importantes para ele, sem ao menos pensar no que ela estava sendo envolvida. Imprudente era exatamente o que ele era. Quando Natalie percebeu o que Sarac conseguiu com a ajuda dela, incluindo o local e a hora da morte de Sabatini, certamente pediu para trocar de paciente. Melhor assim. Se Wallin estivesse certo, se houvesse pessoas de olho nele, o melhor a fazer seria mantê-la fora disso tudo.

Fechou os olhos novamente, fechou a mão em volta da chave. Depois mudou de posição e a segurou como se fosse abrir uma fechadura. Tentou imaginar como a chave passava na fechadura, como os pinos e os dentes combinavam dentro da fechadura. Virou, sentiu a fechadura dar um clique. Levantou a mão esquerda e colocou onde a maçaneta da porta deveria ficar. Imaginou inclusive poder sentir o metal frio na palma da mão. Devagar, empurrou a mão para baixo e puxou a porta na sua direção. Abriu os olhos lentamente...

O ruído da porta lhe surpreendeu. Por um momento, teve a impressão de que alguém tentava entrar, de que tudo aquilo que aconteceu logo após deixar o hospital estava prestes a se repetir. Então ouviu uma batida de leve e em seguida

um som metálico quando a portinhola do correio se fechou. Sarac esperou enquanto o alívio se espalhava pelo corpo, em seguida foi até o hall para pegar a correspondência.

Dois envelopes com janela e um pequeno envelope acolchoado marrom com o nome dele. Colocou tudo na mesa da cozinha. Primeiro abriu as contas e depois o pacote marrom. Continha um pequeno celular barato. Na tela estava grudado um Post-it amarelo.

Pin 9595.

Sarac ficou olhando para o telefone, depois o ligou e colocou o código. O teclado era tão pequeno que ele precisou ter cuidado para não apertar a tecla errada. A tela de boas-vindas acendeu, depois o telefone se conectou a uma operadora. No canto da tela, um ícone de mensagem começou a piscar.

Afaste-se da janela.

Depois ligue para o último número discado.

Sarac ficou indeciso, mas a curiosidade venceu. Foi para o hall e apertou o botão de rediscagem. O telefone era tão pequeno que quase desapareceu na mão dele. Começou a chamar. Chamou mais uma vez. O coração de Sarac batia mais forte.

— Olá, David, que bom que você deu notícias — disse uma voz masculina.

O pulso de Sarac começou a disparar. Ele reconhecia a voz, era a voz do homem com cheiro de tabaco, o cara com dente de ouro que tinha ido visitá-lo no quarto escuro do hospital.

— Não tivemos tempo de terminar a nossa conversa lá no hospital — continuou o homem confirmando as suspeitas de Sarac.

— Q-Quem é você? — A voz de Sarac soava vazia.

O homem riu baixinho.

— Não me diga que você não se lembra de mim?! Éramos tão bons amigos.

Sarac engoliu em seco. Jano, pensou. Mas por alguma razão sentia que essa conclusão não era tão convincente quanto devia ser.

— Gostaria de te encontrar, David, de preferência agora mesmo — pediu o

homem.

— E-Eu... — Sarac olhou para a cozinha. Viu seu próprio celular em cima da mesa.

— Está pensando em chamar seu amigo Peter Molnar, não é? — Sarac não gostou da forma como o homem enfatizou a palavra amigo. — Sabe, David, vai para perto da janela. Fica escondido atrás da cortina.

Sarac fez o que o homem mandou. O coração batia tão forte que ele quase tinha dificuldade em respirar.

— Você está vendo aquela casa amarela do outro lado da rua na diagonal? A quarta janela da esquerda para a direita — indicou o homem.

— Mm... — Sarac engoliu em seco. Era a mesma janela na qual viu a cortina tremer agora há pouco.

— Tem dois caras lá, observando você. Dois dos seus supostos amigos. Molnar contou isso a você?

Sarac engoliu em seco novamente.

— Olha um pouco mais abaixo na rua. Está vendo aquele Volvo preto sem neve no teto? Lá estão sentados mais dois policiais a serviço do superintendente da polícia Oscar Wallin. Acho que Molnar também não disse nada sobre isso.

Sarac fez um gesto negativo com a cabeça, e se deu conta de que o homem não podia vê-lo. Peter deveria ter avisado, pedido que tivesse cuidado, a não ser que... Fechou os olhos, tentando afastar a ideia que tinha acabado de penetrar a sua cabeça. A não ser que...

— Seus amigos estão mentindo para você, David, ou pelo menos não estão dizendo toda a verdade. Eles estão com medo de você, medo do que você pode descobrir. Talvez haja até mesmo equipamentos de vigilância no seu apartamento. Se for o caso, não vai demorar muito para o seu telefone começar a tocar.

Sarac olhou para o celular que estava na mesa da cozinha.

— Como eu disse, David, eu gostaria de me encontrar com você. O ideal seria...

Sarac finalizou a ligação. Baixou o braço com o telefone lentamente. Pensou ter visto um leve movimento na janela do outro lado da rua. Mas é claro que poderia ser apenas a sua imaginação. Tudo isso poderia ser sua imaginação. Um maldito pesadelo. Talvez estivesse mesmo deitado na cama do hospital, preso em um coma profundo, num mundo em que seu cérebro mandava e desmandava. Nesse caso, gostaria muito de acordar. Nesse segundo e de uma vez por todas.

Virou-se e olhou para a sala de estar. O sofá era novo, mas todo o resto parecia estar como deveria. Ou, pelo menos, ele achava que sim. A poltrona de couro, a mesa de centro em teca com uma ponta lascada que ele havia trazido da casa dos pais. A TV, o tapete, a lâmpada em forma de cúpula sobre a mesa de centro. Seguiu o fio da lâmpada até o teto. Descobriu um disco branco de ferro, como os de hóquei, lá em cima. Será que teria realmente um alarme de fumaça no teto na sala de estar, tão perto da cozinha? Olhando de perto, dava para ver uma luz piscando. Mesmo assim, não conseguia se lembrar de jamais ter trocado alguma vez a bateria.

Sarac puxou uma cadeira e subiu nela com certa dificuldade. Esticou-se cuidadosamente na direção do alarme de incêndio, mas o teto ficava a pouco mais de três metros de altura, e ele não conseguiu alcançar por pouco. A tampa de plástico branco do alarme de incêndio estava cinza de sujeira, no entanto Sarac não conseguia dizer se era porque alguém o tinha sujado intencionalmente. Pensou na escada que ficava no porão. Com certeza conseguiria alcançar o disco com ela. Mas antes tentou se esticar só mais uma vez. Tentou ficar na ponta do pé, balançou, mas conseguiu recuperar o equilíbrio. Os dedos da mão roçaram a tampa de plástico, tateando à procura da borda.

Um zumbido fraco vindo da mesa da cozinha o interrompeu. A tela do celular acendeu e as vibrações o faziam girar lentamente sobre a mesa. Sarac desceu da escada e olhou para a tela. Então atendeu, tentando fazer com que sua voz soasse normal.

— Oi!

— Oi, David! — disse Molnar. — Eu só queria saber como você estava. Você

não deu mais notícias.

— Mm... — Sarac olhou para o detector de fumaça.

— Está tudo bem? Você parece um pouco...

— Você está me observando, Peter?

— Como assim?

— Você me entendeu muito bem. Você está me observando?

Por alguns segundos, houve um silêncio no aparelho.

— Não vá a lugar nenhum, David. — A voz de Molnar saiu seca. — Estou indo para aí agora.

Molnar desligou.

Sarac respirou fundo, tentando se recompor. Depois olhou para o relógio. Molnar estaria aqui em menos de dez minutos. Hora de tomar algum tipo de decisão. Olhou novamente para o alarme de incêndio, em seguida pegou o pequeno telefone de plástico e entrou no banheiro antes de apertar o botão de rediscagem.

— OK — disse, quando o homem atendeu. — Como vamos fazer?

Quarenta

SARAC DESCEU as escadas o mais rápido que pôde, enquanto segurava o telefone contra a orelha. Ele havia ligado o chuveiro e bagunçado um pouco o banheiro. Depois, correu depressa para a porta do apartamento e saiu o mais silenciosamente que conseguiu.

— Cheguei aqui embaixo — avisou assim que chegou ao térreo.

— Ótimo, agora vá até a porta, mas fique do lado de dentro para não ser visto — instruiu o homem ao telefone.

Sarac obedeceu, e aproveitou para olhar a hora. Seis, sete minutos até Molnar aparecer.

— Então, o que eu faço agora?

— Aguarde um pouco. Está vendo o ponto de ônibus, cerca de dez metros à direita da porta?

— Sim.

— Um ônibus vai chegar em cerca de dois minutos. Eu vou dizer a hora de sair.

— Entendido.

Sarac respirou fundo algumas vezes, tentando manter a pulsação baixa. O mais estranho é que ele se sentia quase um pouco animado. Olhou cautelosamente para a rua. O Volvo estava virado para a direção errada, teria que dar meia-volta antes de poder ir atrás dele. Mas levaria apenas um minuto para alcançar o ônibus.

— OK, agora! — mandou o homem.

Sarac abriu a porta e foi direto para o ponto de ônibus, resistindo à vontade de olhar para as janelas do outro lado da rua ou para o Volvo. Pelo canto do olho, conseguia ver o ônibus se aproximando. Parou perto do ponto e ouviu o guincho dos freios do veículo. Entrou sem sequer olhar para o motorista. Quando o ônibus começou a se mover, ele ergueu o olhar. O Volvo já havia saído da vaga.

— OK, e agora, o que eu faço? — perguntou ao telefone.

— Pressione o botão de parada e desça no próximo ponto.

Sarac seguiu as instruções. O ônibus virou uma esquina e parou bem ao lado de uma escada que levava a um salão de beleza meio decadente. Desceu e olhou à sua volta. O Volvo ainda não o havia alcançado.

— David.

A porta do salão se abriu e uma mulher colocou a cabeça para fora. Ela estava na casa dos 50 anos, tinha o cabelo claro em um penteado tipo anos oitenta e um rosto cheio de rugas, escurecido por bronzeamento artificial.

— Entra logo, anda!

Ele obedeceu, descendo os quatro degraus e seguindo até o porão o mais rápido que conseguia. O salão estava vazio, a única coisa lá dentro eram duas cadeiras de cabeleireiro e um pequeno carrinho com produtos de cabelo variados.

— Continue em frente. — A mulher apontou para uma cortina de contas nos fundos do salão.

O quarto do outro lado da cortina era pequeno. Provavelmente não tinha mais que sete ou oito metros quadrados. Havia uma mesa dobrável pequena e duas cadeiras Windsor de madeira e alguns pôsteres desbotados com penteados que não estavam na moda havia pelo menos trinta anos. Um homem magro, de terno em seus 60 anos, com um rosto cheio de rugas e portando pequenos óculos redondos estava sentado em uma delas, mas, quando Sarac entrou, ele se levantou.

— Que bom que você pôde vir fazer uma visita, David.

Ele sorriu, de forma que era possível ver o dente de ouro na arcada inferior. Sarac hesitou, sentiu o seu sinal de alerta apitar. Várias vezes, teve a impressão de que o homem com cheiro de tabaco lá do hospital podia ser Jano. Mas, por alguma razão, essa ideia nunca fez sentido. Agora ele sabia o porquê. Esse homem era policial e se chamava...

— Superintendente policial Jan Dreyer — disse o homem, estendendo a mão. — Departamento de Investigações Internas, caso tenha esquecido. Peço desculpas pelo sigilo todo, mas é para o seu próprio bem.

Ele fez um gesto indicando para Sarac se sentar.

— Café?

— Não, obrigado.

Informações giravam na cabeça de Sarac. Dreyer trabalhava no Departamento de Investigações Internas. Era ele quem estava liderando a investigação do roubo do armário de segurança. Mas, na escuridão do hospital, soou como se eles já se conhecessem. Dreyer se sentou na cadeira à sua frente. O cheiro da colônia que ele usava quase sobrepujava a mistura de produtos químicos para cabelo que, caso contrário, dominaria o ar no salão de beleza.

— Você me visitou no hospital, falou sobre um acordo — começou Sarac, tentando colocar as novas peças do quebra-cabeça no lugar.

— Ah, olha só. — Dreyer sorriu. — E eu aqui achando que você estava grogue demais para se lembrar. Você se lembra de mais alguma coisa?

— Me desculpa. — Sarac deu de ombros.

Os olhos de Dreyer examinavam Sarac, eles pareciam tentar determinar se ele estava mentindo.

— Bom — disse em seguida —, como mencionei antes, eu me chamo Jan Dreyer e gerencio o Departamento de Investigações Internas. Você sabe, é claro, em que consiste o nosso trabalho, certo?

— Vocês investigam policiais suspeitos de crimes.

— Correto. Já há alguns anos, somos uma organização à parte e respondemos diretamente à Comissão da Polícia Nacional. Ou seja, somos completamente

independentes da polícia comum, mas isso com certeza você também sabe.

Sarac encolheu os ombros. Tentou se manter o mais impassível que conseguia.

— E o que você quer de mim?

— Você realmente não se lembra de nada, não é?

Dreyer ficou em silêncio observando Sarac, então sorriu. Algo naquele sorriso fez a boca de Sarac ficar seca.

— Eu sou o seu gerente, David. — O homem afirmou com o sorriso. — E você é o meu informante.

Quarenta e um

— Oi, é a Tindra. — A voz ao telefone fez Atif sorrir.

— Oi Tindra, é o tio Atif.

— *Amu*, onde você está? Estou com saudade.

— Também estou com saudade de você, minha querida. Como estão as coisas aí na fazenda?

— Superbem! Você vem visitar a gente logo?

— Logo, logo. Só preciso resolver algumas coisas antes. Mas depois eu vou.

— Promete, *Amu*?

— Eu prometo, querida. Sua mamãe está aí? Preciso dar uma palavrinha com ela.

— OK. — Tindra pareceu desapontada. O telefone fez alguns ruídos.

— Alô? — respondeu Cassandra curta, mas amigavelmente.

— Sou eu, só queria saber como vocês estão — disse Atif.

— Está tudo bem, mas honestamente estou começando a me sentir enclausurada. Não tem nada nem ninguém aqui. Quando é que podemos ir para casa?

— Daqui a pouco. Ainda tem algumas coisas que preciso resolver primeiro. Preciso me assegurar de que vocês estão realmente seguras. Assim que estiver tudo pronto, dou notícias. Até lá, vocês precisam continuar fora de circulação. Não faça nenhuma ligação, você está me entendendo? Especialmente para Abu Hamsa.

A julgar pelo silêncio ao telefone, Atif entendeu que ela já havia violado as instruções. Merda.

— EU RECRUTEI você para que fornecesse informações sobre Peter Molnar e sua equipe especial — explicou Dreyer. — Mas também sobre seu chefe Kjell Bergh e outros gerentes de informantes. Além do seu antigo patrão: Eugene von Katzow, também conhecido como o Conde.

Sarac sentiu um nó na garganta. Lutou para manter uma expressão neutra. A sala começou a girar lentamente no sentido anti-horário e ele teve de se agarrar ao assento da cadeira para se manter firme.

— Como você talvez deva recordar, o Conde deixou a polícia alguns anos atrás. Ele construiu um sistema de informantes não registrados que eram pagos por meio de contas secretas. Muitas de suas fontes nem eram criminosos, a maioria era de cidadãos comuns que pagavam seus devidos impostos e que calharam de trabalhar em cargos-chave em empresas ou em repartições públicas. Poderiam ser operadoras de telefonia, hospitais, imobiliárias, prefeituras ou a Agência do Tesouro. Até mesmo uma ou outra celebridade de TV.

Dreyer colocou a mão no bolso interno do paletó e tirou um maço de cigarrilhas.

— O Conde acumulou um banco de pessoas que deviam alguma coisa a ele, que não podiam dizer não quando ele ligava para pedir um pequeno favor. Alguns registros de chamadas, um prontuário médico, ou o que quer que fosse.

Sarac engoliu em seco, pensou no que Molnar tinha dito sobre seu próprio exame de sangue.

— Um sistema informal que burlava todas as regras — continuou Dreyer —, mas, infelizmente, nunca conseguimos nada que pudesse ligá-lo a algum crime mais grave que má conduta. Na verdade, acredito que o Conde tenha cobrado favores tanto do Ministério Público quanto do Ministério da Justiça para se safar.

Dreyer tirou um pequeno isqueiro azul de plástico do outro bolso interno, puxou uma cigarrilha do maço e depois fez um gesto em direção a Sarac, como

que oferecendo.

— Eu não fumo — murmurou Sarac.

— Não? — Dreyer sorriu. — Tem certeza disso?

Ele acendeu a cigarrilha e tragou longamente.

— Bem — continuou Dreyer —, quando o Conde saiu de fininho pela porta dos fundos, Bergh assumiu seu antigo posto. Mas, na verdade, a maior parte do trabalho é feita pelo protegido de von Katzow, Peter Molnar. Molnar é inteligente, mantém as cartas na manga e se cerca apenas de funcionários extremamente leais. A princípio, era impossível verificar exatamente o que estavam fazendo lá em cima na divisão e se continuavam a trabalhar na linha do Conde.

Ele fez um pequeno gesto com a cigarrilha na direção de Sarac.

— Mas então você apareceu. David Sarac, uma estrela em ascensão. Quando Molnar mudou de cargo, você assumiu a maioria das fontes que ele administrava. Você parecia ser capaz de se misturar em qualquer lugar, fazer qualquer pessoa confiar em você. Um perfeito camaleão. Além disso, você trabalhava dia e noite.

Sarac engoliu em seco. Considerou se levantar e ir embora, mas percebeu que tinha de continuar sentado e ouvir o restante da história.

— Com o tempo, ficou claro também o preço que você estava pagando. Com tantos papéis diferentes, mais cedo ou mais tarde a pessoa acaba se perdendo. Esquece quem realmente é. Aquilo que defende.

Dreyer tocou os dedos suavemente na mesa.

— Você passava cada vez mais tempo no bar. Mas, ao contrário de antes, não parecia mais tão interessado em estabelecer novos contatos. Em vez disso, apenas ficava bêbado. Chegou até a ser chutado para fora algumas vezes. Houve rumores sobre drogas. Era óbvio que você estava prestes desabar e que nenhum dos seus amigos parecia interessado em te ajudar.

— Então você entrou em contato comigo, tentou me fazer delatar o que Molnar e os outros estavam fazendo? — A voz de Sarac tremeu um pouco.

Refletia muito bem sua incerteza.

— É isso que você acha que aconteceu, David?

Sarac não respondeu. A mão direita continuava apertando o assento da cadeira.

— Qual é, me diz você! Você é o especialista aqui! Se coloque no meu lugar. Como você teria feito para recrutar a si mesmo?

Sarac respirou fundo. As dores de cabeça começaram, bem no horário. De repente, sentiu que estava prestes a vomitar. Mas precisava continuar jogando, precisava ouvir o que Dreyer tinha a dizer. Juntar mais peças do quebra-cabeça.

— Vocês arranjaram alguma coisa contra mim — murmurou. — Um exame de sangue ou algo parecido. Explicaram que eu estava encrencado, que o meu trabalho estava em jogo. Marcaram uma reunião.

— Continue! — Dreyer fez um pequeno gesto com a cigarrilha.

— Você certamente escolheu um lugar discreto, tão discreto que apenas o fato de a gente se encontrar lá parecia suspeito. Então facilitou para que alguém pudesse tirar algumas fotos discretas de nós dois juntos.

Dreyer deu outra longa tragada.

— Assim que eu chegasse. No exato instante em que eu me sentasse na cadeira à sua frente, você me teria na palma da mão. Mesmo se não aceitasse, qualquer um que visse as fotos teria a impressão de que eu já tinha delatado. Minha credibilidade teria ido para o brejo.

Sarac se inclinou para trás, soltou a cadeira e esfregou os olhos. Lembrou-se de repente de um restaurante fechado. Algum tipo de encontro, a sensação desconfortável que indicava que ele realmente não queria estar lá. Poderia muito bem ser verdade.

— Foi isso que aconteceu? — perguntou. — Foi esse o trato de que você estava falando no hospital. Fala ou vamos acabar com a sua carreira? Vamos destruir tudo o que você tem na vida?

Dreyer apenas sorriu como resposta.

— Exatamente como você teria feito, não é, David? O que for preciso para

recrutar uma fonte.

Sarac apoiou a cabeça nas mãos.

— E agora, exatamente como todos os outros, você quer que eu entregue Jano na sua mão, não é?

— Jano. — Dreyer deu uma risada de deboche. — Um fantasma de que todos falam, mas ninguém nunca viu. — Meneou a cabeça. — Não tenta misturar as cartas, David. O que você me prometeu foi algo completamente diferente. Algo muito mais interessante.

Sarac abriu a boca, mas o cérebro estava bloqueado, não achou nada para dizer que fizesse sentido. Não estava atrás de Jano? Então do que se tratava o acordo deles?

— Sua tarefa era descobrir um delator no Departamento de Crimes Regionais — explicou Dreyer.

Sarac balançou a cabeça lentamente. O cérebro procurando algo freneticamente, qualquer coisa em que pudesse ancorar as informações de Dreyer.

— Eu não tenho a menor ideia do que você está falando — foi o que finalmente saiu.

Dreyer suspirou.

— Vejo que ainda continua leal aos seus amigos.

Ele apagou a cigarrilha fumada pela metade e a amassou com tanta força que a xícara de café quase entornou.

— Alguém lá do seu departamento tem vendido informações para o submundo, David. Tudo passa por um intermediário, um advogado chamado Bengt Crispin. Várias grandes operações falharam por causa desse delator. Criminosos já saíram impunes, mas, por incrível que pareça, nunca em nenhuma operação em que Molnar e sua equipe estivessem envolvidos. Quando por fim conseguimos rastrear algumas ligações para Crispin feitas no Departamento de Crimes Regionais, começamos a entender como as coisas funcionavam. O roubo da sua lista reserva do armário de segurança acabou com qualquer sombra de

dúvida, mesmo as da direção. Então me deram carta branca para fazer o que fosse preciso para encontrar o vazamento. A lista reserva é apenas um pretexto, uma oportunidade para interrogar todo mundo do departamento. Descobrir quem é o delator.

Dreyer fez uma careta que, possivelmente, era para ser um sorriso.

— Você foi recrutado em outubro. Tinha até o Natal para conseguir o nome do traidor. Você não deu notícia alguma por mais de um mês, mas, em uma noite lá para o fim de novembro, recebi uma ligação. Você parecia estressado, disse que queria se encontrar imediatamente e prometeu entregar todas as provas que eu precisava e me dar o nome do delator.

O homem se inclinou sobre a mesa, tão perto que Sarac podia ver o traçado minúsculo dos vasos sanguíneos na ponta do seu nariz.

— Eu li o relatório preliminar do seu acidente. Ao contrário da versão mais recente, havia uma nota dizendo que havia outro carro logo atrás do seu. Além disso, encontraram uma pequena batida no seu para-choque traseiro.

Dreyer sorriu, revelando mais uma vez o dente de ouro na arcada inferior. De repente, Sarac sentiu que sua boca estava seca como um deserto.

— Eu fui até o local de encontro, David. Esperei por mais de uma hora.

Sarac prendeu a respiração.

— Mas um dos seus supostos amigos se certificou de que você nunca chegaria lá.

Quarenta e dois

SARAC ESCOLHEU o caminho mais longo para casa, tanto para ter tempo de reunir os pensamentos quanto para ter certeza de que ninguém o estava seguindo. A cabeça doía e o cérebro batalhava para assimilar o que havia acabado de descobrir. A história de Dreyer tinha virado as coisas de ponta-cabeça e o colocara em uma situação ainda pior que antes.

Wallin estava procurando Jano para impulsionar a carreira. Molnar e Bergh, para eliminar todos as evidências incriminatórias. Era por isso que eles o estavam observando, na esperança de que, mais cedo ou mais tarde, ele os levaria ao informante.

Mas, se Dreyer de fato estivesse certo, haveria mais uma pessoa com motivos para ficar de olho em Sarac. Alguém do próprio grupo que estava vazando informações e que, teoricamente, ganharia muito dinheiro ao revelar a verdadeira identidade de Jano.

No fim, é sempre uma questão de dinheiro, não é?, tinha dito Bergh. Será que isso era, na verdade, uma espécie de confissão? Foi por isso que o seu chefe teria se entregado sem resistir, porque sabia que estava na fila para ser interrogado por Dreyer? Que estava prestes a ser desmascarado?

Além disso, Molnar havia omitido informações outra vez. Talvez tenha sido até ele próprio quem tinha mexido no relatório de trânsito, da mesma forma que havia feito com o resultado dos exames de Sarac. Assim como Bergh insinuara lá no hospital, alguém havia interceptado o seu carro. Fizera com que ele

colidisse da pior maneira possível.

Sarac não tinha a menor vontade de voltar ao apartamento. Molnar o estaria esperando e exigiria saber onde esteve. Ele seria forçado a mentir mais uma vez. Não precisava de mais cortinas de fumaça, meias verdades e histórias alteradas. Ele precisava de clareza. O problema era que não sabia como consegui-la. As peças estavam se acumulando, cada vez surgiam mais e mais. Ainda estava à procura de uma peça de canto, algo que oferecesse base e segurança para continuar.

Quatro homens haviam, mais ou menos voluntariamente, colocado suas vidas nas mãos de Sarac. Agora todos estavam mortos. Quem os matou e por quê? Poderia ser Jano, como ele suspeitava? Como quer que fosse, não estava nem perto de revelar a verdadeira identidade do homem.

E quem era o delator na polícia, que provavelmente havia roubado sua lista reserva do cofre e que ele prometera entregar a Dreyer? Quem era o quinto homem da lista, o ultra-anônimo Erik I. Johansson.

As peças não se encaixavam. As drogas, a colisão, Bergh, Molnar, Wallin, Dreyer, o delator, a lista... Quatro homens mortos, o caderno com códigos que ele só havia decifrado pela metade, a base secreta que estava por aí, em algum lugar. Tudo estava girando e se transformando em um turbilhão de informações impossíveis de organizar.

Havia apenas um denominador comum para tudo. Jano. Tudo começava e terminava com ele, exatamente como o bilhete dizia.

Sarac olhou para trás antes de entrar em uma loja de conveniência para comprar aspirinas. Pegou-se olhando para a prateleira de cigarros. Quando inseriu a senha do cartão de crédito para pagar, o leitor apitou.

Senha incorreta!

Franziu a testa e digitou os números mais uma vez: 3941.

O leitor protestou novamente, mas Sarac continuou ali de pé, olhando para o nada. De repente, conseguiu ver uma tranca com senha na sua mente. Uma caixa de metal reluzente em uma parede.

Três, nove, quatro, um, pensou novamente e, de repente, conseguiu ver a porta ao lado da caixa. A mesma porta do seu sonho.

— Três, nove, quatro, um — murmurou. Depois viu a casa e então a placa com o nome da rua.

— Ei, espera, você esqueceu o seu cartão! — gritou o funcionário quando Sarac saiu.

A FACHADA estava parcialmente coberta por andaimes e tinha dois contêineres grandes do lado de fora, mas, ainda assim, ele não teve problemas para reconhecer o local. Era o lugar correto. O coração batia forte no peito, e Sarac se obrigou a diminuir um pouco o ritmo.

A porta estava trancada, mas o código 3941 fez a fechadura clicar e abrir imediatamente. Sarac empurrou a porta e entrou. O pulso trovejava nos tímpanos.

Ele olhou para a lista de nomes no térreo. Nenhuma empresa, pelo que podia ver, mas no quarto andar tinha um tal E. I. Johansson.

Erik I. Johansson, o quinto nome da lista de Jano!

Sarac subiu lentamente a escada de pedra mal-iluminada. As luzes não estavam funcionando corretamente, então ele precisava ter cuidado onde pisava. Embora estivesse caminhando muito melhor agora, provavelmente não conseguiria recuperar o equilíbrio caso tropeçasse. Seria irônico se caísse e fosse parar ao pé da escada com o pescoço quebrado quando ele finalmente chegou tão perto. Por alguma razão, a música do High Wire e a imagem do equilibrista na corda bamba estavam de volta à sua mente, mas ele rapidamente as afastou. Foco!

A porta de E. I. Johansson era exatamente igual às dos outros vizinhos. Ele esperou alguns segundos, enquanto se recompunha. A escadaria estava silenciosa, nem mesmo os sons do tráfego chegavam até lá. Tudo o que ele ouvia era a própria respiração ofegante.

Sarac se agachou e olhou com cuidado pela portinhola de correio. A sala lá

dentro estava quase um breu. Tudo o que deu para ver foi o contorno branco de alguns envelopes que estavam no chão. Cheirava a mofo. Sarac se levantou e tirou a chave do bolso. Ele olhou para trás e, em seguida, inseriu-a na fechadura. A chave encaixou perfeitamente, a fechadura girou sem o menor esforço.

Quando entrou, entendeu por que a sala estava tão escura. Apenas alguns metros adiante no corredor, havia outra porta, muito mais robusta que a anterior. Ele olhou em volta do pequeno hall, achou duas cartas no chão, pegou-as e as colocou no bolso de trás. Ambas estavam endereçadas a E. I. Johansson.

Ele tentou enfiar a chave, então percebeu que não havia fechadura na porta interna. Em vez disso, encontrou um pequeno recuo com uma placa de vidro com um fraco brilho vermelho, um pouco acima da maçaneta. Sem sequer parar para pensar, colocou um dedo na placa e o manteve lá até a luz vermelha mudar para verde.

O cômodo era quase idêntico ao do seu sonho.

À direita, duas janelas reforçadas com grades pelo lado de dentro e, abaixo delas, uma mesinha. O quadro branco com fotografias estava pendurado na parede à sua frente, e na parede à esquerda, ao lado de uma pilha de caixas de papelão, havia uma pequena cama dobrável cuidadosamente arrumada. Exatamente no meio da sala, a poucos metros do quadro branco, havia uma desgastada poltrona de couro giratória. Sarac olhou ao redor. Ele descobriu a porta de um banheiro e uma cozinha minúscula. Um leve cheiro de tabaco ainda pairava na sala.

De repente, Sarac se sentiu atordoado, quase como se fosse desmaiar. Deu alguns passos e se jogou na poltrona de couro. Fechou os olhos, tentando desacelerar seus batimentos. Era difícil.

Ele tinha conseguido! Finalmente encontrara sua peça de canto. O lugar de onde provavelmente controlava a operação secreta mais bem-sucedida na história criminal sueca. E, além disso, tinha feito isso completamente sozinho, o que lhe encheu de uma mistura peculiar de horror e orgulho.

Este era OP 1, seu esconderijo, o buraco negro no sistema policial do qual

sequer seus chefes ou colegas sabiam. Nem mesmo seu melhor amigo.

Ele queria pular de cabeça em tudo. Mas se forçou a esperar um pouco. Desfrutar da descoberta, sentar-se um pouco e reunir forças. Suas memórias estavam retornando, uma a uma. Conseguia se ver ali na sala. Como organizou tudo, colou as fotografias, desenhou as linhas, anotou os diferentes números.

Sarac se levantou lentamente e chegou mais perto do quadro branco. Ele também era exatamente como no sonho, apenas um pouco mais detalhado. Mais embaixo, perto da borda, viu quatro rostos que reconheceu imediatamente. Os homens mortos: Hansen, Markovic, Lehtonen e Sabatini. Eram todas fotos antigas de fichas criminais, em papel com brilho, com nome e ano de nascimento na parte de baixo.

No meio do quadro, havia uma série de fotos dentro de um círculo, todas fotos tiradas às escondidas relativamente recentes. Ao lado de cada uma estava o nome escrito com caneta permanente preta. A caligrafia era cuidadosa, não tão agressiva e rabiscada como no hospital.

Sob cada nome, uma sequência de algarismos que, provavelmente, eram os números do celular.

Abu Hamsa, estava escrito ao lado de uma foto de um homenzinho gordo, na casa dos 60 anos e com um topete falso. Depois, seguiu a linha vermelha que o ligava a um homem musculoso de cabelo raspado chamado *Eldar*.

A fotografia seguinte era de um típico motoqueiro durão. Colete de couro, pescoço gordo, cabelos longos trançados, correntes de ouro e vários anéis nos dedos, assim como um par de óculos finos. *Micke Lund*.

A linha vermelha que saía de Lund ligava a outro homem, também motoqueiro, mas de outro clube. *Karim*, ele tinha anotado, mas sem escrever o sobrenome, por alguma razão.

As imagens restantes eram retratos de dois homens em trajes de corrida, *Zimin* e *Ivazov*. Russos, provavelmente, e, abaixo deles, uma foto de um homem careca, com um nariz torto e olhos desagradavelmente profundos que aparentemente atendia pelo nome de *Sasha*.

Todas as fotos, tanto dos homens mortos na parte de baixo do quadro quanto os no círculo, tinham uma linha azul que ia dar no meio do quadro. As linhas vermelhas e azuis se cruzavam, fazendo o quadro todo parecer uma teia de aranha. No meio do quadro, havia um símbolo familiar. Dois jotas ornamentados, virados um para o outro. Duas faces transformadas em uma, em direções opostas.

Sarac ficou parado de pé, diante da lousa, esperando o redemoinho na sua cabeça parar, na esperança de que a teia de aranha fizesse as coisas se encaixarem. Mas nada aconteceu. Ele tentou fechar os olhos por alguns segundos e em seguida os abriu rapidamente para ver se ajudava. Nada ainda. Os homens nas fotos continuavam olhando para ele. Não faziam o menor esforço para se apresentar.

Desapontado, foi até a mesa e começou a abrir as gavetas, uma por uma. Na primeira, encontrou mais ou menos o que esperava. Canetas, papel, uma lista telefônica com marcações, diversos materiais de escritório. Na segunda gaveta, um laptop e um maço de notas de dólar. Na terceira — uma pistola.

Ele reconheceu a arma quase que imediatamente. Uma Sig Sauer de nove milímetros, muito provavelmente sua arma de serviço. Pegou-a, apertou um botão com o polegar e ejetou o cartucho. Em seguida, puxou o ferrolho e pegou o pequeno projétil de latão que já estava no cano.

Cheirou delicadamente a arma, inalou o aroma familiar de pólvora e óleo de arma. Voltou a pensar em Brian Hansen e na bala que acabou com a vida dele.

Largou a arma sobre a mesa, em seguida esvaziou o cartucho e alinhou as balas. Sentiu uma angústia crescer no peito enquanto as contava em silêncio. Quatorze ao todo. Quatorze balas de latão em uma fileira dourada e brilhante. Havia apenas um problema. O cartucho tinha capacidade para quinze balas.

Quarenta e três

NATALIE GIRAVA lentamente sua xícara de café. As instruções de Rickard tinham sido muito claras: ficar de olho no caderno e relatar todos os movimentos de Sarac. Nada muito difícil, bastante interessante, na verdade, especialmente quando eles desvendaram o código juntos e conseguiram identificar os cinco homens. Sarac lembrava uma paciente que ela teve durante a residência médica. Uma mulher com câncer que tinha ficado possessa de raiva com tudo e todos. Havia até jogado um urinol cheio de mijo em um oncologista. Exatamente como Sarac, ela se recusara a desistir, recusara-se a deixar que as pessoas sentissem pena dela.

Mas o assassinato da rua Högberg havia deixado Natalie desconfiada. Ela ligara para Rickard da balsa, dissera quem eles estavam indo visitar e o endereço aonde iam. E, pouco antes de chegarem, Sabatini tinha sido assassinado.

Aquele pensamento a incomodava mais do que ela queria admitir. Rickard não era um assassino, ele era um policial. Ou será que estava enganada?

Havia outra coisa que a preocupava um pouco. A aparência de Rickard e o seu jeito de falar cheirava a policial, mas Natalie não conseguia se lembrar de ter visto seu distintivo. Mas ele só podia ser policial, senão como teria acesso aos arquivos da polícia? Talvez ela devesse pedir que ele mostrasse a identificação da próxima vez que se encontrassem.

Ele havia ligado poucos minutos atrás. Parecia ainda mais pressionado que da última vez. Rickard falou que ela ainda não havia entregado o que ele estava

procurando, que esperava mais da cooperação dos dois. Natalie não disse nada, não quis deixar evidente o quanto o assassinato da rua Högberg a deixara assustada, o quanto a fizera questionar o que realmente estava fazendo. Em vez disso, Rickard a havia convencido de que ela precisava trabalhar mais. Manter o foco no objetivo, fazer o que fosse necessário. E funcionou. Ainda tinha a chance de conseguir tudo o que achou que estava perdido. Para isso, só precisava aturar qualquer coisa que acontecesse e continuar com o trabalho.

Em primeiro lugar, precisava localizar Sarac e fazer com que ele confirmasse quem era o homem das fotos do celular. Sarac não havia voltado ao apartamento, não atendia o telefone e, de acordo com o vizinho prestativo lá da ilha, a casa estava escura e silenciosa. Era quase como se Sarac tivesse desaparecido da face da Terra.

ELE SONHOU que estava deitado no interior de um buraco profundo. Minúsculas raízes atravessavam as paredes de terra preta. Dedos magros e peludos que se contorciam de dor. O céu lá em cima estava escuro. Ao longe, uma música tocava repetidamente. The High Wire.

Got to start from somewhere, so I'll start from the grave

Os quatro homens estavam lá em cima na borda do buraco. Olhando para ele com olhos mortos. Hansen com o colete de couro, Markovic de jaqueta amarela, Sabatini com a camiseta ensopada de sangue e Lehtonen com uma jaqueta de aviação com uma estampa de dragão. Dois cães ofegavam ao seu lado. As línguas deles eram longas e rosadas.

— Por quê? — perguntou Hansen. Sua voz era surpreendentemente fina.

— A gente confiou em você, cara — disse Markovic. Água escorria de todos os lugares, da roupa, do nariz e da boca. Formava um fio que seguia pela borda e descia no buraco.

Sabatini permaneceu em silêncio, apenas ergueu as mãos ensanguentadas no

ar. A água escorria mais rápido agora, Sarac podia até ouvi-la jorrando e sentia como ela enchia o lugar onde estava deitado. Ele tentou rastejar para se levantar, mas o corpo não obedecia, foi forçado a ficar deitado de costas. Sentiu a água cobrir as pernas, depois bater acima do peito. Tentou manter a cabeça o mais alto que podia. Os homens lá em cima continuavam olhando para ele. Um dos cães choramingava, mas se calou quando a água chegou aos seus ouvidos, às suas bochechas. As trevas inundaram seus olhos.

Sarac acordou suando frio. O quarto estava escuro, a única coisa visível era o retângulo esbranquiçado do quadro branco. As fotografias projetavam formas escuras sobre a superfície. Se olhasse com atenção, conseguia inferir as silhuetas das pessoas nas fotos.

Ele se endireitou na poltrona e se esticou para alcançar o interruptor do abajur. Notou que algo farfalhou no bolso traseiro. As cartas que havia encontrado no tapete do hall. Abriu o primeiro envelope. O extrato de uma conta bancária estrangeira pertencente ao Sr. E. I. Johansson. No segundo envelope, a mesma coisa, mas de uma conta diferente.

Ele sacou o lance do nome agora. Erik I. Johansson — “I”, como na palavra em inglês para eu. Erik I. Johansson não era nenhum informante, mas seu próprio nome falso. Um pseudônimo que possibilitava realizar coisas que não poderiam ser rastreadas de volta até ele. Como a aquisição desse local, por exemplo. Sarac se perguntou quem arranjou o RG para ele. Uma mão lava a outra?

Sentou-se à mesa da cozinha, alisou os papéis e os colocou um ao lado do outro. Encontrou um padrão bem rápido. A primeira conta parecia receber mais depósitos. No início do período que constava no extrato, havia mais de um milhão de dólares na conta e, durante os três meses relatados, foram feitos quatro novos depósitos, com um valor total praticamente da mesma quantidade. Havia apenas três saques, apesar de Sarac acreditar que se tratavam de transferências. Uma de trezentos mil dólares feita no início do período; em seguida, cem mil na metade; e, por último, outra no fim da página. Essa transferência foi de quase

dois milhões de dólares e tinha esvaziado a conta, deixando apenas um centavo.

O segundo extrato tinha um saldo inicial de vinte mil dólares. Depois se seguia uma série de pequenos saques marcados como *dinheiro,* em múltiplas notas de cem dólares, todos feitos em diversas casas de câmbio pela cidade. Os valores variavam entre quinhentos e três mil e quinhentos. A conta parecia estar associada a algum cartão de crédito, pois ele encontrou o nome de vários restaurantes famosos mais abaixo entre os gastos. No meio da página, havia um depósito de cem mil dólares. Quando verificou a data e número de referência, percebeu que era o dinheiro que havia sido transferido da outra conta. Depois houve mais saques intercalados por ainda mais contas de restaurantes. Na última linha da página, havia uma transferência que praticamente zerou o saldo da conta, exatamente como na outra.

Sarac franziu a testa. Uma conta para receita e outra para gastos, isso condizia bem com o que Molnar tinha dito. Mas de onde veio todo esse dinheiro? Dois milhões de dólares, isso era cerca de quatorze milhões de coroas suecas e, a julgar pela conta de despesas, era muito mais do que o necessário. Para cada depósito havia apenas um número de transação, não deixando, portanto, pista nenhuma.

Além disso, alguém havia esvaziado as duas contas na mesma data, com apenas alguns minutos de diferença, na verdade. Mas quem? Obviamente alguém com acesso aos programas certos, aos códigos e às senhas. O que levantava a pergunta — por quê? Por que tirar todo o dinheiro e terminar com o que parecia ser um esquema perfeitamente funcional? Sarac voltou a estudar as datas e então percebeu que havia algo que ele deixara passar.

As contas foram esvaziadas no sábado, dia 23 de novembro. A noite do seu acidente.

O CARRO estava estacionado mais ou menos onde Atif esperava. Na rua, a quase cem metros da pequena porta anônima com *Istambul Hamam* escrito. Ele abriu a porta e se viu em um pátio. Continuou até a casa do outro lado e entrou por uma

pequena porta desgastada.

— A melhor sauna turca da cidade, meninos, estou aqui toda terça.

Atif ignorou a recepcionista e foi direto para o vestiário masculino. Ele sentia a umidade e o calor das várias saunas mesmo do lado de fora. O suéter estava começando a grudar, e o coração batia assustadoramente rápido. Abriu a porta e entrou silenciosamente, e pegou um frasco de desodorante spray de um armário que estava aberto.

Eldar, o guarda-costas atarracado, estava sentado em um dos bancos, mexendo no celular. Só percebeu Atif quando já estava próximo demais. Deu um salto e apalpou as costas à procura da arma. Atif borrifou uma dose generosa de Irish Spring bem nos olhos dele. Em seguida, deu um chute no meio das pernas do cara com toda a força que tinha. Mas errou no cálculo do tempo, Eldar conseguiu se esquivar e o chute não teve o efeito desejado. O guarda-costas acabou se jogando de costas por cima do banco de madeira e caindo do outro lado. Atif foi obrigado a contornar o banco para continuar o ataque, o que deu a Eldar pelo menos alguns segundos de vantagem.

O homem sacou a arma e, esfregando freneticamente os olhos, apontou-a para Atif, que já avançava para cima dele. Atif o desarmou e deu uma cabeçada no seu rosto, mas não acertou em cheio. Os dois homens cambalearam para dentro de uma cabine. As pernas de Eldar fraquejaram, ele procurou uma maneira de se manter de pé e arrancou a mangueira do chuveiro. Água quente começou a espirrar por toda a sala.

Eldar tentava acertá-lo desesperadamente. Atif se abaixou e mirou um gancho de esquerda com toda a força na altura do fígado. Por fim acertou um golpe em cheio. Eldar caiu como se tivesse sido atingido por um raio. A água continuava a espirrar, encharcando as roupas do homem caído no chão.

Atif voltou cambaleando para o vestiário. O coração martelava no peito. Ele esfregou a testa e percebeu que o dorso da mão estava coberto de uma mistura de água e sangue. Sua camisa estava encharcada, o suor escorria pelas costas, e o ar úmido era difícil de respirar. Ele jogou seu peso em um dos bancos. Pegou a

arma de Eldar que estava caída no chão. Mais uma Zastava, porém em um estado muito melhor que a de Bakshi. Atif se levantou com dificuldade, ejetou o cartucho, deixando-o cair no chão, e o chutou para longe. Depois, desmontou a arma, jogou as peças na privada e deu descarga.

Eldar deu um gemido fraco na cabine, tentou curvar o corpo, mas não obteve muito sucesso. Atif sabia que levaria algum tempo até o homem conseguir ficar de pé. Um golpe no fígado provocava uma dor infernal, nove, talvez um nove e meio. Nada que desse para se recuperar depressa.

Abriu a porta com a palavra *Hamam* escrita. Seguiu um corredor com piso de azulejos que dava em uma sala grande com teto abobadado e paredes também de azulejos. O pulso estava acelerado, e conseguia sentir o gosto de sangue e de adrenalina na boca.

Abu Hamsa estava deitado em um dos bancos de alvenaria, enquanto um homenzinho enérgico massageava suas costas peludas. Quando o massagista viu Atif, recuou com medo e ergueu as mãos. Atif fez um movimento com a cabeça em direção à porta e o homem se retirou imediatamente.

Abu Hamsa se sentou.

— Você está com uma cara horrível, Atif — resmungou ele, sem parecer muito surpreso.

Atif deu de ombros.

— Eldar? — Abu Hamsa ergueu as sobrancelhas.

— Vai sobreviver. — Atif se sentou no banco ao lado.

— Ainda bem. Caso contrário, eu teria um problema dos infernos.

— Por quê? — Atif pegou um pano e esfregou os olhos para limpar o sangue.

— Ele é noivo da minha filha.

— Qual delas, Yasmina?

— Não, não, Yasmina está na universidade. Fazendo engenharia. Susanna trabalha para mim. Gerencia minhas casas de câmbio. Foi assim que ela e Eldar...

Fez um gesto em direção ao vestiário, calou-se e olhou para Atif.

— Você sabe que eu não posso deixar isso passar, certo? — continuou Abu Hamsa. — Nem mesmo em nome dos velhos tempos.

Atif deu de ombros.

— Tudo bem, meu amigo. — Hamsa suspirou. — Imagino que você não tenha vindo até aqui só para bater nos meus funcionários. Do que se trata?

Atif cuspiu sangue misturado com saliva na direção do ralo.

— Quero ajuda com uma coisa. O endereço de um policial.

— Você tem um jeito muito estranho de pedir ajuda, meu amigo. — Abu Hamsa deu uma gargalhada. — Me explica: por que você acha que eu deveria sequer considerar esse pedido.

— Porque eu proponho um acordo. Você me dá o endereço e eu dou algo em troca — respondeu Atif.

— E o que seria esse algo, meu amigo? — Hamsa sorriu. — O que um homem com um pé na cova poderia me oferecer?

— Posso dar Jano em troca.

Quarenta e quatro

SARAC SE inclinou na poltrona de couro velha e surrada. Estava completando vinte e quatro horas no local, com apenas uma pequena pausa para comprar suprimentos na loja de conveniência mais próxima. Descobriu que as caixas de papelão amontoadas perto da cama dobrável continham todos os seus arquivos. Então havia sido ele próprio quem esvaziara o escritório, exatamente como tinha suspeitado. Provavelmente não muito tempo antes do acidente. Parecia que algo tinha acontecido, algo que havia feito a pressão aumentar e o deixara ainda mais paranoico. Mas o quê? Teria a ver com o delator que Dreyer estava perseguindo, ou com a ameaça de que Wallin falou? Ou era outra coisa totalmente diferente? O quebra-cabeça que ele estava tentando montar crescia cada vez mais. Estava prestes a se tornar um de cinco mil peças, mas sem a imagem na capa para referência.

Havia escrito todos os pensamentos em uma folha em branco. Dividiu tudo em colunas de forma razoavelmente compreensível que pudesse esclarecer algumas coisas. Pelo menos esperava que sim.

PROBLEMA NÚMERO um: quatro homens foram assassinados. Quatro homens que passavam informações para ele e cujos nomes estavam listados na primeira página do seu caderno codificado. Além disso, os nomes deles possivelmente estavam na lista reserva desaparecida.

Tese: a pessoa que os assassinou queria impedir que revelassem algo que

sabiam. Algo a ver com Jano.

Conclusão: o assassino era alguém que os homens conheciam, ou pelo menos já tinham ouvido falar. Alguém que tinha muito a perder. Ele achou que já tinha um forte candidato. O próprio Jano.

Ponto fraco: a operação Jano era supersecreta, então como podiam quatro delatores pequenos saberem algo tão crucial?

PROBLEMA NÚMERO dois: Erik I. Johansson, também conhecido como o próprio Sarac, tinha acesso a duas contas bancárias no exterior e a um local secreto. As contas, até o dia do seu acidente, continham grandes somas de dinheiro. Vários pequenos saques foram feitos de uma das contas, com depósitos grandes na outra.

Tese: Erik I. Johansson não existia. Era um pseudônimo que ele usou para levar o projeto a cabo. Com isso, essas contas também eram dele. Os pequenos saques eram principalmente remuneração em dinheiro para diferentes informantes ou pagamento de contas de bares e restaurantes.

Conclusão: conduzir a operação Jano sob uma identidade falsa, com finanças duvidosas e mais tarde de um local externo ia contra todas as regras possíveis. Caso isso fosse descoberto, ele acabaria na rua, provavelmente na cadeia. Portanto, tinha decidido sair da delegacia e se transformar no único bode expiatório

Ponto fraco: nenhum ponto fraco evidente no argumento, mas um monte de perguntas. Se as contas eram dele, onde estava o cartão de crédito? E ainda mais pertinente: de onde veio todo o dinheiro?

PROBLEMA NÚMERO três: Peter Molnar culpou o estresse extremo, combinado com o abuso de drogas, tanto pelo derrame cerebral quanto pelo acidente de carro. E que a confusa viagem de carro era parte do colapso de Sarac. Dreyer, por outro lado, disse que Sarac estava a caminho de uma reunião com o Departamento de Investigações Internas, pronto para revelar o delator do

Departamento de Crimes Regionais, mas alguém o impediu ao jogar seu carro contra um muro de concreto. Bergh e Wallin também pareciam ter a mesma linha de pensamento, que alguém queria ver Sarac morto.

Tese: um ou mais deles estava mentindo, ou pelo menos escondendo partes importantes da verdade. Talvez até mesmo todos os quatro.

Conclusão: não podia confiar em ninguém, todos estavam tentando manipulá-lo, cada um com seus próprios interesses. Até mesmo seu melhor amigo.

Ponto fraco: infelizmente, esse raciocínio também não tinha nenhum grande ponto fraco.

E, POR FIM, problema número *quatro*, no qual Sarac empacou: na noite em que bate violentamente, o motoqueiro Brian Hansen é encontrado morto em seu carro na Gamla stan, com uma bala de nove milímetros na cabeça. O mais estranho é que ele está sentado no banco do passageiro. Horas antes, alguém esvazia as contas bancárias de Erik I. Johansson com cerca de quatorze milhões de coroas. Sua própria arma de serviço está guardada no local pertencente a Erik I. Johansson. Falta uma bala de nove milímetros no cartucho. Além disso, ele tem algumas memórias perturbadoras sobre a morte de Hansen, para dizer o mínimo.

Tese: o fato de os três eventos terem ocorrido no mesmo dia não podia ser apenas coincidência. Nem a arma e a bala que estava faltando. Sua arma de serviço provavelmente foi usada para matar Brian Hansen.

Conclusão e *ponto fraco*: impossíveis de determinar sem mais informações. Pelo menos tentou se convencer disso.

Todos os eventos do sábado 23 de novembro tinham um denominador comum, e dessa vez não era Jano. Ele próprio conhecia Hansen, ele próprio tinha acesso à arma, às contas bancárias e ao local. Foi ele próprio quem sofreu uma espécie de colapso e, em seguida, com ou sem ajuda, colidiu violentamente. Então, o que isso significava?

Por que achava que se lembrava do encontro com Hansen no carro, do tiro o

atingindo na nuca? O que ele realmente havia feito horas antes do acidente? Tinha tanta certeza de que Jano estava por trás da morte de Hansen, no entanto, depois de encontrar a arma, não estava mais tão convencido. Seria possível ter matado alguém e não se lembrar de nada? Ou era, na verdade, exatamente isso o que tinha feito?

Sarac afastou o papel e ficou em pé diante do quadro branco.

O laptop fora uma decepção. Todo o histórico de navegação havia sido apagado, todas as pastas de documentos estavam vazias e a área de trabalho mostrava apenas um papel de parede azul padrão. O HD parecia ter sido formatado, por isso, caso houvesse segredos no computador, estariam enterrados tão profundamente na memória da máquina que não conseguiria mais encontrá-los. A merda toda conseguia ser bastante irônica.

Sarac revirou as gavetas a esmo. Além da arma e da munição, encontrou o coldre de cintura e outras duas bolsas de couro pequenas, uma com um cartucho extra e a outra com um par de algemas. Além disso, na última gaveta, encontrou um pequeno estojo com a sua identificação policial. Por que a havia deixado ali? Mais uma pergunta que não tinha resposta.

A verdade é que estava começando a se sentir enclausurado. Sentia falta de ter alguém com quem conversar. Alguém em que pudesse confiar, que, ao contrário de Wallin, Bergh, Molnar e Dreyer, não tivesse os próprios planos, nem distorcesse os fatos ou misturasse as verdades e as mentiras da forma que lhes conviesse.

Alguém como Natalie. Sarac percebeu que estava com saudade dela, ao mesmo tempo que sentia um peso na consciência por tê-la envolvido nessa história. Por um lado, estava feliz por ela não ter aparecido em seu apartamento. Por outro, sentia-se bastante decepcionado.

Ele colocou a identificação no bolso e abriu a gaveta de cima novamente. Algumas folhas soltas, um punhado de canetas, uma lista telefônica com marcações e, debaixo dela, um maço de Marlboro pela metade. Ele tirou dois cigarros e os pôs sobre a mesa para verificar se não havia nada escondido dentro

da embalagem. Depois, encontrou uma pequena caixa de fósforos vermelha enfiada entre o plástico exterior e o papel da embalagem. Na frente da caixa estava gravado *Club Babel*. Sarac teve a impressão de reconhecer o nome e consultou os extratos bancários novamente. Encontrou algumas despesas identificadas como *Restaurante Babel*, *rua Kung*, *30*. Valores bem altos, inclusive.

Pegou a lista telefônica e procurou o número de telefone do restaurante, mas não teve sucesso. Talvez a lista fosse muito velha. E, por falar nisso, quem usava listas telefônicas hoje em dia, quando todos têm smartphones?

Pensou na discussão que teve com Molnar sobre o local onde costumava se encontrar com Jano. Um lugar que massageasse o ego dele, que mostrasse o quanto ele era importante para a gente. Um bom restaurante ou um clube.

RUA KUNG, 30, era o endereço de uma das duas torres Kungstornen que flanqueavam a velha avenida, mais especificamente o da torre norte. A entrada ficava em uma das esquinas da construção, a cinco degraus de pedra da calçada da rua Kung, e havia duas estátuas enormes de cada lado que pareciam sustentar o edifício da década de vinte sobre seus ombros.

Uma vez dentro do prédio, Sarac só precisou andar alguns metros pelo hall, revestido de pedras, para que o barulho do trânsito noturno silenciasse. Ele parou em frente aos elevadores e leu a placa. Localizou o Club Babel no décimo sexto andar e chamou o elevador. O carpete no interior dele era tão grosso que os tênis de Sarac afundaram alguns milímetros.

O restaurante consistia em um longo balcão e algumas cadeiras, tudo em estilo *art déco*. Um bartender cansado vestindo camisa, colete e prendedores de manga limpava taças; no mais, o local estava quase vazio, com exceção de alguns turistas japoneses que posavam em frente à vista impressionante, na outra extremidade do salão, perto das enormes janelas.

Sarac se sentou em uma das cadeiras do bar.

— Como posso ajudá-lo, senhor? — A voz do bartender e a formulação

empolada fizeram algo clicar na cabeça de Sarac.

— Eu sou um membro — disse, sem saber muito bem o porquê. A voz saiu diferente. Como se não fosse bem ele mesmo.

— E o senhor se chama?

— Johansson, Erik I. Johansson.

O homem digitou em uma tela que estava oculta atrás do balcão.

— Mas é claro — disse em seguida. — Não reconheci o senhor de touca, Sr. Johansson. Bem-vindo de volta.

O homem colocou uma ficha de metal no balcão em frente a Sarac e fez um gesto leve apontando para uma cortina de veludo vermelho no canto distante.

Outro elevador. Este era menor, com certeza não comportava mais que quatro pessoas. Em uma parede havia uma pequena placa de metal com uma fenda evidente, logo abaixo de um pequeno espelho de maquiagem. Sarac enfiou a ficha na fenda e se deparou brevemente com seu reflexo no espelho. Notou que estava diferente. Alguma coisa em seu olhar.

A mulher que o recebeu do lado de fora do elevador era bonita. Os cabelos curtos e escuros com penteado da década de vinte, maquiagem escura nos olhos, uma pequena faixa na cabeça com plumas, além de um vestido reto de seda, que terminava pouco acima dos joelhos. O tecido deixava as pequenas fivelas da cinta-liga se insinuarem. A grande cobertura combinava perfeitamente com o traje da moça. Chão xadrez coberto aqui e ali com tapetes grossos. Móveis cromados, de couro e de madeira, cujas linhas retas eram acompanhadas pelos padrões de quadrados pintados nas paredes logo abaixo do teto.

As janelas altas davam para o sul e para o leste e proporcionavam uma vista deslumbrante de Estocolmo, que era interrompida apenas pelo andar equivalente da torre sul, a cerca de vinte metros. A torre ficava tão próxima que as estátuas romanas do lado da fachada eram claramente visíveis.

Deuses romanos, pensou Sarac. Dificilmente uma coincidência.

Exatamente como no andar de baixo, tanto o balcão quanto a decoração respiravam os anos vinte nos mínimos detalhes. Era uma fantasia *art déco*.

— Boa noite, Sr. Johansson — disse a mulher. — Não o vemos aqui há algum tempo. Sua mesa de sempre está ocupada por outro cliente frequente, mas os senhores são bons amigos, é claro.

Ela fez um gesto para o extremo oposto da sala, onde uma série de mesas isoladas podiam ser vistas. Sarac caminhou lentamente para lá. Sentiu o pulso acelerando. Quem estava à mesa? Poderia ser o homem que estava procurando? Olhou novamente para as estátuas do lado de fora, pensando em deuses romanos.

Mas, pela segunda vez no mesmo dia, ficou desapontado. O homem de terno à mesa não era Jano, ele teve certeza no momento em que seus olhares se encontraram. Esse homem tinha mais de 50 anos, com um cabelo longo, grisalho, penteado para trás que ficava mais ralo no alto da cabeça. Óculos redondos apoiados na ponta do nariz e, quando Sarac se aproximou, ele colocou o jornal que estava lendo de lado.

— Aí está você, Erik!

O homem se levantou e estendeu a mão.

— Venho tentando contatar você há semanas, mas só cai na caixa postal. — Ele tirou os óculos de leitura e os balançou no ar. — Senta aí.

Sarac assentiu com a cabeça e seguiu as instruções do homem. Ele o reconheceu, mas procurou febrilmente por um nome.

— Acabei de ler sobre o nosso novo ministro da Justiça. — O homem apontou para o jornal. — As medidas que ele quer apresentar são bastante abrangentes, se você acreditar nos jornais. Isso vai dificultar mais o meu trabalho. Mas, felizmente, existem maneiras de contornar a maioria dos problemas, não é, Erik?

O homem sorriu, revelando uma série de coroas de porcelana brancas como a neve.

Advogado, pensou Sarac. Esse homem é um advogado e se chama...

— Então, como tem passado? — O homem se inclinou sobre a mesa. — Meus clientes são muito ansiosos, como você bem sabe, e querem ouvir sobre o seu progresso.

Sarac não disse nada.

— Desde o nosso último encontro, a situação ficou ainda mais tensa. Alguns dos contatos no exterior decidiram começar uma investigação independente. Enviaram até mesmo um consultor externo, e a presença dele tem causado certa preocupação.

Ele sorriu de novo, o mesmo sorriso de crocodilo de antes.

— Mas eu pedi aos meus clientes que tivessem calma. Disse que você vai ser capaz de entregar o que eles querem.

Sarac fez um gesto positivo, mas rígido, com a cabeça. Tentou assimilar o que o homem estava dizendo enquanto seu cérebro trabalhava a todo vapor.

— Então, como vão as coisas? — perguntou o homem de novo, então ergueu as mãos. — Quero dizer, obviamente não quero saber nenhum detalhe, apenas algo que possa reassegurar os meus clientes um pouco. Deixá-los mais confortáveis com o investimento bastante significativo que fizeram.

— Certo — murmurou Sarac. — Bom...

Ele olhou em volta, depois respirou fundo.

— O fato é que eu realmente não... — Tirou a touca e apontou para o curativo na cabeça. — Eu estive envolvido em um acidente. As coisas estão um pouco confusas.

O homem olhou para ele e de repente não pareceu tão amigável quanto antes.

— Então — continuou Sarac —, você pode apenas me lembrar um pouco dos termos do nosso acordo?

O homem se endireitou um pouco. Encarou Sarac como se estivesse tentando determinar se era uma piada.

— Você não está tentando me passar a perna, não é, Erik? Seria insensato, dados os nossos negócios anteriores.

— Não, é claro que não! — Sarac balançou a cabeça. — Só preciso colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Ele fez um esforço para soar convincente. De repente, descobriu uma pequena placa em uma extremidade da mesa. Provavelmente o nome dos frequentadores

que tinham preferência pela mesa. *Erik I. Johansson* estava no topo. Logo abaixo, outro nome que ouviu Dreyer mencionar apenas alguns dias atrás. “Alguém lá do seu departamento tem vendido informações para o submundo, David. Tudo passa por um intermediário, um advogado chamado Bengt Crispin.”

Sarac sentiu o estômago revirar.

— Estamos trabalhando juntos há quase um ano agora, Erik — continuou Crispin. — Estamos muito satisfeitos com os resultados até agora.

Sarac fez um gesto positivo com a cabeça, tentou dar um sorriso, apesar de estar sentindo o salão oscilar. As estátuas do lado de fora pareciam estar suspensas no ar, olhando para ele com olhos inquisidores.

Ele leu as letras ornamentadas de novo, tentando absorver o que significavam. Quem era, na verdade, o delator que Dreyer estava caçando, que ele próprio havia sido recrutado à força para revelar.

— Mas você recebeu um pagamento generoso, Erik — continuou Crispin —, para revelar a verdadeira identidade do codinome Jano.

Quarenta e cinco

— Alô?

— Boa noite, Abu Hamsa. Aqui é Bengt Crispin.

— O advogado, que prazer.

— Só queria informar que estive com o meu contato, agora há pouco, na verdade. Infelizmente, a situação é como eu temia. Ele não parece ser capaz de terminar o serviço. Pelo menos não em um futuro próximo.

— Entendo, é uma pena.

— Então, o que faremos?

— Bem, felizmente, temos um plano b. Uma oferta de um novo interessado, ou de um velho amigo, dependendo do ponto de vista.

— Eu quero saber os detalhes?

— Não, Sr. Crispin, acredito que não.

Sarac continuou onde estava um bom tempo depois que Crispin saiu. Bebeu a bebida que foi servida sem que pedisse. Depois mais uma. Pelo menos um mistério havia sido resolvido. Agora sabia de onde tinha vindo todo o dinheiro. Mais cedo naquela noite, havia começado a suspeitar de que poderia ser um assassino. Agora podia adicionar policial corrupto à lista também.

Ele se empertigou, estava prestes a levantar a mão para pedir mais uma bebida, quando o bartender colocou mais uma na sua frente.

— Obrigado, Noa — murmurou. Ficou surpreso ao ver que sabia o nome do

barman.

Sua mente estava numa desordem descomunal. Mais ou menos igual à sua vida. Quanto mais fundo cavava à procura da pessoa que era, menos gostava do resultado. A fila de pessoas que ele havia traído ficava cada vez maior. Bergh, Molnar, os caras da equipe, ele próprio, as fontes e até mesmo Jano. Era pedir demais que tivesse perdido a porra da memória toda de vez? Uma formatação completa, exatamente como o laptop que encontrou na gaveta da mesa. Ou, melhor ainda, que apenas tivesse morrido na hora. Ambas as opções pareciam mais atraentes do que o inferno em que se encontrava agora.

Que merdas ele andou aprontando? Sarac iniciou toda a operação Jano apenas para, quando o valor estivesse alto o suficiente, vender seu infiltrado para quem desse o maior lance? No fim das contas, é sempre uma questão de dinheiro, não é, David? Ou será que, na verdade, seu nome era Erik agora?

O local começou a encher de gente lentamente. A grande maioria era de homens e, exceto por ele, nenhum com menos de 40 anos. Mas também chegavam mais e mais mulheres, todas com roupas dos anos vinte, o que provavelmente significava que elas trabalhavam para o clube.

Sarac reconheceu vários dos homens. Empresários de sucesso, políticos, até mesmo um apresentador de TV. Alguns deles fizeram um aceno de cabeça na sua direção e ele cumprimentou de volta. O volume da música, que antes era apenas um sussurro ao fundo, tinha sido aumentado. Algum tipo de clube de jazz. Tons soporíferos e hipnóticos que o deixavam com sono.

A mulher que o recebeu na entrada se aproximou da mesa.

— Perdão, Sr. Johansson, só gostaria de lhe informar que temos uma sessão de massagem disponível no momento, se estiver interessado. Um cliente desmarcou com Rio e o senhor costuma...

Sem saber muito o porquê, Sarac concordou em silêncio. Permitiu que a mulher o guiasse até o local. Atravessaram o salão e passaram por uma série de portas atrás dos elevadores. Entrou por uma delas e se viu em um quarto com cortinas de veludo pesadas cobrindo as janelas. Algumas velas aromáticas acesas

espalhando um aroma de sândalo no quarto. Sarac tirou as roupas e se sentou na mesa de massagem no centro da sala. Amarrou uma grossa toalha branca ao redor da cintura.

Desde o acidente, não tinha bebido álcool. O aroma, a música, a luz fraca, tudo se misturava para formar uma atmosfera entorpecente bastante agradável. Ele se deitou de bruços na cama e fechou os olhos. Ouviu a porta ser gentilmente aberta.

— Estava começando a achar que você tinha se esquecido de mim, Erik. — A voz era suave, familiar, levemente erótica.

O óleo quente o arrepiou. As mãos dela eram macias, mas firmes. Procuraram logo os nós no pescoço e nos ombros. Dissolveram um por um. Ela parecia saber exatamente o quanto ele aguentava. Alternava, com muita habilidade, na fronteira entre a dor e o prazer.

Sarac engoliu em seco, tentou organizar as ideias. Falhou. Sentiu a ereção chegando discretamente. A música continuava, transformando-se em palavras familiares.

Odds for a christening, and evens, a wedding day...

Ele percebeu que gemia de prazer, empurrando o quadril de leve contra a mesa de massagem.

— Vira de frente — pediu ela baixinho.

Sarac obedeceu, mas continuou de olhos fechados. Só abriu os olhos quando ela passou delicadamente as mãos pelas cicatrizes em seu peito. Ela era linda, mais do que ele se lembrava. A ereção lutava incontrolavelmente debaixo da toalha.

I owe everything
debts I can’t escape till the day I die.

— Eu... — murmurou Sarac, e fez uma tentativa meia-boca de se levantar.

— Shh... — Ela o empurrou de volta para a mesa de massagem. — Você conhece as regras, Erik, sem conversa. — Seus dedos se moviam em círculos lentos e provocantes sobre seu estômago. Chegaram perto da borda da toalha branca.

Ele fechou os olhos novamente, o álcool e a música em looping fizeram o cérebro relaxar aos poucos. Concentrou-se em apreciar o toque dela, quase como se estivesse em transe.

Sou Erik Johansson, pensava ao mesmo tempo que ela soltava lentamente a toalha. Percebeu como o tom da voz em sua cabeça mudou.

Erik I. Johansson, o homem que não existe. Suposto assassino, policial corrupto, amigo traidor. Viciado, mentiroso e gigolô.

Eu vivo no limite, me equilibrando na corda bamba. E adoro isso.

— JOHN, É Jesper Stenberg.

— Jesper, que bom que você finalmente teve um tempo para mim.

Stenberg considerou a necessidade de manter a máscara, passar pelos gracejos habituais antes de abordar o assunto, mas decidiu abandonar o protocolo.

— O que você está fazendo, John?

— Você está se referindo à minha conversa informal com Carina LeMoine? Pois é, eu imaginei que isso chamaria a sua atenção. É uma mulher bastante inteligente, ela vai longe. E é advogada.

Stenberg quase conseguia ver o sorriso presunçoso de John Thorning pelo telefone.

— Você andou me evitando, Jesper. Não retorna as minhas ligações.

— Bom, John, já expliquei como isso é delicado.

— Exatamente por isso, Jesper. Isso tudo é muito delicado e, portanto, a opção mais fácil para você seria ficar fora dessa. Aguardar alguns meses e esperar que eu me canse. Então, pensei em poupar o nosso tempo e esforço avisando a você em termos simples e diretos que isso não vai acontecer. Na

verdade, estou começando a duvidar que você sequer tenha feito algo para mim e para Sophie, que as suas promessas não valem lá muita coisa e que eu simplesmente apostei no cavalo errado.

John Thorning fez uma pausa, deixou as palavras suspensas no ar. Stenberg não conseguia acreditar que ele estava falando sério, que ele sacrificaria seu próprio ministro da Justiça, assim tão fácil. O problema era que Stenberg não aguentava pagar para ver se era blefe ou não. Claro, poderia continuar como antes. Sem dar a mínima para o que a Ordem dos Advogados pensasse. Mas isso tornaria as coisas infinitamente mais difíceis. A ordem tomaria todas as medidas possíveis para impedir suas ideias, escreveria artigos de opinião, persuadiria seus contatos no Parlamento, sem falar de quando a proposta fosse avaliada. John Thorning tinha, sem dúvida alguma, todo o aparato para fazer a vida dele extremamente difícil. E agora o velho parecia estar de volta à sua boa forma.

— John, você entendeu tudo errado. — Stenberg fechou os olhos, tentando controlar a voz. — Como eu disse, nós colocamos uma das nossas melhores investigadoras no caso. Treinada pelo FBI, já serviu no exterior. Nós a escolhemos para ter um olhar completamente novo sobre o caso.

Ele apertou os lábios. Stenberg se deu conta de que não deveria ter dito nada daquilo, mas praticamente não tinha escolha.

— Ela apontou algumas coisas que pareciam estranhas. Entre outras coisas, encontrou um pequeno pedaço de vidro com sangue. Ainda estamos esperando o resultado dos testes.

Stenberg respirou fundo.

— A razão por que não disse nada é que eu não quero levantar suas esperanças. O sangue provavelmente é da própria Sophie. — Ele fez uma pausa, e percebeu que estava prendendo a respiração.

— Onde? — perguntou John Thorning, depois de um momento de silêncio.

— Como?

— Onde vocês encontraram o caco de vidro, Jesper?

— Embaixo do balcão da cozinha. Estava preso num rejunte do piso.

Stenberg podia ver tudo diante dos seus olhos. Como ele pisou no vidro e retirou o pequeno caco da ferida. A forma como o fragmento quicou algumas vezes, escorregando no chão reluzente, até ir parar debaixo do balcão da cozinha e depois, por fim, desaparecer no rejunte. Respirou fundo algumas vezes e, em seguida, recomeçou a história. Substituiu a si próprio por Sophie, imaginando como, em vez dele, ela pisou no vidro enquanto corria atrás dele já na porta do elevador. Isso ajudou um pouco.

— Quanto tempo? — quis saber John Thorning. A voz soou mais suave agora, menos agressiva.

— O caco de vidro está na perícia, então temos que seguir os prazos normais de processamento — respondeu Stenberg. — Se tentarmos fazer com que priorizem essa amostra em particular...

— Chamaríamos atenção desnecessária — completou Thorning.

— Exato. — Stenberg fez um esforço para parecer neutro. — Mais uma semana John, não mais que isso, acredito. Mas prometo entrar em contato assim que tivermos alguma informação.

Os dois ficaram em silêncio ao telefone e, por um momento, Stenberg teve a impressão de que o velho havia desligado. Mas então ouviu um ruído na linha.

— OK, então. Até logo, Jesper.

A ligação terminou. Stenberg desligou o telefone e resistiu o impulso de ir até a pia e lavar as mãos.

John Thorning não iria desistir enquanto ele não visse um relatório por escrito do novo inquérito. Uma prova de que realmente se esforçaram para fazer jus ao que ele queria. De fato, ter um teste da perícia era perfeito, mostrava que realmente reviraram cada canto à procura de provas. O problema era que o atestado deveria mostrar, com cem por cento de certeza, que o sangue era da própria Sophie. Mas o importante era manter seus olhos fixos no objetivo final. Sem deixar que pensamentos sobre o fracasso entrassem na cabeça.

A amostra da perícia não era um problema. Voltaria com uma indicação bem clara de que o sangue era de Sophie, e, depois disso, seu antigo mentor lhe

deveria um grande favor. E por falar nisso...

Ele se inclinou sobre a mesa e apertou o botão do interfone.

— Jeanette, pode mandar Wallin entrar, por favor.

STENBERG SE recostou na cadeira e olhou para a citação de Bobby Kennedy. Pensou em Karolina, em tudo o que ela havia sacrificado para que ele estivesse aqui, sentado atrás dessa mesa.

— Não consigo me livrar da sensação de que Estocolmo está tentando nos passar para trás — disse assim que Wallin fechou a porta. — Que toda aquela história com David Sarac e a amnésia é apenas uma cortina de fumaça. Uma maneira de jogar a poeira para debaixo do tapete. Enviar o infiltrado para o exterior e varrer todos os vestígios antes que nós ou os investigadores internos tenhamos tempo de encontrar qualquer coisa.

Wallin fez um gesto positivo com a cabeça.

— Pois é, estive pensando a mesma coisa. O boato é que a delegada regional Swensk está preparada para sacrificar Bergh e provavelmente Sarac também para reduzir o prejuízo. Você sabe, é claro, que ela e Carina LeMoine são bem próximas. Elas fizeram faculdade de direito juntas e as duas fazem parte do conselho da Rede Feminina em Estocolmo.

Stenberg se levantou e caminhou até a janela.

— O que você acha da possibilidade de grampear o telefone de Sarac?

Wallin deu de ombros.

— O telefone registrado dele sumiu, não temos nenhum número atual. — Wallin refletiu um pouco. — Mas Sarac é bem próximo do ex-chefe, um cara chamado Molnar. Se algo acontecesse, ele provavelmente entraria em contato com Molnar.

Stenberg não disse nada, apenas fez uma pequena careta sugestiva.

— Uma escuta telefônica requer a autorização de um procurador. Seríamos obrigados a iniciar um inquérito — comentou Wallin. — Mas, é claro, existem sempre soluções menos formais para o problema — acrescentou. — Mas sempre

implicam algum risco.

Stenberg olhou para fora e fixou os olhos em uma gaivota que voava próximo às nuvens cinzentas. O pássaro se aproveitava do vento para se manter quase imóvel entre o céu e a terra.

— Alguma vez você já tentou andar numa corda bamba, Oscar? — perguntou ele, sem se virar. — O truque é não olhar para baixo. Nem sequer imaginar a possibilidade de cair.

Quarenta e seis

— Alô, é Atif.

— Atif, que bom falar com você.

— Essa linha é segura, Hunter?

— Claro.

— Duas coisas — disse Atif. — Primeira: eu aceito a sua proposta. Vou cuidar de tudo assim que vocês tiverem interrogado Jano. Garanto que ele vai desaparecer de uma vez por todas.

— Bom! E a outra?

— Eu preciso de um carro e de uma arma.

— Na verdade, já previmos isso.

Já era madrugada quando Sarac deixou o edifício. Não havia muito tráfego na Kung e poucas pessoas estavam na rua. Por puro instinto, ele virou à direita e subiu as escadas que davam para a rua Malmskillnad. A cada patamar, parava para recuperar o fôlego, mas percebeu que estava se movendo com mais facilidade do que o esperado. Sentiu que a perna direita estava quase boa. Como se o álcool, a massagem e o que aconteceu depois o tivessem transformado. Feito dele outra pessoa.

Sentia vergonha, é claro, mas muito menos do que deveria. Uma parte de seu cérebro ainda estava aproveitando a sensação que ele havia experimentado lá em cima. A sensação de poder fazer praticamente qualquer coisa, sem ter que se

preocupar com as consequências.

Conseguia se lembrar de muito mais agora. Lembrou-se de muitas das noites que passou lá em cima entre a clientela do clube exclusivo. Amizade por meio de segredos, contratos invisíveis. A vida como Erik I. Johansson tinha sido um jogo, um ato de equilíbrio em uma corda bamba que ele dominou por meses, talvez até anos. Até o dia em que olhou para baixo e percebeu o abismo que o aguardava debaixo dos pés.

Aquele papel combinava perfeitamente com ele, só precisava ler os extratos bancários para perceber. Tinha esbanjado muito dinheiro. Drinques, jantares e outros prazeres mais sutis nas partes mais privadas do clube.

No início, a encenação certamente devia ter um propósito. Adquirir novas fontes, pessoas-chave em posições privilegiadas que poderiam ser úteis, se não agora, em algum momento no futuro. Mas, aos poucos, foi perdendo o foco. Borrando as linhas entre o certo e o errado. Aliando-se a Crispin para continuar vivendo a vida como Erik Johansson. Provavelmente começou de baixo, dicas discretas de pessoas ou endereços que estavam sob vigilância. Mas então a situação virou um efeito dominó. Ele acabou se tornando um delator, um infiltrado com dupla lealdade. O gerente que estava sendo gerenciado.

Policial, informante, delator, drogado e, ao que parece, Don Juan também. Que pacote fantástico! Não era de se admirar que a culpa o estivesse corroendo, apesar do vazio no cérebro.

Foi por isso que as drogas entraram na jogada. Para anestesiar a consciência? Ou será que as drogas foram o motivo pelo qual ele precisava de mais dinheiro? Se Crispin estivesse certo, ele estava preparado para cometer a maior das traições. Entregar Jano a eles, sua melhor fonte. Poderia estar tão desesperado?

Realidade e encenação, verdades e mentiras — tudo era um borrão. Formavam uma teia da qual parecia que não conseguia sair. E, bem lá no fundo, a aranha o esperava. Cuidando do seu segredo.

Sarac passou pela Igreja de Sankt Johannes e começou a cortar caminho pelo adro. Seguiu o caminho aberto na neve por entre as lápides sem saber

exatamente aonde ia. Ele precisava de ar, precisava esclarecer as ideias antes de voltar para a sua toca.

O barulho de uma porta de carro batendo o assustou. Provavelmente um cliente qualquer que estava deixando uma das poucas prostitutas que ainda não tinha passado a oferecer os serviços on-line e, portanto, ainda trabalhava na rua Malmskillnad. Sarac se virou para trás e viu as luzes traseiras de um carro se afastando.

Um ligeiro movimento chamou a sua atenção. Parecia haver alguém entre as árvores, a cerca de cem metros. Sarac sentiu que seu coração começou a bater um pouco mais forte. O vulto estava ali sem se mover, e poderia muito bem ser uma estátua ou uma lápide alta que sua mente transformou em outra coisa.

Então ele discerniu um ponto de luz fraco e pequeno. Desapareceu tão rápido quanto surgiu, mas ainda assim Sarac tinha certeza do que vira. O brilho da ponta de um cigarro.

Sarac se virou e começou a caminhar em direção às escadas que levavam à igreja. Fez um esforço enorme para não começar a correr. Um novo barulho, um pássaro que grasnava. Sarac olhou novamente para trás. A silhueta entre as árvores havia desaparecido.

Ele apurou os ouvidos, tentando detectar mais sons. No entanto, além do ruído distante do trânsito, tudo o que ouvia era sua própria respiração ofegante enquanto se esforçava para subir as escadas. A enorme igreja gótica de tijolos se erguia à sua frente. O prédio sem dúvidas tinha, pelo menos, trinta metros de altura, parecia mais uma catedral que uma igreja comum. Ou um castelo carpatiano de um filme de vampiros

Ele chegou ao topo da escada, parou e se virou para trás. O adro parecia estar completamente deserto. Mesmo assim, Sarac estava convencido de que havia alguém ali, em meio às sombras. Alguém que o estava observando.

O medo fez seu estômago se contrair, e ele foi obrigado a respirar fundo algumas vezes. Em seguida, apertou o passo em direção ao canto mais distante do adro.

Só depois que chegou à ruazinha Sarac percebeu que se encontrava em um beco sem saída. À sua direita e esquerda, edifícios altos bloqueavam o caminho. Atrás dele, havia o cemitério escuro.

Mas, logo à frente, havia um pequeno caminho estreito entre os dois edifícios que deveria dar na rua Regering, que era consideravelmente mais movimentada. Lá, poderia pegar um táxi.

Olhou de relance para trás e, em seguida, continuou o mais depressa que podia. Mirava as luzes dos postes da rua que ficavam cem metros à frente. Ele se virou novamente. Uma figura com roupas escuras e com um capuz surgiu do breu do cemitério, logo atrás dele.

Sarac começou a correr. O corpo protestou imediatamente. Ele não conseguia esticar muito a perna direita e a respiração ficou pesada depois de pouco mais de dez passos. Olhou em volta novamente. O homem encapuzado o estava alcançando. Ele corria a passos controlados, na velocidade certa para evitar o risco de escorregar no chão coberto de gelo. Sarac aumentou a velocidade, forçando os braços a ajudar. O cérebro procurava uma explicação lógica para o sentimento de pânico. Tentou colocar o instinto de fuga sob controle, mas não conseguiu.

O pequeno caminho acabou subitamente. Virou um barranco de vinte metros de altura onde uma escadaria ziguezagueava em direção à rua Regering.

Sarac tentou descer dois degraus de cada vez. Teve vontade de pular a última parte do primeiro lance de escada, mas desistiu de repente. Os sapatos derraparam no cascalho solto sobre o gelo e ele quase perdeu o equilíbrio. Agarrou-se a uma das grades de ferro, e foi obrigado a jogar seu peso para a direita e mirar no próximo patamar.

O homem encapuzado estava mais ou menos um lance de escada atrás dele. Sarac aumentou a distância das passadas, descendo três degraus de cada vez. A perna direita oscilava miseravelmente, forçando-o a manter uma das mãos no corrimão. Um novo patamar, fez uma curva sinuosa à esquerda e continuou no lance de escadas seguinte. Agora não faltava muito. Mas o homem encapuzado

se aproximava cada vez mais. Pouco antes de alcançar o último patamar, Sarac escorregou, a perna direita cedeu e o seu joelho foi de encontro ao chão.

Ele se levantou com dificuldade, obrigando as pernas a obedecer. Podia ver o homem encapuzado claramente pelo canto do olho. Pensou ter visto um rosto. Seus pulmões ardiam e sentia o gosto de adrenalina e sangue na boca.

O homem estava perto dele agora, bem no seu encalço. Sarac desceu três degraus de cada vez, não se importava se caísse. Um carro passava pela rua, a apenas dez metros de distância.

Sarac tentou gritar, mas tudo o que saiu de seus lábios foi um ruído rouco. Pensou que podia sentir a pessoa que vinha atrás dele estendendo a mão para tocá-lo, a mão tateando por cima do ombro.

Ele investiu suas últimas forças e se jogou na rua. Vislumbrou as luzes de um carro e conseguiu se virar. Azul, branco, algumas letras. Uma palavra bastante familiar. As luzes ofuscaram os seus olhos, os pneus para neve cantaram no asfalto. Ele ergueu as mãos enquanto a frente do carro se aproximava.

Sarac fechou os olhos.

ATIF DIGITOU a senha e abriu o armário. Lá dentro havia uma pequena mochila Fjällräven bege. Ele olhou de relance para trás antes de abrir o zíper. O contorno angular era inconfundível. Uma Glock nove milímetros, variante com um cartucho de dezessete balas. Uma arma boa, melhor do que ele esperava.

A chave do carro estava no bolso de fora da mochila. Os caras do Consultor trabalhavam rápido. Atif fechou os zíperes, jogou a mochila nos ombros e trancou a porta do armário. A pequena van branca estava estacionada em uma área de carga e descarga não muito longe naquela rua, como prometido. Com alguns adesivos comerciais azuis, meio descolados na parte frontal e nas laterais, ela se misturava perfeitamente ao entorno.

Ele destrancou a porta, sentou-se ao volante e colocou a mochila no chão do lado do carona. Tinha quase tudo de que precisava. De Abu Hamsa o endereço do policial e de Hunter a arma e o carro. E sem complicações. Enquanto Abu

Hamsa e Hunter acreditassem que estava trabalhando para eles, ninguém o incomodaria. E, com um pouco de sorte, Cassandra e Tindra também estariam em segurança, pelo menos enquanto ninguém percebesse que estava fazendo um jogo duplo. Ele estava bem perto. Faltava apenas uma coisa a fazer, depois estaria pronto para um encontro com um certo investigador da polícia.

— DAVID SARAC, é você, não é? Porra, eu quase não te reconheci. Você está bem? — disse o policial.

As luzes deixaram a visão de Sarac turva. A viatura tinha parado a poucos centímetros dos seus joelhos.

— Idiota do caralho! Você não pode simplesmente correr direto para a rua! — Agora, o motorista da viatura também tinha saído. O primeiro policial levantou uma das mãos.

— Calma, Jocke. É David Sarac, é um colega.

O motorista parou.

— Ah, tudo bem.

Depois de um tempo, ele falou:

— Sarac, não foi você que bateu no túnel Söderleden? A gente viu os destroços, você deve ter tido um anjo da guarda.

Sarac olhou ao redor.

— Para onde ele foi? — Ele engasgou.

— Quem?

— O cara de capuz, ele estava logo atrás de mim.

Os policiais trocaram um olhar discreto.

— A gente só viu você. Pura sorte que conseguimos parar a tempo. Você veio correndo desesperado, como se o próprio diabo estivesse atrás de você.

* * *

ELE LHES passou o seu endereço, sentou-se no banco de trás da viatura e fechou

os olhos. Percebeu quase que imediatamente que eles não estavam indo na direção certa. Quando abriu os olhos, viu o policial no banco do passageiro mexendo no celular. Mas estava cansado demais para discutir.

Eles seguiram para leste pela rua Valhallavägen, viraram à esquerda após o Instituto Sueco de Cinema e depois à direita no Gärdet. A neve tinha coberto a rua em vários lugares, mas a viatura, um Volvo com tração nas quatro rodas, não teve problemas para se manter na pequena rua, quase invisível.

O quatro por quatro preto estava esperando próximo à rotatória do pequeno bosque no alto do morro. Os policiais pararam o carro e desceram. Quase não dava para vê-los no escuro. Sarac entreviu outras silhuetas lá fora. Já imaginava quem eram.

Menos de um minuto depois, abriram a porta do carro.

— Vamos, David — disse Molnar, curto e grosso. — A gente precisa ter uma conversa séria.

Quarenta e sete

ELES ENFIARAM enfiaram Sarac em um dos bancos traseiros do SUV. Molnar se sentou ao lado dele, e Josef no banco do motorista, como de costume.

Nenhum abraço de cumprimento dessa vez, pensou Sarac ao ver as luzes traseiras da viatura desaparecendo lentamente na neve que caía sobre o campo.

— Você não confia na gente, não é, David? — perguntou Molnar. Sua voz estava seca, nem amigável nem hostil. — Primeiro, desvendou o código no caderno e encontrou Sabatini sem me avisar.

Sarac não disse nada.

— E agora você falou com Jan Dreyer. Me deixa adivinhar... — Molnar franziu a testa. — Ele falou que você trabalhava para ele, que estava indo se encontrar com ele quando bateu o carro.

Sarac não disse nada.

Molnar trocou um olhar rápido com Josef pelo espelho retrovisor. Então respirou fundo.

— Dreyer é inteligente, ele está tentando manipular você, David. Tentando plantar coisas na sua cabeça que nunca aconteceram. Disse alguma coisa sobre um relatório de trânsito preliminar, sobre danos provocados por outro carro?

Sarac continuou em silêncio.

— Havia essa possibilidade no início, mas a investigação mostrou que não era possível comprovar isso, que a batida no seu para-choque provavelmente era velha. Mas aposto que Dreyer disse que alguém tentou fazer você bater. Talvez

até mesmo um de nós. — Molnar fez um gesto negativo com a cabeça. — Dreyer não bate muito bem da cabeça. Quero dizer, o cara é louco de verdade. Por que você acha que ele trabalha no Departamento de Investigações Internas? Fala para ele, Josef!

— Porque ninguém o aguentava em nenhum outro lugar — murmurou Josef do banco do motorista.

— Exato! Uma vez, antes de se tornar a pessoa mais odiada do batalhão, Dreyer era um policial bom pra caramba. Ele e Eugene von Katzow iniciaram todo o programa de gerenciamento de informantes. Naquela época, cada investigador tinha seus próprios informantes, não havia absolutamente nenhuma coordenação. Mas os dois começaram a estruturar tudo. Começaram a usar um sistema para avaliar a veracidade das fontes e tudo isso que a gente tem hoje.

"Mas, em algum momento, algo deu errado. Perguntei ao Conde o que aconteceu, mas ele não quis dizer. De qualquer forma, Dreyer desenvolveu um problema com álcool. A esposa o deixou, eles tiveram que vender a casa e tudo isso afetou a cabeça dele."

O rádio da polícia começou a receber um sinal, mas Josef o desligou imediatamente.

— Dreyer ficou paranoico, enfiou na cabeça que o Conde estava trabalhando na criação de uma agência de inteligência secreta que espionava tudo e todos. — Molnar virou os olhos. — Depois dessa, ele ficou de licença médica por um bom tempo. Então foi transferido para a Investigação Interna, que foi burra o suficiente para aceitá-lo.

Sarac se remexeu no assento. Uma rajada de vento jogou neve solta nos vidros do carro. Molnar continuou falando.

— Dreyer começou a cruzada contra von Katzow e conseguiu fazer com que um coitado de um velho promotor ficasse do lado dele. Operações secretas, contas não declaradas e todo tipo de acusação. A verdade é que eles fizeram mais de cinquenta interrogatórios. Conseguiram mandatos para revistar nossos escritórios e até mesmo a casa do Conde na Gamla stan. Mas a única coisa que

Dreyer conseguiu encontrar foram alguns casos de manutenção de registros inadequados. O tipo de coisa que tem em todo e qualquer departamento de polícia. Pura bobagem.

Molnar balançou a cabeça, com mais vigor dessa vez.

— O Conde ficou suspenso por seis meses. Durante esse tempo, foi exposto na mídia. Os jornais escreveram um monte de coisa sobre o assunto. Que o Conde tinha a própria agência de inteligência privada, recrutava celebridades, políticos e empresários, e os remunerava por meio de contas secretas. Tudo era apenas ficção, fofocas sem fundamento. Então, tudo terminou com dois míseros casos de má conduta e uma nota na página vinte e cinco do jornal. Dreyer foi desligado e recebeu ordens estritas para ficar longe de nós. Desde então, ele tem esperado por uma chance de se vingar. Para destruir o que ajudou a construir, de uma vez por todas. O seu acidente e a lista desaparecida, Sarac, foram a oportunidade que ele tanto esperava. Para não falar da sua perda de memória.

Sarac ergueu o olhar. Agora se lembrava da história toda, de quase todos os detalhes. Mas havia mais algo a respeito de von Katzow. A voz de Molnar interrompeu seu raciocínio.

— O Conde percebeu que não daria mais para continuar trabalhando, que ele havia se tornado um fardo para o departamento, então se demitiu. Muitos interpretaram isso como um sinal de que ele era culpado. Não há fumaça sem fogo e tudo mais. Os chefes competiam para ver quem se distanciava mais. O nome do Conde ainda é uma bandeira vermelha para muitos deles.

— E é por isso que você acha que ele não está envolvido na operação Jano? — perguntou Sarac.

Molnar fez um gesto positivo com a cabeça.

— Eugene foi uma espécie de mentor para mim. A gente se fala com frequência. Ele pode ser um pouco misterioso, mas acho difícil acreditar que não teria mencionado nada sobre o assunto para mim. E, como eu disse, Eugene não está bem.

Sarac tentou pensar direito. A explicação de Molnar parecia genuína, e Dreyer

realmente pareceu um pouco instável no hospital. Sem mencionar todo o mistério criado antes da reunião deles dois, os vasos sanguíneos típicos de alcoólicos no rosto, a loção pós-barba exagerada e toda aquela compulsão nervosa em mexer com a cigarrilha. Tudo indicava um homem desequilibrado que estava se esforçando muito para esconder a condição.

— Você não precisa confiar em mim, David — disse Molnar em voz baixa. — Honestamente, você é um dos melhores policiais que eu conheço. Só de pensar na ideia de que você seria um infiltrado, um rato... — Molnar fez uma expressão cética.

Sarac engoliu em seco, tentando se manter inexpressivo. De repente, a sensação de ter feito algo imperdoável estava de volta, agora duas vezes mais forte. Mas pareceu que nenhum dos dois homens havia notado.

— Dreyer está desesperado — continuou Molnar — Ele está disposto a fazer praticamente qualquer coisa para ferrar com todos nós. Mentiras, manipulações, todo tipo de promessa e ameaça. A coisa mais importante para a gente é pegar Jano. Reduzir os prejuízos que ele causou. Se conseguirmos isso, ninguém vai ter nada contra a gente. Nem mesmo Dreyer.

— Hansen — disse Sarac, sem saber muito bem por quê.

Molnar assentiu.

— Do que você se lembra? Honestidade agora, David.

— Me lembro de me encontrar com ele no seu carro, no passeio da Skeppsbron. E de que ele morreu.

Molnar e Josef trocaram novamente um olhar pelo retrovisor.

— Também suspeitamos disso, mas não queríamos dizer nada. Não até sabermos mais informações.

— Meu celular, as chamadas que você disse que não podiam ser rastreadas.

Molnar assentiu lentamente.

— Você ligou para Hansen. Provavelmente apenas uma hora antes de...

— De eu atirar nele!

— É nisso que você acredita? — perguntou Molnar.

Sarac deu de ombros.

— Eu realmente não sei mais no que acreditar, Peter. Tudo virou uma confusão de teorias, lembranças incertas e peças de quebra-cabeça que não se encaixam.

— Não vou fingir que entendo como você se sente, David. Mas eu e o resto da equipe estamos fazendo o nosso melhor para te ajudar. Você é um de nós.

Sarac engoliu em seco novamente e baixou a cabeça. Pensou nas contas secretas e no dinheiro todo.

— Brian Hansen era um canalha — continuou Molnar. — Ele tinha um pequeno negócio próprio paralelo, e o clube de motoqueiros não sabia da existência dele. Metanfetamina e, vez ou outra, heroína. Não eram grandes quantidades, mas o suficiente. Nós descobrimos e fizemos uma batida na casa dele. Não encontramos nenhuma droga, mas um computador cheio de fotos. Meninas, 10 anos para baixo.

— Então eu fiz uma proposta a ele — disse Sarac. — Ele não seria acusado se trabalhasse para a gente, certo?

— Isso, um membro de gangue de primeira que a gente mandava e desmandava, que sequer se atrevia a soltar um peido sem ligar para você. Ouro puro — comentou Molnar. — A gente o usou para acabar com uma facção inteira lá embaixo no Distrito Sul. Mas acho que Hansen foi aos poucos descobrindo que você estava usando drogas. Ele morria de medo de ser exposto como delator e acabar em alguma pedreira com o pau entalado na garganta. Então ele mudou de tática e ameaçou te expor. Queria que você fosse demitido do cargo de gerente, talvez até mesmo da polícia.

A voz fina ecoou, de repente, na cabeça de Sarac: “Pensei em sugerir uma troca. Os seus segredos pelos meus.” Então era disso que se tratava o encontro. Hansen tentou comprar sua liberdade.

— Você e Hansen marcam um encontro na rua Skeppsbron — prosseguiu Molnar. — Ele está com medo e, por isso, escolhe um lugar público. Mas ele comete um erro. Está escuro, nevando bastante e não há vivalma na rua. Vocês se

encontram no carro e ele tenta te chantagear para deixá-lo em paz. Mas Jano sabe de tudo. Talvez você mesmo tenha contado essa informação a ele. Se você fosse demitido, o segredo dele estaria em perigo. Então ele te segue e, durante o encontro, entra pela porta de trás. Acaba com a ameaça para você e para ele.

Mais neve caiu nos vidros, mas Sarac escutava com tanta atenção que praticamente não percebeu.

— Mas, em vez de se sentir grato porque o problema estava resolvido, você fica profundamente chocado com o que aconteceu — continuou Molnar. — Um dos seus informantes morreu diante dos seus olhos. Assassinado por alguém que você prometeu proteger. A sua principal fonte. Então você se entope de drogas e depois me telefona balbuciando sobre algo imperdoável que tinha acontecido. A gente combina de se encontrar, mas, em vez disso, você começa a correr pelas ruas sem destino em seu próprio carro, chapado, estressado e paranoico. Até que vai parar no túnel Söderleden. E, pouco antes de a gente te alcançar, a pressão na sua cabeça fica alta demais.

— E aí eu sofro um AVC e bato o carro — murmurou Sarac. A dor de cabeça havia ficado tranquila por um tempo, mas agora voltara como uma marreta. Fazia flashes de luz tremularem diante de seus olhos.

— Hansen já era um homem morto — argumentou Molnar. — Se os sujeitos que ele considerava irmãos soubessem que ele falou, teriam apagado o cara na hora. Sem falar das preferências sexuais sórdidas. — Fez uma expressão de desgosto. — Você não precisa se preocupar, David. Na minha equipe, nós cuidamos um do outro. Os resultados dos exames de sangue já eram, assim como o seu registro de ligações. Só faltam alguns assuntos a serem resolvidos para que tudo fique sob controle.

Sarac balançou a cabeça lentamente. Para a frente e para trás, como se o movimento, por si só, fosse ajudar a manter as palavras de Molnar distantes. Tudo batia, os detalhes se encaixam com as lembranças. Mas ainda havia muitas peças faltando.

— Hansen, Markovic, Lehtonen, Sabatini...

Ele estava prestes a dizer o nome de Erik Johansson também, mas parou no último momento. Ainda não estava pronto para falar sobre a sua base e menos ainda sobre o dinheiro que havia recebido de Crispin.

— Como eles se encaixam?

— A gente ainda não sabe — respondeu Molnar.

— Markovic ficou dentro d'água cerca de um mês. Eu conhecia o cara, criminoso pequeno, do tipo que gostava de falar muito sobre nada. Alguém o estrangulou com um fio de aço e o despejou no lago Mälaren, poucos dias depois da morte de Hansen.

Molnar juntou os lábios em uma linha.

— Lehtonen se mandou para a Tailândia um dia depois do seu acidente. Voltou para casa no mesmo dia que levou um tiro. As sacolas do duty-free ficaram largadas perto da porta, parece que alguém estava esperando por ele. Lehtonen vendia algumas substâncias para doping e dava para a gente algumas pequenas dicas sobre os seus concorrentes. Falta Sabatini, mas dele a gente já falou. Quatro homens mortos, quatro abordagens completamente diferentes.

Molnar deu de ombros.

— Com exceção de Hansen, eram todos peixes pequenos. Frequentavam, de vez em quando, os mesmos círculos, mas não existe nenhuma conexão direta entre eles a não ser pelo fato de que todos trabalhavam para você.

— Você quer dizer além do fato de estarem todos mortos? — acrescentou Sarac num tom sombrio.

Molnar correu a língua pela arcada superior.

— Aí vai a minha teoria, David. Os números pré-pagos para os quais você ligou pouco antes de bater o carro... Meu palpite é que pertenciam a Markovic, Lehtonen e Sabatini. Provavelmente você tentou avisá-los de algo ou alguém.

Molnar fez uma pausa, como se estivesse esperando Sarac continuar a conversa. No entanto, como Sarac não disse nada, ele voltou a falar:

— Lehtonen comprou passagens aéreas na mesma noite e um dos cartões de crédito de Sabatini foi usado na Itália dias depois, ele provavelmente viajou para

lá de carro ou talvez de trem. Mas Markovic não conseguiu fugir. Encontramos um pedido de passaporte preenchido no computador dele.

Sarac estava tentando organizar a sua memória, mas era quase impossível. Vislumbres de lembranças, fragmentos de conversas, rostos. Tudo dava voltas dentro de sua cabeça, um turbilhão girando descontroladamente.

— Foge, dá o fora daqui! Agora, imediatamente!

— Mas tenho meus cachorros, eu não posso simplesmente...

— Porra, Erik, eu não tenho passaporte.

— Vou visitar os meus parentes na Itália por um tempo até a poeira baixar.

Tudo fazia sentido. Ele tinha dito para eles fugirem para continuarem vivos. Mas por quê?

De quem eles tinham que fugir? Havia mais alguma coisa, um último segredo. Algo fundamental que ele ainda não conseguia entender. Algo a ver com Jano.

Algo que significava que todos eles, sem exceção, deveriam morrer...

— Você perguntou no outro dia se estávamos monitorando você. A resposta para essa pergunta é sim — declarou Molnar em tom baixo. — Mas não pelas mesmas razões que a turma de Wallin — acrescentou. — Eles estão usando você como isca. Estão esperando que Jano venha bater à sua porta para que possam botar as mãos nele.

Molnar meneou a cabeça.

— De certa forma, Wallin estava certo quando disse que você corria perigo, David. Mas, o que ele não sacou, o que ninguém parece ter sacado... — ele e Josef trocaram um olhar de novo pelo espelho — ... é que Jano tem planos completamente diferentes. Ele está de olho em você, tentando determinar se você vai manter o segredo. Se a resposta for não, ele vai desaparecer para sempre. E eliminar todos as provas.

Sarac ergueu os olhos. Entendeu o que Molnar diria a seguir.

— Inclusive você, David.

Quarenta e oito

MOLNAR SUBIU com ele até o apartamento. Perguntou até se Sarac queria de volta a chave reserva que ele tinha das novas fechaduras das portas. Sarac deveria, naturalmente, ter colocado todas as cartas na mesa. Seu esconderijo, a arma, as contas secretas e o quadro com todas as imagens. Provavelmente teria feito exatamente isso, se não fosse pela visita ao Club Babel. Molnar e sua equipe não eram os inimigos, como Dreyer quase o levou a acreditar, mas sim seus amigos. Amigos leais, ainda por cima, e que estavam dispostos a ajudar. Eles tiveram paciência quando ele pisou na bola e assumiram riscos por sua causa, oferecendo proteção contra Wallin, Dreyer e Jano.

Mas tudo isso mudaria se eles descobrissem de onde o dinheiro nas contas bancárias realmente vinha. Que ele, na verdade, fora comprado pelo crime organizado. Erik I. Johansson, um policial corrupto, um informante. Um rato.

Conclusão: tinha que continuar de bico fechado. Fingir que não se lembrava de nada, enquanto tentava encontrar uma maneira de sair do labirinto infernal em que se encontrava. Se é que havia uma saída. Sarac estava começando a duvidar cada vez mais disso. As peças do quebra-cabeça estavam todas se encaixando, o problema era apenas que ele não gostava muito da figura que estava se formando.

— Estamos instalados do outro lado da rua — explicou Molnar. — Pressione o alarme uma vez se quiser que sejamos discretos. Dois se for urgente, OK? — Ele entregou a Sarac uma pequena caixa cinza com um botão.

— Claro, sem problemas.

— E não hesite em chamar a gente se houver qualquer coisa, David. O que quer que seja, tudo bem?

Ele fez um gesto positivo com a cabeça e tentou esboçar um sorriso. Saiu melhor do que esperava.

— Obrigado por tudo, Peter. Eu realmente... — Sarac não teve palavras. Depois, não conseguiu dizê-las em voz alta.

— Como eu falei, você teria feito o mesmo por mim, David. Já estamos quase lá. Agora, tudo o que a gente precisa é pegar Jano, e aí acaba todo esse pesadelo.

E o que a gente faz quando o encontrar?, pensou Sarac. Ele percebeu que já sabia. Bergh tinha lhe dado a resposta junto do colete à prova de bala e a arma com o número de série apagado.

Odds and evens, tudo tem de estar em sintonia. Nenhum imprevisto não resolvido.

ATIF PERCEBEU os policiais quase que imediatamente. Tudo o que ele precisava fazer era descobrir o lugar perfeito para estacionar, caso quisesse monitorar a porta, e procurar um Volvo anônimo. Ele passou bem perto do carro, mascando chiclete de maneira bem óbvia e gingando enquanto balançava os bastões de caminhada toscos que havia comprado na Stadium. No carro, estavam sentados um homem e uma mulher, ambos vestidos com roupas escuras. A luz vermelha do rádio da polícia no meio do painel afastou qualquer sombra de dúvida que restasse. Os policiais no carro deram apenas uma olhada de relance para ele. Assumindo que era mais um dos fantasmas de leggings, madrugadores supersaudáveis que vivem amassando pão com massa de levedura que perambulam por todo o centro da cidade.

Atif calculou a distância entre o carro deles e a porta, tentando estimar o quanto a van obstruiria a visão se ele estacionasse diante da porta. Viu que poderia funcionar.

Depois de passar o Volvo e dobrar a esquina, cuspiu o chiclete e colou na

parte inferior de um dos bastões. Enfiou a mão no bolso e tirou um punhado de farpas que ele roubou de uma cerca de arame farpado e apertou firmemente no chiclete. Ao cruzar novamente o carro de polícia à paisana, estendeu suavemente o bastão de caminhada e colou o chiclete com farpas no pneu traseiro do carro. Ele dava no máximo dez metros para as farpas perfurarem o pneu.

Atif continuou descendo a rua em direção à van estacionada. Ele reparou que a porta do prédio se abriu então se esgueirou rapidamente até o vão de outra porta para conseguir ver o que estava acontecendo sem chamar atenção. Um homem alto e loiro saiu na rua, cheirava a policial.

O cara atravessou a rua e virou a esquina sem nem olhar para o Volvo. Ele olhou para trás rapidamente e entrou no edifício da esquina. Atif esperou que ele voltasse a sair, e ficou esperando por quase meia hora antes de admitir, a contragosto, que tinha um problema. Os policiais do Volvo não estavam sozinhos. Havia mais pessoas lá também, e foram espertos o suficiente para se esconder corretamente. Isso significaria uma mudança de planos.

O HOMEM no telhado estava completamente imóvel. Mais abaixo, do outro lado da rua, conseguia ver as janelas escuras do apartamento. Se desse alguns passos para a frente, saísse das sombras e olhasse por cima da beirada, veria os policiais lá embaixo. Por um momento, brincou com a ideia de fazer exatamente isso. Nenhum deles o veria mesmo, os dois estavam focados demais no apartamento. Estavam esperando que o homem dormindo no interior fosse por fim revelar seu segredo. O segredo deles.

Por um tempo, havia ficado preocupado, mais preocupado do que gostaria de admitir, para falar a verdade. Mas tinha feito o que era necessário, removera todos os fatores de risco. Todos, exceto o último.

O homem se virou e puxou um charuto fumado pela metade do bolso. Acendeu com as mãos formando uma concha ao redor do fogo e deu um longo trago. Iria parar, prometeu mais uma vez a si mesmo.

Mas não exatamente agora.

SARAC SONHA que ele está de volta ao carro. Hansen está no banco do carona, enquanto ele está sentado atrás do volante. Porém tem mais alguém lá. Um vulto no banco de trás com um capuz escuro, cujo rosto Sarac não conseguia ver. Um homem, disso tem certeza. Mais ou menos da mesma altura e idade que ele. Sarac sabe quem é, mas não se atreve a dizer seu nome. Hansen fala sem parar, dando uma de durão. Mas a preocupação na sua voz é óbvia, apesar de ele tentar mascará-la com palavras.

— Queria sugerir uma troca — diz.

Ele se vira para Sarac e sorri, ao mesmo tempo que tenta manter os olhos e a voz firmes. Mas Hansen estava sentado no banco do passageiro da frente por uma razão. Está com medo, precisa de um plano B. Uma rota de fuga rápida.

— A gente parte como amigo, sem ressentimentos.

Hansen continua sorrindo, mostrando uma fileira de dentes amarelados de tabaco. Sarac olha para as mãos gordas do cara e pensa nas menininhas das fotos, não mais que 10 anos.

— Então o que você me diz, Erik? A gente tem um acordo, ou não?

Sarac olha no espelho retrovisor, encara o homem de capuz. Olhos claros como os dele. Eles eram parecidos, ele e Jano, mais parecidos do que gostaria de admitir. Ambos se equilibravam em uma corda bamba. Escolheram isso para si mesmos, vivem para isso. Adoram isso.

Às vezes, a ligação entre o gerente e o informante podia ficar forte demais. Teria sido isso o que aconteceu entre ele e Jano? Será que ficaram muito próximos um do outro?

— Então, o que acha, Erik? — Hansen dá um sorriso inseguro.

Sarac continua olhando para o retrovisor. Percebe o outro homem sorrindo. Entende o que isso significa. Ele abre a porta e vai para a rua. Ajeita um cigarro na boca, coloca as mãos em volta dele para proteger a chama do isqueiro da nevasca. Dá um longo trago.

Um flash de luz pisca dentro do carro, seguido de um estrondo.

O barulho acordou Sarac e o fez levantar de uma vez na cama. O coração martelava no peito, a blusa estava encharcada de suor. A bexiga estava cheia, mas ele não se deu ao trabalho de acender a luz. Atravessou o apartamento e foi silenciosamente ao banheiro. Quando passou pela sala, olhou para a fachada da casa do lado oposto da rua. A janela não estava iluminada, mesmo assim ele sabia que o pessoal de Molnar estava lá. Sarac se perguntou se eles estariam igualmente dispostos a protegê-lo se soubessem que ele, no fundo, era um rato maldito.

E em algum lugar lá fora estava Jano, esperando talvez o momento certo para cortar o último laço. Será mesmo que Jano estava disposto a ir tão longe, depois de tudo pelo que passaram juntos? Será que, na verdade, acabou criando um monstro, alguém que seria sua própria morte? Será que agora se tratava de encontrá-lo antes de ser encontrado?

Sarac afastou a sensação, fez meia-volta e deu um passo em direção ao banheiro. De repente, teve a impressão de perceber um movimento no canto do olho. Ele se virou para trás, olhou para a fachada oposta e então para o telhado escuro.

Mas, naturalmente, não havia ninguém lá.

Quarenta e nove

NATALIE SUBIU as escadas um pouco rápido demais. Parou no último patamar por um minuto ou mais para recuperar o fôlego. Não queria parecer muito ansiosa. Tocou na tela do telefone. Tomara que ele esteja em casa dessa vez.

Quando ela se recompôs, foi até a porta e tocou a campainha. Ninguém respondeu. Tentou novamente, mas obteve o mesmo resultado. Abriu a portinhola do correio e gritou para dentro do apartamento.

— David, é a Natalie. Abre a porta!

Ela ouviu ruídos, passos rastejando. Viu que um par de pantufas e a parte mais baixa de um roupão felpudo se aproximavam. Soltou a portinhola rapidamente. A porta se entreabriu, com a trava pega-ladrão ainda trancada.

Ele estava péssimo. Olheiras, barba longa e rala, e aquela touca de limpador de chaminés que estava usando precisava ter sido lavada há muito tempo. O roupão era pelo menos um número maior do que o dele e não ajudava muito a melhorar a impressão geral.

— Você vai me deixar entrar ou não?

Sarac não respondeu, apenas fechou a porta. Depois de alguns segundos, ela ouviu o barulho da corrente.

— Entra. Depois tranca a porta. — Ele se arrastou para a sala antes dela e afundou no sofá.

Natalie deu uma olhada rápida na cozinha. Limpa e arrumada, não tinha um copo sujo sequer na pia. Abriu a porta da geladeira. Cheia de embalagens

fechadas.

— Quando foi a última vez que você comeu? Quero dizer, de verdade?

Ele murmurou algo que ela não conseguiu ouvir. O cara estava acabado, mal conseguia focar o olhar. Natalie respirou fundo.

— OK. Vamos fazer o seguinte: em primeiro lugar, você precisa tomar café da manhã, ou, melhor dizendo, almoçar. — Ela gesticulou para o relógio de parede que marcava onze e meia. — Depois, você tem que tomar um banho, aí eu corto o seu cabelo e faço a sua barba. Você tem tudo que precisa aqui em casa ou preciso dar uma passada ali no mercado?

Outro murmúrio, alguma coisa sobre o armário do banheiro.

— Bom. E, Sarac, tira esse roupão. Você está parecendo o sujeito de *O guia do mochileiro das galáxias*. No final do filme, eu quero dizer, não no começo — acrescentou.

ELE COMEU com um apetite de gente saudável. Três ovos, um pacote inteiro de bacon, duas fatias de torradas. Engoliu tudo com a ajuda de suco de laranja e uma xícara de café forte. Enquanto tomava banho, Natalie escolheu um jeans e uma camiseta de manga comprida do guarda-roupa. Também aproveitou para bisbilhotar um pouco, mas não encontrou nada de interessante. Com exceção do sofá novo, tudo parecia exatamente igual a quando esteve lá e fez a faxina. Ela já tinha se impressionado na época com como o apartamento era impessoal. Nenhum quadro ou qualquer coisa que lhe desse alguma pista de quem Sarac realmente era. Na verdade, a estante estava abarrotada, mas o que mais havia eram livros de não ficção em inglês. Natalie puxou um deles. *Influência: a psicologia da persuasão*, de Robert B. Cialdini. Virou o livro e leu no verso: *O livro clássico sobre persuasão que explica a psicologia de por que as pessoas dizem sim*.

Natalie colocou o livro de volta em seu lugar. Um papel caiu e ela se abaixou para pegá-lo. Uma fotografia em preto e branco que mostrava um homem careca com uma camisa branca e calça preta se equilibrando sobre uma corda bamba.

Ao fundo dava para ver uma das torres da Tower Bridge, em Londres, e, debaixo dele, muito abaixo, as águas escuras do Tâmisa. Mas o homem não parecia se importar com aquela vista deslumbrante; em vez disso ele olhava fixamente para a frente, para seu destino. Ela virou na fotografia, leu a caligrafia ornamentada e depois enfiou de volta na prateleira.

Quando Sarac saiu do banheiro, ele já estava com uma cara mais animada.

Natalie apontou para uma das cadeiras da cozinha.

— Senta!

Ela entrou no banheiro para pegar o creme e a lâmina de barbear do armário do espelho e depois uma toalha. Em uma gaveta da cozinha, ela encontrou uma tesoura. Enrolou a toalha em volta de Sarac.

— Queixo para cima.

Logo a barba estava aparada. Natalie molhou um pano de prato em água quente e o usou para umedecer o queixo e as bochechas dele.

— O curativo precisa ser trocado, está com um cheiro péssimo e o esparadrapo está soltando nas bordas.

Natalie cobriu o rosto dele com creme de barbear e começou a remover suavemente o resto da barba. Sarac moveu a cabeça um pouco e ela quase o cortou.

— Fica parado!

Ela segurou o queixo dele. Deixou a navalha deslizar suavemente pela bochecha e depois descer em direção ao pescoço. A lâmina raspava os fios escuros. Natalie notou que Sarac olhava para ela. Percebeu algo nos olhos dele que não tinha visto antes. Não gratidão, era outra coisa. Algo de que ela gostava.

— Pronto — disse ela abruptamente. — Limpa o resto do creme de barbear para a gente cuidar da sua cabeça.

* * *

A MUDANÇA foi absoluta. Com barba feita, cabelo cortado e roupas limpas e

inteiras, Sarac tinha uma aparência muito boa. A única coisa que indicava o ferimento na cabeça era um pequeno curativo que ela fez no couro cabeludo, muito caprichado, menor que a palma de uma mão. Claro que ele ainda estava pálido e magro, mas isso se resolveria com o tempo. Ele tinha ficado mais animado, mais falador. Até serviu aos dois uma xícara de café.

— Olha isso.

Natalie ergueu o celular para ele, tentando não demonstrar o quanto estava empolgada. Queria ter mostrado a imagem assim que chegou, mas mudou de ideia ao ver o estado em que Sarac se encontrava. Precisava dele atento para que pudesse lhe dar as respostas que queria. Que Rickard queria, corrigiu-se.

— Eu tirei lá na Högberg — disse, como ele não falou nada. — Vi o cara virando a esquina e pensei na descrição que a polícia passou quando o homem da rua Roslag foi assassinado.

Sarac olhou para a foto e sentiu um frio na barriga. Então percebeu que havia reconhecido o homem corpulento.

— Ele me ajudou, ou, melhor dizendo, ajudou Sabatini. Veio correndo do outro lado da rua e pegou meu cachecol emprestado para tentar estancar o sangramento. Sumiu pouco antes da polícia aparecer.

— E você não acha que ele tem algo a ver com o que aconteceu?

Sarac fez um gesto negativo com a cabeça, lentamente.

— OK, que pena.

Natalie fez um esforço para não deixar transparecer sua decepção. Ela esperava que fosse o homem que Rickard estava procurando. Já tinha brincado com a ideia de como Rickard reagiria quando ela lhe mostrasse a foto. Entregasse exatamente o que ele queria, em cores e tudo mais. Na verdade, agora não tinha mais nada de novo para lhe entregar. Absolutamente nada. Droga! Ela se concentrou na xícara de café, tentando encontrar algo novo a dizer.

— Como está se sentindo agora, David? — Droga, ela poderia mandar a si própria para o olho da rua. Pergunta clássica de jornalista esportivo, clichê número um. Tinha que conseguir algo melhor que isso.

— Não sei como descrever. Parte de mim quer saber tudo, cada detalhe. Outra... — Deu de ombros. — Só quer esquecer. — Olhou nos olhos dela, deu um sorriso cansado. — E no meio de tudo lá estou eu. Tentando me segurar na corda bamba.

— Como o homem no marcador de página. — Ela balançou a cabeça, concordando.

Sarac acenou com a cabeça também, depois franziu o cenho.

— A foto do equilibrista — esclareceu Natalie. — A que você recebeu do seu amigo Eugene.

ATIF VIU a mulher sair pela porta do edifício. Ele a reconhecera quando ela entrou cerca de duas horas atrás. A mesma mulher ruiva que o fotografou na rua Högberg.

Ele a seguiu com os olhos até ela entrar em um Golf vermelho velho que estava estacionado do outro lado da rua. Ela ligou o carro, deu meia-volta e foi embora. Sem saber muito bem por quê, Atif girou a chave na ignição da van e começou a segui-la.

— NÃO, NÃO, era só Natalie. Ela fez um novo curativo e deu uma ajeitada em mim. Foi embora já faz um tempo. Está tudo tranquilo, acho que vou me deitar, descansar e ver um pouco de TV. Eu ligo se acontecer alguma coisa.

Sarac encerrou a ligação, e não conseguiu deixar de olhar para as janelas do prédio em frente. Olhou para o relógio, depois para a fotografia. Ele virou a foto e leu o texto no verso. *Para David, do seu amigo Eugene von Katzow*. Abaixo do texto, havia um símbolo familiar. Dois jotas que formavam uma cabeça com duas faces viradas.

Faltavam vinte minutos, hora de ir. O controle remoto estava sobre a mesa e Sarac procurou um canal passando algo com muitos diálogos. Sentou-se no sofá, mas logo se levantou de novo e baixou duas das persianas. Tentou fazer parecer como se a luz de fora o estivesse perturbando.

Depois de um tempo, ele se levantou. Pegou a bolsa que recebeu de Bergh e enfiou o caderno nela. Vestiu o casaco e as botas e jogou a bolsa por cima do ombro, depois se esgueirou em silêncio porta afora. Uma vez no térreo do edifício, virou à direita, saiu no jardim fechado e continuou até o pequeno aglomerado de arbustos em um dos cantos. Ficou aliviado ao ver que Natalie tinha colocado a escada da despensa no lugar certo. Jogou a bolsa por cima do muro, subiu cuidadosamente a escada e estendeu as mãos para a placa que cobria o topo da parede. Os degraus da escada oscilaram, mas depois se estabilizaram.

Sarac respirou fundo e passou uma das pernas por cima. Foi mais fácil do que pensava. O corpo estava respondendo melhor a cada dia que passava. Mesmo assim ele ainda ficou deitado em cima do muro, enquanto retomava as forças para continuar. Por um breve instante, sentiu vergonha, tinha mais uma vez mentido para Molnar e enganado os caras que tinham a tarefa de protegê-lo. Mas ele era um rato, um policial corrupto e talvez até mesmo um assassino. De agora em diante, precisava se virar por conta própria. Tentar corrigir seus erros. Limpar essa bagunça de merda.

ATIF FOI com calma. Deixou alguns carros entrarem entre ele e o Golf. A mulher que estava dirigindo também não parecia ter pressa. Ela passeou por entre as ruas que davam na praça Sankt Eriksplan. Por fim, estacionou em uma vaga de carga e descarga. Atif passou por ela lentamente. Viu que a mulher se estendeu por cima do banco e destravou a porta do passageiro. Ele deu meia-volta e estacionou do outro lado da rua.

Sarac saiu por uma porta do lado oposto do quarteirão onde morava. Andou o mais rápido que pôde em direção à entrada do metrô. Já lá embaixo na plataforma, continuou em frente e subiu as escadas da extremidade oposta. Abriu as portas e saiu direto na praça Sankt Eriksplan.

* * *

ATIF VIU o homem com a bolsa vir atravessando a praça. Reconheceu imediatamente o cara da rua Högberg. David Sarac, o homem que estava procurando. Ele sorriu, ligou o motor e colocou a mão no bolso. Sentiu o plástico frio do cabo da arma.

— Rua Själagård, 2, Gamla stan.

Natalie acelerou e se enfiou no meio do trânsito, sem nem esperar por uma brecha. Sarac olhou pelo vidro traseiro, mas não viu ninguém os perseguindo.

— Ele tem uma espécie de empresa de consultoria, trabalha com treinamentos e palestras. Tem o próprio website e tudo, eu mesmo dei uma pesquisada. Parece ser peixe grande.

Ela jogou o smartphone para Sarac. A imagem de fundo no site era a foto que ele tinha no bolso. O equilibrista sobre o Tâmisa. A corda bamba.

Sarac deu uma lida rápida no texto. *Eugene von Katzow é um ex-investigador tenente da Divisão de Inteligência da Polícia de Estocolmo. Atualmente trabalha como palestrante e consultor de segurança internacional. Seus clientes incluem grandes organizações como osse, asis, Interpol e tpi.*

— Eu não tive tempo de ler tudo. Além disso, tem muitas abreviaturas. OSSE e ASSE ou qualquer que seja o nome. — Natalie mudou de faixa mais uma vez.

— Organizações de segurança, ambas — disse Sarac.

— Uma é interestatal, a outra privada. O TPI é o Tribunal Internacional de Haia. Cuidado!

Natalie cortou um táxi. O motorista pisou no freio e enfiou a mão na buzina. Sarac se virou novamente para trás. Além de alguns táxis, viu apenas uma van clara com algum tipo de decalque comercial desgastado na parte da frente. Tudo parecia tranquilo.

Cinquenta

O PRÉDIO da rua Själagård, 2, era uma construção muita bonita do século XVII, de cor coral, com quatro andares e grandes janelas de vidro e ficava quase no centro da Gamla stan. O edifício devia ser um dos prédios residenciais mais belos de Estocolmo e sem dúvida um dos mais caros.

O tráfego de automóveis era proibido nas ruas estreitas, e a neve que preencheu as fendas entre as pedras do pavimento deixava a rua escorregadia como sabão, mas nada daquilo pareceu incomodar Natalie. Ela conduziu o carro por entre os prédios antigos e parou em frente à porta.

Sarac continuou sentado no carro por mais ou menos um minuto, analisando o prédio. Agora se lembrava muito bem dele, especialmente do belo átrio de pedra saliente. Arenito claro com querubins embutidos e duas estátuas no topo. Deuses romanos, de novo. Não poderia ser apenas coincidência.

— Você pode estacionar ali na frente.

Ele apontou para um beco estreito, onde o pavimento de pedra se alargava e formava uma pequena praça. Depois abriu a porta do carro antes que ela tivesse tempo de se oferecer para ir junto.

Por um momento, Sarac considerou levar a bolsa com o caderno e as outras coisas, mas depois decidiu que era melhor deixá-la no porta-malas por enquanto.

A porta do edifício estava aberta por causa da neve que tinha se amontoado na abertura. Ele chutou a neve, entrou e fechou a porta.

E. von Katzow morava no quarto andar. Sarac subiu as escadas e parou em

frente à porta de carvalho. Respirou fundo algumas vezes e tentou fazer o pulso diminuir. Quando estava prestes a tocar a campainha, ouviu passos na escada.

— Você bem que podia ter esperado — disse Natalie, ofegante. — Ainda bem que apareceu uma senhora simpática que me deixou entrar.

Ela piscou para Sarac e, por um segundo, ele quase sorriu. Em vez do sorriso, fez uma cara de desagrado. Não queria que ela se envolvesse em mais problemas do que já a havia envolvido. Teria pedido a Natalie para voltar para o carro, se ela já não tivesse apertado a campainha.

O sinal desencadeou um zumbido bastante familiar na cabeça de Sarac, e ele fechou os olhos por alguns segundos. A porta foi aberta por um homenzinho muito magro.

— Siiim... — disse. Soou quase como se a palavra fosse desaparecer nariz adentro.

— Eugene von Katzow? — perguntou Natalie.

— Quem quer saber? — questionou o homem.

Natalie olhou para Sarac e o cutucou de leve com o cotovelo.

— Meu amigo aqui diz que o conhece.

— Acho que não — retrucou brevemente o homem. — É bem provável que vocês tenham me confundido com outra pessoa. — Ele começou a fechar a porta, mas, antes que conseguisse, Natalie enfiou o pé na fresta da porta.

— E aí, David — sussurrou ela para Sarac. — É esse o cara?

Sarac fez lentamente um gesto negativo com a cabeça. O zumbido estava ficando cada vez mais alto.

— Desculpe-me, senhorita, mas faria a gentileza de retirar o pé da fresta da porta? — A voz do homem estava tão seca quanto antes.

Natalie deu uma olhada demorada para Sarac e depois puxou o pé. No último instante, Sarac ergueu a mão e impediu a porta de ser fechada.

— Arthur, diga a Eugene que David Sarac está aqui.

A voz saiu diferente, uma fala moderada mas firme. Ele soltou a porta e a deixou fechar. Os dois ficaram em silêncio. Sarac notou que Natalie estava

olhando para ele, mas, pelo menos dessa vez, ela não disse nada.

A porta se abriu novamente.

— Por favor, entre, Sr. Sarac — disse o homem magro.

O homem que Sarac chamou de Arthur os guiou por um longo corredor. Paredes grossas, pé-direito duplo e piso de madeira que rangia sob pesados tapetes persas genuínos.

A sala em que entraram era mais moderna do que Natalie esperava. Um conjunto de sofás confortáveis, uma grande tela de projetor em uma parede branca. Várias fotos e retratos emoldurados nas outras paredes. O teto abobadado antigo, muito bonito, tinha uma iluminação tênue que o fazia parecer ainda mais alto do que era.

Um homem na casa dos 60 anos estava sentado em um sofá. Ele estava usando um robe de veludo vermelho e óculos de sol enormes que cobriam completamente seus olhos. Ao lado dele no sofá, com a cabeça deitada na manta que estava sobre os joelhos do homem, havia um grande cão cor de caramelo. Quando eles se aproximaram, o animal começou a abanar o rabo lentamente.

— Oi, Brutus — disse Sarac. O som de sua voz fez o cachorro abanar a cauda mais rápido, mas ele não levantou a cabeça.

— Peço que nos desculpem — disse o homem no sofá, que, obviamente, era Eugene von Katzow. — Tanto Brutus quanto eu temos um pouco de dificuldade de nos mover. A propósito, Arthur pode lhes oferecer alguma coisa. Café, chá?

— Eu adoraria um pouco de café — disse Natalie.

Von Katzow gesticulou para eles se sentarem.

— Você não me apresentou a sua amiga, David. — Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Natalie.

— Essa é Natalie, ela... tem me ajudado — disse Sarac, fazendo uma leve careta.

— Eu entendo. — Von Katzow fez um sinal positivo com a cabeça. — Às vezes é bom ter amigos prestativos, não é? Pessoalmente, eu não conseguiria fazer muita coisa sem eles.

Houve um momento de silêncio, e Natalie aproveitou a oportunidade para olhar em volta. Alguns dos quadros eram, na verdade, pôsteres antigos de circos. Ela reconheceu o nome Ringling Bros em um deles e Barnum & Bailey em outro. Todos retratavam equilibristas. A maior das performances parecia ser para um filme. Ela conseguiu ver o nome da atriz Britt Ekland em uma das margens. *Os incríveis Wallendas*. Onde tinha ouvido esse nome antes?

— Então, David, você finalmente conseguiu chegar até aqui.

A voz de von Katzow não era rude, apenas um pouco melancólica.

— Estou feliz que você esteja de pé novamente — continuou. — Mas, infelizmente, acho que veio em vão.

— Por quê? — indagou Sarac.

Natalie não conseguia dizer exatamente o que era, mas era nítido como a voz dele soava diferente. Mais dura, mais confiante.

— Você acha que eu vou ser capaz de preencher as lacunas na sua cabeça, que vou poder explicar o que está acontecendo. No fundo talvez você até queira acreditar que, de alguma forma, sou eu quem está por trás de tudo — prosseguiu von Katzow.

— Nesse caso, isso estaria errado, Eugene?

Von Katzow deu um sorriso irônico.

— O que você realmente acha, David?

Sarac deu de ombros.

— Eu não estou aqui para discutir o que eu acredito, mas para descobrir o que você sabe.

Natalie olhou para Sarac, então para von Katzow. Percebeu que os dois sorriam de um modo similar. Como se essa discussão trivial que estavam tendo fosse, na verdade, algo bem diferente.

— Tão típico de você, David. — Von Katzow balançou levemente a cabeça. — Direto ao ponto. Pega o que precisa, sem pensar nas consequências ou em como suas ações afetam as pessoas ao redor.

Natalie percebeu que o sorriso de Sarac se apagou um pouco. Von Katzow

parecia ter notado a mesma coisa, porque ele se inclinou ligeiramente para a frente.

— Não sou eu que você está procurando, David. Podemos ao menos concordar quanto a isso? Você esperava chegar aqui e encontrar o cérebro por trás de tudo isso, mas, na verdade, lá no fundo, você sabe que não é esse o caso.

Von Katzow ergueu as mãos.

— Tenho apenas vinte por cento da minha visão, basicamente, não posso sair sem um guia. Por isso, me divirto convidando pessoas a virem aqui, aquelas que eu acho que podem estar precisando de um empurrãozinho na direção certa. Você era uma delas, David, na verdade, uma das mais inteligentes. Entre outras coisas, você e eu temos o mesmo interesse nas divindades romanas.

Von Katzow parou de falar quando o mordomo entrou carregando uma bandeja com duas jarras de prata e três conjuntos de xícaras e pires. O homem colocou a bandeja na mesa e se retirou discretamente.

— Eu me encontrei com o seu velho amigo Dreyer — declarou Sarac enquanto servia café para Natalie.

Dessa vez, foi von Katzow quem pareceu ficar preocupado.

— Ele alegou que, na verdade, eu trabalhava para ele. Que ele me recrutou para espionar você e os outros do Departamento de Crimes Regionais. O que você acha disso? — Sarac levantou a taça e se encostou.

De repente, Natalie percebeu o que estava acontecendo. O que ela estava testemunhando ali era um jogo, uma espécie de partida verbal de xadrez. Imediatamente, pensou nos livros de psicologia da estante de Sarac. Falavam de influência, persuasão e levar as pessoas a fazerem o que você quiser.

Von Katzow ficou em silêncio por um momento e coçava, absorto, o queixo do grande cachorro.

— Acho que Janne Dreyer diz coisas que pensa que vão funcionar. Que, de uma forma ou de outra, se encaixam na imagem do quebra-cabeça que você está tentando montar.

Sarac deixou o copo de lado.

— Então você quer dizer que ele está errado?

— Eu não disse isso. — Von Katzow continuou fazendo cafuné no cão.

— Não, não disse. Você geralmente prefere evitar falar em linguagem simples — disse Sarac.

Eles se entreolharam. Nenhum dos dois disse nada. Ambos pareciam aguardar o movimento do outro.

Natalie já tinha ficado cansada. Precisava de respostas agora. Algo que ela pudesse levar para Rickard, que restaurasse sua confiança nela. Ela se inclinou para a frente e colocou a xícara de café no pires com força o suficiente para fazer barulho.

— Qual é a coisa toda com os equilibristas? — perguntou, voltada para von Katzow. — A foto na casa de David, o site, os cartazes ali?

Von Katzow se virou para ela. Os óculos escuros escondiam os olhos dele e tornavam seu sorriso difícil de interpretar.

— Eu sempre me interessei pelo circo. Quando era criança, eu sonhava em me tornar um equilibrista. Costumava praticar no jardim da nossa casa de campo, em uma corda esticada entre duas macieiras. Mas, em vez de decepcionar meus pais com uma carreira no picadeiro, eu o fiz me tornando policial.

Encolheu um pouco os ombros.

— O fato é que existem muitas semelhanças entre o nosso trabalho e o de um equilibrista. — Von Katzow acenou na direção de Sarac. — É preciso manter o equilíbrio, não importa o que aconteça. Não perder o foco, você entende o que quero dizer, Natalie?

— E o sujeito na foto, aquele andando por cima da Tower Bridge?

— Karl Wallenda? Na verdade, ele está andando ao lado da ponte, mas isso não diminui a sua conquista.

Von Katzow se endireitou um pouco, isso fez com que o cão começasse a abanar o rabo de novo.

— Karl Wallenda foi o equilibrista mais hábil do mundo. Ele criou a própria

trupe de acrobatas já na década de vinte e estabeleceu um monte de recordes que duraram até recentemente. A especialidade de Karl eram as altitudes extremas. Ele caminhava entre arranha-céus e atravessava pontes. Nunca usou nenhum equipamento de segurança. Inclusive, argumentava que a sua vida só existia quando ele estava em cima da corda e todo o resto era espera.

Von Katzow meneou a cabeça, sua expressão ficou triste de repente.

— Infelizmente, esse tipo de herói não existe mais, querida Natalie. O que vale hoje em dia é a imagem. O importante é ser famoso sem, na verdade, realizar coisa alguma. — Ele deu um tapinha de leve nas costas do cachorro. — Karl Wallenda morreu pela sua arte, caiu quando ia se equilibrar entre dois hotéis em Porto Rico, em 1978. Ele já estava aposentado na época e tinha mais de 70 anos. Mas por alguma razão decidiu caminhar mesmo assim. Antes de chegar à metade do caminho, o vento o pegou e ele mergulhou para a morte.

"Mais tarde, a viúva contou que ela o conhecia havia mais de cinquenta anos. Ela o acompanhou quando se preparava para centenas de performances mortais. Mas essa foi a única vez que ela o ouviu falar sobre o risco de cair. A possibilidade de falhar."

Ele fez um gesto em direção à parede.

— Costumo falar sobre Karl Wallenda quando faço alguma palestra. Eu o uso como um exemplo de como é perigoso deixar que o pensamento de fracasso entre na cabeça. — Von Katzow sorriu novamente. — Espero que isso responda a sua pergunta, Natalie.

— Respondeu, sim, mas eu tenho outra pergunta, se estiver tudo bem, Eugene.

Natalie esperou até que os dois homens olhassem para ela. Então adicionou o seu sorriso mais doce.

— Claro, querida. — Von Katzow levantou a xícara de café.

Natalie respirou fundo. Ela se perguntou se o que ia dizer era realmente uma boa ideia. Mas estava sendo discreta havia várias semanas, não conseguiu entregar nada que Rickard queria. Já estava na hora de correr alguns riscos.

Enfrentar a corda bamba.

— Você pode me dizer o que sabe sobre Jano. Quem é ele, por exemplo? — perguntou, e sorriu com satisfação quando von Katzow engasgou com o café.

ATIF TINHA perdido o Golf de vista por um instante lá na rua Slottsbacken. A curva que ele fez à esquerda, em direção à praça Stortorget, surpreendeu-o, e ele foi obrigado a manter distância. Quando chegou à praça, o Golf tinha desaparecido. A sorte era que não havia tantas ruas para escolher e ainda menos lugares para estacionar. Depois de rodar Gamla stan por volta de dez minutos, encontrou-o estacionado em local proibido a cem ou duzentos metros de distância da Stortorget.

Pior que o lugar era pequeno demais para ele espremer uma van sem bloquear a rua inteira. Então a estacionou na esquina, colou um de seus chicletes com farpas em um pneu da frente do Golf e se posicionou em uma porta de onde tinha uma boa visão do local. Tudo o que precisava fazer agora era esperar.

— O FATO é que não sei quem é Jano — disse von Katzow quando se recompôs. — E a razão é muito simples.

Pigarreou de leve.

— Você nunca me disse, David. — Von Katzow olhou para Sarac, que ainda estava com os olhos fixos em Natalie. — Nós nos encontramos várias vezes aqui em cima, mas na maior parte do tempo era eu quem lhe contava coisas. Sobre como tudo começou, como havíamos organizado o sistema de informantes, os nossos procedimentos, as regras. As diferentes lições que aprendemos ao longo dos anos. A impossibilidade de fazer uma guerra linear contra um inimigo assimétrico. A importância de pensar fora da caixa.

O velho suspirou.

— Mas o fato é que você ficou quase tão interessado no caos que eclodiu depois, quando Dreyer e seus investigadores internos iniciaram a caça às bruxas. A maneira como quase conseguimos nos destruir.

Natalie não sabia exatamente do que von Katzow estava falando, mas preferiu não dizer nada.

— Foi por isso que você saiu. Para preservar o departamento. Tudo que você construiu — comentou Sarac e, a contragosto, desviou os olhos de Natalie.

Von Katzow fez um gesto positivo de leve com a cabeça. De repente ele parecia meio cansado e se recostou no sofá.

— O que eu sei, David, é que enviamos você para um curso nos Estados Unidos. Digo nós porque, embora eu não estivesse mais na agência, ainda conseguia mexer alguns pauzinhos do outro lado do Atlântico. Pouco depois de voltar, você começou a falar sobre um projeto secreto que chamava de Jano. Você me pediu ajuda com o financiamento inicial. Eu o ajudei com isso e também lhe apresentei o símbolo de Jano que lembrei ter visto em algum livro que li. Mas você não me disse mais nada e eu, obviamente, não perguntei. Agora, depois de tudo que aconteceu, estou muito feliz por isso.

Brutus se sentou no sofá de repente e levantou o nariz e as orelhas.

— Ele faz isso às vezes. Arthur diz que Brutus ouve fantasmas. Almas perdidas. — Von Katzow afagou as costas do cachorro novamente. — Mas isso não é de se estranhar, afinal, estamos na rua Själagård, que tem esse nome graças a uma instituição de caridade que cuidava da alma dos pobres.

Von Katzow esperou o animal se acalmar novamente antes de continuar a falar.

— David, infelizmente você não é o único dos meus antigos adeptos em busca de Jano.

— Molnar — disse Sarac.

Von Katzow fez um sinal positivo com a cabeça.

— Peter é um deles, mas há outros. Tentei ser claro que eu sou neutro sobre o assunto. Peter me vê como um mentor. Por isso, pedi a ele que me mantivesse de fora tanto quanto possível. Em parte, porque eu realmente não sei de coisa alguma que possa ajudar e também porque eu não quero correr o risco de gerar mal-entendidos. Você entende, David...

Ele empurrou Brutus de lado e se inclinou sobre a mesa.

— As pessoas que querem Jano estão dispostas a fazer qualquer coisa para encontrá-lo. Todos os métodos são permitidos. — Ele virou a cabeça para Natalie. — Acredito que eu já tenha dito o suficiente. Venha, minha querida, vou lhe mostrar uma foto de David de quando ele era mais jovem e mais alegre.

Von Katzow se levantou e fez um gesto para que Natalie o acompanhasse até uma parede, onde havia uma série de fotos penduradas.

— Ele deve estar aí em algum lugar. Infelizmente, não enxergo bem o suficiente para conseguir apontar quem é ele.

Natalie olhou para as fotografias. Todas retratavam diferentes grupos de pessoas alinhadas que posaram para a câmera. Em algumas fotos, apareciam bandeiras estrangeiras, outras pareciam ter sido tiradas em algum lugar nesse apartamento. Na parte branca da foto estavam listados o título e o nome de quem estava na fotografia. A maioria parecia ser da polícia ou do Ministério Público.

A foto que von Katzow apontou parecia ter sido tirada no exterior porque havia uma bandeira da União Europeia e uma da ONU de cada lado dos participantes. Natalie passou o dedo ao longo da fileira de rostos, mas não encontrou Sarac. Parou, de repente, porque um deles pareceu familiar. Um homem loiro, em ótima forma com um sorriso largo. Olhou para baixo e leu o nome na legenda. Congelou ao perceber que era um nome diferente do que ele tinha dito.

— Esse aqui sou eu.

Sarac apontou para a foto ao lado. Sua voz saiu fria. Natalie se empertigou rapidamente, sorriu e tentou fingir que não tinha visto nada. Assim que encontrou o olhar de Sarac, percebeu que havia falhado.

Cinquenta e um

Os dois desceram a grande escadaria de pedra juntos. Sarac na frente e Natalie alguns degraus atrás. Em frente à porta, ele parou.

— Quem contou a você sobre Jano? — perguntou Sarac. Ficou evidente que ele estava reprimindo sua raiva por trás da voz. — Foi aquele homem da foto?

— Como assim, o que você quer dizer? — disse Natalie tentando ganhar algum tempo.

Eles haviam conversado sobre Jano na ilha, ela tinha quase certeza. Tinha mesmo? Encolheu os ombros. Tentou soar completamente relaxada ao mesmo tempo que o cérebro trabalhava em alta velocidade.

— Você já falou dele várias vezes, não se lembra?

O tom de voz soou melhor dessa vez, tinha até uma pitada do tipo de compaixão que ele odiava. Ao mesmo tempo, Natalie se xingava por dentro. Sarac tinha razão. Ela foi muito impaciente, enfiou os pés pelas mãos ao mencionar um nome que não deveria conhecer. Misturou mentira e verdade. O velho von Katzow, inclusive, reparou na expressão de Sarac quando ela mencionou Jano e imediatamente suspeitou que algo estava errado. Fez um teste com ela. Um teste em que ela não passou.

— Para quem você está trabalhando? — questionou Sarac com a voz abafada.

— Adelfi Care, eu já disse isso, David.

— E há quanto tempo você trabalha para eles, Natalie?

— Já faz um tempo, por quê? — Ela o empurrou para abrir a porta.

— Quanto tempo?! — Sarac fechou a porta bem na cara de Natalie. Os olhos eram negros, realmente assustava um pouco.

— Desde novembro. — Sua voz tremeu um pouco, mas o suficiente para ele perceber.

— Qual a data, Natalie?

Natalie mordeu o lábio.

— Vinte e oito — respondeu em voz baixa.

— Cinco dias depois do meu acidente. Quando ficou bem claro que eu iria sobreviver e precisaria de uma cuidadora.

O olhar de Sarac penetrou no crânio de Natalie e ela teve que desviar o olhar.

— Para quem você realmente trabalha, Natalie?

— Olha, David, você está começando a parecer paranoico. É o derrame, ele está fazendo com que...

— Para com isso! — vociferou — Eu vi que você reconheceu alguém nas fotos, então me diz quem era a pessoa.

— N-Ninguém, só pensei que um deles se parecia com um velho amigo.

Natalie ouviu como a resposta soava falsa. Porra, ela nunca teve problemas para mentir. A foto a pegou de surpresa. Tudo bem que a imagem era de alguns anos atrás e ele estava de uniforme, mas, mesmo assim, ela reconheceu Rickard imediatamente.

— Um velho amigo? — Sarac continuou olhando para ela. — Qual o nome dele?

Natalie hesitou.

— Rickard — acabou dizendo.

— Sobrenome. Qual o sob... — Sarac cambaleou e levou a mão à cabeça.

Natalie aproveitou a brecha. Ela empurrou Sarac para o lado e abriu a porta. Caminhou a passos largos na direção do carro. Idiota do caralho, querendo fazer um interrogatório no meio de um corredor. Quem ele pensava que era. Depois de tudo que fez por ele, ela praticamente salvou a sua vida de merda.

— Espera!

Sarac saiu cambaleando na rua. A cabeça latejava freneticamente, fazendo com que visse flashes de luz. Ele fez uma pausa, procurando algo em que pudesse fixar o olhar. Percebeu as costas de um homem a uma certa distância na rua.

Natalie entrou no Golf e trancou a porta. Enfiou a chave na ignição. O rosto dela queimava tanto de raiva quanto de vergonha. Seu disfarce já era, ela havia sido exposta e não planejava ficar mais um segundo de merda sequer nesse lugar maldito. Tanto David quanto Rickard poderiam ir para o inferno.

— Natalie, espera um minuto!

Sarac deu alguns passos em direção ao carro, mas parou ao ouvir um motor se aproximando. Uma van branca com letras azuis descascadas contornava uma esquina devagar. O veículo parou por um segundo, como se o motorista estivesse esperando algo. Sarac se apressou para entrar no Golf. A porta do carro estava trancada. Ele puxou a maçaneta, se abaixou e bateu na janela.

A van estava se aproximando. Sarac olhou para o banco do motorista e teve a impressão de ver a forma de um homem corpulento. O coração batia freneticamente. Ele devia ter seguido seus instintos e trazido o revólver que havia recebido de Bergh, em vez de deixá-lo no porta-malas.

O motor do Golf deu um rugido. Sarac bateu no vidro de novo, mais forte dessa vez, mas Natalie desviou o olhar.

— Natalie, abre, porra!

A van ligou o farol alto, ofuscando-o. Ele ouviu o barulho da embreagem do Golf. Natalie ia dar o fora e o deixaria aqui.

— Natalie! — gritou e puxou a maçaneta uma última vez. A porta abriu com tamanha violência que Sarac quase perdeu o equilíbrio.

— Entra! — gritou Natalie. Ele obedeceu imediatamente.

O Golf arrancou cantando pneu, dando solavancos e deslizando pelas pedras do pavimento. O carro não bateu em um degrau saliente por uns dois centímetros, então Natalie conseguiu endireitar o veículo e seguir em frente pela rua estreita.

A van estava logo atrás deles, os faróis iluminavam todo o interior do Golf, e Natalie foi obrigada a desviar o espelho retrovisor para não ser ofuscada. Os carros corriam pela rua estreita, o rugido dos motores ecoava por entre os prédios antigos. Sarac olhou para trás, depois para Natalie. Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Melhor se concentrar na direção. O resto precisaria esperar.

Um cruzamento se aproximava. Ela enfiou o pé no freio e puxou o volante para a esquerda. Mas o carro não virou rápido o suficiente. A parede do prédio se aproximava rapidamente. O Golf ia bater com tudo.

Natalie segurou o freio de mão e o puxou o mais forte que podia. As rodas traseiras travaram, fazendo o carro derrapar para a esquerda.

O lado direito do Golf bateu com tudo na parede da casa, e o carro saltou de volta para a rua. O próximo cruzamento estava a poucos metros dali.

— O carro não está obedecendo direito — gritou Natalie. — Acho que um pneu está furado.

Ela virou o carro à direita, girando o volante o máximo possível, e repetiu a manobra com o freio de mão. Conseguiu, por muito pouco, espremer o Golf em uma rua ainda mais estreita. O volante vibrava violentamente, era quase impossível fazer o carro manter uma linha reta.

Uma pancada forte fez o Golf dar um solavanco para a frente. O carro colidiu contra a parede da direita, depois a da esquerda. A van tinha batido neles e estava prestes a repetir a investida. O segundo choque fez o Golf saltar descontroladamente para a frente.

O zumbido estava de volta na cabeça de Sarac. O barulho dos motores, as luzes, os movimentos bruscos. Aquilo tudo era tão familiar.

Do nada, Natalie afundou o pé no freio, virou o volante para a esquerda e puxou o freio de mão pela terceira vez, fazendo o Golf parar atravessado na rua estreita. O interior do carro foi preenchido pelo som de metal sendo amassado, depois com o estrondo do airbag.

A van estava perto demais para frear a tempo. A colisão sacudiu o Golf e o

impeliu mais alguns metros para a frente, o que o fez ficar entalado entre dois prédios. Por um momento, tudo ficou em silêncio.

Sarac ofegava. O cinto de segurança estava apertado, e um pó branco muito fino pairava no ar, fazendo a sua garganta arder. Um som alto e agudo dentro da sua cabeça abafou todo o barulho ao redor, fazendo o mundo se mover em câmera lenta. Ele viu Natalie lutar com o tecido do airbag. Os lábios dela se moviam lentamente. Depois mais rápido. A velocidade dos acontecimentos se aceleram de súbito, lançando-o de volta ao tempo real.

— Corre! — gritou Natalie.

Ela apontou para a janela do carona, em direção ao fim da rua.

— Vai agora, ele não vai passar. Corre, cacete!

Sarac soltou o cinto de segurança e puxou a maçaneta. A porta estava travada. Ele se virou no banco, ergueu os dois pés e chutou. Ouviu o som da lataria protestando.

— Anda logo, ele está saindo da van!

Natalie continuava se debatendo com o airbag e lutando com o cinto de segurança. Sarac empurrou com toda a sua força, pressionando com seus calcanhares. A porta se escancarou.

Ele rolou para a rua, deu alguns passos cambaleando e então se virou. Viu que o homem tinha saído do carro. Um homem grande, com um capuz na cabeça. Jano!

Jano o tinha espreitado no apartamento, viu que ele deu um perdido nos policiais que estavam a postos para protegê-lo. E agora estava aqui, para cortar a última ligação. O horror quase paralisou Sarac, mas de alguma forma ele conseguiu fazer as pernas começarem a se mover. Já estava dez metros à frente. Quando o perseguidor conseguisse passar por cima do Golf, seria pelo menos o dobro da distância.

Sarac aumentou a velocidade e mirou a próxima esquina. Um dos pés vacilou na superfície escorregadia, e ele quase caiu, mas recuperou o equilíbrio no último instante.

Ouviu uma porta de carro bater logo atrás dele e depois o som do alarme de um carro saindo de ré.

Dez metros do cruzamento, cinco...

Os pés escorregaram novamente, as pedras da pavimentação estavam lisas como sabão. A perna direita estava prestes a desistir. Ele saiu no meio de uma ladeira íngreme, virou à esquerda e começou a descer. Dez metros à frente, a rua virava abruptamente à direita e descia para a praça Järntoget. Bem em frente, havia uma grade de metal que servia de parapeito e mais adiante uma descida íngreme dava na rua Österlång.

Sarac escorregou de novo, quase caindo dessa vez. Atrás dele, ouviu o som de um motor acelerado se aproximando.

Suas pernas se moviam por conta própria, a inclinação e a superfície escorregadia tornavam impossível parar. A van apareceu no topo da ladeira, logo atrás dele. A luz dos faróis refletia nas janelas do outro lado da Österlång. Sarac se inclinou para a direita, tentando fazer a curva o mais apertado possível. A perna direita cedeu. Ele escorregou e caiu.

Sarac caiu de costas, a poucos metros do parapeito de metal. Com a queda, ficou sem ar. A nuca bateu no meio-fio, fez o céu noturno lá em cima começar a girar lentamente.

Ele ouviu o ranger de freios, pneus que chiaram nas pedras da pavimentação congeladas, e tentou desesperadamente ficar de pé. Mas ainda estava tonto, não conseguia se firmar na superfície escorregadia e tudo o que conseguia fazer era se apoiar de costas na grade.

A van também vinha deslizando atrás dele, a traseira do veículo derrapando para os lados. Sarac tentou escapar, mas percebeu que não teria tempo. Apertou as costas no parapeito de ferro e fechou os olhos.

Os pneus do lado esquerdo da van bateram no meio-fio quase ao mesmo tempo. As rodas direitas se levantaram um pouco do chão e, por um instante, parecia que o veículo iria capotar em cima de Sarac.

Mas o carro balançou e voltou a cair sobre as quatro rodas, ficando

completamente parado. A porta do motorista se abriu, e o homem de capuz desceu.

O coração de Sarac disparou em pânico. Ele tentou se levantar novamente. Desta vez, teve mais sucesso. Olhou de relance para o parapeito às suas costas. Seis, talvez sete metros até a rua Österlång.

— Nem pense nisso!

Sarac se virou e se viu encarando o cano de uma pistola. O motorista da van ergueu uma das mãos e puxou o capuz que cobria o rosto de sombras. Por um breve instante, Sarac se sentiu quase aliviado, apesar da arma. Não era Jano, era o cara da rua Högberg. O homem de quem Natalie havia tirado uma foto. O homem que o ajudara a tentar salvar Sabatini. Mas o que ele estava fazendo aqui?

— Entra! — O cara puxou a porta lateral da van com a mão livre.

Sarac continuou parado, em pé. Virou a cabeça, procurando alguma alternativa. Dava para ouvir o som de sirenes a distância. Um pouco mais perto, o barulho de um motor de carro. O homem baixou a arma ligeiramente.

— A alternativa é eu atirar no seu joelho e botar você para dentro à força. A escolha é sua!

Relutante, Sarac deu alguns passos para a frente e colocou as mãos em cima do carro, mas parou na porta. Viu o colchão nojento e os *zip ties* que já estavam preparados lá dentro. Entendeu imediatamente o que estava acontecendo. Ele se virou e olhou para o homem.

— Olha — começou ele.

Nesse mesmo instante, o som áspero de um motor de carro rugiu acima deles na beira do barranco.

NATALIE XINGAVA por entre os dentes. Pobre Golf. As luzes do painel piscavam feito uma árvore de Natal, e o interior do carro fedia a produtos químicos vindos do airbag. Mesmo assim o carrinho destemido ainda estava rodando.

Havia luzes acesas em metade das janelas ao longo da rua, e Natalie via as

silhuetas das pessoas olhando para fora. Não deu a mínima. Por alguns segundos considerou abandonar Sarac lá na rua. Mas não poderia fazer isso. Tinha sido humilhada e descoberta como uma mentirosa. Mas não era só isso. Rickard havia mentido para ela, fez com que ela se sentisse duplamente idiota. Estava puta consigo mesma, não com Sarac. Além disso, não importa como visse a situação, ela ainda tinha um contrato com a Adelfi. Sarac ainda era seu paciente e sua responsabilidade.

O volante girava por conta própria, os para-lamas dianteiros faziam um ruído como se arrastassem algo, mas o barulho parou quando algo se soltou e foi para baixo dos pneus. A van tinha saído rapidamente de ré e virou para o caminho por onde veio para pegar uma rua paralela atrás de Sarac. Ela realmente não deveria dar a mínima para essa merda toda. Devia ter abandonado o carro, ligado para Rickard e explicado que havia sido exposta. Mas Sarac ainda estava lá. Sozinho e sem nenhuma chance de se defender.

Natalie chegou ao cruzamento e pegou a ladeira. Viu a van branca estacionada lá embaixo, ao lado do parapeito. Reduziu a marcha e acelerou o motor. Sorriu.

Hora da vingança!

SARAC OLHOU de relance por cima da van. Viu o Golf descendo a ladeira com tudo. As mãos de Natalie apertavam ao volante, e ela mantinha os olhos fixados na van. Sarac olhou para o homem com a arma, que estava com os olhos arregalados. Então se jogou pela porta aberta.

NATALIE BATEU bem no meio da lateral da van. A colisão fez com que o carro levantasse de um lado e, em seguida, capotasse lentamente para o outro. Mas ela não teve tempo para ver exatamente o que aconteceu. Pela segunda vez no espaço de cinco minutos, bateu a cabeça no volante, mas agora não havia nenhum airbag para amortecer o choque.

ATIF VIU o carro vindo, mas só teve tempo de dar um passo em direção ao parapeito, antes da colisão. A van foi levantada e, em seguida, começou a virar para cima dele. O teto do carro estava a poucos centímetros da sua cabeça quando saltou sobre o parapeito e caiu de cabeça na calçada de pedra lá embaixo.

SARAC SE arrastou lentamente para fora da van capotada. O cóccix e a nuca ainda doíam por causa da queda, mas no geral ele estava até bem. O Golf estava a poucos metros de distância. O motor estalava e chiava, e havia uma coluna de vapor do radiador subindo pelo capô. Ele contornou os destroços o mais rápido que pôde e arrancou a porta do motorista.

Natalie estava sentada e inclinada para a frente, com a cabeça apoiada no volante. Quando Sarac a inclinou com cuidado para trás, viu o sangue no rosto dela. Droga!

— Natalie?

Mexeu no ombro dela.

— Natalie, você está me ouvindo? — Ele olhou para baixo, procurou mais ferimentos. A barra da direção estava pressionada contra uma das pernas, era impossível retirá-la. As sirenes soavam a distância.

— Eu o peguei? — perguntou ela.

Os olhos de Natalie ainda estavam fechados, mas ele viu o canto de sua boca tremendo.

— O desgraçado destruiu o meu carro. Só me diz que eu o peguei para que eu possa morrer em paz.

— Escuta, Natalie, você vai ficar bem, sei disso — murmurou Sarac.

— Claro que vou, seu idiota. — Ela abriu os olhos, limpou o sangue da testa e fez uma careta de dor. — Eu rachei a testa, provavelmente consegui uma concussão. Adiciona aí algumas costelas quebradas.

Natalie tossiu.

— Ele virou purê?

Sarac fez um gesto negativo com a cabeça.

— Acho que ele pulou sobre o parapeito.

— Uma pena. — Natalie pigarreou. — Eu vi a cara dele antes da batida. Era o cara da foto, lá da rua Högberg, não era?

Sarac fez um sinal positivo com a cabeça. As sirenes se aproximavam, ecoavam entre as paredes.

— Dá o fora — disse ela. — Eu vou ficar bem.

Sarac olhou ao redor.

— Tem certeza?

— Puta que pariu, vai logo, David. — Natalie voltou a tossir e cuspiu na direção do pé dele.

Sarac fez um sinal positivo com a cabeça e ficou parado por alguns segundos.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado pela sua ajuda, Natalie.

A colisão tinha feito o porta-malas abrir. Sarac pegou a bolsa e começou a caminhar ladeira acima. Parou depois de alguns metros porque ouviu Natalie chamá-lo.

— Oscar! — gritou. — Oscar Wallin é o nome verdadeiro dele. O tal de Rickard.

Cinquenta e dois

SARAC CAMINHAVA para lá e para cá diante do quadro branco. Ele estava pilhado, o efeito da adrenalina ainda não tinha passado. O motorista da van não era Jano, mas sim o homem que o havia ajudado a tentar salvar Sabatini lá na rua Högberg. O homem deve tê-lo ouvido falar de Jano. Poucos dias depois, ele aparece com uma van e tenta sequestrá-lo. Conclusão? O homem da van também estava procurando Jano.

A única questão era como o homem da van conseguiu encontrá-lo. Seu endereço era protegido, o número de telefone, secreto. Mas certamente havia policiais dispostos a vender qualquer tipo de informação, se o valor fosse bom. Como ele mesmo. Quem quer que seja, era apenas mais alguém na lista cada vez maior de pessoas que perseguiam Jano.

O advogado Crispin tentou comprar Jano para seus clientes. Molnar queria apagar os rastros. E agora era Oscar Wallin, outro dos adeptos de von Katzow, quem queria assumir Jano e pressioná-lo para que desse continuidade à sua tarefa. Wallin estivera um passo à frente, tinha realmente colocado um infiltrado no seu círculo interno. Natalie deve ter relatado tudo o que aconteceu para ele. O caderno, o progresso com os códigos, os nomes. Provavelmente foi para ele que ela ligou da balsa, quando estavam indo encontrar Sabatini na rua Högberg. Natalie era durona, não era de se persuadir facilmente, o que significava que Wallin era um jogador muito mais hábil do que Molnar pensava.

Sarac pensou em Natalie e se perguntou como ela estava. Lutou contra um

impulso de ligar para o hospital Södersjukhuset para saber como ela estava. Natalie era um capítulo encerrado. Ele tinha confiado nela, ela o havia traído. Mas também tinha salvado sua vida. Isso tornava ainda mais difícil ficar com raiva dela. Merda!

Além disso, havia Dreyer e seus investigadores internos à espreita. É verdade que Dreyer disse que ele não se importava com Jano, mas um infiltrado que cometeu um homicídio para ajudar um policial era exatamente o tipo de arma de que ele precisava para afundar toda a Divisão de Inteligência de uma vez por todas. Talvez até mesmo o Departamento de Crimes Regionais inteiro.

O último nome na lista de pessoas que perseguiram Jano era o seu próprio. Por que insistia tanto no caso? Deixou de ser uma questão de vingança há muito tempo, ou de conseguir recuperar seu lugar na equipe. Ele traíra os caras, nunca mais poderia olhar nos olhos deles depois de ter se vendido para Crispin. Era outra coisa.

Será que queria responsabilizar Jano por aquilo que ele havia feito? Provavelmente não, Jano estava tão envolvido quanto ele próprio. Será que se tratava de obter as últimas peças do quebra-cabeça para chegar à pessoa que era antes? Essa definitivamente era parte da motivação que tinha, mas estava longe de ser tudo. Então o que era, o que restava? Por que continuava perseguindo uma verdade que só ficava cada vez mais desagradável? Ainda não sabia exatamente.

Jano fora seu agente infiltrado, sua responsabilidade. Talvez ainda estivesse, inconscientemente, tentando salvá-lo? Compensar a traição, o dinheiro que recebeu de Crispin para entregá-lo?

Às vezes, o gerente e a fonte ficam próximos um do outro, próximos demais.

Tudo estava mais claro agora. As coisas transcorreram mais ou menos como Molnar tinha dito. Jano havia matado Brian Hansen no carro. Ele praticamente conseguia descrever como tudo havia acontecido. Como os olhos dos dois se encontraram no espelho retrovisor, um acordo implícito sobre o que precisava acontecer. Não era nenhuma surpresa como Molnar acreditava, mas sim um assassinato premeditado. Jano matara Hansen. Tinha feito isso para o bem dele,

para salvar Sarac da ruína tanto quanto para se salvar.

O assassinato se tornou o segredo compartilhado dos dois, que os unia para sempre. A arma apontada para a cabeça que tornava impossível para qualquer um deles trair o outro. Foi por isso que teve um colapso? Percebeu que havia se colocado em uma situação da qual era impossível sair?

Sarac havia prometido para Dreyer o nome de um delator que, na verdade, era ele próprio, e, atuando como Erik I. Johansson, já embolsara o dinheiro de Crispin para revelar a identidade de Jano. Além disso, Bergh e seus chefes exigiam novos resultados, daqueles que os permitiam continuar a fazer vista grossa à sua operação desregrada. E Wallin estava à espreita, caçando os segredos de Jano.

Mas, depois de Jano matar Hansen, ele estava preso. Havia se enfiado em uma armadilha de onde era impossível escapar. Era essa a verdadeira razão por que entrou no túnel entupido de drogas, correndo como se o próprio diabo o estivesse perseguindo? Porque não tinha outra saída?

Mesmo que tentasse evitar essa linha de pensamento, a lógica era inegável. O derrame cerebral que quase o matou talvez tenha salvado a sua vida. Salvou-o de si mesmo. Apesar de que, na verdade, isso só tivesse lhe dado um alívio temporário. Ele estava de volta à armadilha sem a menor possibilidade de se soltar.

Sarac escorou a cabeça nas mãos. Tinha ficado cego com a emoção da aventura, entrou tão fundo na pele de Erik I. Johansson que, no fim, se perdeu. Cometeu a maior traição que se podia fazer a uma fonte. Delatá-la por dinheiro.

O que teria dito a Lehtonen, Markovic e Sabatini naquela noite que os levou a fugir para salvarem suas vidas? Será que, como ele e Molnar suspeitavam, Jano estava metodicamente eliminando todos os nomes da lista? Assassinava qualquer um que oferecesse o menor risco de denunciá-lo, exceto uma pessoa? Erik I. Johansson. O próprio Sarac.

Jano deve ter tido muitas ocasiões para matar Sarac, se quisesse. Então, por que ele esperou? A única maneira de descobrir com certeza era se encontrarem,

cara a cara. Encontrar Jano, antes que ele o encontrasse. Mas ainda faltava a última peça do quebra-cabeça. A que todo mundo estava procurando. A verdadeira identidade do homem.

Pelo menos de uma coisa tinha certeza. O que ele estava procurando se encontrava nesse local. Em algum lugar deste quarto estava a pista que o ajudaria a encontrar o caminho certo, abriria uma trilha antes obstruída em sua cabeça e lhe daria o que precisava.

Sarac esvaziou as gavetas da mesa e enfileirou todo o conteúdo que estava lá dentro. A arma, os dois cartuchos, as algemas. Depois o laptop formatado, a lista telefônica, diversas canetas, algumas moedas de uma coroa e o maço de cigarro onde a caixa de fósforos do Club Babel estivera escondida. Por fim, colocou o caderno que, apesar de não ter sido encontrado aqui, definitivamente pertencia ao local.

Abriu o caderno novamente. A primeira página com os cinco números de identidade codificados, antes e depois das páginas rasgadas. Em seguida, página após página com datas e mensagens codificadas, provavelmente encontros com várias fontes e contatos que estavam listados nas duas folhas rasgadas. A pergunta era se algum deles era o advogado, Crispin. Sem as folhas que faltavam, ele provavelmente nunca iria saber.

Sarac olhou para os códigos de novo. O sistema parecia muito simples. Uma combinação de números que, de alguma forma, convertia-se em um endereço. Endereços. Virou as páginas da lista telefônica aleatoriamente. Ele já havia se perguntado sobre a utilidade desse tipo de publicação quando se tinha acesso à internet. Mas agora achava que havia descoberto o porquê. Escolheu a mesma frase que leu algumas vezes antes.

Reunião com Júpiter às 14h em 781216.

A fonte Júpiter ele não sabia quem era, seu número de identidade provavelmente estava codificado em uma das páginas que faltavam. Mas ele testou pesquisar na página setenta e oito da lista telefônica. Escolheu a primeira coluna, desceu para a linha número doze. Encontrou o endereço de uma loja de

bicicletas na rua Skeppar, 4. Nem o endereço, nem a loja soaram minimamente familiares. Mas ele ainda tinha dois números sobrando no código. Tentou substituir o número quatro por dezesseis. Então xingou muito alto quando percebeu que não tinha nenhuma chance de verificar o que havia naquele endereço, pelo menos não sem ligar o telefone. Sarac pensou por um momento, então arriscou e ligou para o auxílio à lista.

O endereço era de um restaurante.

Fez o procedimento com dois outros códigos, encontrou um pequeno hotel, depois outro restaurante. Comparou as datas com o extrato do cartão de crédito. Era verdade, ele havia pago jantares nos dois lugares com o cartão.

A lista telefônica era, na realidade, a chave do código para os locais de reunião. Deveria ter ficado animado com essa descoberta, mas a alegria era obscurecida pelo fato de que a descoberta não o levava a lugar algum. O nome de Jano não estava em nenhuma das páginas, isso Sarac já havia constatado e, portanto, chegara novamente a um impasse. Mas agora estava perto, mais perto do que nunca.

Segurando o maço de cigarro, ele se afundou na poltrona em frente ao quadro branco. Quase sem olhar, pegou um cigarro do maço amassado e o acendeu com um palito de fósforo da caixinha vermelha. Percebeu assim que sentiu o cheiro que o cigarro não continha só tabaco. Olhou bem e só agora se deu conta de que foi enrolado à mão, ao contrário dos Marlboros retos e lisos que sobraram dentro do maço.

Fumar maconha apenas um mês depois de ter um derrame não era uma jogada de gênio. Especialmente se, além disso, também fosse policial. Mas, por outro lado, não tinha nada melhor para fazer. Tragou por um longo tempo, segurou a fumaça por alguns segundos e então a soltou. Depois reclinou a cabeça para trás e sentiu um prazer bastante familiar se espalhando lentamente pelo corpo.

Ele pensou em Natalie novamente. Apesar de tê-la desmascarado, ela salvou sua vida. Correu um extremo perigo e até mesmo se machucou no lance todo. Natalie não devia ter muitas esperanças de que ele revelaria mais segredos para

ela. Ainda assim, não hesitou em salvar sua vida. Sarac se perguntou por quê. Mas ela certamente tinha um bom motivo, muito melhor que o seu próprio.

Tragou outra vez. Os rostos no quadro branco olhavam fixamente para ele, depois começaram a circular lentamente. Flutuavam na teia de aranha, das bordas para o centro. Em direção ao símbolo que lembrava tanto as duas faces viradas para os lados quanto uma aranha gigante. A resposta estava ali, pensou. Nesse quadro.

— Quem de vocês está aí dentro com ela? Anda, vai, fala logo — disse Sarac em voz alta.

Ele sorriu um pouco para si mesmo. Percebeu que já estava começando a ficar chapado.

— É você, Abu Hamsa, é? Ou seu amigo bombado, Eldar?

Sarac sorriu novamente.

— Mike Lund, o que você sabe sobre os deuses antigos? Conhece Urano?

Ele inclinou a cabeça para trás e gargalhou olhando para o teto. Riu tanto que as lágrimas começaram a cair. *Fucked up beyond all recognition*.

Ele retomou a seriedade, tragou de novo e depois se forçou a voltar para o quadro branco. Faltavam quatro pessoas. O outro motoqueiro — Karim que não tinha sobrenome. Depois a máfia russa de agasalho, Zimin e Ivazov, e por fim Sasha, o careca com nariz adunco e olhos sinistros.

Sarac se inclinou para trás. Tentou se concentrar em Jano. Relembrar a imagem do rosto que apareceu no retrovisor segundos antes do tiro.

Quem é você?, pensou ele.

Onde você está?

A sensação veio do nada. Havia algo em toda a sua forma de raciocínio que não fazia sentido. Que estava... errado.

As fotos continuaram a girar pela teia, deslizando junto com a sala em um único movimento circular.

Estava de volta à Gamla stan. Correu por uma viela de paralelepípedos com paredes altas e sem janelas. O único som que ouvia era da sua própria respiração

pesada. Então vieram as vozes. Grossas, finas, fortes e fracas — alternadamente. Interrompiam e abafavam umas às outras, então se uniram em um único turbilhão de palavras.

— Que tipo de policial?

— Mantenha o segredo!

— A gente tem um acordo.

— Eu comecei a acreditar que você tinha se esquecido de mim, Erik.

— No fim, é sempre uma questão de dinheiro.

— Nenhuma aresta.

— Destruir a nós mesmos.

— Alguém está vendendo informação.

— É tudo culpa dele.

— Os ganchos são voltados para dentro.

— Tudo começa e termina com...

As vozes se silenciam no instante em que o beco se estreita até não existir mais, tornando-se uma trilha feita por pegadas na neve. Céu noturno e árvores escuras o cercam. O pulso martelando nos ouvidos. Na frente dele, no chão branco, um grande quadrado preto. Um túmulo. Ele olha para baixo. Vê o homem deitado ali, com o rosto ainda escondido pelo capuz. Salta...

Sabe que a aterrissagem vai doer. Que a dor dos sonhos não tem igual. Mesmo assim toma conta dele, fazendo sua visão estremecer. A luz azul nas paredes do túnel, lâmpadas fluorescentes que piscam, uma teia de aranha de fios vermelhos e azuis correndo de fora para dentro.

Na direção da aranha venenosa que espera no centro.

Jano.

Ou era o contrário? Poderia ser...

O contrário?!

Os ganchos virados para dentro.

A conclusão o atinge como um soco no peito. Verdade e mentira se misturaram, nada é o que parece, tudo está... errado!

Ele se ajeita para ficar sentado e se debruça sobre Jano. Prende a respiração, não sabe se só no sonho. Estende a mão devagar para o capuz e o puxa. Por fim, vê o rosto de Jano da mesma forma que viu no espelho retrovisor. Depara-se com os olhos claros, o olhar familiar e perturbado. Reconhece, muito bem. O homem com duas faces.

Jano sorri para ele. O céu noturno se reflete negro e pesarosamente em seus olhos.

— A vida só existe na corda bamba — sussurra Jano suavemente.

“Todo o resto, David.

“Todo...

“o resto...

“... é só espera!”

Cinquenta e três

— É SOBRE David Sarac, ministro. — Wallin olhou para trás, como se quisesse ter certeza de que a porta de Stenberg estava fechada. — Parece que alguma coisa está prestes a acontecer.

— É mesmo? — Stenberg tentou soar casualmente interessado.

— Há cerca de vinte minutos, Peter Molnar recebeu uma mensagem de um telefone pré-pago. Temos certeza de que era de Sarac. — Wallin estendeu um papel.

Na ilha, 20h. Ele estará lá.

— Ilha? — perguntou Stenberg.

— Skarpö, no arquipélago de Vaxholm — explicou Wallin. — Sarac tem uma casa lá, que está no nome da irmã. É onde ele se escondeu nas últimas semanas.

— E você acha que ele vai se encontrar com o tal infiltrado, Jano? — quis saber Stenberg.

— Naturalmente não sabemos se isso é certo, mas definitivamente pode ser o caso. — Wallin fez um sinal positivo com a cabeça.

Stenberg ficou em silêncio por um instante, tentando dar a entender que estava pensando. Essa era a oportunidade que ele estava esperando. Devolver o favor que o deixaria livre, de uma vez por todas. Mas precisava fazer Wallin recuar um pouco. Além disso, precisa fazer a coisa soar como se fosse ideia dele.

— O que você sugere que façamos, Oscar?

— Bem, obviamente a gente poderia monitorar a casa. O problema é que o

pessoal de Molnar é esperto. Eles certamente vão fazer a lição de casa. Precisaríamos de equipamentos de inverno, visão noturna e um monte de outras coisas. Dez, quinze pessoas no total, policiais experientes. Uma operação dessa proporção, tão em cima da hora e ainda feita com máxima discrição. — Wallin fez um leve gesto negativo com a cabeça. — Infelizmente, ministro, é difícil.

— Eu entendo — disse Stenberg, seco.

Ele notou que Wallin parecia preocupado. Pessoas com ambições como as dele não gostam de decepcionar o chefe. Mas justo hoje a falta de competência de Wallin veio a calhar. Stenberg foi obrigado a suprimir um leve sorriso.

— Existe alguma outra solução? — perguntou Stenberg com o mesmo tom descompromissado de antes.

Wallin assentiu.

— Duas balsas dão acesso à ilha. Uma sai de Vaxholm e a outra de Värmdö. Posso colocar o meu pessoal nos dois terminais no lado do continente e fotografar todo mundo que chegar e sair.

Stenberg assentiu, então mudou para um tom convenientemente decepcionado.

— Bom, se essa é a única sugestão que você tem, Oscar, teremos que nos contentar com isso. Agora, se me dá licença.

Stenberg se levantou para indicar que ele tinha coisas mais importantes a fazer.

Assim que Wallin saiu da sala, ele pegou o seu telefone pré-pago e foi até a pequena pia. Ligou a torneira, digitou o número e segurou o telefone entre o queixo e o ombro enquanto lavava as mãos. Ao mesmo tempo, decidiu que jogaria o celular no lago Ösbysjön quando fosse passear com Tubbe à noite.

SARAC SE vestiu, fez trinta flexões de uma vez e o mesmo número de abdominais. Depois colocou o colete à prova de bala que recebeu de Bergh e prendeu o pequeno revólver de cano curto ao tornozelo com fita isolante preta. Pendurou o coldre com a arma de serviço no cinto. Ajustou de modo que a arma

ficasse exatamente acima do quadril direito. Fechou os olhos, praticou puxar a arma algumas vezes contra o espelho. Saiu-se melhor do que esperava.

Quando estava pronto, arrancou todas as fotos e Post-its do quadro branco e jogou na pia da cozinha. Colocou o caderno no topo e usou o último palito de fósforo da caixa do Club Babel para atear fogo em tudo. O fogo se alastrou rapidamente. O calor fez o papel fotográfico brilhante se enrolar, revertendo as cores por alguns segundos. Ficando preto e branco.

Assim que as chamas se apagaram, ele vestiu a jaqueta de couro e olhou para o quarto uma última vez. Demorou um pouco olhando para o rosto de Jano que ainda estava desenhado no quadro branco. Em seguida, foi até lá e o apagou.

— VAXHOLM — disse Hunter no telefone de Atif. — Quero você no local às seis horas. Me manda uma mensagem quando estiver na balsa.

— Claro — murmurou Atif. — Sem problema. — Ele encerrou a chamada sem se despedir.

Atif se reclinou na cama. O corpo estava péssimo. O pé direito estava inchado como uma bola de futebol e ele teria que atá-lo bem apertado para conseguir enfiá-lo na bota. O joelho estava azul e as costelas, a mão e o braço esquerdos não ficaram muito melhor depois de um salto de seis, sete metros. Mas poderia ter sido pior. Se não tivesse caído sobre um monte de neve, certamente teria quebrado as duas pernas. E teria ido parar em um dos beliches de madeira da penitenciária em vez de na pequena cama barulhenta no seu quarto de hotel.

Ele se levantou, foi cambaleando até o banheiro e engoliu vários comprimidos. Olhou no espelho do banheiro e notou que a sua expressão correspondia mais ou menos a como ele se sentia. Eram dez e meia da manhã, tempo suficiente para comer alguma coisa e conseguir outro veículo.

Pegou o celular e procurou o número correto.

— Alô?

— Abu Hamsa, é Atif. — Ele se sentou na cama novamente, com dificuldade. — Parece que vai acontecer alguma coisa. Hoje à noite, nas proximidades de

Vaxholm.

— É mesmo? Que bom. Você vai me manter informado, eu espero.

— É claro — disse Atif. — Eu sempre cumpro minhas promessas.

— Excelente. E se vista adequadamente, meu amigo. Aparentemente, haverá uma nevasca no arquipélago.

Atif continuou sentado na cama refletindo. Havia algo com a ligação que não fazia muito sentido. O tom de voz, a história sobre o tempo. Como se Abu Hamsa soubesse mais que ele.

A VIAGEM de barco entre a cidade e Vaxholm levou apenas uma hora. O gelo tinha começado a recuar das praias, mas o impulso dos grandes barcos finlandeses o mantinha longe da sua trajetória. A balsa ainda estava chegando, então Sarac teve tempo para ir a uma tabacaria e comprar um novo maço. Ele puxou o capuz do casaco, saiu no convés dos veículos e fumou dois cigarros durante a curta viagem até a ilha.

Uma vez lá fora, teve sorte. Uma senhora que era quase sua vizinha estava na balsa, e ele ganhou uma carona até a casa.

— Parece que vai cair uma verdadeira nevasca essa noite. — A mulher acenou com a cabeça em direção ao horizonte escuro. — O boletim meteorológico marinho advertiu para possibilidade de relâmpagos.

— Relâmpagos, no inverno? — perguntou Sarac.

— Às vezes acontece no arquipélago — explicou a mulher. — A cada dez anos mais ou menos. Tem a ver com a diferença de temperatura entre o mar e o ar. Meu avô costumava chamar de Trovão de Jano. Dizia que era mau agouro.

* * *

O CELULAR de Natalie tocou exatamente quando ela conseguiu abrir a porta da frente. Deixou cair uma das luvas em uma poça d’água no chão e xingou.

— Alô, aqui é Natalie. — Ela se abaixou para pegar a luva e fez uma careta

por causa da forte dor na caixa torácica.

— É Rickard — disse o homem ao telefone.

Ficaram em silêncio por alguns segundos.

— Você quer dizer Oscar Wallin — disse Natalie. — Pois é assim que você realmente se chama, não é?

— Alguma coisa vai acontecer na ilha essa noite — prosseguiu o homem, sem dar a menor bola para o que Natalie disse. — Preciso dos seus olhos no local.

— Escuta, Oscar, você planeja corrigir o meu registro criminal algum dia? Dá mesmo para fazer uma coisa dessas?

— O que você acha, Natalie? — indagou a voz ao telefone e imediatamente lhe veio à mente o duelo verbal de Sarac e von Katzow.

— Eu acho que você diz exatamente o que for necessário para levar as pessoas a colaborarem com você, Oscar. Coisas que, no fundo, elas realmente não acreditam, mas cobiçam tanto que estão dispostas a fazer praticamente qualquer coisa se houver uma pequena chance de conseguir o que desejam.

Para sua surpresa, Natalie ouviu o homem rir.

— Vejo que você aprendeu muito na companhia de Sarac.

Wallin fez uma pausa. Quando abriu a boca novamente, o tom descontraído tinha desaparecido.

— Em cerca de cinco minutos, um carro vai estar à sua porta. Os policiais nele ou vão te prender por fraude qualificada ou vão te dar uma carona até a balsa. Você escolhe, Natalie.

Natalie abriu a boca para dizer algo, mas ele já tinha desligado.

Cinquenta e quatro

— É ATIF, estou em posição.

— Ótimo, como está o tempo aí? — perguntou Hunter.

— Está nevando bastante, parece estar piorando.

— OK. Faz o seguinte: pega o barco que vai para Rindö e espera lá. São as balsas amarelas e abertas para veículos.

Atif olhou para fora pelo para-brisa. Viu luzes se aproximando a uma boa distância vindas do estreito. Ligou o motor e entrou na fila de carros. Pensou se deveria ligar para Abu Hamsa e mantê-lo informado. Decidiu esperar. O plano ainda estava funcionando, nem Hunter nem Abu Hamsa pareciam ter percebido o jogo duplo dele. Pelo menos ainda não.

NATALIE FOI a última a subir as escadas para a pequena sala de espera. Fez uma pausa em um patamar para olhar por entre a neve. Como esperava, viu as luzes traseiras do Volvo escuro se afastando do porto. Perfeito.

Nenhum dos dois policiais no carro disse um pio no caminho até lá, então ela teve bastante tempo para pensar. Há muito havia limpado o computador de todas as provas possíveis. Livrara-se de tudo que pudesse ligá-la aos sequestros relâmpagos forjados no dia que concordou em trabalhar para Wallin. Esperava que fosse o suficiente, que tudo o que Wallin pudesse fazer contra ela fosse enfiá-la alguns dias na cadeia. Mas, naturalmente, não dava para ter certeza. Ela planejava jogar mais um pouco. Fingir cooperar, tomar a balsa para a ilha, mas

voltar na primeira oportunidade que tivesse. Poderia culpar a concussão que recebeu após a colisão com a van. Wallin dificilmente poderia ferrá-la, sendo que ela tinha se disposto a se deslocar até a ilha. Pelo menos era o que esperava.

De um lado das escadas, o convés de veículos já havia sido esvaziado, e os novos veículos começaram a se posicionar. Não havia tantos carros, talvez uns dez no total. Uma van azul, com grandes manchas de ferrugem, passou por ela. Tinha um pequeno pisca-pisca no interior do para-brisa que atraiu sua atenção. Só depois que o veículo passou que ela se deu conta de que reconhecia o motorista. Natalie travou e se virou para o carro.

— É melhor você ir para a sala de espera — gritou um dos tripulantes para ela. Natalie fez um sinal positivo com a cabeça e subiu mais alguns degraus na escada. Pegou o celular e tentou ligar para Sarac.

“O número que você ligou está fora de área ou desligado.”

Ela xingou consigo mesma e tentou novamente. O frio fez seus dedos ficarem rígidos.

Natalie olhou outra vez em direção à van. Ele tinha estacionado no meio da plataforma de carros. O motorista estava sentado lá dentro.

Ela subiu a escada e tentou ligar de novo assim que entrou na sala de espera. Ainda nada. A neve se intensificou e o capitão foi obrigado a usar a sirene de nevoeiro.

Precisava arranjar alguma forma de avisar a David que o homem estava a caminho da ilha. Ela tentou ligar de novo, mas sem sucesso. A sirene de nevoeiro berrou novamente, fazendo as janelas na sala de espera sacudirem. Natalie pensou por alguns segundos. Tirou o cachecol e o enrolou em volta da cabeça e do rosto para que apenas os olhos ficassem à mostra. Em seguida, abriu a porta e desceu lentamente a escada de aço.

* * *

A NEVE desabava, cobrindo todas as janelas da van. No início, Atif deixou os

limpadores de para-brisa trabalharem, mas os desligou depois de um tempo. Na balsa, tinha que manter o motor desligado e não queria correr o risco de descarregar a bateria. Além disso, com os vidros cobertos de neve, tinha a possibilidade de repassar seu equipamento em paz e silêncio. Tirou a arma do bolso e puxou o ferrolho para se certificar de que tinha uma bala no cano.

Na verdade, era completamente desnecessário, ele tinha olhado apenas uma hora antes e era bastante improvável que alguma coisa tivesse acontecido com a arma desde então. Tratava-se mais de como ele se sentia. De ter a sensação de estar preparado.

Ele virou a cabeça e olhou para a traseira. Pé de cabra, pá, machado, serra, fita adesiva e um rolo de sacos de lixo pretos. Bem mais atrás, uma corrente comprida e pesada. Tudo que precisava para fazer Jano desaparecer para sempre.

Atif se recostou no banco, fechou os olhos e pensou no seu pequeno jardim em casa e no céu estrelado que o cobria. Mas por alguma razão essa lembrança se tornava cada vez mais difícil de recobrar. Em vez dela, a mente se voltava para Tindra. Assim que tudo isso acabasse, ele queria ir até Leksand para levá-la de volta para casa. Talvez até conseguisse convencer Cassandra de irem para o Iraque juntos, visitar a sua mãe. Tentou imaginar a cara da mãe quando visse sua primeira e única neta ao vivo e em cores, em vez de em fotografias. A forma como iria olhar para ele e silenciosamente agradecer Atif por ter feito aquilo acontecer.

NATALIE SE esgueirou pelo convés aberto do navio. Ela se apoiava nas paredes abaixo da sala de espera, enquanto tentava piscar para afastar os flocos de neve que rodopiavam em volta do seu rosto. Aproximadamente na metade do caminho até a van, havia uma pequena porta com uma placa escrita *Somente funcionários*.

Ela abriu a porta com cuidado e olhou lá dentro. Uma escada descia, provavelmente para a sala de máquinas. Da parede logo acima, pendia uma grande caixa de ferramentas. Natalie levantou a tampa e encontrou o que procurava.

A balsa fez uma leve curva, o que fez a neve começar a soprar contra ela quando voltou ao convés. Natalie piscou forte algumas vezes e puxou o lenço ainda mais para baixo na testa.

O corpo protestava, mas ela tentou ignorar a dor. Foi se esgueirando lentamente em direção à van.

Faltando cinco metros.

Três.

Dois.

Um.

ATIF BAIXOU xícara de café. A van parecia ter balançado. Já haviam chegado?

Ligou o limpador de para-brisa. Eles foram para um lado e para o outro algumas vezes, desobstruindo a neve. Mas tudo o que viu à frente da proa era a escuridão das águas e a neve rodopiando. Deve ter sido o vento.

Engoliu os comprimidos com o último gole de café, esvaziando o copo de plástico, e o rosqueou de volta no topo da garrafa térmica. Depois olhou para o relógio. Eram quase seis horas.

— Quase lá, Adnan — murmurou.

NATALIE SE agachou ao lado do pneu traseiro direito da van. Tateou o bolso e encontrou a sovela que roubou da caixa de ferramentas. Ela estava realmente congelando. Os dedos estavam duros de frio e não queriam segurar devidamente o cabo de plástico da ferramenta. Ela ajudou com a mão esquerda. O som da sirene de nevoeiro a assustou. A sovela caiu no convés do navio e rolou para debaixo da van. Merda!

Ao longe, ela conseguia ver as luzes da estação das balsas na ilha. Eles estariam lá em poucos minutos. Pensou em se levantar e correr de volta para a sala de espera. Mas precisava atrasar o homem para ter a chance de avisar a David.

Deitou de bruços com muita dificuldade e olhou debaixo do carro. As costelas

quebradas protestaram, mas ela piscou para afastar a dor. A sovela estava a menos de um metro. Estendeu o braço o mais longe que conseguiu, os dedos tocaram no cabo de plástico. O ruído do motor da balsa ficou um ou dois tons mais grave. Eles estavam prestes a atracar.

Natalie se arrastou mais para debaixo do carro. Sentiu o peito reclamar ainda mais. Tentou alcançar...

O BAQUE foi sentido claramente. Deviam ter chegado. Atif ligou o motor, acionou os limpadores no máximo, tanto o traseiro quanto o dianteiro. Então baixou os vidros laterais até a metade para se livrar da cobertura de neve. Percebeu algo de relance no retrovisor direito. Ele se virou instintivamente. Viu as costas de alguém com um agasalho claro e com a cabeça coberta. Provavelmente um funcionário da balsa. Péssimo trabalho para se ter num dia como hoje.

A rampa foi baixada e os carros da frente começaram a se locomover lentamente para fora da balsa. Atif fez a van seguir o fluxo lentamente. Assim que chegou à pequena rotatória, percebeu que algo estava errado. Os pneus traseiros não aderiam muito bem à neve. Além disso, o carro puxava para a direita. Um crescente sacolejar rítmico reforçou suas suspeitas. Um furo.

Parou no acostamento e desceu. O pneu traseiro direito estava completamente murcho. Quando se agachou para inspecionar o dano, descobriu três furos bastante evidentes na lateral do pneu, próximo à borda da roda. Atif franziu a testa e olhou lentamente ao redor.

OS OUTROS passageiros que estavam na sala de espera já tinham saído pela outra escada quando Natalie subiu de volta. Ela teve que fazer uma pausa por mais ou menos um minuto para tentar esquentar os dedos em um dos aquecedores. Queria ter continuado com as grossas luvas Lovikka em vez de tê-las trocado pelas luvas de couro fino que até poderiam estar secas, mas não tinham nenhuma chance contra o frio. Quando os dedos já haviam descongelado um pouco, ela

tentou novamente ligar para o celular de Sarac. Ainda sem resposta. Então não tinha escolha. Precisava chegar à casa de campo antes do homem da van.

Natalie desceu as escadas e atravessou a rampa. A van estava parada ao lado da rotatória, quase no meio do seu caminho. O cara de Gamla stan estava agachado, observando o pneu furado. Mais à frente dele, as lanternas traseiras dos últimos carros desapareceram na neve. Maldição, ela tinha a esperança de conseguir uma carona! A casa ficava a um ou dois quilômetros dali. Se andasse rápido, ainda chegaria lá antes. Conseguiria alertar Sarac e pedir refúgio para algum vizinho. Havia apenas um problema com esse plano: ter que atravessar a rotatória e passar pelo cara da van.

Natalie baixou a cabeça, puxou o cachecol ainda mais para baixo na testa e começou a andar.

Cinquenta e cinco

O SUV PRETO estava na entrada da garagem. Sarac encontrou Molnar e Joseph na cozinha.

— Vocês vieram de Värmdö? — perguntou enquanto baixava o capuz e limpava a neve da roupa.

Molnar fez um sinal positivo com a cabeça, tirou o toco de charuto apagado que mastigava e cuspiu tabaco no chão.

— E os outros? — quis saber Sarac. Puxou uma cadeira e se sentou em frente a Molnar.

— Coloquei para fazer uma varredura no terreno — respondeu Molnar. — Quero ter certeza de que os caras de Wallin não estão escondidos nos arbustos. Aliás, o seu celular está desligado, David?

Sarac assentiu com a cabeça.

— Desliguei antes de pegar a balsa no centro da cidade.

— Bom, vamos manter nas ondas curtas, nossos próprios dispositivos, não os da agência. — Molnar colocou um pequeno rádio sobre a mesa.

— Então, quando será que ele vem, David? — indagou Joseph. A voz dele estava tensa.

Sarac olhou para o relógio.

— Em breve. Muito em breve.

* * *

ATIF VIU a mulher passar a poucos metros de distância. Ela estava com um cachecol enrolado em volta da cabeça, nem sequer olhou na sua direção. Provavelmente estava indo para o estacionamento um pouco mais longe.

Ele se virou, ergueu uma das mãos para proteger os olhos da neve enquanto olhava para o pneu traseiro. Não era um pneu furado comum. Se fosse, o buraco estaria embaixo, na superfície que entrava em contato com o chão, e não na lateral. Além disso, havia três. Conclusão: alguém havia sabotado seu carro, provavelmente a bordo da balsa.

Pensou na pessoa que tinha visto pelo espelho lateral. Tentou recuperar a imagem na cabeça. Casaco claro, cabeça coberta. Poderia ter sido um cachecol?

Atif se virou e olhou para a direção que a mulher tinha ido. Mas ela já havia desaparecido na neve.

O CORAÇÃO de Natalie batia forte quando ela passou pela van. O cara era alto, quase dois metros. Fez com que se sentisse ainda menor do que era. Ela fixou o olhar no chão, puxou o cachecol e o apertou em volta da cabeça, concentrando-se em cada passo.

A estrada seguia pelo lado norte da ilha, junto ao mar, sem árvores ou arbustos que dessem abrigo contra o vento cada vez mais forte. Um estrondo distante vindo do norte sugeria que a tempestade ainda não tinha atingido a força máxima. Natalie xingou em pensamento. Jeans e casaco de chuva foram uma escolha totalmente errada para essa tarefa, mas sua jaqueta acolchoada estava coberta tanto de sangue quanto do pó do airbag. Sem falar que ela não esperava fazer uma caminhada no meio da merda de uma nevasca. Natalie se virou para trás, procurando luzes de carros, mas não viu nada. Ela já estava congelando, o frio dificultava ainda mais controlar os braços e as pernas. A não ser que quisesse voltar para a estação da balsa, a casa mais próxima ficava do outro lado da pontezinha que ligava as duas ilhas. O caminho até lá era de pelo menos um quilômetro, talvez até mais.

Essa foi uma má ideia, Natalie, estúpida pra cacete! Por que você

simplesmente não seguiu o plano e voltou para Vaxholm?

— VOCÊ VAI me contar ou não? — disse Molnar assim que Josef saiu para tirar o SUV do jardim da frente. — Como você descobriu, David?

— Adivinha — disse Sarac.

Molnar olhou para ele por um tempo e depois se reclinou na cadeira da cozinha.

— Você conseguiu rastrear o quarto que usava como base.

Sarac fez um sinal positivo com a cabeça.

— Ficava a apenas algumas centenas de metros do meu apartamento.

— Porra — disse Molnar. — E você conseguiu encontrar algum número de conta?

— Melhor que isso. Eu encontrei um quadro branco cheio de fotos. Uma grande rede com todas as pessoas envolvidas na operação. Abu Hamsa, um sujeito chamado Eldar.

Molnar fez um sinal positivo com a cabeça. A voz mostrava empolgação.

— Hamsa é uma celebridade. A mão dele está mais ou menos em tudo quanto é lugar. Lavagem de dinheiro, cambistas e muito mais. Eldar é o guarda-costas barra príncipe herdeiro.

— Tinha mais — continuou Sarac. — Dois motoqueiros criminosos. Mike Lund e um cara chamado Karim, depois, dois russos. Zimin e Ivazov.

— Lund é dos Hells Angels e Karim dos Bandidos — disse Molnar. — Apesar de todo aquele papo sobre a inimizade, eles cuidam um do outro e têm alguns negócios em comum com os russos lá. Mais alguém?

Sarac fez um sinal positivo com a cabeça.

— Um homem careca chamado Sasja. Parece uma caveira. Acredito que seja eslavo.

— Sérvio, mais especificamente. Um verdadeiro psicopata, pelo menos se ele é o cara em quem estou pensando. Você trouxe as fotos?

— Não. Limpei a sala de todas as provas. Queimei as imagens e o caderno.

— Você fez o que, David? — Molnar se empertigou na cadeira.

— Queimei o caderno com as anotações.

Molnar passou a língua nos dentes algumas vezes, uma pequena veia pulsava na têmpora, mas ele não disse nada. O rádio de comunicação estalou e quebrou o clima tenso.

— Por quê? — perguntou, por fim.

Sarac deu de ombros.

— Nenhuma aresta, como você mesmo disse.

— Mas e o resto da informação?

— Só um monte de reuniões com fontes codificadas, pessoas que eu já não lembro mais — explicou Sarac. — Inútil sem as páginas que foram rasgadas.

Sarac se inclinou sobre a mesa da cozinha.

— As páginas que você arrancou, Peter.

O rádio estalou de novo, nenhuma voz, apenas ruído branco. Ouviram um estrondo seco a distância.

— O que o faz pensar isso, David? — Molnar franziu a testa.

— Porque você queria que eu me concentrasse na lista de Jano com os números. Todo o resto não importava.

Molnar ergueu as sobrancelhas um pouco.

— Pensei que nós dois concordávamos quanto a isso.

— Ah, sim, você está certo — disse Sarac. — Eu estava tão interessado quanto você em encontrar Jano. Não confiar em ninguém para proteger o segredo, como estava escrito no recado no hospital e na parede inteira do meu quarto.

— Desculpa, mas do que você está falando, David? — perguntou Molnar.

— Estou falando de alguém que andou me manipulando. Tentando me orientar em uma determinada direção. Mensagens, sussurros, notas, ligações.

— Agora você está falando como um lunático, David — comentou Molnar. — Se você tem algo a dizer, sugiro que desembuche.

— O que realmente aconteceu na noite que bati o carro? — indagou Sarac.

— A gente já passou por isso várias vezes. Você e Jano se encontraram com Hansen. O cara tentou te chantagear, e Jano o apagou.

— Quer dizer então que foi Jano quem matou o cara. Você tem certeza disso?

Molnar deu de ombros.

— Só pode ter sido. Você percebeu que tinha perdido o controle sobre ele, sobre toda a operação. Você ligou para as outras três fontes. Disse para darem o fora da cidade, disse que talvez Jano estivesse atrás deles também. Em seguida, você se entupiu com um monte de drogas e ligou para mim. Daí em diante...

— Eu tive um derrame e bati no túnel. Bem debaixo do seu nariz — disse Sarac.

— Exatamente. — Molnar balançou a cabeça lentamente. — Olha, David, me desculpa, mas acho que isso não está levando a nada. Você ainda não me disse quem é Jano ou quando ele vai aparecer. Os rapazes estão no aguardo, a gente está pronto para partir para cima.

Molnar acenou para o rádio na mesa da cozinha.

— A gente está aqui por você, David, para te ajudar a limpar todas as pistas.

— Para acabar com Jano, antes que ele acabe comigo — completou Sarac.

Molnar respirou fundo.

— Fazemos o que deve ser feito, David. Você sabe disso melhor que a maioria.

Sarac ficou em silêncio enquanto observava o outro homem. Em seguida, apontou para o rádio.

— Você pode chamar os rapazes, Peter? Gostaria de falar com todos eles antes de começarmos.

Molnar meneou a cabeça negativamente.

— Prefiro que eles fiquem lá fora, assim não vamos ter nenhuma surpresa desagradável. A trupe de Wallin, por exemplo.

— OK, isso parece lógico — comentou Sarac. — Mas e quanto a chamar os caras no rádio. Verificar se está tudo tranquilo?

— Ordenei silêncio no rádio — disse Molnar. — Eles entram em contato se

acontecer qualquer coisa.

O TREMOR de frio que a assolou por um tempo passou do nada. Natalie sabia que isso não era um bom sinal. Tinha subestimado o tempo e superestimado sua própria capacidade, e suas forças estavam se esgotando rapidamente.

A ponte estava diante dela no escuro, talvez a apenas alguns passos, mas seria difícil chegar ao outro lado. Nos últimos duzentos metros, um trecho de floresta dera a ela um pouco de abrigo, mas, assim que chegasse à ponte estreita, estaria novamente à mercê do vento vindo do mar. O estreito entre as duas ilhas funcionaria como um túnel de vento, o que tornaria difícil até mesmo ficar de pé. Mas Natalie não tinha nenhuma opção muito melhor.

O trovão estava muito mais perto agora, a tempestade logo atingiria a ilha com força total. Uma sombra apareceu diante dela, um corrimão de cada lado da estrada estreita. A ponte.

Natalie ficou impaciente, deu alguns passos rápidos e tropeçou em algo debaixo da neve. Tentou fazer com que as pernas rígidas reagissem para recuperar o equilíbrio. Mas, em vez disso, caiu para trás na vala. A queda a deixou sem ar e Natalie arfou tentando respirar. A neve rodopiava em torno dela, pequenos flocos dançavam e se derretiam devagar. Transformaram-se em um raio de luz branco. Natalie protegeu os olhos com uma mão e lutou com a outra para conseguir ficar de pé.

Um carro, um carro parou para ajudar! Viu o vulto da porta do motorista sendo aberta, em seguida uma silhueta escura deformada pelos faróis. Ficou de joelhos, mas não conseguia se levantar. Sentiu as mãos, alguém a tirou da vala. Os faróis continuaram a ofuscar a visão dela. O homem que a levantou era forte, levou-a de volta para o carro como se ela fosse uma criança pequena.

Notou que ele estava mancando um pouco.

— Como você está? — perguntou uma voz grave em seu ouvido.

Nesse instante, Natalie percebeu qual era o carro que havia parado. A van azul com pontos de ferrugem marrom e pequenos pisca-piscas do outro lado do

para-brisa.

Cinquenta e seis

— VOCÊ QUERIA que eu me concentrasse no dinheiro, certo? — disse Sarac. — Era só eu descobrir como Jano era pago que a gente encontraria o cara. No fim das contas, é sempre uma questão de dinheiro, foi o que Bergh disse da última vez que nos encontramos. Não é que ele estava certo? A coisa toda se trata exatamente de dinheiro, não é, Peter?

Molnar riu baixinho e se inclinou sobre a mesa da cozinha.

— Agora você tem mesmo que me explicar do que está falando, David.

— Estou falando de quase quatorze milhões de coroas. O dinheiro depositado nas duas contas bancárias que eu tinha disponível. O dinheiro que transferi naquela noite em que eu quase morri naquele túnel. O dinheiro é a única razão pela qual eu ainda estou vivo, Peter.

Mais silêncio. Dez segundos se passaram. Vinte. O trovão retumbou com força. Parecia estar se aproximando. Sarac se recostou na cadeira.

— Vai ser realmente um alívio do caralho me livrar de Jano — disse em seguida. — Desde que acordei naquela cama de hospital de merda, as pessoas têm tentado me fazer dizer quem é ele. No início, Bergh e Wallin eram os mais insistentes, mas na verdade eles são só personagens secundários. Eu me dei conta de que aqueles que realmente querem Jano, que estão dispostos a literalmente caminhar sobre cadáveres para encontrar o cara, são os criminosos das minhas fotos. Abu Hamsa, Lund, Karim, Sasja, os russos. Todos têm medo de que Jano esteja no grupo deles.

Sarac respirou fundo.

— Então comecei a me perguntar por que eles têm tanto medo. O que você acha, Peter?

Molnar apenas deu de ombros. Parecia quase estar se divertindo.

— Como pode a liderança do crime organizado saber que temos um infiltrado secreto, conhecendo inclusive o codinome do cara? — perguntou Sarac, e bateu o dedo indicador na borda da mesa para enfatizar a importância do que tinha acabado de dizer.

— Supõe-se que alguém os informou sobre isso — disse Molnar.

— Sim, supõe-se. A questão é quem e, não menos importante, por quê?

— A polícia está cheia de vazamentos, poderia ser qualquer um. — Molnar ergueu as mãos.

— Mas você mesmo disse que Jano era um projeto secreto. Que eu o conduzia completamente sozinho, especialmente para evitar vazamentos.

— Claro, mas Bergh e Kollander sabiam de Jano — argumentou Molnar —, ou, pelo menos, do fato de que ele existia. Kollander até contou tudo para a delegada regional.

— Então você quer dizer que alguém nos vendeu? Um delator?

Molnar fez uma expressão um pouco difícil de interpretar, que parecia significar um sim. Mas Sarac apenas sacudiu a cabeça.

— Eu sei quem vazou a existência de Jano. E também sei o porquê.

O HOMEM colocou Natalie cuidadosamente em um colchão que estava dentro da van e fechou a porta.

Ele a ajudou a tirar o cachecol congelado e depois as luvas frias. Pegou algo que ela não viu o que era e, em seguida, entregou uma caneca térmica com café quente.

— Bebe isso — disse secamente.

Natalie obedeceu, e sentiu o calor se espalhar pelo corpo.

— O-Obrigada — disse com a voz trêmula.

— De nada. — O cara se sentou no chão ao lado dela e se inclinou com as costas na parede. Parecia estar estudando Natalie com cuidado.

— Foi você que fez os furos no meu pneu.

Era mais uma afirmação que uma pergunta. Ela não respondeu. Em vez disso, mergulhou o olhar na xícara de café.

— Você o conhece, certo? David Sarac?

Natalie olhou para cima, em seguida fez um breve aceno positivo com a cabeça.

— Então sabe onde posso encontrá-lo. — O homem acenou com a cabeça lentamente. — Mas, obviamente, não vai me ajudar. Agora há pouco estava prestes a morrer congelada, só por causa dele.

Ele fez um gesto sutil em direção à porta. Natalie não falou nada.

— Você pode pelo menos me dizer o seu nome? Afinal, eu salvei a sua vida.

— N-Natalie. — Ela fez uma pausa. — E o seu?

Ele fez uma leve expressão de satisfação, como se a pergunta o tivesse surpreendido.

— Meu nome é Atif, Atif Kassab.

— E o que você quer com David, Atif Kassab?

— Nada, agora não quero mais nada.

— M-Mas ontem você tentou...

Atif olhou com cuidado para ela, um leve sorriso se insinuou no canto da boca.

— Era você que estava dirigindo o Golf vermelho, certo? É por isso que você está com isso aí. — Indicou com a cabeça o esparadrapo na testa dela, e parecia até um pouco impressionado.

Natalie ficou em silêncio.

— Ontem, eu achava que David Sarac era a única maneira de encontrar outra pessoa — disse Atif. — Hoje é diferente. Eu sei que eles vão se encontrar aqui, só não sei exatamente onde. Ainda não. Mas espero descobrir logo, logo.

Ele se levantou e pulou para o assento do motorista.

— Mas, vendo que você estava indo na direção de Skarpö, acho que não seria uma má ideia continuar um pouco mais.

Atif engatou a marcha e fez a van deslizar lentamente sobre a ponte estreita.

— NO INÍCIO, Jano era mais um rumor que andavam espalhando — disse Sarac —, mas com o tempo, com certeza, a direção também começaria a ver sinais. Prisões, apreensões, planos que davam errado. Mas não tinham certeza absoluta, não até terem uma segunda opinião. A opinião de alguém cuja informação pudesse ser indiscutível. Resumindo, precisavam... — Sarac bateu de novo com o indicador na mesa — ... de um policial comprado.

“Então, entram em contato com o advogado, Crispin — continuou Sarac. — Ele acha um policial em uma boa posição e que precise de dinheiro. Se encontra com ele, como que por acaso, em um clube privado em um dos prédios da Kungstornen. Quando o policial confirma que Jano realmente existe, a paranoia se espalha como fogo no palheiro. Todos os esforços são destinados a perseguir o traidor, ao mesmo tempo que todos tentam freneticamente salvar a própria pele. O fluxo de grana que vai para o topo começa a diminuir e logo os patrões dos patrões começam a chiar, lançar ameaças a torto e a direito.”

Sarac fez uma pausa de alguns segundos e entrelaçou as mãos na sua frente.

— Então, eles começam a despejar mais dinheiro no bolso do policial comprado — prosseguiu ele. — Enchem a conta secreta que ele tem no exterior com milhões de coroas para que ele revele a verdadeira identidade de Jano. Talvez alguns até deem pequenas dicas para o policial sobre as atividades dos concorrentes. Toda a culpa pode ser jogada para cima de Jano mesmo.

O rádio de comunicação na mesa da cozinha estalou por alguns segundos, mas depois ficou em silêncio.

— Mas o policial corrupto nunca planejou revelar Jano. Na verdade, ele se aproveita de Crispin para seus próprios propósitos. Tudo o que o policial fez foi confirmar a existência de Jano e dar dicas de algumas operações policiais menores. Depois disso, ele é inundado com dinheiro e dicas. O dinheiro ele usa

para remunerar outros informantes sem ter que passar por qualquer burocracia ou controle. Paga somas grandes o suficiente para que cada vez mais pessoas pensem em abrir o bico. Mesmo porque, no fim, a grande maioria de nós tem um preço, não é, Peter?

Molnar não falou nada, apenas continuou olhando para Sarac.

— Com isso, o policial constrói rapidamente a sua própria organização secreta autofinanciada — continuou Sarac. — Ele oferece cada vez mais e melhores dicas que são todas atribuídas ao agente infiltrado e diabolicamente habilidoso, Jano. Chefes e colegas ficam extasiados. Todo mundo quer participar e aproveitar um pouco da glória. O policial sabe que o que ele está fazendo é errado, que os fins não justificam os meios. Mas ele não se importa. A excitação o impulsiona, a sensação de se equilibrar em uma corda bamba.

Sarac ficou em silêncio por alguns segundos e afastou um pouco os dedos entrelaçados.

— Até aí, tudo é uma operação de inteligência quase perfeita. O inimigo está se autodestruindo. A desconfiança entre eles é total, todos delatam uns aos outros. E o mais elegante de tudo isso é que eles estão financiando a própria destruição.

“Mas então o policial tem uma nova ideia — adicionou Sarac. — Por fim, a grana começa a diminuir, o que realmente não é tão estranho. O policial, apesar de suas promessas, ainda não entregou Jano. Mas, em vez de interromper a operação, ele decide fazer outra coisa. Algo que vá reforçar sua credibilidade e possibilitar que ganhe mais algum tempo. Mais alguns meses sobre a corda bamba.”

Sarac fez outra pausa e respirou fundo. Um trovão deu um rugido ameaçador ao longe.

— Ele seleciona três delatores — disse, em seguida, em voz baixa. — Três peixes pequenos que nunca entregaram nada útil de verdade e de quem ele pode se desfazer sem problemas e, em seguida, revela suas identidades. Vende os caras para reforçar a sua credibilidade como delator. O policial se dá conta de

que ele condena os caras à morte. É um pequeno sacrifício por uma causa maior, pelo menos é disso que ele tenta se convencer. Uma guerra assimétrica contra um inimigo assimétrico, como o Conde a teria chamado.

O rádio na mesa da cozinha rangeu mais uma vez, um ruído de estática da tempestade que se aproxima.

— Mas, na mesma época, o policial se depara com um problema. Outro informante é estúpido o suficiente para tentar chantageá-lo. Ameaça balançar a corda, fazer com que ele caia. Em um momento de desespero, o policial faz algo imperdoável. E, de repente, quando retoma a calma, percebe que, na verdade, já caiu da corda, caiu mais fundo do que jamais conseguiu imaginar. Que violou tudo o que antes considerava como mais sagrado.

Sarac fechou os olhos, tentando manter a voz neutra.

— Em um momento de remorso e perspicácia, o policial liga para os três delatores, diz para deixarem o país o mais rápido possível, se quiserem sobreviver. Então esvazia totalmente as contas dos subornos, transferindo a grana para algum lugar onde ninguém possa ter acesso. E decide confessar tudo o que fez e receber a punição. Só que comete outro erro, e esse é fatal.

Sarac se inclinou para perto de Molnar. Notou a tristeza em sua voz.

— Ele liga para o seu melhor amigo, a única pessoa além do próprio policial que conhece todos os detalhes da operação: o jogo duplo, a grana do suborno, os homens que foram condenados à morte, tudo. O policial quer avisar ao amigo de antemão, dizer que tudo está prestes a desabar. Mas a história toma um rumo inesperado. Um cenário que o policial jamais pôde imaginar. Seu melhor amigo tenta matá-lo.

O estrondo do trovão foi tão forte que fez os vidros das janelas chacoalharem. No instante seguinte, todas as luzes se apagaram, deixando a casa em completa escuridão.

Cinquenta e sete

— JÁ QUE estamos no momento de contar histórias... — disse Molnar.

A cadeira da cozinha arrastou no chão quando ele se levantou.

— Era uma vez um amigo, podia até mesmo ser chamado de meu melhor amigo.

Ele deu alguns passos e saiu para o corredor.

— Eu e ele compartilhamos um segredo. Você sabe como age com segredos, David. Alguns deles criam laços, laços fortes. Com o nosso segredo, foi exatamente esse o caso. Fazia a gente se sentir um pouco mais esperto do que todo mundo.

Deu para ouvir um rangido fraco quando ele abriu a porta que dava para as escadas do porão. Depois o som da caixa de fusíveis sendo aberta.

— Foi o meu amigo que teve a ideia da coisa toda — continuou Molnar. — Sua ideia brilhante, e a verdade é que tive inveja dele. Invejava sua inteligência, seu talento. Embora eu fosse seu mentor, me peguei admirando a habilidade com que ele dominava o jogo. Como ele era capaz de convencer as pessoas a fazerem exatamente o que ele queria.

Tudo o que se podia ver era a luz de uma lanterna vinda das escadas do porão.

— Mas então algo aconteceu. Meu amigo jogou o jogo bem demais. Ele se perdeu e, por fim, tomou uma decisão lamentável que ameaçou revelar o nosso segredo. No começo, fiquei desapontado, até mesmo devastado. Depois fiquei irritado.

Houve silêncio por alguns segundos.

— Mas então comecei a pensar sobre o que teria acontecido se os papéis fossem invertidos. Se fosse eu que tivesse me perdido.

Molnar fechou a caixa de fusíveis, bateu a porta do porão e voltou para o corredor. Exceto pela luz da lanterna, a casa ainda estava mergulhada no breu.

— Então decidi tentar ajudar o meu amigo, por todos os meios possíveis. Ajudá-lo a voltar para si mesmo. Ajudar a preservar o nosso segredo.

Molnar jogou a luz da lanterna diretamente para o lugar de Sarac na mesa. A cadeira estava vazia.

ATIF HAVIA atravessado a ponte estreita. Começaram a aparecer luzes dos dois lados da van. Iluminação exterior e luzes que escapavam pelas janelas. Ele passou lentamente pela área residencial, seguindo a estrada principal pelo resto da ilha.

Natalie estava sentada em silêncio na parte de trás. O calor voltou lentamente ao corpo congelado, fazendo a dor ficar ainda mais intensa que antes. Por um breve instante, ela considerou puxar a porta lateral, saltar e correr para a casa mais próxima. Mas mal conseguia se sentar direito, muito menos fazer os dedos rijos abrirem a porta.

Atif percorreu mais cem ou duzentos metros, em seguida parou a van em um local onde a estrada era um pouco mais larga. Parecia estar nevando menos, como se as trovoadas intensas tivessem demarcado o auge da tempestade.

Ele se voltou para Natalie. Depois pegou o celular. A tela estava escura.

— Ainda não quer me ajudar, Natalie?

Ela não respondeu.

— Está vendo aquela casa ali?

Atif apontou para algumas luzes a uma distância curta.

— Tudo o que preciso fazer é ir lá e perguntar onde David Sarac mora.

Natalie deu de ombros.

— Vai em frente.

Atif abriu a porta do motorista.

— Não vá a lugar nenhum, Natalie.

— QUAL É, David?

Molnar apagou a lanterna. Continuou devagar, passou pela pequena biblioteca escura e saiu na sala de estar.

— Não temos tempo para esse tipo de brincadeira. Jano...

— Está chegando. — Sarac estava ao lado da janela e olhava para o jardim. Ainda nevava lá fora, talvez com flocos mais esparsos que antes.

— O projeto Jano era uma perfeita operação de inteligência — comentou Molnar. — Do tipo que se escrevem livros a respeito. Mas tudo o que você conseguiu realizar não foi suficiente, você queria que a operação ficasse ainda melhor. Em vez de interromper tudo como planejado, tentou se superar. Perdeu o contato com o mundo. Eu tentei te avisar, tentei fazer você entender que, uma vez que se passa de um certo ponto, não tem retorno. Mas você não deu ouvidos. Estava extasiado tanto pelas drogas quanto pela sua própria capacidade. Pensou que fosse capaz de fazer praticamente qualquer coisa. A morte de Hansen te chamou de volta para a realidade. Fez você perceber que estava pagando um preço alto demais pelos seus atos. E, de repente, não quis mais continuar o jogo. Mas aí já era tarde demais. Exatamente como tentei explicar, não havia mais volta...

— Então você me interceptou no túnel? Tentou me matar para que eu não chegasse à reunião com Dreyer? — perguntou Sarac.

Molnar fez uma careta de angústia.

— Eu simplesmente não podia deixar você fazer isso, David. Colocar todo o trabalho incrível que conquistou nas mãos de uma pessoa como Dreyer.

— Que nós conquistamos, Peter. Você e eu. Jano era nosso projeto — disse Sarac. — Além de Josef, só estamos nós dois aqui na ilha, certo? — Sarac apontou para o rádio. — Você deve ter revelado tudo para ele assim que eu desliguei o telefone naquela noite. Talvez o tenha atraído com uma parte da

grana dos subornos, ou então ele se prontificou por pura lealdade. Meu palpite é que foi uma mistura das duas coisas. Mas nenhum dos outros integrantes do grupo está ciente do que está acontecendo. Eu chuto que estão agora em casa sentados e assistindo TV, não é?

Molnar não respondeu.

— Você deve ter ficado surpreso pra cacete quando viu que as malditas contas bancárias estavam vazias — disse Sarac. — Quase quatorze milhões desapareceram sem deixar vestígio. Não encontraram nenhuma pista, seja no escritório ou no apartamento, apesar de terem até rasgado os móveis. Vocês não contavam com o fato de que eu tinha me tornado tão paranoico que até havia arranjado um local externo. A base secreta que só eu sabia da existência.

Molnar continuou em silêncio e fez apenas um movimento com a cabeça.

— Foi por isso que você não terminou o trabalho lá no hospital — prosseguiu Sarac. — Sem mim, o dinheiro estaria perdido para sempre, então você precisou me tirar do hospital antes que eu me abrisse com alguém. Escreveu as mensagens, me fez acreditar que eu estava sendo perseguido, que eu não estava seguro nem mesmo em casa.

Sarac apontou para o jardim.

— Era você que ficava lá embaixo, era você que me observava secretamente enquanto eu estava plantado aqui completamente isolado. Desconectado do mundo exterior, carregando memórias fragmentadas, mentiras e meias verdades na cabeça, exatamente como você queria. O dinheiro era realmente tão importante assim, Peter?

Molnar pigarreou.

— Você acreditaria em mim se eu dissesse que realmente esperava ter o meu amigo de volta? Trazer de volta o David Sarac que admirava.

Sarac fez uma careta e enfiou uma mão no bolso sorrateiramente. Fechou os dedos em volta do telefone e achou o botão que o ligava.

— Você pensou que a lista de Jano no caderno se tratasse de dinheiro, que os algarismos fossem números de contas correntes. Na verdade, eu tinha listado os

números de identidade de todos os que estavam envolvidos. Hansen, os outros três e Erik I. Johansson, a minha própria identidade secreta. Na sua caça pelo dinheiro você, de fato, me colocou na trilha certa. O dinheiro já era. Exército da Salvação, Cruz Vermelha, outras caridades, não tenho a menor ideia para falar a verdade. — Sarac pegou o telefone com cuidado, virou para o lado e o segurou junto ao corpo, de modo que Molnar não visse a luz da tela. Procurou a mensagem que tinha escrito e salvado.

Molnar passou a língua pelos dentes uma ou duas vezes, então balançou a cabeça.

— Não, aí é que você se engana, David. Você citou o Conde ainda agora. É óbvio que ouviu com atenção o que ele disse. Eugene muitas vezes fala da importância de ter sempre uma via de escape. Uma saída de emergência, que permita sair rapidamente de uma operação, se as coisas estiverem indo mal. Com certeza, você deve ter seguido o conselho dele. Em algum lugar você tem uma saída de emergência, um esconderijo onde guardou algum dinheiro. Talvez tenha até outras coisas lá dentro: passaporte falso, números de contas, tokens de bancos. Você deveria ter usado a saída de emergência quando tudo ruiu. Não precisaríamos estar nesta situação. Mas não, você decidiu ficar com a consciência limpa.

Molnar balançou a cabeça de leve.

— A gente ainda pode consertar isso se trabalhar junto, David. Só falta aparar algumas arestas.

— Mais ou menos como com Markovic, Lehtonen e Sabatini?

Molnar não respondeu.

— Você viu as últimas ligações do meu celular, Peter. Talvez tenha até reconhecido os números. Seja qual for o caso, você sacou para quem eu havia ligado e que eu tinha avisado a todos eles. Mas não tinha como saber o que foi dito sobre você ou Jano. Você não se sentia seguro.

Molnar continuou em silêncio.

— Lehtonen e Sabatini conseguiram fugir do país. Certamente teriam ficado

longe por mais tempo se alguém não tivesse ligado para eles e explicado que a coisa toda era apenas um alarme falso. Alguém que eles conheciam, de confiança. Alguém com quem tinham trabalhado antes. A mesma pessoa que, na verdade, os queria mortos.

Molnar se moveu lentamente na direção de Sarac.

— Eu estava apenas fazendo o que era preciso para proteger o segredo, David. O nosso segredo, você e eu, como você disse. Nem mesmo Bergh sacou como tudo funcionava, ele pensou que precisava apenas pegar a sua lista reserva e continuar trabalhando. Quando ela sumiu, ele entrou em pânico, pensou que alguém a tinha roubado. Mas, na verdade...

— Não havia lista nenhuma — murmurou Sarac. — Eu a substituí por um envelope vazio para proteger o nosso segredo. Para ocultar o nome que faltava, que não poderia estar lá.

Ele deixou o polegar deslizar pelo telefone e fechou os olhos. Pensou no olhar de Jano no retrovisor. Seu próprio sorriso, o cheiro do medo de Hansen.

Debts I can't escape till the day I die — sussurrou uma voz familiar no seu ouvido.

Jano — o deus romano de duas faces. Exatamente como ele mesmo.

Sarac apertou o botão de enviar. Duas vezes, para ter certeza. Viu a mensagem deixar a caixa de saída. Agora não havia mais volta.

— Então o que acontece agora, David? — perguntou Molnar. — Agora que você sabe tudo isso, agora que eu sei que você sabe? — Ele baixou a mão um pouco e a deixou descansar no coldre.

Sarac olhou para o relógio. Os ponteiros brilhantes marcavam dois minutos para as oito.

— A gente espera.

ASSIM QUE Atif saiu, Natalie tentou se sentar. Tateou os bolsos à procura do celular, mas logo percebeu que ele não estava lá. Ou o perdera ao cair ou Atif o havia pego sem que percebesse. Ela se arrastou até a porta lateral e começou a

tentar abri-la. No entanto, como era de se esperar, seus dedos não obedeceram. Luzes de faróis iluminaram de repente o interior da van. Um carro grande se aproximava rapidamente. Natalie se arrastou até a pequena janela traseira e levantou uma das mãos para tentar acenar para o motorista. Mas o carro passou direto. Um veículo preto e grande que passou tão perto que a van balançou. As luzes traseiras foram embora, ficando cada vez mais fracas. Depois ficaram mais fortes novamente quando as luzes do freio se acenderam a algumas centenas de metros.

A porta do motorista da van se abriu e Atif entrou. Ele estava segurando o celular.

— Ninguém em casa, mas funcionou mesmo assim. Estamos quase lá. — Acenou um pouco com o telefone.

Novos faróis se aproximaram e mais um carro passou. Uma van dessa vez. Atif ficou quieto e observou. Seguiu as luzes com os olhos até que elas viraram no mesmo lugar que o carro anterior.

Atif ligou a van, começou a avançar devagar e voltou para o caminho. Ele seguiu pelas marcas que as rodas largas deixaram na neve.

— Me explica uma coisa: por que você fez isso? Arriscou a sua vida por ele? Vocês são um casal?

Natalie fez que não com a cabeça.

— Então por quê? — A voz dele soava realmente interessada.

— Você não entenderia se eu dissesse. — Nem eu mesma entendo, pensou.

* * *

O RÁDIO estalou de novo, mas dessa vez havia uma voz ansiosa do outro lado.

— Peter, é Josef. Agora há pouco um carro parou na estrada principal. Agora ele está vindo nessa direção a toda velocidade, e também parece que alguém está vindo a pé pela floresta!

— O que está acontecendo, David? — Molnar fez um esforço para manter a

voz calma.

— Nós erramos, Peter — declarou Sarac, triste. — Quebramos o nosso próprio código de honra, revelamos os segredos que prometemos proteger. Tentei corrigir isso, mas algumas coisas simplesmente estão além de qualquer conserto.

Ele ergueu o celular para que Molnar pudesse ver.

— Fiz o que fui pago para fazer, eu disse que Jano está aqui na ilha hoje à noite. Eu não queria dar o endereço daqui antes de ter falado com você. Queria ter certeza absoluta de que nós dois éramos igualmente culpados. E agora eles sabem onde Jano está.

Molnar se virou para trás, deu alguns passos rápidos, foi para o corredor e depois para a direção da porta da frente. Um motor rugiu, o terreno estava banhado pela luz dos faróis.

— Quem são eles? — gritou, olhando para trás ao mesmo tempo que sacava a arma. — Quem você contatou, David? Os eslavos, os russos, as gangues de motoqueiros?

— Todos. Entrei em contato com todos eles.

Cinquenta e oito

O CONSULTOR de segurança Frank Hunter tinha planejado a operação nos mínimos detalhes. Quatro homens no total, além dele próprio. Dois para Sarac, dois para Jano. Coletes à prova de bala, equipamento militar, granadas de atordoamento e armas de pequeno porte.

Em poucos minutos Jano estaria amarrado no carro. No porta-malas, havia todo o equipamento necessário para fazê-lo falar, a maioria drogas. Violência só valia a pena quando se estava à procura de respostas simples como sim ou não. Seus clientes queriam mais que isso, muito mais. Eles queriam saber absolutamente tudo. Com quem Jano trabalhava, há quanto tempo, quais informações havia entregado e assim por diante. E, quando eles conseguissem isso, quando a história completa de Jano estivesse gravada, seu novo "amigo" Atif Kassab faria o resto. Um tipo desagradável, esse Kassab. Um homem que há muito tempo já havia passado de todos os limites imagináveis. Previsível no seu desejo de vingança mas também manipulável.

O motor do SUV ressoava, a adrenalina era bombeada por todo o corpo. Apesar de Hunter já ter feito isso muitas vezes, ele ainda gostava da emoção. Era isso o que importava, o resultado do seu sacrifício. O trabalho com Sophie Thorning exigira certo grau de improvisação, mas, ainda assim, havia sido um dos seus melhores. O mais perto da perfeição que alguém poderia chegar em tão curto prazo. O corpo, o apartamento, o carro — havia cuidado de tudo. Ele tinha feito o que era necessário.

E agora a operação improvisada por fim rendia frutos. Favores oferecidos e favores retornados. Seus clientes ficariam satisfeitos, como costumavam ficar. Frank Hunter sempre entregava bons resultados.

— Time Alfa, vai! — ordenou no rádio, e dois dos homens que estavam pendurados do lado de fora do carro saltaram com o veículo em movimento e correram para os fundos da casa.

O carro avançou depressa com o farol alto. Inundou o pátio de luz para conseguir o efeito máximo. Freou bem em frente à varanda.

— Vai, vai, vai! — gritou Hunter no rádio, o que na realidade era desnecessário.

O terceiro homem pendurado do lado de fora do veículo já estava a meio caminho da porta. Atrás dele ia o motorista do carro preparado com um aríete. Em poucos segundos eles estariam dentro; em menos de meio minuto, a coisa toda já teria acabado. Ele próprio sequer precisaria sair do banco.

De repente, percebeu movimento em uma esquina da casa. Os faróis do carro iluminaram um homem grande, segurando uma arma com as duas mãos.

Hunter apertou o botão do microfone para falar, mas, antes que tivesse tempo de gritar o alerta, seus homens que estavam na varanda abriram fogo. Merda, é melhor que não seja Jano.

Hunter abriu a porta do carro e saltou. Sacou a arma e a apontou para onde o homem forte havia desaparecido.

— Inimigo abatido, arrombem a porta! Vai, vai! — gritou Hunter ao microfone. A porta caiu, quando a ferramenta de arrombamento arrancou a fechadura. No mesmo instante, ele ouviu o som de outro motor rugindo na direção da rampa de entrada.

* * *

SARAC VIU os dois homens virarem uma das esquinas da casa e se aproximarem da varanda que estava às escuras. Roupas de camuflagem, óculos de proteção e

balaclavas. As armas empunhadas com as duas mãos. Quando o tiroteio começou na frente da casa, os homens começaram a correr na direção dele.

Sarac sacou a arma com um único movimento suave e disparou dois tiros. Imediatamente percebeu que tinha mirado alto demais. O som do disparo era ensurdecedor, e provocou um zumbido nos ouvidos dele.

Os homens se jogaram estendidos na neve e atiraram de volta. As balas quebraram as janelas velhas da varanda, cobrindo Sarac com cacos de vidro afiados.

Algo o atingiu na testa. Ele levou a mão ao rosto, sentiu que ela ficou molhada de sangue e voltou depressa para o corredor. Molnar gritou alguma coisa da escada e ele foi cambaleando para lá. Um baque veio da porta, o som de madeira se estilhaçando. Depois, dois tiros da arma de Molnar. Ao fundo soou o motor de outro automóvel.

— AQUI É o líder, atenção! — gritou Hunter ao microfone. — Vamos ter companhia!

Ele se virou para trás, os faróis de um carro se aproximavam da garagem, o ruído do motor ficava mais alto. Hunter percebeu que seu plano estava correndo sério risco. Mas não iria desistir agora, não iria deixar que o pensamento de fracasso entrasse na sua cabeça.

Uma van escura veio a toda velocidade pela rotatória diante da casa. Os faróis cegavam Hunter. Ele hesitou por alguns segundos, em seguida, disparou dois tiros no para-brisa do carro. A van continuou avançando. Hunter atirou outra vez, enchendo o para-brisa de pequenos buracos brancos. O ruído do motor ficava mais alto, convertendo-se em um rugido.

Hunter se jogou para o lado, direto na neve. No instante seguinte, a van colidiu em cheio contra a parte traseira do 4x4.

* * *

— Sobe as escadas! — gritou Molnar.

Sarac obedeceu imediatamente. Da sala de estar veio o som de vidro sendo triturado sob botas pesadas, então várias pequenas batidas quando algo quicava no chão.

— Granada de atordoamento! — vociferou Molnar ao pé da escada.

Apesar de Sarac estar pronto, mesmo estando de costas para o corredor e tendo fechado os olhos, ele quase caiu quando a granada explodiu. O baque o fez ficar sem ar, o flash de luz atravessou as pálpebras cerradas e ofuscou seu campo de visão. Ele tropeçou no último degrau e caiu no chão. Rolou e apontou a arma na direção da escada.

Molnar passou por ele e cambaleou pelo corredor. Sarac pensou ter discernido uma figura branca na escada e puxou o gatilho duas vezes. O zumbido em sua cabeça mal o deixava ouvir o som de sua própria arma.

Tentou rastejar para trás pelo corredor; em seguida, ficou ajoelhado e piscou com força algumas vezes. Antes mesmo de virar a cabeça, sabia para onde a arma de Molnar estava apontada. Direto para a sua cabeça.

HUNTER ROLOU na neve, apontando a arma para a van batida. O motor tinha se silenciado e uma coluna de vapor branco saía do capô. A colisão foi tão forte que mesmo o pesado SUV tinha andado quase dois metros para a frente e o para-choque dianteiro havia atravessado a parede do anexo da casa.

Hunter ouviu gritos do interior da van; em seguida, o som de uma porta corrediça se abrindo. Vários homens corpulentos saltaram para fora. Pelo menos dois deles portando fuzis. Hunter atirou, mas apenas um disparo foi feito e a arma engasgou. Sem munição. Caralho!

Tirou o cartucho vazio ao mesmo tempo que tentava pegar um novo do cinto. Um homem com colete à prova de bala e uma espingarda nas mãos vinha na direção dele. Era um dos russos que estavam no encontro da academia. Hunter enfiou o novo cartucho, puxou o ferrolho e atirou, tudo em um único movimento. O homem cambaleou para trás, mas ainda conseguiu disparar um

tiro em Hunter. Uma dor ardente subiu de uma de suas pernas. Ele rolou para o lado e entrou debaixo do carro.

Mais tiros foram ouvidos além dos que vinham da van. Hunter não sabia dizer exatamente de onde, mas pareciam estar sendo direcionados para a varanda. Ele viu pés, botas pesadas que se moviam debaixo do carro, e tentou mirar neles. As mãos tremiam, o coração batia descontroladamente. Fracasso não era uma opção.

— Homem ferido — gritou alguém ao seu fone de ouvido. — Homem ferido.

Ele tateou à procura do microfone. Toda essa operação estava prestes a ir completamente para o...

— INFERNO!

O investigador Josef Almlund rastejou pela neve, apertou a mão no buraco aberto no abdômen e sentiu o sangue brotar entre os dedos. A bala o atingiu logo abaixo do colete à prova de bala, provavelmente fez uma merda de uma bagunça com os seus intestinos antes de sair pelas costas. Apoiou as costas na parede e tateou pela neve à procura de sua arma, mas não conseguiu encontrar nada. Depois de alguns segundos, também se deu conta de que provavelmente tinha se mijado. Merdamerdamerdamerda...

Da floresta um pouco à frente dele vieram cinco homens apressados para atravessar a neve. Todos estavam com roupas camufladas verde e bege que destacavam claramente a silhueta deles contra o fundo branco. Os homens carregavam fuzis pesados, que apontavam para ele.

Um dos homens se aproximou de Josef, chutou um pouco de neve em cima dele e disse algo para os outros em uma língua que provavelmente era sérvio. Em seguida, colocou o rifle contra a cabeça dele.

Josef fechou os olhos, pensando que essa era uma maneira merda de morrer. Que nada disso teria acontecido se não tivesse dado ouvidos a Peter Molnar, se não tivesse deixado a ganância tomar conta dele.

Quando abriu os olhos, os homens tinham rodeado a casa e continuado a

andar pelo quintal. Ele tateou o peito à procura do rádio e descobriu que o bolso no ombro estava vazio. O barulho ensurdecedor de fuzis o fez cobrir a cabeça com os braços.

HUNTER, AINDA embaixo do carro, olhou os arredores. Viu as costas dos homens enquanto eles contornavam a van. Coletes à prova de bala azuis, agasalhos esportivos, uma trança longa. Ele ouviu os tiros de espingarda deles, seguidos pelos disparos de uma pistola quando alguém lá em cima na varanda revidou.

O estrondo de armas automáticas o surpreendeu. O som era tão ensurdecedor que derrubou a neve de várias árvores mais próximas. Um dos homens da van caiu, os outros se jogaram para os lados em busca de abrigo.

Hunter se virou para a direita, viu botas e pernas camufladas passando entre ele e a casa. Disparou quase sem mirar, esvaziando o cartucho. Ouviu um grito quando um dos homens com roupa camuflada caiu de joelhos. Em seguida, o homem apontou o rifle na sua direção.

Pouco depois, um dos homens da van acertou o cara na cabeça. O calibre grosso quase separou a cabeça dos ombros.

De repente, a dor começou a penetrar a muralha de adrenalina. Hunter se virou de costas e olhou para baixo. Na canela esquerda viu sangue e a carne estraçalhada que se destacava claramente no tecido branco da calça. Ele fechou os olhos, prestes a vomitar.

— Homem ferido! — alguém continuou vociferando ao fone de ouvido. — Homem ferido!

Os homens com fuzis começaram a atirar novamente. Eles pareciam estar concentrando o fogo nos homens que se espremiam agachados atrás da van. As balas penetravam na lataria macia do carro, transformando-a em uma peneira. Hunter ouviu os homens gritando de agonia atrás do carro. Ele percebeu que tinha que dar o fora dali naquele instante!

— Aqui é o líder — sussurrou no microfone. — Abortar missão. Repito: abortar missão.

Uma bala furou o pneu ao lado dele, outra penetrou no metal a apenas alguns centímetros de distância. Tinha sido descoberto. Hunter aproximou os braços para perto do corpo, chutou com o pé bom a parte inferior da carroceria do veículo e rolou para longe da casa.

O chão desapareceu debaixo dele, que rolou de forma incontrolável encosta abaixo e em meio às árvores. Hunter tombou bruscamente algumas vezes, chegou a sair do chão e depois se chocou com um tronco de árvore. A colisão o deixou sem fôlego. Ele tossiu e tentou se sentar lentamente. O nariz e a boca estavam cheios de neve, um dos lados da cabeça queimava de dor. Hunter conseguiu se arrastar e ficar sentado, então se escondeu atrás de uma árvore e levou a mão até a orelha, mas os dedos não encontraram o que estavam procurando. Sentiu um frio na barriga ao perceber que a maior parte da orelha tinha desaparecido.

O tiroteio na casa continuou. As rajadas automáticas ficavam cada vez mais intensas. Depois houve um estrondo, tão forte que deu para sentir no peito. Levou alguns segundos para perceber o que era. Uma granada.

Hunter tentou alcançar o rádio, mas descobriu que o bolso inteiro parecia ter sido arrancado do colete. Um novo barulho o fez erguer os olhos.

Um homem forte com um rabo de cavalo veio correndo ladeira abaixo, a uns dez, quinze metros. Ele dava passos largos e tortos. Tropeçou, perdeu o equilíbrio, capotou e caiu de pé em um monte de neve. Porém, em vez de rolar para longe, o homem se afundou até a cintura e ficou sentado. Hunter o reconheceu também da reunião na academia: Mike Lund, um dos motoqueiros.

Mike Lund olhou ao redor e se assustou ao descobrir Hunter se espremendo junto ao tronco da árvore. Seus olhos se encontraram.

Gritos foram ouvidos vindo de cima. Em sérvio.

— O filho da puta está lá embaixo. Acaba com ele!

Os disparos dos rifles atravessaram o colete à prova de bala de Lund, abriram caminho pelo corpo dele e salpicaram a neve do outro lado. O homem arregalou os olhos por alguns segundos e encarou Hunter como se estivesse tentando dizer

algo. Então se inclinou para a frente lentamente.

Hunter inclinou a cabeça contra a árvore e fechou os olhos. Sentiu um nó no estômago e, por um ou dois segundos, ele se sentiu como se estivesse caindo.

Cinquenta e nove

SARAC ENCAROU Molnar. Depois a arma apontada para sua cabeça. Os ouvidos ainda zumbiam e ele piscava os olhos com força para tentar se livrar do efeito da granada.

Ouviram passos na escada, Sarac se virou para trás a tempo de ver um vulto camuflado antes de Molnar atirar. O homem gritou e caiu escada abaixo.

Sarac se levantou e começou a caminhar lentamente pelo corredor. Molnar continuou mirando nele. Sarac levantou a própria arma e a apontou para Molnar. Parou tão perto que os canos quase se tocaram.

— Seu idiota de merda! — O rosto de Molnar estava branco. — O que você fez?

— Markovic, Lehtonen e Sabatini — interrompeu Sarac. — Você matou todos os três. No início, fez com que parecessem ser três assassinos diferentes. Mais tarde, tentou culpar Jano por tudo.

— Você não me deu muita escolha — grasnou Molnar. — Alguém tinha que limpar a bagunça que você deixou. Hansen teve o que merecia, você não podia permitir que ele te chantageasse e agiu como devia. Eu estava apenas fazendo a mesma coisa que você, protegendo o segredo.

— Jano — disse Sarac. — Tudo começa e termina com ele. Mas os ganchos no símbolo são voltados para dentro, não para fora.

Molnar fez um gesto positivo com a cabeça.

— Então você finalmente sacou. Eu já tinha até começado a duvidar.

Ele ergueu o rádio sem afastar a arma da cabeça de Sarac.

— Josef, você está me ouvindo? Temos que sair daqui.

O rádio estalou.

— Josef, você está aí? — chamou Molnar.

Mais barulho, em seguida uma voz grave, com um leve sotaque.

— Seu amigo policial não pode falar agora. Parece que ele não está se sentindo muito bem.

Molnar fez uma careta e esperou alguns segundos antes de falar.

— E quem é você?

— Sasja — respondeu o homem. — Eu não tenho nada com você, policial. Tudo que eu quero é Jano.

Molnar olhou de relance para Sarac.

— Quem?

— Muito engraçado — disse o homem.

Houve mais barulho vindo do andar de baixo, passos se aproximando pelo corredor.

Molnar respirou fundo; em seguida, baixou a arma. Sarac fez o mesmo.

— São três ou quatro — avisou Molnar —, todos com armas automáticas. Pelo que ouvi, soaram como AK-47s.

Sarac assentiu e aproveitou a oportunidade para trocar o cartucho.

— Isso não acabou, David — declarou Molnar. — Está entendendo? Assim que a gente sair daqui...

— Tô ligado, Peter. — Sarac puxou a trava de segurança da arma. Em seguida, acenou para Molnar com a cabeça.

Mais sons vieram do térreo, sussurros, depois movimento.

— Dá para a gente sair por esse lado? — Molnar indicou com a cabeça a varanda envidraçada atrás deles.

— Dá — respondeu Sarac —, mas são pelo menos cinco metros até lá embaixo.

Molnar se virou e abriu a porta da varanda. Deu alguns passos com cuidado

entre o material de construção. Sarac o seguiu.

Percebeu que atrás dele vinham passos apressados e, depois, o som de algo rolando pelo chão do corredor. Sarac se virou e viu um cilindro de metal verde com uma linha amarela vindo em direção à varanda. Parou exatamente ao lado dos dois botijões de gás.

As pernas agiram por conta própria. Sarac abriu a boca e gritou. Vociferou!

ATIF ABRIU a porta do carro. Os sons na casa se silenciaram.

— Sinto muito ter que deixar você assim.

Natalie fez uma careta. Os nós que ele usou para amarrá-la em um dos ganchos de carga no chão da van cortavam um pouco os pulsos dela. Mas, desde que ficasse deitada quieta, estava tudo bem.

Atif fechou e trancou a porta do carro assim que saiu. Calculava que os vizinhos já tinham chamado a polícia havia muito tempo, mas levaria pelo menos uma hora até alguém chegar ao local. Mas pelo menos ela não iria congelar até morrer.

Assim que a porta do carro se fechou, Natalie passou por cima das próprias mãos para que elas ficassem na sua frente. Ela se moveu de forma que os dedos pudessem vasculhar os bolsos do jeans.

Atif caminhou pela estradinha estreita. O tempo parecia ter mudado quase completamente, deixando de ser uma tempestade violenta para nevar de forma bela e silenciosa.

O quintal parecia uma zona de guerra. Ele ouvira a explosão da granada havia pouco, e a imagem com a qual se deparou era mais ou menos a esperada. Dois carros destruídos pelos disparos estavam um pouco abaixo da varanda. O manto de neve estava perfurado por cápsulas vazias cor de bronze e dava quase para sentir o gosto de pólvora e TNT no ar.

Atif contornou a traseira do carro, uma van que parecia mais uma peneira. Viu a cratera escura próxima ao local onde a granada havia explodido. Vários corpos estavam caídos no chão, e ele ouviu alguém choramingando em russo,

mas não quis ficar para descobrir quem. A porta da casa estava aberta, grandes lascas de madeira se alastravam para fora do batente. Atif ouviu sons lá dentro, alguém gritando.

— GRANADA! — gritou Sarac enquanto corria para a extremidade mais distante da varanda.

Molnar parecia já ter percebido, pois estava dois passos à sua frente. Ergueu a arma e esvaziou o cartucho nas janelas à sua frente, derrubando vários velhos painéis de vidro.

Sarac fez o mesmo, dando um tiro, dois... então ergueu os braços acima da cabeça e pulou. A onda de pressão o atingiu enquanto ainda estava no ar, lançando-o para fora através das janelas antigas de encontro ao gramado coberto de neve. Aterrissou de bruços com o braço esquerdo por baixo e o sentiu se rachar. Tentou recuperar o fôlego e rolar. Ouvia um zumbido nos ouvidos, no crânio todo.

Um grande caco de vidro estava enterrado no seu antebraço esquerdo. Ele o puxou e ficou de joelhos. Sangrou menos do que esperava. Tateou o corpo inteiro com a mão direita à procura de mais ferimentos. O colete à prova de bala deve tê-lo salvado do pior, mas, quando colocou a mão na nuca, percebeu como ela ficou molhada de sangue. Por mais estranho que pareça, não sentiu dor.

No chão, alguns metros à frente dele, meio enterrado na neve solta, viu um objeto familiar. A pistola. Pegou a arma e ficou de pé. Em seguida, começou a cambalear pelo gramado, para longe da casa rumo às árvores velhas do pomar.

— David! — A voz de Molnar rompeu o zumbido dos ouvidos. Ele se virou. — Aonde você está indo?

Molnar apontou sua arma na direção dele.

— Para lá — respondeu Sarac, e fez um gesto na direção da floresta. Notou como sua voz saiu estranha. Depois percebeu o homem com o fuzil de assalto que apareceu na porta, poucos metros atrás de Molnar. E o viu levantar a arma.

ATIF EMPURROU cautelosamente a porta da frente. A nova explosão deixou seus ouvidos zumbindo, mas o cheiro estava mais nítido que nunca. Pólvora, fumaça, TNT — e alguns odores mais sutis. Adrenalina, sangue, medo — morte.

Poeira e serragem dominavam o ar do hall, e ele teve que apertar os olhos para conseguir enxergar alguma coisa. Atif entrou e viu um corpo perfurado no corrimão da escada principal. Roupas camufladas, colete à prova de bala, botas militares. A luz trêmula do andar de cima se intensificou. O som do fogo que mastigava a madeira velha com voracidade.

Ele espreitou a sala de estar. Olhou para fora através de uma varanda envidraçada. Havia duas silhuetas no gramado coberto de neve, ambas de costas para ele. Reconheceu uma delas, era David Sarac.

Deste lado, na ombreira da porta, um homem com um fuzil estava com eles na mira.

A EXPLOSÃO foi abrupta, não tão alta quanto Sarac esperava. No início, quando o homem na porta desabou, ele não entendeu nada. Depois, viu a silhueta de outro homem na varanda. Reconheceu-o quase imediatamente. Era o homem da Gamla stan.

O tiro fez Molnar se virar para trás, e Sarac aproveitou a oportunidade. Obrigou as pernas a se mexerem, lutou contra a neve para conseguir se deslocar em direção ao pomar. Foi então que percebeu aonde estava indo. E por quê.

* * *

ATIF ATIROU na nuca do homem com o rifle, sem sequer pensar. O corpo desabou sem nenhum ruído. Por um segundo, ficou parado de pé, olhando para o corpo sem vida enquanto o sangue era bombeado pelo buraco na cabeça. Ele o fizera de novo, acabara com uma vida sem hesitar. Tudo bem que havia sido para salvar outro ser humano, mas ainda assim.

O cara desconhecido lá no gramado se virou para ele e deu um tiro. A

distância era muito grande, mas ainda assim Atif se abaixou instintivamente. Viu David Sarac correr em direção à entrada da floresta. O outro homem continuou a atirar na direção da casa. Atif ergueu a arma, mirou.

Um pequeno reflexo em uma das janelas o fez mudar de ideia e se jogar para o lado. A rajada de balas de rifle passou raspando e quebrou quase todas as janelas restantes.

Atif se escondeu atrás do sofá, deu dois tiros no escuro e se jogou na próxima sala, uma pequena biblioteca com belas estantes embutidas, como as que ele tinha em casa. Ele se levantou e ficou apoiado em um dos joelhos, mirando na porta. Esperou...

Ouviu o som de passos, sussurros, então alguém pigarreou.

— Estava me perguntando quando você iria aparecer, Atif — disse uma voz familiar.

Era o seu velho amigo Sasja.

— Presumo que tenha sido o velho Hamsa quem te mandou, não foi? Para ajudar você a encontrar a pessoa por trás da morte do seu irmão. — Sasja deu uma leve risada. — Hamsa usa a academia para lavar dinheiro. Assim que Adnan correu para lá sacudindo a arma, ele já estava ferrado. Mas, como era o seu irmão, nenhum deles queria apagar o cara. Em vez disso, chegaram a uma solução mais inteligente.

Um curto estalo vindo do andar de cima interrompeu Sasja. A julgar pelo cheiro, o fogo estava lambendo o andar superior.

— Pensa nisso, Atif. De quem mesmo foi a ideia do roubo? Quem sabia de todos os detalhes e podia levar tudo para a polícia? Quem estava de olho na namorada de Adnan?

Sasja riu de novo, Atif umedeceu os lábios.

— Eles caguetaram Adnan para os policiais para se livrar dele — continuou Sasja. — Em seguida, botaram toda a culpa em Jano. Mas, na verdade, foi o ratinho do Bakshi que fez o trabalho sujo. Afinal, como se sabe, ele é bom nisso, está na folha de pagamento de uma porrada de policial. Bastou uma ligação.

Atif percebeu o movimento na sala ao lado, ouviu alguém sussurrar em sérvio, depois passos. Ele se virou para trás e olhou para a cozinha. Poderiam pegá-lo por dois lados, seria encurralado como um rato.

— Então, na verdade, você está trabalhando para o cara que matou o seu próprio irmão. Não é um pouco irônico, meu velho amigo? — disse Sasja.

Atif procurou a janela mais próxima. Ficava no alto e parecia firme. Pular por ela não pareceu uma opção muito viável. Em vez disso, olhou para a cozinha. Percebeu uma imagem refletida em um dos cacos de vidro que ainda permaneciam na janela da cozinha. Viu um movimento bastante familiar.

— Veja bem, Atif — continuou Sasja, mas Atif não estava mais ouvindo. Deu três passos rápidos em direção à cozinha e quase colidiu com o outro homem, que tinha acabado de tirar o cartucho do fuzil.

Atif atirou na testa do homem, depois passou por ele e saiu para o corredor. A saraivada da arma automática de Sasja rompeu as paredes, mandando estilhaços e ricocheteando por toda a sala.

Atif se abrigou atrás da escada. Sentiu uma dor aguda tomar conta da lateral do seu corpo. Um seis, talvez sete. Sentiu o ferimento com a mão e viu o sangue escuro. Nada bom.

— Não precisamos fazer isso, Atif — gritou Sasja da sala de estar. A voz não saiu tão confiante como antes. — Posso ajudar você a vingar seu irmão, tudo o que eu quero é Jano. Podemos trabalhar juntos, como antigamente.

A respiração de Atif estava pesada. O calor do fogo no andar de cima era sentido nitidamente dali. Seus olhos começaram a lacrimejar, e a fumaça do incêndio o fez tossir. Em poucos minutos, ficaria difícil de respirar. A única maneira de sair dali era pela porta da frente ou voltando para a cozinha, mas Sasja ficaria com a visão livre para atirar com o fuzil. Atif refletiu por alguns segundos.

— Tudo bem! — falou e se levantou devagar, depois olhou para a sala.

Sasja estava lá com o fuzil nas mãos. Assim que avistou Atif, ergueu a arma e deixou o cano apontado para o teto.

Atif entrou na sala e fez o mesmo com a pistola. Percebeu que Sasja tinha um curativo ensanguentado envolto na coxa. Isso explicava sua súbita vontade de cooperar.

— Olha para nós, Atif. — Sasja sorriu. — Nenhum de nós está particularmente inteiro.

Ele apontou para a perna enfaixada, depois para a jaqueta de Atif, do lado que tinha ficado vermelho de sangue.

— Eles desceram na direção da floresta. Conheço o terreno, não tem para onde irem — avisou Sasja.

Atif fez um gesto positivo com a cabeça, ainda olhando para Sasja. Nos últimos cinco minutos ele tinha matado dois dos homens do antigo parceiro. Mas isso não parecia perturbá-lo nem um pouco. Abu Hamsa, um salafrariozinho desonesto, tinha razão em pelo menos uma coisa: não havia mais honra alguma. A questão era se alguma vez já tinha havido.

— Escuta, a propósito — disse Sasja —, sinto muito pela mensagem que mandei para a sua sobrinha. Foi ideia de Abu Hamsa, eu só o ajudei a fazer o trabalho. Crianças deveriam ser uma zona proibida.

Atif fez um gesto positivo com a cabeça em silêncio e sentiu uma pressão se formar na cabeça. Pensou em Tindra e em como ela trouxe toda contente o cartão para casa na sua mochilinha sem entender o que ele queria dizer. Ela acreditou inocentemente que o Papai Noel havia deixado uma mensagem para ela e seu tio. Então Atif se lembrou do que havia prometido fazer com aqueles que se atreveram a mexer com a única sobrinha que tinha.

Sasja virou de costas e caminhou na direção da porta. O mesmo Sasja que já havia jurado matá-lo. Lá fora, o céu ainda estava escuro, sem o menor vestígio de estrelas.

— Você vem ou não? — perguntou Sasja, olhando para trás.

Atif fechou os olhos e viu o rostinho de Tindra. Abriu-os e olhou para a nuca de Sasja. Realmente não havia nenhuma honra. Pelo menos não havia mais. Ergueu a arma e puxou o gatilho.

NATALIE FEZ uma expressão de dor enquanto massageava os pulsos. Tinha conseguido pegar seu velho e fiel hidratante labial do bolso da calça e lubrificar os pulsos o suficiente para, depois de alguma insistência e um pouco de violência, puxá-los para fora dos *zip ties*.

O tiroteio na casa havia silenciado agora. Ela procurou o celular e o encontrou em cima do painel.

Seis ligações perdidas, todas de Rickard. Mas ela não tinha absolutamente nenhuma intenção de retornar as ligações. Rickard, também conhecido como Oscar Wallin, poderia ir à merda. O que ela deveria fazer agora era dar o fora dali, bater à porta de um vizinho e se enfiar lá até a polícia aparecer.

Natalie saiu do carro e olhou para a casa. Viu a coluna espessa de fumaça subir acima do telhado. Pensou no tiroteio, nas explosões e nos gritos que tinha ouvido do carro. Nas pessoas que certamente estavam feridas lá, que iriam sangrar até a morte antes que alguma ajuda pudesse chegar. Um deles poderia muito bem ser David Sarac. Talvez ela nunca fosse se formar como médica, mas agora, nessa ilha, ela provavelmente era o mais próximo a que se poderia chegar.

Natalie subiu de novo na van e juntou o que tinha disponível. Um rolo de fita adesiva, um cobertor, alguns *zip ties*. Em um compartimento lateral marcado com uma cruz vermelha, encontrou, para sua surpresa, um kit de primeiros socorros excepcionalmente bem abastecido. Colocou tudo em um saco plástico velho, saltou da van e começou a caminhar com cuidado rumo à casa.

Sessenta

SARAC CHEGOU ao pomar. Tinha acabado de ficar em meio às árvores quando Molnar atirou nele. O tiro atingiu a parte de trás da coxa, e sua perna cedeu. Ele caiu e rolou para o lado. Ergueu a arma e puxou o gatilho. Errou.

A arma travou, e Sarac instintivamente retirou o cartucho vazio. A mão esquerda estava inútil, então ele apertou a arma entre as pernas enquanto tateava à procura do cartucho reserva com a direita.

Molnar veio mancando em sua direção e disparou um tiro que passou pouco acima da sua cabeça. Sarac segurou o cartucho e o colocou no cabo da arma. Virou a arma, mirou no corpo de Molnar e soltou a trava de segurança. Puxou o gatilho.

Nada aconteceu.

Sarac bateu o cabo da pistola na coxa e sentiu o cartucho se encaixar direito. Fez novamente o movimento com a trava pressionando a parte superior da arma contra o cinto.

Molnar atirou de apenas alguns metros de distância. O disparo o acertou no pescoço. A cabeça caiu para o lado e o sangue jorrou para dentro da traqueia. Sarac precisou gargarejar para conseguir ar.

Molnar ficou por cima dele.

— Aonde você está indo, querido David? — falou com uma voz melodiosa, ao mesmo tempo que chutou a arma de Sarac para o lado.

Metade do lábio superior de Molnar parecia ter sido arrancado pela explosão,

e ele ficou com uma expressão macabra de dentes brancos bem-alinhados. Sarac cuspiu um bocado de sangue e tentou não olhar para a floresta. Falhou.

Molnar seguiu o seu olhar. Primeiro, olhou para as árvores altas, mas depois avistou o que Sarac estava olhando.

— Para a saída! — exclamou de forma atabalhoada, triunfante. — Claro!

Ele passou por cima de Sarac e caminhou para os antigos mourões de concreto que marcavam o fim do jardim. Depois se acocorou com dificuldade ao lado dos pilares e limpou a neve. Mais embaixo, no mourão de concreto escamoso, havia um pequeno, quase invisível símbolo gravado. Dois jotas ornamentados virados frente a frente. Duas faces indo uma de encontro a outra. Molnar espalhou a neve e descobriu a aba de uma lona que a geada havia empurrado para fora da terra. Ele a puxou um pouco, depois começou a rir.

— Você seguiu as regras, David — falou, arrastando a voz. — É claro que eu deveria ter sacado. Porra, e eu que fiquei aqui por várias horas de olho em você. E a solução estava aqui debaixo do meu nariz esse tempo todo. Jano, o deus da transição. Associado a portas, saídas e portais. — Molnar inclinou a cabeça para trás e riu. Um som cortante e desconfortável que ecoou por entre as árvores.

O deus que começa e termina todas as guerras, pensou Sarac. A cabeça e o corpo doíam, e a garganta continuava se enchendo de sangue, tornando difícil respirar. Ele precisa tentar ficar de pé e fazer uma última tentativa de impedir Molnar. Mas percebeu que nunca teria condições. Em vez disso, arrastou-se lentamente e ficou sentado, apoiou-se no tronco de uma macieira velha e cuspiu mais sangue. O esforço fez sua visão escurecer. Dentro de alguns minutos, provavelmente, estaria morto. Por mais estranho que fosse, sentiu-se aliviado. No entanto tinha uma última coisa a fazer. Uma missão que deveria ser concluída.

Ele apertou sua mão direita algumas vezes, em seguida começou a apalpar ao longo da perna da calça.

Molnar cavava a neve em torno de um dos postes e descobriu mais lona preta. Então algo como uma alça.

— Você e o Conde com seus malditos deuses romanos. — Ele sorriu — Vamos apostar que eu acho o número de uma conta bancária na bolsa? Talvez até mesmo um leitor de cartão de crédito.

ATIF CAMINHOU lentamente pelo gramado. Tomou cuidado a cada passo, como se quisesse se assegurar de não cair. Seguiu os rastros na neve, como Adnan fazia quando era pequeno.

Suas roupas estavam molhadas, sentiu o sangue escorrendo na lateral do corpo.

— Quase lá, Adnan — murmurou mais uma vez.

Viu David Sarac sentado encostado a uma árvore. O rosto estava branco, a cabeça pendurada em um ângulo estranho. Manchas vermelhas pintavam a neve ao redor dele.

O outro homem estava de pé a cerca de dez metros. Atif o reconheceu agora, era o cara que tinha visto sair do prédio de Sarac. Seria ele Jano? Se Sasja estivesse certo, ele era inocente pela morte de Adnan. Mas Atif não ia correr riscos. Um psicopata como Sasja poderia dizer qualquer coisa e fazer soar plausível. Não havia chegado tão longe só para abortar a missão.

Atif ergueu a arma e sentiu a dor aumentar ainda mais. Um oito, perto de um nove.

A primeira passou a cerca de um metro de Atif. Ele continuou em frente, esperando para atirar quando tivesse certeza de que iria acertar. O homem disparou outra vez, estava usando um dos antigos postes como apoio. Errou novamente, mas dessa vez a bala passou tão perto que Atif pôde sentir a brisa. Ele ergueu a arma e mirou.

A terceira bala atingiu abaixo das costelas, e ele cambaleou. Atif seguiu em frente, obrigando-se a manter a mão com a pistola levantada. A arma do homem travou, e Atif o viu procurar febrilmente um novo cartucho. Deu um passo, depois mais um. O cara colocou o novo cartucho no lugar e levantou o braço.

Atif atirou duas vezes na barriga do cara. O homem deixou a arma cair e

tombou ao lado do mourão. Atif continuou avançando enquanto cambaleava, não parou até colocar o cano da arma na cabeça do sujeito. Percebeu tarde demais que foi um erro. No milissegundo antes de o golpe o atingir, ele viu que o homem usava um colete à prova de bala.

Atif cambaleou para trás, mas conseguiu se agarrar em um galho no último instante e se manter de pé. O cara chutou na sua coxa, e as pernas cederam. Depois deu um forte gancho de direita na orelha de Atif que o pôs de joelhos seguido de uma cotovelada no ombro. Atif caiu para a frente, ficando de quatro. Sentiu o chão balançar.

Um braço envolveu a sua garganta, enquanto uma mão empurrava a sua nuca. Ele tentou se libertar e manter as vias respiratórias abertas.

Mas já era tarde demais. O homem já o estrangulava. Atif ouviu a respiração ofegante em sua orelha. Sentiu a adrenalina exalando do corpo dele. O cheiro de vitória.

Atif virou a cabeça, tentando ganhar mais alguns segundos. Passou a mão pela canela, e a enfiou na parte de trás da bota. Fechou os dedos ao redor do canivete que havia tomado de Bakshi, tirou-o e abriu a lâmina. Naquele momento, seu campo de visão se estreitou e começou a ficar preto. Ele tentou levantar o braço, mas percebeu que as forças não eram suficientes.

SARAC APOIOU a mão direita no joelho. Inspirou todo o ar que conseguia e fechou o olho esquerdo antes de puxar o gatilho do revólver que Bergh lhe dera.

Um pedaço de fita isolante preta continuava colado na lateral da arma, mas não o incomodava. Ele esperou até que a mira ficasse exatamente alinhada com o pequeno cano do revólver, depois puxou o gatilho completamente e acertou Peter Molnar bem no meio do sorriso debochado e triunfante.

Molnar continuou de pé por um breve instante, com os braços ao redor do pescoço de Atif. Os dentes da frente perfeitos eram, agora, um buraco negro. Encarou vagamente Sarac, parecia ainda não ter assimilado exatamente o que tinha acontecido. Depois caiu, sem ruído algum.

Após alguns segundos Atif se endireitou um pouco. Respirou ofegante por algum tempo e afundou na neve, sentando-se com as costas apoiadas no tronco de uma árvore como Sarac. No chão, a poucos centímetros de distância, encontrou sua arma. Ele a pegou e fechou os dedos ao redor do cabo. Notou que ela tinha ficado pesada.

— É ele? — Atif apontou com o cano da arma para o corpo de Molnar. — Jano?

Sarac fez um gesto negativo com a cabeça, escarrou e cuspiu um bocado de sangue na neve branca.

— Então onde ele está? — Atif estava com a voz cansada.

— Em todo lugar. — Sarac apontou o revólver para o ar, depois mais uma vez para a casa.

Atif ergueu a arma e a apontou para Sarac. Sarac fez imediatamente a mesma coisa com Atif. Por alguns segundos, eles ficaram simplesmente sentados, olhando um para o outro através dos canos.

— Um dos outros — murmurou Atif. — Qual deles?

— Você não entende. — Sarac tossiu e cuspiu ainda mais sangue. — Jano não é um deles.

— Quem é ele então?! Fala logo, caralho! — Atif acenou irritado com a arma. Sentiu como ela se tornava cada vez mais difícil de segurar. Olhou para Sarac; em seguida, para a casa arrasada pelas balas e para as chamas que atravessavam o telhado. Bem acima deles, as nuvens haviam diminuído um pouco. Deixaram uma lacuna onde as estrelas apareceram.

O deus que começa e termina todas as guerras, disse uma voz em sua cabeça. Soou como Adnan.

E, de repente, ele entendeu, entendeu exatamente como tudo se encaixava. Percebeu, para a própria surpresa, que sorria. Tão inteligente, tão incrivelmente refinado. E, ao mesmo tempo, tão sinistro.

— Você — murmurou ele. — V-Você é Jano. Você, eles, vocês... Todos vocês. Juntos...

Sarac deu um sorriso irônico. Sangue escorria por um dos cantos da boca, formando pequenas bolhas. O braço que segurava o revólver despencou no chão.

Atif baixou sua arma, inclinou a cabeça contra a árvore e começou a rir. Alguns segundos depois, Sarac o acompanhou.

Ainda estavam rindo quando Natalie os encontrou. Risadas roucas, chiadas, que não tinham nada a ver com alegria. Só pararam depois que ela lhes disse para calarem a boca.

Epílogo

— Então, como lidamos com isso, ministro?

Wallin estava sentado na poltrona do meio, em frente à mesa de Stenberg.

— Nove mortos, outros dez feridos, muitos deles policiais. O pior embate criminal da história do país.

— Vamos usar isso ao nosso favor — respondeu Stenberg. — Um sinal de como o crime organizado está descontrolado. A polícia não consegue lidar com o problema, eles precisam de mais ferramentas, de uma melhor liderança.

— Mas e os policiais no local, o envolvimento deles?

— Bem — Stenberg fez um leve movimento com a mão —, esse é um problema principalmente da delegada regional de Estocolmo. Afinal de contas, é a equipe dela. Provavelmente Eva Swensk vai fazer como de costume, jogar toda a culpa nos funcionários individualmente e lavar as mãos até ficarem branquíssimas. Eu diria que as chances dela de sucesso são bastante altas. Bergh já teve que renunciar e David Sarac parece ser um excelente candidato para a vaga de bode expiatório. Além disso, ele não tem muito como se defender, certo?

— Mas, ministro, o senhor não está considerando deixar Swensk fugir tão facilmente, certo? — Wallin estava com uma voz preocupada.

Stenberg sorriu e encolheu os ombros um pouco.

— Às vezes precisamos reconsiderar a nossa posição, Oscar. É tudo uma questão de alianças. Eu tive uma boa reunião com Carina LeMoine essa manhã. Eva Swensk tem forte apoio dentro do partido. Além disso, como apontou

Carina, uma chefe da Polícia Nacional do sexo feminino vai, sem dúvida, nos trazer uma imagem inovadora e progressista. De diversas formas, tornaria as coisas mais fáceis. Favores oferecidos e favores cobrados, é assim que as coisas funcionam.

Wallin assentiu e pareceu pensar por algum tempo. Então abriu a pasta que havia colocado sobre a mesa entre ele e Stenberg. Continha dois formulários aparentemente idênticos com um logotipo oficial no cabeçalho.

— Falando nisso, ministro, recebemos o resultado da amostra que mandamos para o laboratório criminal de Linköping. O sangue encontrado no apartamento de Sophie Thorning.

— Sim — disse Stenberg. Tentou fazer a voz soar firme.

Wallin olhou para o chefe. Esperou até o outro homem vacilar apenas ligeiramente com os olhos. Disse tudo o que ele precisava saber. Pegou um dos formulários da pasta e o empurrou para Stenberg.

— O sangue era dela — afirmou —, então não há nenhuma evidência que sugira que qualquer outra pessoa teria estado no apartamento quando Sophie Thorning morreu.

Fez uma pausa e olhou para o formulário quase idêntico que ainda restava na pasta. Esperou tempo suficiente para que Stenberg também o visse antes de fechar a pasta lentamente.

— Você está absolutamente certo, ministro — continuou Wallin. — As alianças são importantes. Mas nunca se deve esquecer quem são os verdadeiros amigos.

Stenberg ficou em silêncio e olhou para Wallin por um tempo, então para a citação de Kennedy acima da cabeça do homem. Por fim, olhou para o seu relógio. Por um breve instante, quase teve a impressão de que o ponteiro dos segundos havia parado.

— Eu entendo — disse, com uma voz neutra. — Obrigado, Oscar.

— Não há de quê, ministro.

Wallin se levantou e caminhou em direção à porta.

— A propósito — disse Stenberg, fazendo um esforço para parecer indiferente —, como terminou a história desse agente infiltrado? Chegamos a descobrir quem ele realmente era?

Wallin fez um gesto negativo com a cabeça.

— Nenhuma das pessoas interrogadas admite ter alguma informação sobre a verdadeira identidade de Jano. Nem ninguém, aliás. Ele simplesmente parece ter virado fumaça. Quase como se ele nunca tivesse existido...

Agradecimentos

HÁ SEMPRE muitas pessoas envolvidas na criação de um livro. A algumas é fácil de agradecer: minha família, meu editor e meu agente. Ou a todas vocês, pessoas brilhantes que traduzem minhas histórias em tamanha variedade de idiomas. A outras é mais difícil de agradecer publicamente porque, por razões diversas, sou impedido de identificá-las por seus nomes reais. Isso não muda o meu apreço por sua ajuda.

Um agradecimento especial vai para o psicólogo Henrik Fexeus, que me ensinou muito sobre como o cérebro humano pode ser facilmente enganado. Pelo menos por aqueles que conhecem seus segredos.

Anders de la Motte
Nova York, 2014

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Memorandom

Skoob do livro
https://www.skoob.com.br/livro/578633ED579892

Goodreads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/4890923.Anders_de_la_Motte

Twitter doautor
https://twitter.com/andersdelamotte

Wikipédia do autor
https://sv.wikipedia.org/wiki/Anders_de_la_Motte